O AMULETO DE SAMARCANDA

A TRILOGIA BARTIMAEUS

LIVRO I

JONATHAN STROUD

EDITORIAL PRESENÇA

Jonathan Stroud

O Amuleto de Samarcanda

Livro I

A Trilogia Bartimaeus

FICHA TÉCNICA
Título: *The Amulet of Samarkand — Book 1 of The Bartimaeus Trilogy*
Autor: *Jonathan Stroud*
Jonathan Stroud, 2003
Tradução: *Maria Georgina Segurado*
Capa: *Samuel Santos*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1ª edição, Lisboa, Abril, 2004

Para Gina

Uma nota sobre a pronúncia:
«Djinni» pronuncia-se «Gini»,
e «Djinn» pronuncia-se «Gin».
«Bartimaeus» pronuncia-se «Bartimeiass».

PRIMEIRA PARTE

1
BARTIMAEUS

A tarde mostrava-se escura e tempestuosa e, embora fosse Primavera, a temperatura da sala baixou rapidamente. Formou-se gelo nas cortinas e incrustou-se uma densa camada em volta dos lustres no teto. Os filamentos brilhantes em cada lâmpada ficaram mais finos e escureceram-se, enquanto as velas que brotavam de cada superfície disponível como uma colônia de cogumelos venenosos ficaram com os pavios apagados. A sala obscurecida encheu-se de uma nuvem amarela e sufocante de enxofre, onde sombras indistintas se contorciam e agitavam. Ao longe, ouvia-se o som de muitas vozes a gritar. Subitamente, a porta que dava para o patamar sofreu uma pressão. Avolumou-se para dentro, as pranchas a gemer. Ouviram-se passos de pés invisíveis no assoalho e por trás da cama e debaixo da escrivaninha bocas invisíveis murmuraram palavras maldosas.

A nuvem sulfurosa contraiu-se numa espessa co-

luna de fumaça de onde se projetaram braços finos; estes lamberam o ar, quais línguas, antes de se recolherem. A coluna pairou por cima do centro do pentagrama, borbulhando constantemente até chegar ao teto como a nuvem de um vulcão em erupção. Houve uma pausa quase imperceptível. Depois, surgiram dois olhos amarelos que fitavam do meio da fumaça.

Pronto, era a primeira vez dele. Eu queria assustá-lo.

E consegui. O garoto de cabelo escuro encontrava-se dentro de um pentagrama próprio, menor, cheio de runas diferentes, a um metro de distância do principal. Estava pálido como um cadáver, tremia como uma folha morta fustigada por um vento forte. Os seus dentes bateram com força no maxilar trêmulo. Gotas de suor escorreram-lhe da testa, transformando-se em gelo quando deslizaram pelo ar. Bateram no chão com o som de pedras de granizo.

Muito bem, e daí? Quero dizer, ele parecia ter cerca de doze anos. Olhos arregalados, faces encovadas. Não dá tanto prazer pregar um susto daqueles num aprendiz magricela[1].

[1] Nem todos estarão de acordo comigo nesta matéria. Alguns acham que é uma brincadeira deliciosa. Aperfeiçoam as inúmeras formas de atormentar quem os chama através de aparições sutilmente hediondas. Quando muito, espera-se que tenham pesadelos mais tarde, mas por vezes estes estratagemas têm tanto êxito que os aprendizes entram mesmo em pânico e abandonam o círculo protetor. Então fica tudo bem... para nós. Mas é uma empresa arriscada. Com freqüência, estão muito bem preparados. Depois crescem e se vingam.

Portanto, fiquei a pairar, aguardando, na esperança de que ele não fosse demorar demais a passar à fórmula de expulsão. Para me manter ocupado, fiz com

que chamas azuis lambessem as extremidades interiores do pentagrama, como se procurassem uma maneira de sair e apoderar-se dele. Um perfeito absurdo, como é lógico. Já me certificara e a proteção fora muito bem traçada. Infelizmente, não existia qualquer erro na fórmula, onde quer que procurasse.

O moleque pareceu encher-se finalmente de coragem para falar. Adivinhei através de uma agitação nos lábios que não me pareceu induzida exclusivamente pelo puro medo. Deixei que o fogo azul se apagasse, substituindo-o por um fedor.

O garoto falou. Com uma voz muito esganiçada.

— Ordeno... que... que...

— Anda logo com isso!

— ...d-d-diga-me o teu n-nome.

Normalmente, é assim que os jovens começam. Lengalengas sem sentido. Ele sabia e eu sabia também que ele já conhecia o meu nome; caso contrário, como foi que me chamou? São necessárias as palavras certas, os atos certos e, sobretudo, o nome certo. Quero dizer, não é o mesmo que chamar um táxi: não vem um *qualquer,* quando se chama.

Escolhi uma voz forte, grossa, assim como o chocolate preto, do tipo que ressoa por todo o lado e em lado nenhum e faz eriçar os cabelos nas nucas dos inexperientes.

— BARTIMAEUS.

Vi o garoto engolir em seco com esforço ao ouvir a palavra. Ótimo — dava para perceber que não era de todo estúpido: sabia quem e o que eu era. Conhecia a minha reputação.

Depois de um momento para engolir alguma mucosidade acumulada, falou outra vez.

— Eu-eu ordeno de novo que responda. É o B-Bartimaeus que foi em tempos chamado pelos magos

para reparar as muralhas de Praga?

Este aprendiz era um atraso de vida! Quem mais poderia ser? Aumentei um pouco o volume. O gelo nas lâmpadas estalou como açúcar caramelizado. Por trás das cortinas, o vidro da janela agitou-se e zuniu. O garoto balançou-se nos calcanhares.

— Sou Bartimaeus! Sou Sakhr al-Jinni, N'gorso, o Poderoso e a Serpente das Plumas de Prata! Reconstruí as muralhas de Uruk, Karnak e Praga. Falei com Salomão. Corri juntamente com os búfalos ancestrais das planícies. Estive de guarda ao Velho Zimbabue até as pedras caírem e os chacais se alimentarem da sua gente. Sou Bartimaeus! Não reconheço qualquer amo. Por isso, sou eu quem te dá ordens, garoto. Quem é você para me chamar?

Impressionante, hein? E, ainda por cima, é tudo verdade, o que significa mais poder. E não estava fazendo só para me armar. Esperava sinceramente que o garoto fosse levado a dizer-me, por sua vez, o seu nome, o que me daria uma oportunidade quando ele estivesse de costas para mim[2]. Mas não tive sorte nenhuma.

[2] Evidentemente que não podia fazer nada enquanto estivesse dentro do círculo. Mas, mais tarde, haveria de conseguir descobrir quem ele era, procurar pontos fracos no seu caráter, coisas no seu passado que pudesse aproveitar. Todos têm. Todos vocês têm, melhor dizendo.

— Pelos limites do círculo, as pontas do pentagrama e a cadeia de runas, sou teu amo! Obedecerá à minha vontade!

Aquela fórmula soava particularmente desagradável, vinda da boca de um adolescente magricela, e também numa voz absurdamente esganiçada. Reprimi a tentação de lhe dizer o que pensava e entoei a resposta habitual. Qualquer coisa para pôr fim naquilo rapida-

mente.

— Qual é o teu desejo?

Confesso que já estava admirado. A maioria dos aprendizes de magos olha primeiro e faz perguntas depois. Dão uma passada de olhos, avaliando o seu poder potencial, mas estão nervosos demais para experimentarem. Além do mais, também não é todo dia que aparece alguém como este insignificante presunçoso a chamar entidades como eu.

O garoto pigarreou. Chegara o momento. Fora por aquilo que tanto ansiara. Sonhara com isto durante anos, quando devia estar deitado na cama pensando em carros de corrida e garotas. Aguardei, carrancudo, o pedido patético. O que seria? Levitar algum objeto era o habitual, ou deslocá-lo de um lado para o outro do quarto. Talvez quisesse que eu criasse uma ilusão. Podia ser divertido: seria uma maneira de desvirtuar o pedido dele e deixá-lo transtornado[3].

[3] Um mago exigiu que eu lhe mostrasse uma imagem do amor da sua vida. Fiz aparecer um espelho.

— Ordeno que vá buscar o Amuleto de Samarcanda na casa de Simon Lovelace e o traga à minha presença amanhã ao raiar do dia.

— Você o quê?!

— Ordeno que vá buscar...

— Sim, eu ouvi o que disse. — Não queria parecer petulante. Escapou-me, e os meus tons sepulcrais escaparam um pouco também.

— Então vai!

— Espera aí! — Senti no estômago aquela sensação de repulsa que se tem quando nos expulsam. Como alguém a sugar-nos as entranhas pelas costas. Têm que dizer três vezes para se livrarem de nós, se in-

sistimos em ficar ali. Normalmente não ficamos. Mas desta vez permaneci onde estava, dois olhos brilhantes numa atmosfera pesada de fumaça turva.

— Tem noção do que está me pedindo, garoto?

— Não pretendo conversar, nem discutir, nem negociar contigo, nem enveredar por quaisquer enigmas, apostas ou jogos de azar, nem...

— Não tenho a menor vontade de conversar com um adolescente magricela, pode acreditar nisso, por isso poupe-me das tolices que decorou. Alguém está se aproveitando de você. Quem é ele — o teu amo, presumo? Um covarde mirrado que se esconde por trás de um garoto. — Deixei que a fumaça recuasse um pouco, revelei os meus contornos pela primeira vez, pairando difusamente nas sombras. — Está brincando duplamente com o fogo, se pretende roubar um mago verdadeiro, invocando-me. Onde estamos? Londres?

Anuiu. Sim, era mesmo Londres. Alguma casa urbana desagradável. Inspecionei o quarto através das fumaças químicas. Teto baixo, papel de parede descascando; uma única estampa sumida na parede. Era uma sombria paisagem holandesa — uma escolha no mínimo curiosa, para um garoto. Estava à espera de garotas populares, jogadores de futebol... A maior parte dos magos é conformista, mesmo quando jovem.

— Ai de mim... — A minha voz saiu frouxa e melancólica. — É um mundo malvado e eles ensinaram-te muito pouco.

— Não tenho medo de ti! Dei-te a ordem e exijo que vá!

A segunda expulsão. Os meus intestinos pareciam estar sendo passados por um cilindro a vapor. Senti a minha forma vacilar, tremer. Esta criança tinha poder, apesar de ser muito jovem.

— Não é de mim que deve ter medo, pelo menos

no momento. Simon Lovelace virá atrás de você assim que descobrir que roubaram o amuleto. Não te poupará por ser jovem.

— Está sujeito à minha vontade.

— Estou. — Tinha que lhe entregar, ele estava determinado. E era muito estúpido.

A mão dele moveu-se. Ouvi a primeira sílaba do Aperto Sistemático. Preparava-se para infligir dor.

Fui. Não me preocupei com mais efeitos especiais.

2

Quando, no lusco-fusco, pousei no alto de um poste de iluminação pública de Londres, a chuva escorria por ele abaixo. Foi a minha sorte. Assumira a forma de um melro, um bichão alegre de bico amarelo e plumagem negra como o azeviche. Passados segundos, eu era a ave mais suja que já pousou em Hampstead. Virando a cabeça para cá e para lá, avistei uma faia grande do outro lado da rua. As folhas apodreciam junto à base — já fora despida pelos ventos de Novembro —, mas os brotos grossos dos seus ramos proporcionavam alguma proteção da chuva. Voei até lá, passando por cima de um carro solitário que avançava pela ampla rua suburbana. Por trás dos muros altos e da folhagem perene dos seus jardins, as feias fachadas brancas de várias moradias bastante grandes destacavam-se no escuro como os rostos dos mortos.

Bem, talvez fosse o meu estado de espírito que as fazia parecer assim. Cinco coisas me preocupavam. Para começar, a dor constante que acompanha qualquer manifestação física já estava dando sinal. Mudar de forma afastaria a dor por algum tempo, mas podia igualmente fazer recair as atenções sobre a minha pessoa numa fase crítica da operação. Até ter a certeza do que me envolvia, teria de permanecer uma ave.

A segunda coisa era o tempo. Tenho dito.

Em terceiro lugar, esquecera as limitações dos corpos materiais. Sentia um comichão bem por cima do meu bico, e em vão tentava coçá-lo com uma asa. Quarta, aquele moleque. Tinha muitas perguntas sobre ele. Quem era? Porque acalentava um desejo de morte? Como poderia vingar-me antes dele morrer por me sujeitar a esta missão? As notícias correm depressa e eu

ainda ia arranjar problemas por andar numa roda viva por causa de um insignificante como ele.

Quinta... o Amuleto. Para todos os efeitos, era um feitiço poderoso. Não conseguia deixar de pensar no que o moleque tencionava fazer com ele. Não deveria ter a mínima idéia. Talvez se limitasse a usá-lo como um trágico acessório de moda. Talvez furtar amuletos fosse a última mania, a versão de mago para o roubo de brasões de automóvel. Mesmo assim, primeiro tinha de consegui-lo e isso não seria propriamente fácil, mesmo para mim.

Fechei os meus olhos de melro e abri os interiores, um após o outro, cada qual num plano diferente[4]. Olhei para trás e para frente ao meu redor, saltitando no ramo para conseguir a melhor visão. Nada menos de três casas ao longo da rua tinham proteção mágica, o que mostrava como era elegante a zona em que estávamos. Não inspecionei as outras duas lá no alto da rua; era a casa do outro lado da rua, para lá da iluminação pública, que despertava o meu interesse. A residência de Simon Lovelace, mago.

[4] Tenho acesso a sete planos, todos coexistentes. Sobrepõem-se uns aos outros como as camadas de uma *Vienetta* esmagada. Os sete planos são suficientes para qualquer um. Aqueles que funcionam com mais estão apenas se exibindo.

O primeiro plano não tinha nada, mas ele preparara um elo de defesa no segundo — brilhava como um filamento azul ao longo do muro alto. Também não terminava ali; estendia-se pelo ar, por cima da casa branca baixa e voltava a descer do outro lado, formando uma enorme cúpula brilhante.

Nada mal, mas eu conseguia dar conta do recado.

Não havia nada no terceiro nem no quarto planos, mas no quinto detectei três sentinelas que peram-

bulavam no meio do ar, bem do outro lado da borda do muro do jardim. Eram todas de um amarelo monótono, cada uma formada por três pernas musculares que rodavam num eixo de cartilagem. Por cima do eixo havia uma massa borrada, que exibia duas bocas e vários olhos vigilantes. As criaturas andavam arbitrariamente para cá e para lá, percorrendo o perímetro do jardim. Instintivamente, comprimi-me contra o tronco da faia, mas sabia que era pouco provável que elas me localizassem dali. A esta distância, eu devia parecer um melro em todos os sete planos. Só quando me aproximasse mais é que elas conseguiriam penetrar a minha ilusão.

O sexto plano estava vazio. Mas o sétimo... esse era esquisito. Não conseguia ver nada de óbvio — a casa, a rua, a noite, pareciam todas inalteradas — mas, chamem de intuição se quiserem, tinha certeza de que existia algo ali, à espreita.

Esfreguei o bico hesitantemente num nó da madeira. Tal como esperava, havia uma grande quantidade de magia poderosa e ativa ali. Ouvira falar de Lovelace. Era considerado um mago formidável e muitíssimo exigente. Felizmente, nunca fora chamado para servi-lo e não desejava por nada a sua inimizade ou a dos seus servidores.

Mas tinha de obedecer àquele moleque.

O melro encharcado levantou vôo do ramo e atravessou a estrada, evitando convenientemente o arco de luz do poste mais próximo. Pousou numa porção de erva raquítica ao canto do muro. Quatro sacos do lixo pretos tinham sido deixados aqui fora, para serem recolhidos na manhã seguinte. O melro saltou para trás dos sacos. Um gato que estivera observando a ave[5] a alguma distância, esperou alguns momentos para ver se ela aparecia, perdeu a paciência e foi atrás dela, cheio de curiosidade. Não encontrou nenhuma ave por trás dos

sacos, preta ou de outra cor. Não havia nada ali a não ser um montinho de terra acabado de levantar por uma toupeira.

[5] Em dois planos. Os gatos têm esse poder.

3

Detesto o gosto da lama. Não é nada digno de um ser do ar e do fogo. O peso cansativo da terra me oprime demais sempre que entro em contato com ela. É por isso que sou minucioso em relação às minhas encarnações. Aves, bom. Insetos, bom. Morcegos, razoável. As coisas que correm depressa são muito boas. Os habitantes das árvores são melhores ainda. Coisas subterrâneas, nada bom. Toupeiras, mau.

Mas não vale a pena ficar com esquisitices, quando se tem de ultrapassar um escudo protetor. Acertara ao raciocinar que ele não chegava ao subsolo. A toupeira escavava o túnel bem, bem lá no fundo, debaixo dos alicerces do muro. Não soou qualquer alarme mágico, apesar de ter batido cinco vezes com a cabeça numa pedra[6]. Cavei de novo no sentido ascendente, alcançando a superfície depois de vinte minutos de fungadas, escavadas e torcidas do meu focinho redondo às suculentas minhocas que descobria a cada duas raspadas.

[6] Uma vez em cada uma de cinco pedras diferentes. Não cinco vezes na mesma pedra. Só para esclarecer. Às vezes os seres humanos são tão *tapados*.

A cabeça da toupeira assomou cautelosamente junto à pequena pilha de terra que empurrara para a superfície imaculada do gramado de Simon Lovelace. Olhou à sua volta, inspecionando o local. Havia luzes acesas na casa, no térreo. As cortinadas estavam corridas. Os andares de cima, tanto quanto a toupeira podia ver, estavam às escuras. O arco azul translúcido do sistema de defesa mágica passava ali por cima. Uma sentinela

amarela seguia o seu estúpido caminho três metros acima da vegetação. As outras duas estariam nos fundos da casa.

Experimentei de novo o sétimo plano. Nada ainda, mas continuava a mesma sensação inquietante de perigo. Enfim.

A toupeira retirou-se para baixo do solo e escavou túneis sob as raízes da relva, em direção à casa. Reapareceu no canteiro de flores bem embaixo das janelas mais próximas. Pensava ativamente. Era inútil continuar avançando desta forma, por mais tentador que fosse entrar nos buracos. Teria que encontrar um método diferente.

Chegou às orelhas peludas da toupeira o som de gargalhadas e o tilintar de copos. Era extraordinariamente alto, ecoando de muito próximo. Fora colocado na parede um respiradouro, que o tempo se encarregara de rachar, a menos de meio metro de distância. Conduzia ao interior.

Com algum alívio, transformei-me numa mosca.

4

Da segurança do ventilador, entrevi, com os meus olhos multifacetados, uma sala de estar bastante tradicional. Havia um carpete de pêlo espesso, papel de parede listrado sujo, uma coisa de cristal hedionda que fingia ser um lustre, dois quadros a óleo que o tempo escurecera, um sofá, duas poltronas (também listrados), uma mesinha de café baixa sobre a qual se encontrava uma bandeja de prata e, na bandeja, uma garrafa de vinho tinto e nenhum copo. Estes estavam nas mãos de duas pessoas.

Uma delas era uma mulher. Era um tanto jovem (para um ser humano, o que significa infinitesimamente jovem) e provavelmente bastante atraente, assim para o carnudo. Olhos grandes, cabelo escuro, cortado curto. Memorizei-a automaticamente. Amanhã tomaria o aspecto dela quando fosse visitar de novo aquele moleque. Só que nua. Veríamos como é que aquela mente inflexível, mas muitíssimo adolescente reagia àquilo[7]!

[7] Para aqueles que estejam se interrogando, não tenho qualquer dificuldade em me tornar uma mulher. Tampouco um homem, mesmo agora. De certa forma, acho que as mulheres são mais astutas, mas não quero falar disso agora. Mulher, homem, toupeira, larva — são todos iguais, para que conste, com exceção de umas ligeiras variações na capacidade mental.

Todavia, no momento eu estava mais interessado no homem a quem esta mulher sorria e acenava com a cabeça. Era alto, magro, atraente como os galãs dos romances, com o cabelo penteado para trás e fixo com uma brilhantina fedorenta. Usava óculos redondos pequenos e tinha uma boca grande com bons dentes. O maxilar era proeminente. Algo me dizia que este era o

mago, Simon Lovelace. Seria a sua aura indefinida de poder e autoridade? Seria o ar importante com que passeava pela sala, gesticulando? Ou seria o pequeno diabrete que flutuava junto do seu ombro (no segundo plano), muito atento a qualquer perigo que pudesse espreitar?

Esfreguei as minhas duas patas dianteiras uma na outra com irritação. Teria de ser muito cuidadoso. O diabrete só vinha atrapalhar[8].

[8] Não me interpretem mal. Eu não estava com medo do diabrete. Era capaz de eliminá-lo sem qualquer hesitação. Mas ele estava ali por duas razões: pela eterna lealdade ao seu amo e pela sua visão perspicaz. Nem por uma fração de segundo ele se deixaria enganar pelo meu astuto disfarce de mosca.

Que pena eu não ser uma aranha. Conseguem ficar quietas durante horas e não pensar em nada. As moscas são bem mais nervosas. Mas se eu mudasse aqui, o escravo do mago iria perceber com certeza. Tinha de obrigar o meu corpo teimoso a ficar parado, e ignorar a dor que voltava a acumular, desta vez dentro da minha retina.

O mago estava conversando. Não fez muito mais que isso. A mulher olhava para ele com olhos servis tão arregalados e perdidos em adoração que a minha vontade foi de mordê-la.

— ...será uma ocasião magnífica, Amanda. Estará na mira da sociedade londrina! Sabia que o próprio Primeiro-Ministro está ansioso por ver a tua propriedade? Sim, soube de fonte segura. Os meus inimigos andam em volta dele há semanas com as suas insinuações vis, mas ele mostrou sempre empenho em realizar a conferência na mansão. Por isso, está vendo meu amor, ainda consigo influenciá-lo quando é preciso. O importante é saber manobrá-lo, elogiar a sua vaidade... Aqui

para nós, ele é mesmo muito fraco. A sua especialidade é o fascínio, e até com isso ele raramente se preocupa agora. Para quê? Ele tem homens especializados para fazerem por ele...

O mago continuou a falar naquele tom durante vários minutos, indicando nomes com uma energia inesgotável. A mulher bebeu o seu vinho, anuiu, ficou boquiaberta, e exclamou nos momentos certos e encostou-se a ele no sofá. Quase dei voltas com o tédio[9].

[9] Um ser humano que estivesse ouvindo a conversa provavelmente ficaria embasbacado, porque o relato do mago sobre a corrupção no Governo britânico foi extraordinariamente pormenorizado. Mas eu não me deixei impressionar. Tendo visto inúmeras civilizações de ostentação bem maior do que esta desmoronarem-se por completo, não dei grande relevância ao assunto. Passei o tempo tentando recordar, infrutiferamente, quais os poderes sobrenaturais que poderiam estar a serviço de Simon Lovelace. Era melhor estar preparado.

De repente, o diabrete ficou alerta. A sua cabeça rodou cento e oitenta graus e olhou para uma porta no outro extremo da sala. Beliscou a orelha do mago, para avisá-lo. Segundos depois, abriu-se uma porta e um criado de libré, com a cabeça careca, entrou respeitosamente.

— Queira desculpar, senhor, mas o seu carro está pronto.

— Obrigado, Carter. Eu já vou.

O criado de libré retirou-se. O mago colocou o seu copo de vinho (ainda cheio) na mesinha de café e pegou na mão da mulher. Beijou-a galanteadoramente. Nas costas dele, o diabrete esboçou caretas de extrema repugnância.

— Custa-me ter de ir, Amanda, mas o dever me chama. Não estarei em casa esta noite. Posso telefonar?

Uma ida ao teatro amanhã, talvez?

— Isso seria magnífico, Simon.

— Então está combinado. O meu bom amigo Makepeace estreou uma peça nova. Vou já tratar dos bilhetes. Por agora, Carter irá conduzi-la para casa.

Homem, mulher e diabrete abandonaram a sala, deixando a porta escancarada. Por trás deles, uma mosca cautelosa saiu do seu esconderijo e atravessou silenciosamente a sala até um ponto elevado que lhe dava uma visão da entrada. Durante alguns minutos houve atividade, trouxeram-se casacos, deram-se ordens, bateram-se portas. Depois o mago saiu de casa.

Voei até à entrada. Era ampla, fria e revestida com um chão de ladrilhos pretos e brancos. Fetos verde-vivo saíam de vasos de cerâmica gigantescos. Contornei o lustre, pondo-me à escuta. Reinava o silêncio. Os únicos sons vinham de uma cozinha distante e eram perfeitamente inocentes — apenas o bater de panelas e travessas e vários arrotos, possivelmente emanando do cozinheiro.

Ponderei a hipótese de emitir uma discreta pulsação mágica para ver se conseguia detectar o paradeiro dos artefatos do mago, mas decidi que era arriscado demais. Para começar, as criaturas de sentinela no exterior poderiam detectá-la, mesmo que não existissem mais defesas. Eu, a mosca, teria de ir à caça pessoalmente.

Todos os planos estavam livres. Atravessei a entrada, depois — seguindo uma intuição — subi as escadas.

No patamar, um corredor coberto com uma passadeira espessa estendia-se em duas direções, cada uma delas revestida com quadros a óleo. Fiquei logo interessado no corredor do lado direito, pois no meio dele estava um espião. Aos olhos humanos era um alarme de

fumaça, mas nos outros planos a sua verdadeira fórmula revelava-se — um sapo pousado no teto de pernas para o ar, com desagradáveis olhos bulbosos. Mais ou menos de minuto a minuto, saltava no lugar onde estava, rodando um pouco. Quando o mago regressasse, relataria tudo o que tivesse acontecido.

Enviei uma pequena magia na direção do sapo. Brotou do teto um espesso vapor oleoso que envolveu por completo o espião e lhe bloqueou a visão. Enquanto saltava e coaxava, confuso, atravessei rapidamente o corredor em vôo até à porta do fundo. De todas as portas no corredor, só esta tinha um buraco de fechadura; debaixo da sua tinta branca, a madeira fora reforçada com tiras de metal. Duas boas razões para experimentar esta primeiro.

Havia uma minúscula fenda debaixo da porta. Era muito pequena para um inseto, mas, seja como for, já começava a ficar ansioso por uma mudança. A mosca dissolveu-se numa partícula de fumaça, que desapareceu por debaixo da porta no mesmo instante em que a camada de vapor em volta do sapo se dissipou. Lá dentro, transformei-me numa criança.

Se tivesse descoberto o nome do aprendiz, teria sido maldoso e assumido a sua forma, só para que Simon Lovelace pudesse levar vantagem quando começasse a juntar as peças do roubo. Mas sem o seu nome, não tinha qualquer ascendência sobre ele. Por isso tornei-me um garoto que conhecera em tempos, alguém de quem gostara. O seu pó há muito que fora levado pelo Nilo, por isso o meu crime não o prejudicaria e, de certa forma, agradava-me lembrá-lo dessa maneira. Era moreno, de olhos vivos, vestindo uma tanga branca. Olhou à sua volta daquela maneira que lhe era peculiar, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado.

O cômodo não tinha janelas. Havia vários armá-

rios encostados às paredes, cheios de parafernália mágica. A maior parte era perfeitamente inútil, só servindo para espetáculos[10], mas havia ali alguns artigos intrigantes.

[10] Oh, era bastante impressionante para quem não é mago. Deixem-me ver — havia globos de cristal, bolas de vidro, crânios de túmulos, articulações dos dedos de santos, varas espanta-espíritos que tinham sido roubadas a xamãs siberianos, máscaras de feiticeiros, crocodilos embalsamados, varinhas de condão estranhas, prateleiras cheias de capas para diferentes cerimônias e muitos, muitos calhamaços sobre magia que pareciam ter sido encadernados com pele humana no começo dos tempos, mas provavelmente haviam sido produzidos em série na semana anterior numa fábrica, em Catford. Os magos adoram este tipo de coisa; apreciam toda a atmosfera de mistério (e em parte acreditam nisso, pelo menos alguns deles) e adoram o efeito amedrontador que exerce sobre os leigos. Para além de tudo o mais, todas estas ninharias desviam a atenção da verdadeira origem do seu poder. Nós.

Havia um corno de invocação que sabia ser autêntico, porque me senti nauseado só de olhar para ele. Um toque dele e tudo o que estivesse sob o poder daquele mago se encontraria aos seus pés a pedir misericórdia e a suplicar a satisfação das suas ordens. Era um instrumento cruel e muito antigo e não consegui me aproximar dele. Noutro armário estava um olho feito de barro. Já vira um, na cabeça de um *golem*. Perguntei-me se o palerma conhecia o potencial daquele olho. Quase com certeza que não — devia tê-lo guardado como excêntrica recordação de algum pacote de férias na Europa Central. Turismo mágico... vejam só[11]. Bem, com sorte talvez um dia acabasse por matá-lo.

[11] Todos andavam fazendo a mesma coisa, deslocando-se em ônibus (ou, dado que muitos deles eram abastados, alugando jatos) para visitar as grandes cidades mágicas do passado. Todos

arrulhando e soltando ahs ante as vistas famosas — os templos, as terras natais de magos de renome, os locais onde tinham conhecido fins horríveis. E todos prontos para arrancar pedaços de um santuário ou esquadrinhar os bazares do mercado negro na esperança de conseguirem adquirir artigos de feitiçaria por uma pechincha. Não tenho nada contra o vandalismo cultural. Só o acho muito degradante.

E lá estava o Amuleto de Samarcanda. Encontrava-se guardado numa pequena vitrine própria, protegido por vidro e pela sua própria reputação. Aproximei-me dele, atravessando rapidamente os planos, procurando o perigo e encontrando — bem, nada de concreto, mas no sétimo plano tive a nítida impressão de que algo se agitava. Não aqui, mas próximo. Era melhor apressar-me.

O Amuleto era pequeno, baço e feito de ouro martelado. Pendia de uma corrente de ouro curta. No seu centro estava uma pedra de jade oval. O ouro fora decorado com padrões de entalhes simples, retratando corcéis a correr. Os cavalos eram os principais haveres dos povos da Ásia Central que haviam feito o Amuleto há três mil anos, enterrando-o mais tarde no túmulo de uma das suas princesas. Um arqueólogo russo encontrara-o na década de 1950 e não tardara a ser roubado por magos que tinham reconhecido o seu valor. Desconhecia em absoluto como fora parar nas mãos de Simon Lovelace — quem ele tivera por certo de assassinar ou vigarizar, para obtê-lo.

Voltei a inclinar a cabeça, à escuta. Reinava o silêncio na casa.

Estiquei a mão para o armário, sorrindo ao meu reflexo enquanto fechava o punho.

Depois baixei a mão e a fiz atravessar o vidro.

Uma vibração de energia mágica repercutiu-se pela totalidade dos sete planos. Agarrei o Amuleto e

pendurei-o ao pescoço. Virei-me rapidamente. A sala estava como antes, mas sentia algo no sétimo plano, deslocando-se rapidamente e aproximando-se.

Acabara-se o tempo da atuação furtiva.

Enquanto avançava para a porta reparei pelo canto do olho num portal que se abrira subitamente no meio do ar. Dentro do portal estava uma negrura que ficou imediatamente obscurecida quando saiu algo de lá.

Corri para a porta e bati com o meu pequeno punho de garoto. A porta veio abaixo como uma carta de jogar dobrada. Atravessei-a, correndo sem parar.

No corredor, o sapo virou-se para mim e abriu a boca. Saiu de lá um bocado de muco verde, que desceu acelerado na minha direção, tendo como alvo a minha cabeça. Esquivei-me e o muco salpicou a parede atrás de mim, destruindo um quadro e tudo o mais até os tijolos por baixo dele.

Atirei um raio de compressão no sapo. Com um pequeno coaxar de pesar, ele implodiu numa densa mancha de matéria do tamanho de um bolinha de gude e caiu no chão. Não abrandei o ritmo. Enquanto vinha disparado pelo corredor, coloquei um escudo protetor à volta do meu corpo físico para o caso de virem mais mísseis.

O que, por sinal, foi uma decisão acertada, pois no instante seguinte uma Detonação atingiu o chão bem atrás de mim. O impacto foi tão grande que vim a voar precipitadamente pelo corredor, um pouco inclinado e quase entrando pela parede. Fui envolvido por chamas verdes, que deixaram riscos na decoração como os dedos de uma mão gigante.

Pus-me em pé no meio da confusão de tijolos partidos e virei-me.

De pé sobre a porta partida ao fundo do corredor estava algo que assumira a forma de um homem

muito alto de pele vermelho-vivo e cabeça de chacal.

— BARTIMAEUS!

Houve outra Detonação no corredor. Dei um salto mortal por baixo dela, dirigindo-me para as escadas e, quando a explosão verde vaporizou o canto da parede, rolei pelos degraus, passei por cima do corrimão e desci dois metros até o chão de ladrilhos pretos e brancos, deixando-o bastante danificado.

Pus-me em pé e olhei para a porta da frente. Através do vidro fosco ao lado dela pude ver o contorno amarelo e difuso de uma das três sentinelas. Estava de emboscada, mal se apercebendo de que podia ser vista de dentro. É aqui que a inteligência superior bate a força bruta, seja onde for!

Por falar disso, tinha de sair dali rapidamente. Os ruídos lá de cima indicavam perseguição.

Atravessei duas divisões — uma biblioteca, uma sala de jantar —, dirigindo-me em cada uma das vezes para a janela e recuando em cada uma delas quando uma ou mais criaturas amarelas aparecia do lado de fora. A insensatez de se tornarem tão evidentes só rivalizava com a minha cautela em evitar qualquer das armas mágicas que traziam.

Por detrás de mim, o meu nome era gritado numa voz furiosa. Com crescente frustração, abri a porta seguinte e encontrei-me na cozinha. Não existiam mais portas internas, mas uma conduzia ao que parecia ser uma estufa adjacente, cheia de ervas e legumes. Para lá dela ficava o jardim — e também as três sentinelas, que avançavam pela parte lateral da casa a uma velocidade surpreendente nas suas pernas rotativas. Para ganhar tempo, coloquei um vedante na porta atrás de mim. Depois virei-me e vi o cozinheiro.

Estava sentado lá no fundo na sua cadeira com os sapatos em cima da mesa da cozinha, um homem

gordo de aspecto jovial com um rosto vermelho e um cutelo na mão. Estava cortando, com muito cuidado, as unhas com o cutelo, dando habilmente um piparote em cada fragmento de unha que ia aterrar na lareira ao lado dele. Enquanto o fazia, observava-me continuamente com os seus olhos negros e miudinhos.

Fiquei atrapalhado. Ele não pareceu nada perturbado ao ver um rapazinho egípcio entrar correndo pela sua cozinha. Inspecionei-o nos diferentes planos. Do um ao seis, continuava exatamente a ser o mesmo, um cozinheiro corpulento de avental branco. Mas no sétimo...

Uh-oh.

— Bartimaeus.

— Faquarl.

— Como vai indo?

— Nada mal.

— Não o tenho visto por estas bandas.

— Não, calculo que não.

— Que pena, hein?

— Sim. Bem... aqui estou.

— Aqui está, efetivamente.

Enquanto decorria esta conversa fascinante, chegaram do outro lado da porta os sons de uma série de detonações constantes. No entanto, o meu vedante agüentou-se. Sorri o mais cortesmente que pude.

— Jabor parece-me excitável como sempre.

— Sim, ele está na mesma. Só me parece ligeiramente mais *esfomeado,* Bartimaeus. Foi a única mudança que notei nele. Nunca parece satisfeito, mesmo quando acabou de ser alimentado. E isso acontece muitíssimo raramente nos últimos tempos, como pode imaginar.

— Tratem-nos mal, que eles ficam insaciáveis, eis o lema do teu amo, não é? Mesmo assim, ele deve estar com bastante poder, para conservar você *e* o Jabor co-

mo seus servos.

O cozinheiro esboçou um sorriso forçado e, com um piparote da faca, enviou uma unha a rodopiar até o teto. Penetrou o estuque e alojou-se ali.

— Ora, ora, Bartimaeus, não se usa a palavra começada por 's' entre pessoas civilizadas, não é verdade? Jabor e eu não temos pressa nenhuma.

— Claro que não.

— Por falar em desigualdade de poder, reparei que preferiu não se dirigir a mim no sétimo plano. Isso parece um bocado indelicado. Será porque se sente constrangido com a minha verdadeira forma?

— Nauseado, Faquarl, não constrangido[12].

[12] Não sou grande coisa, mas Faquarl tinha tentáculos demais para o meu gosto.

— Bem, tudo isto é muito desagradável. A propósito, admiro a escolha da tua forma, Bartimaeus. Muito graciosa. Mas vejo que está um pouco vergado por um certo amuleto. Talvez pudesse ter a gentileza de tirá-lo e colocar em cima da mesa. Depois, se me quiser contar para que mago trabalha, talvez eu considere pôr fim a este encontro de uma maneira menos fatal.

— É muita gentileza sua, mas sabe que não posso fazer isso[13].

[13] Não era verdade. Eu *podia* ter entregue o Amuleto e deste modo falhado na minha missão. Mas, mesmo que tivesse conseguido escapar a Faquarl, seria obrigado a regressar de mãos abanando para junto do garoto de rosto pálido. O meu fracasso ter-me-ia deixado à sua terna mercê, duplamente sob o seu poder, e de certa forma sabia que isto não era uma boa idéia.

O cozinheiro espetou a ponta do cutelo na borda da mesa.

— Deixe-me ser sincero. Pode e vai fazê-lo. Não é nada pessoal, claro; um dia podemos voltar a trabalhar juntos. Mas no momento estou tão preso quanto você. E eu também tenho a minha missão a cumprir. Portanto, trata-se, como sempre, de uma questão de poder. Corrija-me se estiver errado, mas constato que não tem muita confiança em si mesmo hoje — senão teria saído pela porta da frente, subjugando os trilóides, em vez de se deixar conduzir pela casa afora até mim.

— Estava apenas cedendo a um capricho meu.

— Mmm. Talvez devesse deixar de se aproximar da janela, Bartimaeus. Semelhante ardil seria lamentavelmente óbvio, mesmo para um ser humano e, além disso, os trilóides estão à tua espera lá fora. Entrega o Amuleto ou irá descobrir que o teu velho escudo de defesa não serve para nada.

Levantou-se e estendeu a mão. Seguiu-se uma pausa. Por trás do meu vedante, ouviam-se ainda as detonações pacientes (se bem que prosaicas) de Jabor. A própria porta há muito que deveria ter sido transformada em pó. No jardim, as três sentinelas mantinham-se de olhos postos em mim. Relanceei a cozinha, à procura de inspiração.

— O *Amuleto,* Bartimaeus.

Levantei a mão e, com um suspiro pesado e bastante teatral, agarrei o Amuleto. A seguir dei um pulo para a esquerda. Ao mesmo tempo, libertei o vedante da porta. Faquarl soltou uma interjeição de contrariedade e iniciou um gesto. Quando o fez, foi atingido em cheio por uma Detonação particularmente poderosa que irrompeu do espaço vazio onde estivera o vedante. Atirou-o de encontro à lareira e os tijolos abateram-se sobre ele.

Avancei disparado para a estufa no momento em que Jabor transpunha o intervalo para a cozinha.

Quando Faquarl emergiu dos fragmentos, eu já saía para o jardim. As três sentinelas convergiram para mim, de olhos arregalados e pernas a rodar. Apareceram garras cortantes nas extremidades dos seus pés extraordinários. Lancei uma iluminação do tipo mais intenso. Todo o jardim se encheu de luz como se tivesse ocorrido uma explosão solar. Os olhos das sentinelas ficaram ofuscados; gritaram de dor[14]. Saltei por cima delas e corri pelo jardim, esquivando-me dos raios de magia da casa que incineravam as árvores.

[14] *Au.*

Ao fundo do jardim, entre um monte de estrume e um cortador de grama motorizado, pulei o muro. Atravessei a rede de nós mágicos, deixando um buraco em forma de garoto. Os alarmes começaram imediatamente a tocar por toda a propriedade.

Caí na calçada lá fora, o Amuleto saltando e batendo no meu peito. Do outro lado do muro, ouvi o som de cascos a galopar. Chegara o momento de proceder a uma mudança.

Os falcões peregrinos são as aves mais rápidas de que há registro. Conseguem atingir uma velocidade de duzentos quilômetros por hora em vôo picado. Raramente algum conseguiu na horizontal, por cima dos telhados da zona norte de Londres. Alguns chegariam a duvidar de que isto fosse possível, em particular carregando um pesado amuleto em volta do pescoço. Bastará dizer, porém, que quando Faquarl e Jabor chegaram aos fundos da rua de Hampstead, criando uma obstrução imperceptível que foi imediatamente atingida por um caminhão de lixo acelerado, eu não era visível em lugar nenhum.

Há muito que sumira.

Nathaniel
5

— Acima de tudo — disse-lhe o mestre —, há um fato que temos que enfiar agora nesse teu craniozinho nervoso, para que depois nunca mais se esqueça. É capaz de adivinhar que fato é esse?

— Não, senhor — respondeu o garoto.

— Não? — As sobrancelhas farfalhudas arquearam-se, fingindo surpresa. Hipnotizado, o garoto viu-as desaparecer debaixo da espessa cabeleira branca pendente. Quase timidamente, ali permaneceram fora de vista apenas por um momento, antes de desceram subitamente com terrível finalidade e peso. — *Não.* Bem, nesse caso... — O mago inclinou-se na sua cadeira. — Vou dizer-lhe.

Com um movimento lento e deliberado, uniu as mãos de modo a que as pontas dos dedos formassem um pronunciado arco ogival, com que apontou para o garoto.

— Lembre-se *disto* — disse em voz suave. — Os demônios são muito malvados. Farão mal à você, se puderem. Compreende isto?

O garoto continuava a observar as sobrancelhas. Não conseguia desviar o olhar delas. Agora estavam austeramente enrugadas e decaídas, duas pontas de seta afiadas, que se uniam. Deslocavam-se com uma agilidade incrível — para cima, para baixo, inclinando-se, arqueando-se, por vezes em conjunto, outras isoladamente. Com a sua imitação de vida própria, exerciam um estranho fascínio sobre o garoto. Além disso, achava infinitamente preferível observá-las do que corresponder ao olhar do seu mestre.

O mago tossiu perigosamente.

— Compreende?

— Oh... sim, senhor.

— Ora bem, você diz sim, e estou certo de que quer dizer sim... e no entanto... — Uma sobrancelha avançou em direção ao céu, pensativamente. — E, no entanto, não estou convencido de que tenha realmente, verdadeiramente, *compreendido*.

— Oh, sim, senhor; compreendo sim, senhor. Os demônios são malvados e nocivos e nos farão mal se os deixarmos, senhor. — O garoto agitou-se ansiosamente na almofada. Estava ansioso por provar que fora todo ouvidos. Lá fora, o sol estival incidia na relva e nas calçadas quentes; uma carrocinha de sorvetes passara alegremente debaixo da janela cinco minutos antes. Mas apenas uma faixa de luz do dia atravessava as espessas cortinas da sala do mago; o ar lá dentro estava abafado e denso. O garoto desejou que a lição terminasse, para poder ir embora.

— Escutei com muita atenção, senhor — disse ele.

O mestre anuiu.

— Alguma vez viu um demônio? — perguntou-lhe.

— Não, senhor. Quero dizer, apenas nos livros.

— Levante-se.

O garoto levantou-se rapidamente, um pé quase escorregando na sua almofada. Aguardou sem graça, as mãos ao lado do corpo. O mestre indicou-lhe espontaneamente a porta atrás de si, com um dedo. — Sabe o que fica do lado de lá?

— O seu gabinete de trabalho, senhor.

— Muito bem. Desça as escadas e atravesse a sala. Lá no fundo encontrará minha escrivaninha. Em cima dela há uma caixa. Dentro da caixa há um par de

óculos. Coloque-os e volte para junto de mim. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Muito bem, então. Vai lá.

Sob o olhar atento do mestre, o garoto dirigiu-se para a porta, que era de madeira escura não pintada, com muitas espirais e veios. Teve dificuldade em rodar o pesado puxador de latão, mas a sensação de frescura que sentiu agradou-lhe. A porta escancarou-se silenciosamente nas suas dobradiças e o garoto avançou e encontrou-se no alto de uma escada atapetada. As paredes estavam elegantemente forradas com papel florido. Uma pequena janela ao meio deixava entrar um raio de sol simpático.

O garoto desceu com cuidado, um degrau de cada vez. O silêncio e a luz do Sol tranqüilizaram-no e acalmaram alguns dos seus receios. Sem nunca antes ter ido além deste ponto, apenas as histórias infantis lhe povoavam as idéias sobre o que poderia aguardá-lo no gabinete de trabalho do mestre. Imagens terríveis de crocodilos embalsamados e globos oculares engarrafados saltaram de uma forma muito viva para a sua mente. Furioso, expulsou-as de novo. Não teria medo.

Aos pés da escada havia outra porta, idêntica à primeira, mas menor e decorada no seu centro com uma estrela de cinco pontas pintada de vermelho. O garoto girou o puxador e empurrou: a porta abriu-se com relutância, roçando no carpete espesso. Quando o intervalo ficou suficientemente grande, o garoto entrou no gabinete de trabalho.

Sem se dar conta, susteve a respiração quando entrou; libertou-a então de novo, quase com uma sensação de decepção. Era tudo tão *comum*. Um cômodo comprido revestido de livros de ambos os lados. Bem ao fundo, uma enorme escrivaninha de madeira com

uma cadeira de couro acolchoada colocada por detrás dela. Canetas sobre o tampo, alguns papéis, um computador velho, uma pequena caixa de metal. A janela mais além dava para um castanheiro-da-índia adornado com todo o esplendor do Verão. A luz na sala tinha uma agradável tonalidade esverdeada.

O garoto encaminhou-se para a escrivaninha.

No meio do caminho, deteve-se e olhou para trás.

Nada. No entanto, tivera uma sensação estranhíssima... Por alguma razão, a porta ligeiramente aberta, através da qual entrara apenas um momento antes, proporcionava-lhe agora uma sensação inquietante. Desejou ter-se lembrado de fechá-la atrás de si.

Sacudiu a cabeça. Não havia necessidade. Voltaria a transpô-la numa questão de segundos.

Quatro passos apressados levaram-no até à beira da escrivaninha. Ouvira sem dúvida um ruído...

A sala estava vazia. O garoto escutou tão atentamente quanto um coelho num esconderijo. Não, não havia nada o que ouvir a não ser os sons tênues do tráfego distante.

De olhos arregalados, respirando com dificuldade, o garoto virou-se para a escrivaninha. A caixa de metal brilhava ao sol. Estendeu a mão para ela, por cima da superfície de couro da escrivaninha. Aquilo não era estritamente necessário — podia ter dado a volta até o outro lado da escrivaninha e pegado facilmente a caixa — mas de certa forma queria poupar tempo, pegar aquilo que viera buscar e sair. Debruçou-se sobre a mesa e estendeu a mão, mas a caixa permanecia obstinadamente inalcançável. O garoto inclinou-se para frente, rodou as pontas dos dedos precipitadamente. Falharam a caixa, mas o movimento do seu braço derrubou um pequeno copo com canetas. Estas espalharam-se em

cima do couro.

O garoto sentiu uma gota de suor escorrer-lhe debaixo do braço. Freneticamente, começou a apanhar as canetas e a enfiá-las de novo no copo.

Ouviu-se uma risada gutural, bem atrás dele, na sala.

Virou-se bruscamente, abafando o grito. Mas não havia nada ali.

Por um momento, o garoto permaneceu com as costas apoiadas na escrivaninha, paralisado de medo. Depois algo se reafirmou nele. «Esquece as canetas», pareceu dizer. «Você veio buscar a caixa.» Lentamente, imperceptivelmente, começou a contornar a escrivaninha, de costas para a janela, os olhos na sala.

Algo bateu na janela, com urgência, três vezes. Virou-se bruscamente. Nada ali; apenas o castanheiro-da-índia do outro lado do jardim, agitando-se suavemente com a brisa estival.

Nada ali.

Naquele momento, uma das canetas que ele entornara rolou pela escrivaninha e caiu no carpete. Não fez qualquer ruído, mas avistou-a pelo canto do olho. Outra caneta começou a rolar para cá e para lá — primeiro devagar, depois cada vez mais depressa. Subitamente, rodopiou, passou por cima da base do computador e caiu pela borda para o chão. Outra fez o mesmo. Depois outra. De repente, todas as canetas estavam rolando, em várias direções ao mesmo tempo, acelerando até às bordas da escrivaninha, colidindo, caindo, imobilizando-se.

O garoto observava. A última caiu.

Ele nem se mexeu.

Algo riu baixinho, bem junto ao seu ouvido.

Com um grito, atacou com o braço esquerdo, mas não acertou em nada. O ímpeto do seu movimento

fez com que ficasse virado de frente para a escrivaninha. A caixa estava bem ali diante dele. Agarrou-a e largou-a imediatamente — o metal estivera exposto ao sol e o seu calor queimou-lhe a palma da mão. A caixa bateu no tampo da escrivaninha e perdeu a tampa. Saíram de lá uns óculos com aros de chifre. Um momento depois, tinha-os na mão e corria para a porta.

Algo veio atrás dele. Ouvia-o saltar atrás de si.

Estava quase chegando à porta; conseguia ver as escadas ao fundo, que conduziam ao seu mestre.

E a porta fechou-se com força.

O garoto torceu o puxador, bateu na madeira, deu socos, chamou o mestre com um soluço sufocado, mas tudo em vão. Algo cochichava ao seu ouvido, mas não conseguia ouvir as palavras. Em pânico mortal, deu pontapés na porta, conseguindo apenas machucar o dedão através da sua pequena bota preta.

Virou-se então e enfrentou a sala vazia.

Pequenos murmúrios soavam por toda a sua volta, pancadas delicadas e pequenos adejos, como se o carpete, os livros, as prateleiras, até mesmo o teto, estivessem sendo roçados por coisas invisíveis, em movimento. Um dos quebra-luzes por cima da sua cabeça agitou-se de leve com uma brisa inexistente.

Por entre as lágrimas, no meio do terror, o garoto encontrou palavras para falar.

— Parem! — gritou. — Desapareçam!

O roçar, batucar e esvoaçar cessaram por completo. A agitação do quebra-luz abrandou, diminuiu e acabou por parar.

A sala ficou muito silenciosa.

Tentando respirar, o garoto ficou à espera com as costas apoiadas na porta, observando a sala. Não se ouviu nem um som.

Depois lembrou-se dos óculos que segurava ain-

da na mão. No meio do nevoeiro serpenteante do medo, recordou que o mestre lhe dissera para pô-los antes de regressar. Talvez se o fizesse a porta se abrisse e lhe fosse permitido subir as escadas até à segurança.

Com dedos trêmulos, ergueu os óculos e colocou-os.

E viu a verdade do gabinete de trabalho.

Uma centena de pequenos demônios enchia cada centímetro do espaço diante dele. Estavam empilhados uns por cima dos outros em toda a sala, como as sementes num melão ou as nozes num saco, com pés a comprimir rostos e cotovelos enfiados em ventres. Estavam tão aglomerados que o próprio carpete não se via. Olhando detidamente, estavam acocorados na escrivaninha, pendurados nas luminárias e estantes e pairavam no ar. Alguns equilibravam-se nos narizes protuberantes de outros ou estavam suspensos pelos membros. Uns quantos tinham corpos enormes com cabeças do tamanho de laranjas; diversos evidenciavam o contrário. Havia caudas e asas e cornos e verrugas e mãos, bocas, pés e olhos suplementares. Havia muitas escamas e muito pêlo e outras coisas em lugares impossíveis. Alguns tinham bicos, outros ventosas, a maioria possuía dentes. Eram de todas as cores concebíveis, com freqüência em combinações inadequadas. E todos esforçavam-se por se manter muito, muito quietinhos, de modo a convencer o garoto de que não havia ninguém lá. Esforçavam-se ao máximo por permanecer imóveis, não obstante os tremores e a agitação de caudas e asas reprimidas e as contorções incontroláveis das suas bocas extremamente móveis.

Mas no exato momento em que o garoto colocou os óculos e os viu, eles também perceberam que ele conseguia vê-los.

Então, com um grito de satisfação, saltaram para

ele.

O garoto berrou, foi de encontro à porta e tombou de lado no chão. Levantou as mãos para se proteger, fazendo saltar os óculos do nariz. Às cegas, virou-se de bruços e enrolou-se numa bola, sufocado pelo ruído terrível de asas e escamas e pequenas garras afiadas por cima, em volta, ao lado dele.

O garoto ainda estava ali passados vinte minutos, quando o mestre veio buscá-lo e dispensou o grupo de diabretes. Foi levado para o quarto. Durante um dia e uma noite não comeu. Durante mais uma semana permaneceu mudo e indiferente, mas por fim recuperou a fala e conseguiu retomar os estudos.

O seu mestre nunca mais fez referência ao incidente, mas ficara satisfeito com o resultado da lição — com o poço de ódio e medo que fora escavado para o seu aprendiz naquela sala.

Esta fora uma das primeiras experiências de Nathaniel. Não falou dela a ninguém, mas aquela sombra nunca abandonou o seu coração. Tinha seis anos na altura.

Bartimaeus
6

O problema de um artefato altamente mágico como o Amuleto de Samarcanda é que possui uma aura pulsante característica[15] que desperta a atenção como um homem nu num funeral. Sabia que, assim que Simon Lovelace fosse informado da minha leviandade, enviaria investigadores à procura da pulsação reveladora e que quanto mais tempo eu permanecesse num local, mais chances haveria de algo denunciá-la. O garoto não me chamaria até o dia raiar[16], por isso teria de sobreviver primeiro a várias horas agitadas.

[15] Todas as coisas vivas possuem auras também. Assumem a forma de um nimbo colorido que envolve o corpo do indivíduo e são, de fato, o máximo que um fenômeno visual se aproxima de um odor. As auras existem no primeiro plano mas são invisíveis para a maioria dos humanos. Muitos animais, como os gatos, conseguem vê-las; os *djinn* e algumas pessoas excepcionais também. As auras mudam de cor conforme o estado de espírito e constituem uma indicação útil de medo, ódio, pena, *etc.* Por isso é tão difícil iludir um gato (ou um *djinni)* quando se lhe quer mal.

[16] Teria sido bem mais agradável ir procurar de imediato o garoto de rua para me livrar do Amuleto. Mas os magos quase sempre fazem questão de fazer chamados específicos em ocasiões específicas. Elimina a possibilidade de apanhá-los desprevenidos (o que seria potencialmente fatal).

O que o mago poderia mandar atrás de mim? Seria muito pouco provável dominar muitos outros *djinn* da força de Faquarl ou Jabor, mas seria sem dúvida capaz de preparar uma hoste de servos mais fracos para a perseguição. Por norma, consigo livrar-me de *foliots*[17] e outros da mesma categoria com uma perna nas costas,

mas se chegassem em grande número, e eu estava cansado, a situação poderia complicar-se[18].

[17] *Foliot:* um *djinni* de quinta categoria.

[18] Até os magos ficam confusos com as nossas infinitas variedades, que diferem tanto umas das outras quanto os elefantes dos insetos, ou as águias das amebas. Contudo, em termos genéricos, existem cinco categorias básicas suscetíveis de serem encontradas ao serviço de um mago. Estas são, por ordem decrescente de poder e medo infundido: *marids, afriets, djinn, foliots,* diabretes. (Há legiões de espíritos inferiores que são mais fracos do que os diabretes, mas os magos raramente se dão ao trabalho de chamá-los. Do mesmo modo, muito acima das *marids* existem grandes entidades de poder terrível; raramente são vistas na Terra, uma vez que poucos magos se atrevem a revelar os seus nomes.) Um conhecimento detalhado desta hierarquia é de importância vital tanto para os magos como para nós, uma vez que a sobrevivência depende com freqüência do conhecimento exato do terreno que pisamos. Por exemplo, como espécime particularmente belo de *djinni,* trato os outros *djinn* e todo o resto acima da minha categoria com um certo grau de cortesia, mas não passo cartão aos *foliots* e diabretes.

Voei de Hampstead a toda velocidade e refugiei-me debaixo dos beirais de uma casa abandonada ao lado do Tamisa, onde alisei as penas com o bico e observei o céu. Passado um bocado, sete pequenas esferas de luz vermelha atravessaram os céus a baixa altitude. Quando chegaram ao meio do rio separaram-se: três continuaram para o sul, duas foram para oeste, duas para leste. Comprimi-me contra as sombras do telhado, mas não pude deixar de reparar que o Amuleto emitiu uma vibração extra-ressoante quando as esferas de busca mais próximas desapareceram. Aquilo enervou-me; pouco depois, parti para uma viga no meio de um guindaste na outra margem, onde estavam construindo um luxuoso condomínio junto ao rio, para a aristocracia

maga.

Passaram-se cinco minutos silenciosos. O rio sugava e redemoinhava em volta dos pilares lamacentos do cais. As nuvens encobriram a Lua. Uma luz verde e repulsiva brilhou em todas as janelas da casa abandonada do outro lado do rio. Sombras curvadas deslocaram-se dentro dela, procurando. Não encontraram nada; a luz adensou-se e tornou-se uma bruma luminosa que fluía das janelas e era levada. A escuridão voltou a envolver a casa. Voei logo para o sul, com rapidez e em ziguezague, de rua em rua.

Durante metade da noite continuei a minha dança frenética e fugitiva através de Londres. As esferas[19] andavam por ali em número bem maior do que eu chegara a temer (evidentemente mais do que um mago as chamara) e surgiam por cima de mim a intervalos regulares. Para não ser apanhado, tive de me manter em movimento e, mesmo assim, quase fui capturado duas vezes. Uma vez voei em volta de um edifício de escritórios e quase colidi com uma esfera que vinha em sentido contrário; outra atacou-me quando, vencido pela exaustão, me aninhei num vidoeiro, em Green Park. Em ambas as ocasiões consegui escapar antes de chegarem os reforços.

[19] Esferas de busca como estas são uma espécie de diabrete robusto. Possuem orelhas escamosas gigantescas e uma única narina com pêlos, o que as torna particularmente sensíveis às pulsações mágicas e extremamente irritáveis quando expostas a qualquer ruído forte ou cheiro acre. Conseqüentemente, durante parte da noite vi-me obrigado a refugiar-me na ETAR de Rotherhithe.

Não tardou que me sentisse esgotado. O esforço constante de manter a minha forma física estava a desgastar-me e a consumir a minha preciosa energia. Por

isso decidi adotar um plano diferente — encontrar um lugar onde o pulsar do Amuleto fosse abafado por outras emissões mágicas. Chegara o momento de me misturar com a Multidão, a Plebe: por outras palavras, com as pessoas. Estava mesmo desesperado.

Regressei ao centro da cidade. Mesmo a esta hora tardia, os turistas em Trafalgar Square continuavam a reunir-se em volta da Coluna de Nelson numa maré berrante, volta e meia comprando amuletos nas tendas oficiais enfiadas entre os leões. Uma cacofonia de pulsações mágicas elevava-se da praça. Era um local tão bom como qualquer outro para me esconder.

Uma faísca de relâmpago desceu pelo céu noturno e desapareceu no espaço estreito entre duas bancas. Logo surgiu um rapazinho egípcio de olhos tristes que abriu caminho entre a multidão. Vestia calças *jeans* novas e um blusão preto, de aviador, acolchoado, por cima de uma *T-shirt;* também tinha uns tênis brancos com cadarços que se desamarravam constantemente. Misturou-se com a multidão.

Sentia o Amuleto a queimar-me o peito. A intervalos regulares, emitia pequenas ondas de calor intenso em explosões duplas, como batimentos cardíacos. Desejei ardentemente que este sinal fosse agora absorvido pelas auras que me rodeavam.

Grande parte da magia, aqui, era só para dar na vista, desprovida de substância. A praça estava cheia de charlatães autorizados a vender pequenos feitiços e bugigangas que haviam sido aprovadas pelas autoridades para uso popular[20]. Turistas de olhos arregalados da América do Norte e do Japão remexiam nas pilhas de pedras multicoloridas e joalheria vistosa, tentando recordar os signos de nascimento dos seus parentes lá da terra, ao mesmo tempo que eram pacientemente sugestionados pelos animados vendedores londrinos. Se não

fossem os *flashes* das máquinas fotográficas, bem que eu podia estar de volta a Karnak. Faziam-se negócios, ouviam-se gritos de satisfação, todo mundo sorria. Era um quadro intemporal de fraudulência e ganância.

[20] Os fragmentos de cristal eram particularmente populares porque diziam que libertavam as auras que engrandeciam a vida. As pessoas penduravam-nos ao pescoço para dar sorte. Os fragmentos não possuíam quaisquer propriedades mágicas, mas parece que, afinal, tinham uma função protetora: quem usasse um anunciava-se imediatamente como sendo ignorante em termos de magia e, como conseqüência, era ignorado pelas muitas facções de magos litigantes. Em Londres, era perigoso uma pessoa ter nem que fosse a menor preparação mágica: nesse caso, tornava-se útil e/ou perigoso — e, como resultado, presa fácil dos outros magos.

Mas nem tudo na praça era trivial. Aqui e ali, homens de rosto bem sério encontravam-se à entrada de pequenas tendas fechadas. Os visitantes eram deixados entrar um por um. Evidentemente que havia lá dentro artefatos de valor genuíno, visto que, sem exceção, pequenos vigilantes andavam por perto de cada tenda. Surgiam sob várias formas discretas — sobretudo pombos; evitei aproximar-me muito, podiam ser mais perspicazes do que pareciam.

Alguns magos perambulavam por entre a multidão. Era bastante improvável que fossem comprar algo ali; o mais natural era estarem de serviço no turno da noite nos organismos governamentais em Whitehall e terem saído para uma pausa. Um (com um bom traje) tinha um diabrete de segundo plano a saltitar junto à perna; os outros (mais modestamente vestidos) espalhavam simplesmente o odor denunciante de incenso, suor seco e cera de vela.

A polícia também estava presente — vários agentes da autoridade normais e dois homens cabeludos

de cara comprida e feições pronunciadas da Polícia Noturna mostravam-se apenas o suficiente para evitar encrencas.

E por toda volta da praça, as luzes dos carros rodopiavam, levando ministros e outros magos dos seus gabinetes no Parlamento aos seus clubes em St. James. Eu estava perto do centro de uma grande roda do poder que se estendia por um império, e aqui, com sorte, permaneceria desapercebido até ser finalmente chamado.

Ou talvez não.

Encaminhara-me para uma banca de aspecto particularmente espalhafatoso e estava examinando o preço de ingresso quando tive a inquietante sensação de que estava sendo observado. Virei um pouco a cabeça e perscrutei a multidão. Uma massa amorfa. Verifiquei os planos. Não havia perigos ocultos: uma manada de bovinos, toda ela sem interesse e humana. Virei-me para a banca e peguei distraidamente num *My Magic Mirror*™, um pedaço de vidro barato colado numa moldura de plástico cor-de-rosa e debilmente decorada com varinhas de condão, gatos e feiticeiros e chapéus.

Lá estava outra vez! Virei o meu corpo bruscamente. Através de um intervalo na multidão, bem atrás de mim, pude ver uma maga baixa e gorda, um bando de garotos aglomerados em volta de uma banca, um policial a olhá-los com desconfiança. Ninguém parecia minimamente interessado em mim. Mas eu sabia o que sentira. Na próxima vez já estaria preparado. Fingi-me interessado no espelho. «OUTRA GRANDE RECORDAÇÃO DE LONDRES, CAPITAL MÁGICA DO MUNDO!» anunciava a etiqueta na parte de trás. «FABRICADO EM TAIW...»

Depois novamente a sensação. Virei-me mais depressa do que um gato e — bingo! Apanhei os observadores olhos nos olhos. Eram dois, um garoto e

uma garota, no meio de um bando de garotos. Não tiveram tempo de baixar o olhar. O garoto era adolescente, a acne emoldurava-lhe o rosto com algum sucesso. A garota era mais nova, mas tinha uns olhos frios e duros. Retribuí o olhar. O que me importava? Eles eram humanos, não podiam ver o que eu era. Deixe-os olhar.

Passados alguns segundos, não agüentaram mais; desviaram o olhar. Encolhi os ombros e fiz menção de me afastar. O homem na banca tossiu ruidosamente. Voltei a colocar *My Magic Mirror*™ na bandeja dele, esbocei-lhe um sorriso elegante e segui o meu caminho.

As crianças vieram atrás de mim.

Avistei-as na tenda seguinte, observando por trás de uma banca de algodão doce. Deslocavam-se em bando — talvez umas cinco ou seis, não tinha bem certeza. O que quereriam? Um assalto? Se sim, por que me teriam escolhido? Havia aqui dúzias de candidatos melhores, mais gordos e mais ricos. Para me certificar, colei-me a um turista muito pequeno de aspecto abastado com uma máquina fotográfica gigante e óculos grossos. Se eu quisesse assaltar alguém, ele viria no topo da minha lista. Mas quando o deixei e comecei a andar em círculos entre a multidão, as crianças vieram imediatamente atrás também.

Estranho. E aborrecido. Não queria efetuar uma mudança e sair dali voando; estava muito cansado. Tudo o que queria era que me deixassem em paz. Ainda faltavam muitas horas para a alvorada.

Acelerei também; as crianças imitaram-me. Ainda não tínhamos dado três voltas na praça e já me fartara. Dois policiais haviam estado a observar os nossos movimentos e muito provavelmente iriam abordar-nos, nem que fosse apenas para não ficarem tontos. Estava na hora de partir. O que quer que estes garotos pretendessem, eu não desejava que mais atenções recaíssem

sobre a minha pessoa.

Havia uma passagem inferior perto dali. Desci apressadamente as escadas, ignorei a entrada para o Metropolitano e reapareci do outro lado da rua, em frente à praça central. Os garotos tinham desaparecido — talvez se encontrassem na passagem inferior. Era agora a minha oportunidade. Virei uma esquina de rua, passei por uma livraria e enfiei-me num beco. Aguardei ali um pouco, nas sombras, entre os caixotes de lixo.

Dois carros seguiram até o fundo do beco. Ninguém me seguia.

Permiti-me um breve sorriso. Julguei que os tinha despistado.

Estava enganado.

7

O garoto egípcio seguiu pelo beco, virou duas vezes à direita e foi dar em uma das muitas ruas que irradiam de Trafalgar Square. Ia revendo os meus planos pelo caminho.

Esquecer a praça. Muitas crianças irritantes por ali. Mas, talvez se eu encontrasse um abrigo próximo, o pulsar do Amuleto fosse difícil de localizar pelas esferas. Podia esconder-me atrás de uns caixotes de lixo até a manhã chegar. Era a única opção. Estava muito cansado para andar de novo pelos céus.

E queria tempo para pensar.

A velha dor recomeçara, latejando no meu peito, estômago e ossos. Não era saudável estar encerrado dentro de um corpo durante tanto tempo. Como é que os humanos conseguem agüentar sem enlouquecer por completo, acho que nunca o vou saber[21].

[21] Por outro lado... talvez isso explique muita coisa.

Caminhei penosamente pela rua escura e fria, olhando para o meu reflexo que passava fugazmente pelos quadrados vazios das janelas a meu lado. Os ombros do garoto estavam curvados por causa do vento, as suas mãos enfiadas fundo, nos bolsos do blusão. Os seus tênis raspavam no cimento armado. A sua postura exprimia perfeitamente a contrariedade que eu sentia. O Amuleto batia no meu peito a cada passo. Se estivesse ao meu alcance, tê-lo-ia arrancado e arremessado para o caixote mais próximo, antes de me desmaterializar, todo ofendido. Mas tinha de acatar as ordens que a criança me dera[22]. Tinha de conservá-lo comigo.

[22] Houve casos em que um espírito tentou recusar uma ordem dada. Numa ocasião memorável, Asmoral, o *Resoluto,* foi instruído pelo seu amo para destruir o *djinni* Ianna. Mas há muito que Ianna era o aliado mais chegado de Asmoral e um forte afeto os unia. Apesar das ordens cada vez mais severas do amo, Asmoral recusou-se a agir. Infelizmente, apesar de sua força de vontade rivalizar com o desafio, a sua essência estava presa à compulsão irresistível da ordem do mago. Não tardou que, em virtude de não ceder, fosse literalmente dividido em dois. A conseqüente explosão de matéria destruiu o mago, o seu palácio e um subúrbio distante de Bagdá. Após este trágico acontecimento, os magos aprenderam a usar de cautela quando ordenavam ataques diretos a espíritos renitentes (a magos renitentes já era outra questão). Pelo que nos toca, aprendemos a evitar conflitos de princípios. Conseqüentemente, as lealdades entre nós são temporárias e suscetíveis de mudança. A amizade é essencialmente uma questão de estratégia.

Segui por uma rua lateral, afastando-me do tráfego. A escuridão aglomerada de edifícios altos avançava de ambos os lados, oprimindo-me. As cidades deprimem-me, quase como se estivesse debaixo do solo. Londres é particularmente péssima — cinzenta, fria, carregada de odores e chuva. Faz-me ansiar pelo sul, pelos desertos e pelo céu completamente azul.

Havia outro beco do lado esquerdo, atulhado de papelão e jornais. Automaticamente, inspecionei todos os planos, não vi nada. Servia perfeitamente. Rejeitei as duas primeiras soleiras de porta por razões de higiene. A terceira estava seca. Sentei-me ali.

Já era tempo de analisar os acontecimentos daquela noite. Fora bastante agitada. Havia o garoto de rosto pálido, Simon Lovelace, o Amuleto, Jabor, Faquarl... Estava rodeado por uma bela mistura infernal. Mesmo assim, o que importava? Ao raiar do dia, podia entregar o Amuleto e livrar-me de vez daquela confusão deplorável.

Exceto da minha pendência com o garoto. Ele iria pagá-las, e bem caro. Não se punha Bartimaeus de Uruk a dormir num beco do West End* e esperar escapar impune. Primeiro precisava saber o seu nome, depois...

* A parte mais ocidental de Londres, a zona elegante. *(NT)*

Esperem.

Passos no beco... Vários pares de botas aproximando-se.

Talvez fosse apenas coincidência. Londres é uma grande cidade. As pessoas a usam. As pessoas usam os becos. Quem quer que se aproximasse estaria provavelmente tomando um atalho para casa.

Precisamente pelo beco onde eu me encontrava escondido.

Não acredito em coincidências.

Encolhi-me no poço pouco profundo de escuridão da soleira da porta e lancei uma Ocultação sobre a minha pessoa. Uma camada de fios pretos firmemente entrelaçados cobriu-me no lugar onde estava sentado nas sombras, misturando-me com a negrura. Aguardei.

As botas aproximaram-se mais. Quem poderia ser? Uma patrulha da Polícia Noturna? Uma falange de magos enviada por Simon Lovelace? Afinal, talvez as esferas me *tivessem* localizado.

Não era nem a polícia nem os magos. Eram as crianças de Trafalgar Square.

Cinco rapazes, com a garota encabeçando o grupo. Caminhavam lentamente, olhando casualmente de um lado para o outro. Descontraí um pouco. Estava bem escondido e, mesmo que assim não fosse, não tinha nada a recear, agora que estávamos longe dos olhares públicos. Os rapazes eram grandes e de aspecto

grosseiro, mas não passavam de rapazes, vestidos de calças jeans e couro. A garota trazia um blusão de couro preto e calças que alargavam exageradamente dos joelhos para baixo. Sobrava pano suficiente para fazer um segundo par para um anão. Vinham beco abaixo, pisando o lixo. Percebi subitamente o quanto seu silêncio era fora do comum.

Duvidando, voltei a inspecionar os outros planos. Em cada um deles, estava tudo como devia estar. Seis crianças.

Escondido atrás da minha barreira, esperei que passassem.

A garota vinha à frente. Chegou junto de mim.

Seguro por trás da minha barreira, bocejei.

Um dos rapazes bateu no ombro da garota.

— Está ali — disse, apontando.

— Apanhem-no — mandou a garota.

Antes que eu tivesse oportunidade de me refazer da surpresa, três dos rapazes mais corpulentos saltaram para a soleira da porta e caíram em cima de mim. Quando tocaram nos feixes da Ocultação, os fios rasgaram-se e dissolveram-se por completo. Por um instante, fui invadido por uma onda gigantesca de couro rasgado, *aftershave* barato e odor corporal. Sentaram-se em cima de mim, socaram-me e bateram-me na cabeça. Fui tratado sem a menor cerimônia.

Resolvi então impor-me. Afinal, sou Bartimaeus.

O beco foi iluminado por uma breve descarga de calor e luz. Os tijolos da soleira da porta ficaram como se tivessem sido torrados numa chapa de ferro.

Para minha surpresa, os rapazes estavam agüentando-se. Dois deles agarraram-me os pulsos como se fossem algemas, enquanto o terceiro apertava ambos os braços em volta da minha cintura.

Repeti o efeito com maior ênfase. Começaram a

ouvir-se os alarmes dos carros na outra rua. Desta vez, confesso que esperava ficar no abraço chamuscado de três corpos carbonizados[23].

[23] Apesar do que alguns possam comentar sobre o assunto, muitos de nós não têm qualquer interesse em fazer mal aos seres humanos comuns. Claro que existem exceções, uma das quais é Jabor. Todavia, mesmo para um *djinn* de temperamento doce como eu, existe o esticar-se muito.

Mas os rapazes continuavam ali, respirando com dificuldade e tão firmemente agarrados como ventosas.

Havia algo ali que estava a me escapar.

— Agüentem firme — ordenou a garota.

Olhei para ela, ela olhou para mim. Era um pouco mais alta do que a minha presente manifestação, com olhos escuros, cabelos escuros compridos. Os outros dois rapazes estavam um de cada lado dela, como uma guarda de honra. Fiquei impaciente.

— O que você quer? — perguntei.

— Tem algo em volta do teu pescoço. — A garota possuía uma voz notavelmente autoritária e segura para alguém tão jovem. Calculei que andasse pelos treze anos.

— E quem disse?

— Tem estado bem visível nos últimos dois minutos, seu cretino. Saiu da tua *T-shirt,* quando te atacamos.

— Oh, estou vendo.

— Entregue-o.

— Não.

Ela encolheu os ombros.

— Então tiramos nós mesmos. É o teu funeral!

— Não sabe realmente quem sou, não é? — disse-o com bastante indiferença, acompanhada de um tom de ameaça. — Não é maga.

— Pode crer que não. — Proferiu rapidamente as palavras.

— Um mago saberia que não se brinca com alguém como eu. — Estava de novo a pôr em ação o fator medo, apesar de isto ser sempre problemático quando temos um bronco musculoso nos agarrando pela cintura.

A garota sorriu com frieza.

— Conseguiria um mago combater tão bem a tua maldade?

Nisso ela tinha razão. Para começar, um mago não quereria chegar perto de mim sem vir munido de feitiços e pentagramas até aos dentes. Depois, teria necessitado da ajuda de diabretes para me encontrar debaixo da minha Ocultação e, por último, precisaria de invocar um *djinni* razoavelmente peso-pesado para me subjugar. Se se atrevesse. Mas esta garota e os seus amiguinhos tinham conseguido tudo sozinhos sem parecerem particularmente aflitos.

Eu devia mais era ter soltado uma boa Detonação ou algo assim, mas estava muito cansado para algo elaborado. Recorri à ameaça oca.

Soltei uma gargalhada misteriosa.

— Ah! Estou a brincar contigo.

— Isso é ameaça oca.

Experimentei outra abordagem. Mesmo assim, confesso-me intrigado.

— Aplaudo a tua coragem por ousar dirigir-me a palavra. Se me disser o teu nome e finalidade, poderei poupá-la. De fato, até talvez possa ajudá-la. Tenho muitos dons à minha disposição.

Para meu desapontamento, a garota levou as mãos aos ouvidos.

— Não me venha com as tuas palavras ambíguas, demônio! — disse ela. — Não me deixarei tentar.

— Certamente não quer a minha inimizade — prossegui, suavemente. — É mil vezes preferível a minha amizade.

— Não me interessa nenhuma delas — retorquiu a garota, baixando as mãos. — Quero mais é isso que traz em volta do teu pescoço.

— Não pode tê-lo. Mas pode lutar, se quiser. Além das marcas que te deixará, me certificarei de emitir um sinal que trará a Polícia Noturna até nós como górgonas do inferno. Não quer a atenção *deles,* não é?

Aquilo a fez estremecer um pouco. Aproveitei a minha vantagem.

— Não seja ingênua — disse-lhe. — Pense no assunto. Está tentando roubar-me um objeto muito poderoso. Pertence a um mago terrível. Se se atrever a tocá-lo, ele a encontrará e pregará a tua pele à sua porta.

Não sei se foi esta ameaça ou a acusação de ingenuidade que a afetou, mas a garota ficou atrapalhada. Pude ver isso pela direção do trejeito dela.

Experimentei deslocar um pouco um cotovelo. O garoto correspondente aumentou a pressão no meu braço.

Soou uma sirene a algumas ruas dali. A garota e os seus guarda-costas olharam atrapalhados para o beco às escuras. Começaram a cair algumas gotas de chuva do céu encoberto.

— Chega — disse a garota. Avançou na minha direção.

— Tenha cuidado — adverti-a.

Ela estendeu uma mão. Quando o fez, abri a minha boca, muito, muito lentamente. Depois ela agarrou a corrente em volta do meu pescoço.

Em menos de um nada eu era um crocodilo do Nilo com os maxilares abertos. Dirigi-me para os dedos dela. A garota gritou e recuou bruscamente o braço,

mais depressa do que eu teria julgado possível. Os meus dentes fecharam-se a pouca distância das unhas dela em retirada. Voltei a atacá-la, agitando-me de um lado para o outro nos braços dos meus captores. A garota guinchou e caiu em cima de um monte de lixo, derrubando um dos seus dois guardas. A minha súbita transformação apanhou os três rapazes de surpresa, em particular aquele que me agarrava pelo meu amplo diafragma escamoso. Afrouxou a pressão sobre mim, mas os outros dois continuaram agarrados. A minha cauda comprida e dura desferiu golpes à esquerda, depois à direita, estabelecendo um satisfatório contato rápido com dois crânios espessos. Os cérebros, se os possuíssem, ficaram bem sacudidos; as bocas abriram-se e a pressão diminuiu.

Um dos dois guardas da garota ficara em choque apenas momentaneamente. Recompôs-se, levou a mão ao interior do blusão, retirou de lá algo brilhante.

Quando o atirou, mudei de novo.

A mudança rápida do grande (o crocodilo) para o pequeno (uma raposa) foi uma decisão de mestre, tenho que confessar. As seis mãos que se tinham esforçado por agarrar as escamas grandes viram-se subitamente a apanhar o ar quando um minúsculo molho de pêlo ruivo e garras aguçadas escapuliu por entre os seus dedos até o chão. No mesmo instante, um míssil de prata brilhante atravessou o ponto onde estivera recentemente a garganta do crocodilo e alojou-se na porta de metal do outro lado.

A raposa correu pelo beco, as patas a raspar no empedrado escorregadio.

Ouviu-se por cima dela um silvo cortante. A raposa estacou. Desceram holofotes que varreram as portas e a alvenaria. Pés em corrida seguiram as luzes.

Era tudo o que precisava. Vinha aí a Polícia No-

turna.

Quando um feixe se virou na minha direção, saltei com fluidez para a boca aberta de um saco de plástico. Cabeça, corpo, cauda — sumiram; a luz passou por cima do saco e percorreu o beco.

Apareceram então homens, a gritar, a apitar, a correr na direção onde eu deixara a garota e os seus companheiros. A seguir, um rosnar, um cheiro acre; e algo que poderia ter sido um cão grande correu atrás deles embrenhando-se na noite.

Os sons foram desaparecendo. Comodamente enroscada entre um saco de lixo a transbordar e uma grade acre de garrafas vazias, a raposa pôs-se à escuta, de orelhas espetadas para a frente. Os gritos e apitos soaram distantes e confusos, e pareceu à raposa que se fundiam e tornavam uivos agitados.

Depois o barulho desapareceu por completo. O beco ficou silencioso.

Sozinha na imundície, a raposa manteve-se escondida.

Nathaniel
8

Arthur Underwood era um mago mediano que trabalhava no Ministério da Administração Interna. Um homem solitário, de feitio algo conflituoso, vivia com a mulher, Martha, numa alta casa georgiana em Highgate.

Mr. Underwood nunca tivera um aprendiz, nem quisera tê-lo. Sentia-se feliz trabalhando sozinho. Mas sabia que, mais cedo ou mais tarde, tal como todos os outros magos, chegaria a sua vez de receber uma criança em casa.

E foi então que o inevitável aconteceu: um dia, recebeu uma carta do Ministério do Emprego, contendo o receado pedido. Com triste resignação, Mr. Underwood cumpriu a sua obrigação. Na tarde aprazada, deslocou-se ao Ministério para ir buscar o seu pupilo sem nome.

Subiu as escadas de mármore entre duas colunas de granito e entrou no salão ecoante. Era um espaço imenso e incaracterístico; os funcionários públicos passavam silenciosamente para cá e para lá, entre portas de madeira de cada lado, os seus sapatos emitindo respeitosos ruídos de passos apressados no chão. Do outro lado do salão, duas estátuas de antigos ministros do Emprego tinham sido construídas à escala heróica e, ensanduichada entre elas, estava ali uma escrivaninha, com pilhas de papéis. Mr. Underwood acercou-se. Só quando chegou bem junto à escrivaninha é que conseguiu ver, por detrás da densa muralha de volumosos processos, o rosto de um funcionário pequeno e sorridente.

— Bom-dia, cavalheiro — saudou o funcionário.

— Ministro Secundário Underwood. Vim buscar o meu aprendiz.

— Ah... sim, senhor. Estava à sua espera. Se fizer o favor de assinar uns documentos... — O funcionário remexeu numa pilha perto de si. — Não demora nada. Depois pode ir buscá-lo na sala de dia.

— «Buscá-*lo*»? Nesse caso é um garoto?

— Um garoto, de cinco anos. Muito inteligente, se os testes servem de orientação. Obviamente que está um pouco atrapalhado, no momento... — O funcionário localizou um monte de papéis e retirou uma caneta de trás da orelha. — Se fizesse o favor de rubricar cada página e assinar nas linhas pontilhadas...

Mr. Underwood efetuou floreados com a caneta.

— Os pais dele... já se foram, presumo?

— Sim, senhor. Estavam aflitos para ir embora. O tipo de costume: pegar no dinheiro e fugir, se me faço entender, cavalheiro. Quase nem se despediram dele.

— E todos os procedimentos de segurança normais?

— Os registros de nascimento dele foram retirados e destruídos, senhor, e ele recebeu instruções rigorosas para esquecer o seu nome próprio e não revelá-lo a ninguém. Agora está oficialmente em bruto. Pode começar com ele do zero.

— Muito bem. — Com um suspiro, Mr. Underwood concluiu a sua última assinatura aracneiforme e devolveu os documentos. — Se é tudo, acho melhor ir buscá-lo.

Percorreu uma série de corredores silenciosos e transpôs uma pesada porta almofadada, entrando numa sala pintada com cores vivas que estava repleta de brinquedos para entretenimento das desafortunadas crianças. Ali, entre um caricato cavalo de balanço e um feiticeiro de plástico com um cômico chapéu cônico, en-

controu um garoto pequeno de rosto pálido. Estivera chorando até há bem pouco tempo, mas agora, felizmente, desistira. Dois olhos de bordas vermelhas fitaram-no sem ver. Mr. Underwood pigarreou.

— Sou Underwood, o teu mestre. A tua verdadeira vida começa agora. Vem comigo.

A criança soltou uma sonora fungada. Mr. Underwood reparou que o queixo tremia perigosamente. Com algum desagrado, pegou na mão do garoto, obrigou-o a levantar-se e conduziu-o pelos corredores ecoantes até seu carro, que aguardava.

Na viagem de regresso a Highgate, o mago tentou por uma ou duas vezes entabular conversa, mas teve como resposta um silêncio lacrimoso. Aquilo desagradou-lhe; com um suspiro de frustração, desistiu e ligou o rádio para ouvir os resultados do críquete. A criança continuava imóvel no banco traseiro, de olhos postos nos joelhos. A mulher veio recebê-los à porta. Trazia uma bandeja com bolachas e uma caneca de chocolate fumegante, e levou logo o garoto para uma sala de estar confortável, onde um fogo crepitava na lareira.

— Não vai conseguir arrancar-lhe nada, Martha — resmungou Mr. Underwood. — Ele não abriu a boca.

— E admira-se? Está aterrado, o pobrezinho. Deixe-o comigo. — Mrs. Underwood era uma mulher pequenina, gorducha, com cabelo muito branco cortado curto. Sentou o garoto numa cadeira junto à lareira e ofereceu-lhe uma bolacha. Ele não teve qualquer reação à presença dela.

Decorreu meia hora. Mrs. Underwood conversou amenamente sobre tudo o que lhe veio à cabeça. O garoto bebeu um pouco de chocolate e mordiscou uma bolacha mas, tirando isso, olhou fixamente para a lareira. Por fim, Mrs. Underwood tomou uma decisão. Sen-

tou-se ao lado dele e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Agora, meu querido — disse ela —, vamos fazer um trato. Sei que te mandaram não revelar seu nome, mas vai abrir uma exceção comigo. Não posso conhecê-lo bem tratando-o apenas por «garoto», ou posso? Portanto, se me disser o seu nome, direi o meu — no maior segredo. O que lhe parece? Isso foi um aceno? Muito bem, então. Chamo-me Martha. E você é...?

Uma pequena fungada, uma voz muito fininha.

— *Nathaniel.*

— É um lindo nome, querido, e não se preocupe, não o direi a ninguém. Não sente-se melhor? Agora, come outra bolacha, Nathaniel, e a seguir vou mostrar-lhe o teu quarto.

Com a criança alimentada, lavada e finalmente metida na cama, Mrs. Underwood voltou para junto do marido, que estava trabalhando em seu gabinete.

— Acabou por adormecer — disse ela. — Não me surpreenderia se ele estivesse em choque — e não admira, com os pais abandonando-o desta maneira. Acho uma infâmia, arrancar uma criança do seu lar tão novinha.

— Tem sido sempre assim, Martha. Os aprendizes têm de vir de algum lugar. — O mago manteve a cabeça debruçada sobre o livro intencionalmente.

A mulher não aceitou a sugestão.

— Ele devia poder ficar com a família — prosseguiu. — Ou pelo menos vê-la de vez em quando.

Enfastiado, Mr. Underwood colocou o livro em cima da mesa.

— Sabe muito bem que isso é completamente impossível. O nome próprio dele tem de ser esquecido, senão os futuros inimigos poderão usá-lo para lhe fazer mal. Como pode ser esquecido, se a família se mantiver

em contato com ele? Além disso, ninguém *obrigou* os pais dele a separarem-se do fedelho. Eles não o queriam, a verdade é essa, Martha, senão não teriam respondido aos anúncios. É bastante evidente. Eles recebem uma quantia considerável como compensação, ele tem oportunidade de servir o seu país ao mais alto nível, e o Estado fica com um novo aprendiz. Simples. Todos saem ganhando. Ninguém sai perdendo.

— Mesmo assim...

— A *mim* não fez mal nenhum, Martha. — Mr. Underwood estendeu a mão para o livro.

— Seria muito menos cruel se os magos pudessem ensinar os seus *próprios* filhos.

— Esse caminho leva à competição de dinastias, alianças de famílias... acaba tudo em lutas sangrentas. Leia os teus livros de história, Martha: veja o que aconteceu em Itália. Por isso, não se preocupe com o garoto. Ele é jovem. Não tardará a esquecer. Agora, que tal preparar-me o jantar?

A casa do mago Underwood era o tipo de edifício esguio, simples e digno que não destoava na rua, mas que se estendia por uma distância considerável pelos fundos, numa confusão de escadas, corredores e níveis ligeiramente variáveis. Ao todo eram cinco pisos principais: o porão, cheio de prateleiras com vinhos, caixas de cogumelos e embalagens de frutos a secar; o térreo, com a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha e a marquise; os dois pisos superiores constituídos principalmente por banheiros, quartos e salas de trabalho; e, bem no alto, um sótão. Era aqui que Nathaniel dormia, debaixo de um teto muito inclinado, de vigas caiadas.

Todas as manhãs, ao raiar do dia, era acordado pelo clamor aflautado dos pombos, por cima, no telhado. Fora colocada no teto uma pequena clarabóia. Através dela, se subisse em uma cadeira, podia ver lá fora

o horizonte cinzento e chuvoso de Londres. A casa situava-se numa colina e a vista era boa; num dia de céu limpo conseguia ver ao longe a antena de rádio do Palácio de Cristal, do outro lado da cidade.

O seu quarto estava decorado com um guarda-roupa barato de aglomerado, uma pequena cômoda, uma escrivaninha e uma cadeira e uma estante ao lado da cama. Todas as semanas, Mrs. Underwood colocava flores acabadas de apanhar no jardim numa jarra em cima da escrivaninha.

Desde aquele primeiro dia desafortunado, a mulher do mago tomara Nathaniel sob a sua proteção. Gostava do garoto e era bondosa para ele. Na privacidade da casa, dirigia-se muitas vezes ao aprendiz pelo seu nome próprio, apesar do manifesto desagrado do marido.

— Nós não devíamos sequer *saber* o nome do fedelho — admoestou-a. — É proibido! Ele pode ser comprometido. Quando fizer doze anos, ao atingir a maioridade, receberá o seu novo nome, pelo qual será conhecido, como mago e como homem, para o resto da sua vida. Entretanto, é um tremendo erro.

— Quem vai reparar? — protestou ela. — Ninguém. Sempre dá algum conforto ao pobre garoto.

Ela era a única pessoa a usar o nome dele. Os professores particulares chamavam-lhe «Underwood», segundo o seu mestre. Este tratava-o apenas por «garoto».

Em troca do seu afeto, Nathaniel tratava Mrs. Underwood com nítida dedicação. Bebia cada palavra dela, e seguia todas as suas orientações.

Ao cabo da primeira semana na casa, ela levou-lhe um presente ao quarto.

— Isto é para você — disse-lhe. — Está um bocado velho e é sinistro, mas achei que fosse gostar.

Era um quadro com barcos a subir um riacho, rodeados por terra lamacenta e campos rasos. O verniz escurecera tanto com o tempo que os pormenores mal se conseguiam distinguir, mas Nathaniel gostou logo dele. Observou Mrs. Underwood a pendurá-lo na parede por cima da escrivaninha.

— Vai ser um mago, Nathaniel — disse ela —, e isso é o maior privilégio que qualquer garoto ou garota pode ter. Os teus pais fizeram um derradeiro sacrifício ao abdicarem de você por este destino nobre. Não, não chore, querido. Por conseguinte, deve ser forte, esforçar-se ao máximo, e aprender tudo o que os teus professores particulares te pedirem. Ao fazê-lo, honrará não só os seus pais mas a si mesmo. Vem até à janela. Sobe na cadeira. Agora — olha para além; vê aquela pequena torre ao longe?

— Aquela?

— Não, essa é um edifício de escritórios, querido.

— A pequena castanha, ali à esquerda?

— Isso. São as Casas do Parlamento, meu querido, onde todos os magos elegantes vão, para governar a Grã-Bretanha e o nosso império. Mr. Underwood vai lá constantemente. E se você se esforçar e fizer tudo o que o seu mestre mandar, um dia também irá para lá, e eu me orgulharei muito de você.

— Sim, Mrs. Underwood. — Olhou fixamente para a torre até os olhos lhe doerem, retendo mental e indelevelmente a sua imagem. Ir ao Parlamento... Um dia seria assim. Iria efetivamente trabalhar com afinco e enchê-la de orgulho.

Com o tempo, e as constantes instigações de Mrs. Underwood, as saudades que Nathaniel sentia de casa começaram a desaparecer. A lembrança dos seus pais diminuiu e a dor dentro de si tornou-se cada vez

menor, até quase se esquecer dela. A rigorosa rotina de trabalho e estudo ajudou-o a fazer progressos: ocupava-lhe quase todo o tempo e deixava-lhe pouca margem para refletir. Nos dias úteis, a rotina começava com Mrs. Underwood a despertá-lo com duas pancadas na porta do quarto.

— O chá está aqui fora, no degrau. Para a boca, não para os dedos dos pés.

Este chamado passara a constituir um ritual desde uma manhã em que, ao descer as escadas para o banheiro, Nathaniel saíra disparado do quarto, meio atarantado, e estabelecera contato certeiro entre o pé e a caneca, mandando uma onda gigantesca de chá quente contra a parede do patamar. A mancha era ainda visível anos mais tarde, como a marca de uma gota de sangue. Felizmente, o mestre dele nunca chegara a saber do percalço. Nunca subia ao sótão.

Depois de se lavar no banheiro do piso inferior, Nathaniel vestia a camisa, calças cinzentas, meias altas cinzentas, sapatos pretos elegantes e um blusão grosso de lã que Mrs. Underwood lhe comprara. Escovava cuidadosamente o cabelo diante de um espelho alto no banheiro, mirando a figura magra e bem arranjada de rosto pálido que olhava para ele. Depois descia à cozinha pela escada dos fundos, levando os trabalhos escolares. Enquanto Mrs. Underwood preparava os flocos de cereais e a torrada, ele tentava acabar os trabalhos de casa que tinham ficado por fazer na véspera à noite. Com freqüência, Mrs. Underwood esforçava-se por ajudá-lo.

— Azerbeijão? A capital é Baku. Creio.

— Bakoo?

— Sim. Procura no teu atlas. Para que está aprendendo isso?

— Mr. Purcell diz que tenho de conhecer a fun-

do o Oriente Médio esta semana — aprender os países e outras coisas.

— Não fique tão triste. A torrada está pronta. Bem, é importante que aprenda todas essas «coisas» — tens de conhecer os antecedentes, para chegar depois às partes interessantes.

— Mas é tão *chato*.

— Isso é o que você acha. Já estive no Azerbeijão. Baku parece uma lixeira, mas é um centro importante para investigar os *afrits*.

— O que são?

— Demônios do fogo. A segunda forma de espírito mais poderosa. O elemento ígneo é muito forte nas montanhas do Azerbeijão. Foi também onde começou a fé de Zoroastro; eles veneram o fogo divino que se encontra em todas as coisas vivas. Se está procurando o creme de chocolate, está atrás dos cereais.

— Viu um *djinni* quando esteve lá, Mrs. Underwood?

— Não precisa ir a Baku, Nathaniel, para ver um *djinni* — e não fale com a boca cheia. Está enchendo a minha toalha de migalhas. Não, os *djinn* virão ter contigo, especialmente se estiver aqui em Londres.

— Quando é que vou ver um *freet?*

— Um *afrit*. Não por muito tempo, se souber o que te convém. Agora apresse-se... Mr. Purcell está à sua espera.

Depois do café-da-manhã, Nathaniel reunia os manuais escolares e dirigia-se à sala de trabalho do primeiro andar, onde Mr. Purcell estava efetivamente à espera dele. Este professor era um homem jovem com cabelo louro ralo, que compunha freqüentemente num esforço vão para esconder o couro cabeludo. Vestia um terno cinzento grande demais para ele e usava uma seqüência alternada de gravatas horríveis. O seu nome

próprio era Walter. Muitas coisas deixavam-no nervoso, e só de ter de falar com Mr. Underwood (a que era obrigado, esporadicamente) ficava logo particularmente tenso. Como resultado dos nervos, descarregava as suas frustrações em Nathaniel. Era um homem muito honesto para ser realmente bruto com o garoto, que era um aluno aplicado; tendia antes a corrigir de mau humor os erros dele, latindo como um cachorrinho.

Nathaniel não aprendeu qualquer magia com Mr. Purcell. O professor não conhecia nenhuma. Tinha antes de se aplicar noutras disciplinas, principalmente Matemática, Línguas Modernas (Francês, Checo), Geografia e História. A política também era importante.

— Muito bem, jovem Underwood — dizia Mr. Purcell. — Qual é o principal objetivo do nosso nobre Governo? — Nathaniel ficou a olhar inexpressivamente. — Vamos lá! Vamos lá!

— Governar-nos, senhor?

— *Proteger-nos*. Não se esqueça de que o nosso país está em guerra. Praga ainda controla as planícies orientais da Boêmia, e nós esforçamo-nos por afastar os seus exércitos da Itália. Agitadores e espiões andam à solta em Londres. Se o Império se quer manter inteiro, tem de haver um governo forte, e forte significa magos. Imagine o país sem eles! Seria impensável: os *comuns* ocupariam o poder! Mergulharíamos no caos e seguir-se-ia rapidamente a invasão. Tudo o que há entre nós e a anarquia são os nossos líderes. É a isto que deve aspirar, garoto. A fazer parte do Governo e governar honrosamente. Lembre-se disso.

— Sim, senhor.

— A honra é a qualidade mais importante para um mago — prosseguiu Mr. Purcell. — Ele ou ela tem um enorme poder, e deve usá-lo com discrição. No passado, houve magos malfeitores que tentaram derru-

bar o Estado: foram sempre derrotados. Porquê? Porque os verdadeiros magos lutam com a virtude e a justiça ao lado deles.

— Mr. Purcell, *o senhor* é mago?

O professor passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Não, Underwood. Não fui... selecionado. Mas continuo a servir o melhor que posso. Agora.

— Nesse caso, é um comum?

Mr. Purcell bateu com a palma da mão na mesa.

— Por favor! *Eu* é que faço as perguntas! Pegue no transferidor. Vamos passar à Geometria.

Pouco depois do seu oitavo aniversário, o currículo de Nathaniel foi alargado. Começou a estudar Química e Física por um lado, e a história da religião por outro. Iniciou várias outras línguas, incluindo Latim, Aramaico e Hebreu.

Estas atividades ocupavam Nathaniel das nove da manhã até o almoço, à uma, altura em que descia à cozinha para devorar sozinho os sanduíches que Mrs. Underwood deixara para ele debaixo de um invólucro úmido de película aderente.

De tarde, o horário era variado. Em dois dias da semana, Nathaniel prosseguia o trabalho com Mr. Purcell. Nas outras duas tardes era escoltado rua abaixo até uns banhos públicos, onde um homem corpulento com um bigode moldado como um pára-lamas supervisionava um regime punitivo. Juntamente com um grupo de outras crianças pequenas maltrapilhas, Nathaniel tinha de fazer um número infindável de voltas na piscina usando todos os estilos concebíveis de braçadas.

Mostrava-se sempre muito tímido e esgotado para falar muito com os seus colegas nadadores, e eles, tomando-o pelo que era, mantinham a distância. Já com oito anos de idade, era evitado e deixado sozinho. As

outras duas atividades vespertinas eram música (quintas-feiras) e desenho (sábado). Nathaniel receava ainda mais a música do que a natação. O seu professor particular, Mr. Sindra, era um homem obeso e irascível cujas papadas tremiam quando caminhava. Nathaniel não tirava os olhos daquelas papadas: se os seus tremores aumentavam, era o sinal certo de um acesso de raiva. As fúrias vinham com uma regularidade deprimente. Mr. Sindra mal conseguia conter a sua fúria sempre que Nathaniel atropelava as escalas, trocava as notas ou falhava na leitura à primeira vista, e estas coisas sucediam amiúde.

— Como — berrou Mr. Sindra — se propõe chamar uma lâmia* tocando desta maneira? Como? A mente atrapalha-se! Dá-me aqui isso! — Arrancou a lira da mão de Nathaniel e encostou-a ao seu peito amplo. Depois, os seus olhos fecharam-se, enlevado. Uma doce melodia encheu a sala de trabalho. Os dedos curtos e gordos moviam-se como salsichas dançantes sobre as cordas; lá fora, as aves pararam na árvore, para escutar. Os olhos de Nathaniel encheram-se de lágrimas. Recordações do passado distante vaguearam, espectrais, diante de si...

* Monstro fabuloso com cabeça de mulher e corpo de serpente. *(NT)*

— Agora você! — A música cessou com um guincho destoante. A lira foi empurrada na direção dele. Nathaniel começou a tanger as cordas. Os seus dedos atrapalharam-se e falharam; lá fora, várias aves abandonaram a árvore, pasmadas. Os maxilares de Mr. Sindra tremeram como tapioca fria.

— Idiota! Pára! Quer que a lâmia te coma? Ela deve ser enfeitiçada, não levada à fúria! Pousa esse po-

bre instrumento. Vamos experimentar as flautas de Pã.

Flautas ou lira, voz coral ou toque de sistro — o que quer que Nathaniel tentasse, as suas diligências vacilantes eram recebidas com berros de ultraje e desespero. Fazia enorme diferença das suas lições de desenho, que decorriam pacificamente e bem sob a orientação da sua professora particular, Ms. Lutyens. Graciosa e afável, era a única, dos seus professores, com quem Nathaniel podia falar livremente. Tal como Mrs. Underwood, ela tinha pouco tempo para o seu estatuto de «inominado». Confidencialmente, perguntara-lhe o nome, e ele dissera-o sem qualquer hesitação.

— Porque é que — perguntou-lhe numa tarde de Primavera, quando estavam sentados na sala de trabalho com uma brisa fresca a entrar pela janela aberta —, tenho de passar todo o meu tempo copiando este motivo? Não só é difícil *como* monótono. Preferia estar desenhando o jardim, ou esta sala — ou *a senhora,* Ms. Lutyens.

Ela riu-se dele.

— O esboço está muito bem para os artistas, Nathaniel, ou para as jovens ricas que não têm mais nada para fazer. Você não vai se tornar um artista ou uma jovem rica e a finalidade de pegar no teu lápis é muito diferente. Você é um artífice, um desenhista técnico — tem de ser capaz de reproduzir qualquer motivo que quiser, rápida e confiantemente e, acima de tudo, *rigorosamente.*

Ele olhou de forma soturna para o papel em cima da mesa, entre ambos. Mostrava um motivo complexo de ramos, flores e folhagem, com formas abstratas encaixadas habilidosamente no meio. Estava recriando a imagem no seu caderno de esboços e já trabalhava nela há duas horas, sem parar. Ainda ia pela metade.

— Parece tão inútil, é tudo — disse com voz dé-

bil.

— Inútil não é — replicou Ms. Lutyens. — Deixe-me ver o teu trabalho. Bem, não está mal, Nathaniel, nada mau mesmo, mas, repare — não acha que esta abóbada está muito maior do que a original? Vê aqui? E deixou um buraco neste caule — não é um erro nada bom.

— É apenas um *pequeno* erro. O resto está bem, não está?

— A questão não é essa. Se estivesse copiando um pentagrama e deixasse um buraco nele, o que aconteceria? Podia custar-lhe a vida. Não quer morrer já, não é, Nathaniel?

— Não.

— Muito bem, então. Não pode simplesmente cometer erros. Senão eles te apanham. — Ms. Lutyens recostou-se na cadeira. — Na verdade, devia obrigá-lo a recomeçar isto.

— Ms. Lutyens!

— Mr. Underwood não esperaria outra coisa. — Fez uma pausa, para refletir. — Mas, pelo teu grito de angústia, presumo que seja escusado esperar que o fizesse melhor, se tivesse de repetir. Vamos parar por hoje. Porque não vai até o jardim? Parece que está precisando apanhar ar.

Para Nathaniel, o jardim da casa era um local de solidão e recolhimento temporários. Ali não havia lições. Não tinha recordações desagradáveis. Era comprido e estreito, rodeado por um muro alto de tijolo vermelho. Rosas trepadeiras cresciam junto a este no Verão e seis macieiras lançavam flores brancas na relva. Dois rododendros estendiam-se na largura pelo meio do jardim — para lá deles situava-se uma área protegida, escondida, na sua maior parte, das muitas janelas escancaradas da casa. Aqui, a relva era comprida e úmida. Um

castanheiro-da-índia num jardim vizinho erguia-se por cima, e um banco de pedra, verde dos liquens, repousava à sombra do muro. Junto ao banco havia uma estátua de mármore de um homem segurando um raio na mão. Vestia um casaco de estilo vitoriano e tinha umas suíças gigantescas que sobressaíam das suas faces como as pinças de um escaravelho. A estátua fora desgastada pelo tempo e estava coberta com uma fina camada de musgo, mas dava ainda uma impressão de grande energia e poder. Nathaniel estava fascinado com ela e chegara a ponto de perguntar a Mrs. Underwood de quem se tratava, mas ela limitara-se a sorrir.

— Pergunta ao teu mestre — respondeu-lhe. — Ele sabe tudo.

Mas Nathaniel não se atreveu a perguntar.

Era para este local de repouso, com a sua solidão, o seu banco de pedra e a sua estátua de um mago desconhecido, que Nathaniel vinha sempre que precisava se acalmar, antes de uma lição com o seu mestre frio e sinistro.

9

Entre os seis e os oito anos de idade, Nathaniel visitava o mestre apenas uma vez por semana. Estas ocasiões, nas tardes de sexta-feira, eram objeto de grande ritual. Após o almoço, Nathaniel tinha de ir lá em cima lavar-se e mudar de camisa. Depois, precisamente às 2.30h, apresentava-se à porta da sala de leitura do mestre no primeiro andar. Batia três vezes, após o que uma voz o mandava entrar.

O mestre estava reclinado numa cadeira de vime, diante de uma janela que dava para a rua. O seu rosto encontrava-se com freqüência na sombra. A luz da janela espalhava-se à volta dele numa bruma nebulosa. Quando Nathaniel entrava, uma mão comprida e magra indicava-lhe as almofadas empilhadas no divã oriental encostado à parede oposta. Nathaniel tirava uma almofada e colocava-a no chão. Depois sentava-se, com o coração batendo forte, esforçando-se por captar qualquer alteração na voz do mestre, aterrado por não perder algo.

Nos primeiros anos, o mago costumava contentar-se em interrogar o garoto sobre os seus estudos, convidando-o a falar de vetores, álgebra ou os princípios da probabilidade; pedia-lhe que descrevesse brevemente a história de Praga ou relatasse, em francês, os principais acontecimentos das Cruzadas. Quase sempre, as respostas satisfaziam-no — Nathaniel aprendia com imensa rapidez.

Em raras ocasiões, o mestre fazia sinal ao garoto para que se calasse no meio de uma resposta e começava a falar dos objetivos e limitações da magia.

— Um mago — dizia ele — é um manejador do poder. Um mago exerce a sua vontade e efetua a mu-

dança. Consegue fazê-lo por motivos egoístas ou virtuosos. Os resultados dos seus atos podem ser bons ou maus, mas só o mago *mau* é um incompetente. Qual é a definição de incompetência, garoto?

Nathaniel agitou-se na sua almofada.

— Perda de controle.

— Correto. Desde que o mago não perca o controle das forças que desencadeou, continua a ser — o que é que ele continua a ser?

Nathaniel balançou-se para trás e para a frente.

— Ãã...

— Os três Ss, garoto, os três Ss. Usa essa cabeça.

— Seguro, secreto, sólido, senhor.

— Correto. Qual é o grande segredo?

— Os espíritos, senhor.

— Demônios, garoto. Trate-os pelo seu nome. O que é que nunca se deve esquecer?

— Que os demônios são malvados e nos farão mal se puderem, senhor. — A sua voz tremeu quando falou.

— Muito bem, muito bem. Que excelente memória possui, não há dúvida. Cuidado com a forma como pronúncia as palavras — reparei que a tua língua se atrapalhou ali. A pronúncia incorreta de uma sílaba no momento errado pode dar a um demônio precisamente a oportunidade que procurava.

— Sim, senhor.

— Portanto, os demônios são o grande segredo. As pessoas comuns tem conhecimento da sua existência e sabe que conseguimos nos comunicar com eles — por isso nos temem tanto! Mas não entendem toda a verdade, ou seja, que *todo* o nosso poder provém dos demônios. Sem a ajuda deles não passamos de prestidigitadores e charlatães baratos. A nossa única capacidade é chamá-los e submetê-los à nossa vontade. Se o fizermos

corretamente, eles terão de obedecer-nos. Se cometermos o menor erro, eles caem sobre nós e desfazem-nos. Estamos num terreno muito delicado, garoto. Quantos anos tem agora?

— Oito, senhor. Faço nove para a semana.

— Nove? Ótimo. Então para a semana iniciaremos os teus estudos de magia propriamente dita. Mr. Purcell tem estado a dar-te boas bases para os conhecimentos essenciais. Daqui para a frente encontraremo-nos duas vezes por semana, e vou começar a iniciar-te nos dogmas centrais da nossa ordem. Contudo, por hoje terminaremos com a recitação do alfabeto hebraico e os seus doze primeiros números. Comece.

Sob a orientação do seu mestre e dos seus professores particulares, a educação de Nathaniel progrediu rapidamente. Gostava de relatar os seus progressos diários a Mrs. Underwood e deliciar-se com os calorosos elogios dela. Ao anoitecer, olhava pela sua janela, para o brilho amarelo distante que assinalava a torre dos edifícios do Parlamento, e sonhava com o dia em que entraria lá como mago, como um dos ministros do nobre Governo.

Dois dias após o seu nono aniversário, o mestre apareceu na cozinha enquanto ele estava tomando o café-da-manhã.

— Deixa isso e vem comigo — disse o mago.

Nathaniel seguiu-o pela entrada até à sala que servia de biblioteca ao mestre. Mr. Underwood sentou-se ao lado de uma estante grande cheia de volumes de todos os tamanhos e cores, desde pesados dicionários muito antigos, com encadernação de couro, a livros de bolso amarelos e muito usados, com símbolos místicos rabiscados nas lombadas.

— Estas vão ser as tuas leituras nos próximos três anos — disse-lhe o mestre, batendo na parte de

cima da estante. — Antes de completar doze anos, deverá estar familiarizado com tudo o que contém. Os livros estão escritos em inglês médio, latim, checo e hebraico na sua maior parte, apesar de encontrar também algumas obras cópticas* sobre os rituais egípcios dos mortos. Existe um dicionário cóptico para te ajudar a lê-las. Cabe-te ler tudo isto; não tenho tempo para te mimar. Mr. Purcell manterá as línguas em regime intensivo. Entendido?

* idioma dos Coptos; *(no pl.)* cristãos que habitaram o Egito e a Abissínia.

— Sim, senhor. Senhor?

— O que é, garoto?

— Quando tiver lido tudo isto, senhor, saberei tudo o que é preciso? Quer dizer, para ser um mago. Parece-me uma imensidade.

O mestre suspirou; as suas sobrancelhas subiram até aos céus.

— Olha atrás de ti — disse-lhe.

Nathaniel virou-se. Atrás da porta estava uma estante que ia do chão ao teto; transbordava de centenas de livros, cada um mais volumoso e mais poeirento do que o anterior, o tipo de livros que, podia afirmar-se sem sequer abri-los, estava impresso em letra minúscula, em colunas duplas em cada página. Nathaniel engoliu em seco.

— Trate de ler aqueles — respondeu o mestre com secura —, e talvez chegue a algum lugar. Cada estante contém os ritos e fórmulas encantatórias de que precisa para chamar demônios importantes e não irá usá-las enquanto for adolescente, por isso tira daí o sentido. *A tua* estante — bateu de novo na madeira — proporcionará os conhecimentos preliminares e é mais

do que suficiente no momento. Muito bem, siga-me.

Passaram a uma sala de trabalho onde Nathaniel nunca estivera. Um grande número de garrafas e frascos pequenos encontrava-se acumulado ali em prateleiras manchadas e sujas, cheias de líquidos de várias cores. Algumas das garrafas tinham objetos flutuando lá dentro. Nathaniel não soube dizer se era o vidro grosso e curvo das garrafas que fazia os objetos parecerem tão distorcidos e estranhos.

O mestre sentou-se num banco a uma mesa de trabalho simples de madeira e fez sinal a Nathaniel para que se sentasse ao lado. Puxou uma caixa estreita para junto dele. Nathaniel abriu-a. Lá dentro havia um par de óculos. Uma recordação distante fez com estremecesse bruscamente.

— Bem, tire-os da caixa, garoto; eles não mordem. Muito bem. Agora, olhe para mim. Olhe-me nos olhos. O que vê?

Contrafeito, Nathaniel olhou. Teve imensa dificuldade em fitar os olhos ferozes e escaldantes do velho e, como conseqüência, ficou paralisado. Não viu nada.

— Então?

— Hum, hum... lamento, eu não ...

— Olhe para as minhas íris — vê alguma coisa?

— Hum...

— Oh, palerma! — O mestre soltou um grito de frustração e puxou para baixo a pele sob cada olho, revelando o seu interior vermelho. — Não consegue vê-la, garoto? Uma *lente,* garoto! Uma lente de contato! Em volta do meio do meu olho! Está vendo?

Desesperadamente, Nathaniel olhou novamente, e desta vez viu um tênue rebordo circular, fino como um traço de lápis em volta da íris, fechando-a lá dentro.

— Sim, senhor — respondeu avidamente. — Sim, estou vendo.

— Já não era sem tempo. — O mestre voltou a sentar-se no banco. — Quando fizer doze anos, acontecerão duas coisas importantes. Primeira, receberá um novo nome, que tomará como teu. Porquê?

— Para evitar que os demônios se apoderem de mim descobrindo o meu nome próprio, senhor.

— Correto. Os magos inimigos são igualmente perigosos, claro. Em segundo lugar, terá o teu primeiro par de lentes, que pode usar sempre. Elas permitirão detectar um pouco as manhas dos demônios. Até lá, usará estes óculos, mas apenas quando instruído, e em circunstância alguma poderão sair desta sala de trabalho. Entendido?

— Sim, senhor. Como é que eles me ajudam a ver as coisas, senhor?

— Quando os demônios se materializam, podem adotar todo o tipo de formas falsas, não apenas neste domínio material, mas também noutros planos de percepção — vou ensinar-lhe estes planos em breve; não me questione sobre eles agora. Alguns demônios do tipo superior podem até tornar-se invisíveis; a maldade das suas ilusões não tem fim. As lentes, e em menor escala os óculos, permitem-lhe ver imediatamente os vários planos, dando-lhe a oportunidade de descobrir as suas ilusões. Observe...

O mestre de Nathaniel estendeu a mão para uma prateleira apinhada por trás dele e escolheu uma garrafa grande de vidro que estava vedada com cortiça e cera. Continha um líquido esverdeado salgado e um rato morto, de pêlo cerdoso acastanhado e carne pálida. Nathaniel esboçou um esgar. O mestre olhou-o com atenção.

— O que me diria sobre isto, garoto? — inquiriu.

— Um rato, senhor.

— De que tipo?

— Castanho. *Rattus norvegicus,* senhor.

— Muito bem. A designação latina também, hein? Excelente. Completamente errado, mas, não obstante, bem. Não é nenhum rato. Põe os óculos e veja de novo.

Nathaniel fez o que lhe mandavam. Os óculos eram frios e pesados no seu nariz. Espreitou através do cristal de rocha transparente, levando um instante ou dois a focar. Quando a garrafa ficou nítida, abriu a boca de espanto. O rato desaparecera. No seu lugar estava uma pequena criatura preta e vermelha de rosto esponjoso, asas de escaravelho e um ventre em forma de concertina. Os olhos da criatura estava abertos e apresentavam uma expressão aflita. Nathaniel tirou os óculos e olhou de novo o rato castanho flutuava no fluído de conserva.

— Caramba! — exclamou.

O mestre resmungou.

— Uma Vexação Escarlate, apanhada e engarrafada no Instituto Médico de Lincoln's Inn. Um diabrete menor, mas um notável disseminador de epidemia. Apenas consegue criar a ilusão de um rato no plano material. Nos outros, a sua verdadeira essência é revelada.

— Está morto, senhor? — perguntou Nathaniel.

— Hmm? Morto? Acho que sim. Caso contrário, estaria certamente furioso. Já se encontra na garrafa há pelo menos quinze anos — herdei-o do meu velho mestre.

Voltou a colocar a garrafa na prateleira.

— Vê, garoto — prosseguiu —, até os demônios menos poderosos são malvados, perigosos e evasivos. Não podemos nos distrair um só momento. Observe isto.

Retirou de trás de um bico de Bunsen uma caixa de vidro retangular que parecia não ter tampa. Seis cria-

turas minúsculas zumbiam lá dentro, batendo incessantemente nas paredes da sua prisão. De longe, pareciam insetos; quando se aproximavam, Nathaniel reparou que tinham muitas patas para poderem sê-lo.

— Estes bichinhos — disse o mestre — são possivelmente a forma mais inferior de demônio. Quase não possuem inteligência digna de menção. Não precisa dos óculos para ver a sua verdadeira forma. No entanto, até estes são uma ameaça, a menos que devidamente controlados. Reparou naqueles ferrões cor de laranja debaixo das caudas? Provocam inchaços incrivelmente dolorosos no corpo da vítima; pior ainda do que as abelhas e os vespões. Um método admirável de castigar alguém, seja um rival incômodo... seja um aluno desobediente.

Nathaniel observou os bichinhos furiosos que batiam com as cabeças no vidro. Anuiu energicamente.

— Sim, senhor.

— Coisinhas maldosas. — O mestre afastou a caixa. — No entanto, tudo o que precisam é de palavras de comando certas e obedecerão a qualquer instrução. Demonstram, assim, à menor escala, os princípios da nossa arte. Temos instrumentos perigosos que devemos controlar. Vamos agora começar a aprender a proteger-nos.

Nathaniel não tardou a descobrir que iria decorrer muito tempo antes de ser autorizado a manusear os instrumentos. Tivera lições com o mestre na sala de trabalho duas vezes por semana, e durante meses não fizera nada a não ser tomar notas. Estudara os princípios dos pentagramas e a arte das runas. Aprendera os ritos adequados de purificação que os magos tinham de observar antes de poder ter lugar o chamado. Trabalhara com o almofariz e o pilão para moer misturas de incenso que atrairiam os demônios ou manteriam afasta-

dos os indesejados. Cortara velas de vários tamanhos e dispusera-as numa série de padrões diferentes. E nem uma só vez o seu mestre chamara fosse o que fosse.

Impaciente por progredir, no seu tempo livre, Nathaniel devorara os livros da estante na biblioteca. Impressionara Mr. Purcell com o seu apetite onívoro pelo conhecimento. Trabalhara com grande afinco nas aulas de desenho de Ms. Lutyens, aplicando toda a sua sabedoria aos pentagramas que desenhava agora sob os olhos miudinhos do seu mestre. E durante todo este tempo, os óculos foram ganhando pó na prateleira da sala de trabalho.

Ms. Lutyens era a única pessoa a quem confidenciava as suas frustrações.

— Paciência — dizia-lhe ela. — A paciência é a principal virtude. Se for precipitado, falhará. E o fracasso é doloroso. Tem de estar sempre descontraído e concentrar-se na tarefa em mãos. Agora, se estiver preparado, quero que faça de novo um esboço, mas desta vez de olhos vendados.

Após seis meses desta preparação, Nathaniel assistiu pela primeira vez a um chamado. Para sua profunda contrariedade, não teve qualquer participação. O mestre desenhou os pentagramas, incluindo o secundário, onde Nathaniel deveria entrar. Não foi sequer autorizado a acender as velas e, pior do que isso, não o deixaram levar os óculos.

— Como é que vou ver alguma coisa? — perguntou ao mestre com maior impertinência do que era seu hábito; um olhar fuzilante reduziu-o imediatamente ao silêncio.

O chamado começou como uma profunda decepção. Depois das fórmulas encantatórias, que aprouve a Nathaniel constatar que compreendia na sua maior parte, não pareceu acontecer nada. Uma ligeira brisa

atravessou a sala de trabalho; de outro modo estava tudo sossegado. O pentagrama vazio permaneceu vazio. O mestre manteve-se próximo, de olhos fechados, aparentemente dormindo. Nathaniel ficou cada vez mais enfastiado. Suas pernas começavam a doer. Evidentemente que este demônio em particular decidira não aparecer. Logo a seguir, percebeu, com horror, de que várias das velas a um canto da sala de trabalho tinham tombado. Uma pilha de papéis incendiara-se e o fogo estava se espalhando. Nathaniel soltou um grito de alarme e avançou...

— Fique onde está!

O coração de Nathaniel quase paralisou com o susto. Ficou estático, com um pé no ar. Os olhos do mestre tinham-se aberto e olhavam para ele com uma imensa raiva. Numa voz atroadora, o mestre proferiu as sete Palavras de Expulsão. O fogo ao canto da sala desapareceu, e com ele a pilha de papéis; as velas ficaram direitas de novo e a arder silenciosamente. O coração de Nathaniel tremeu-lhe no peito.

— Saia do círculo, por favor? — Nunca ouvira tanta severidade na voz do mestre. — Tinha-lhe dito que alguns permanecem invisíveis. São mestres na ilusão e conhecem mil maneiras de distrair e tentar. Mais um passo e você mesmo teria pegado fogo. Pense nisso enquanto sente fome esta noite. Vai para o teu quarto!

Os outros chamados foram menos aflitivos. Guiando-se apenas pelos sentidos comuns, Nathaniel observou demônios numa série de formas ilusórias. Alguns pareceram animais familiares — gatos miando, cães de olhos arregalados, *hamsters* desamparados e coxos que Nathaniel estava ansioso para pegar. Avezinhas doces a saltitar e ciscar nas margens dos seus círculos. Uma vez, caiu do ar uma chuva de flores de macieira, enchendo a sala de um cheiro enebriante que o deixou

sonolento.

Aprendeu a suportar todo o tipo de incitamentos. Alguns espíritos invisíveis atacaram-no com maus cheiros que lhe provocaram vômitos; outros encantaram-no com perfume que lhe fez lembrar Ms. Lutyens ou Mrs. Underwood. Alguns tentaram assustá-lo com sons medonhos — passos sobre lama, murmúrios e gritos inarticulados. Ouviu estranhas vozes chamando, implorando, primeiro estridentes, depois tornando-se cada vez mais graves até parecerem um toque de finados. Mas fechou a mente a todas estas coisas e nunca fez menção de abandonar o círculo.

Passou um ano antes de Nathaniel ser autorizado a usar os seus óculos durante um chamado. Agora podia observar muitos dos demônios tal como eram. Outros, ligeiramente mais poderosos, mantiveram a sua ilusão mesmo nos outros planos observáveis. A todas estas mudanças desorientadoras da percepção, Nathaniel adaptou-se calma e confiantemente. As suas aulas progrediam bem, a sua serenidade também. Tornou-se mais duro, mais resistente, mais determinado em progredir.

Passou todo o tempo livre acordado a ler atentamente novos manuscritos.

O mestre estava satisfeito com os progressos do aluno e Nathaniel, apesar da sua impaciência com o ritmo da sua educação, estava encantado com o que aprendera. Era uma relação produtiva, conquanto não fosse estreita, e podia perfeitamente ter continuado assim, não fosse o terrível incidente que ocorreu no Verão que antecedeu o décimo primeiro aniversário de Nathaniel.

Bartimaeus
10

A alvorada acabou por chegar.

Os primeiros raios tímidos surgiram a leste, no céu. Uma auréola de luz emergiu ligeiramente por cima do horizonte das Docklands. Alegrei-me. Mas ela não queria chegar depressa.

Toda aquela noite fora algo de tedioso e com freqüência humilhante. Espreitara repetidamente, caminhara lentamente, segundo aquela ordem, por metade das zonas postais de Londres. Fora maltratado por uma garota de treze anos. Abrigara-me num caixote de lixo. E agora, para o cúmulo, estava acocorado no telhado da Abadia de Westminster, fingindo ser uma gárgula. A situação não podia ser pior.

Um raio de sol a elevar-se incidiu na ponta do Amuleto, que pendia do meu pescoço coberto de liquens. Refletiu, brilhante como um vidro. Automaticamente, levantei uma pata para cobri-lo, receando olhos penetrantes à espreita, mas nessa altura a preocupação não era muita.

Permanecera naquele recipiente no beco durante duas horas, o tempo suficiente para descansar e ficar profundamente impregnado do odor de couves podres. Depois, tivera a brilhante idéia de escolher para residência a pedra da abadia. Ali estava protegido pela profusão de ornamentos mágicos dentro do edifício — disfarçavam o sinal do Amuleto[24]. Do meu novo miradouro, vira algumas esferas ao longe, mas nenhuma delas se aproximara. A noite acabara por passar e os magos tinham ficado cansados. As esferas no céu tremularam e apagaram-se. A aflição passara.

[24] Muitos grandes magos dos séculos XIX e XX tinham sido sepultados na Abadia de Westminster depois (e numa ou duas ocasiões, um pouco antes) de morrerem. Quase todos haviam levado consigo para a tumba um ou outro artefato poderoso. Isto era um pouco mais do que uma embaraçosa ostentação da sua riqueza e poder e um completo desperdício do objeto em questão. Era também uma forma rancorosa de negar aos seus sucessores qualquer hipótese de herdar o objeto — os outros magos tinham, muito justamente, relutância em recuperar os objetos das sepulturas, com receio de represálias sobrenaturais.

Quando o Sol nasceu, aguardei impacientemente o esperado chamado. O garoto dissera que me chamaria ao raiar do dia, mas estaria dormindo sem dúvida, como adolescente preguiçoso que era.

Entretanto, ordenei as minhas idéias. Uma coisa era perfeitamente evidente: o garoto não passava de um pau-mandado de um mago adulto, alguma influência negativa que tentaria fazer recair a culpa do furto sobre o garoto. Não era difícil chegar a esta conclusão — nenhum garoto da idade dele me chamaria para uma tarefa tão grande por iniciativa própria. Presumivelmente, o mago desconhecido queria desferir um golpe em Lovelace e recuperar o controle dos poderes do Amuleto. Se fosse assim, estava arriscando tudo. A avaliar pela escala da perseguição a que eu acabara de escapar, várias pessoas poderosas estavam muito preocupadas com a sua perda.

Mesmo sozinho, Simon Lovelace era um adversário de peso. O fato dele conseguir usar (e dominar) tanto Faquarl como Jabor provava-o. Nem quis pensar no que aconteceria ao garoto quando o mago o apanhasse.

Depois havia a garota, aquela não-maga cujos amigos resistiam à minha magia e conseguiam ver além

das minhas ilusões. Tinham passado vários séculos desde o meu último encontro com seres humanos do tipo deles, pelo que era intrigante encontrá-los aqui em Londres. Era difícil dizer se compreendiam ou não as implicações do seu poder. A garota não parecia sequer saber ao certo o que era o Amuleto; apenas que era um prêmio digno de se possuir. Certamente não estaria aliada a Lovelace ou ao garoto. Estranho... não conseguia ver qual o papel dela no meio de tudo isto.

Pois bem, o problema não era meu. O sol incidiu no telhado da abadia. Permiti-me uma breve e luxuosa flexão das minhas asas.

Naquele momento, veio o chamado.

Mil anzóis pareceram cravar-se em mim. Fui puxado em várias direções de uma só vez. Se resistisse muito tempo arriscava-me a dilacerar a minha essência, mas não estava interessado na demora. Queria entregar o Amuleto e ir-me embora.

Com esta ávida esperança em mente, submeti-me ao chamado, desaparecendo de cima do telhado...

...e reaparecendo instantaneamente no quarto da criança. Olhei à minha volta.

— Muito bem, o que é isto?

— Ordeno-te, Bartimaeus, que revele se executou diligente e cabalmente a tua missão...

— Claro que sim... O que acha que é isto, bijuteria? — Apontei com a minha garra de gárgula para o Amuleto que pendia do meu peito. Agitou-se e cintilou à luz trêmula das velas. — O Amuleto de Samarcanda. Era de Simon Lovelace. Agora é teu. Não tardará a voltar a ser de Simon Lovelace. Toma aqui e agüente as conseqüências. Estava a perguntar-me que pentágono é este que desenhou aqui: que runas são estas? Esta linha suplementar?

O garoto encheu o peito de ar.

— O Pentagrama de Adelbrand. — Se eu não soubesse, seria capaz de jurar que ele esboçara um sorrisinho, uma postura facial nada própria de alguém tão jovem.

O Pentagrama de Adelbrand. Aquilo significava encrenca. Tentei impressioná-lo verificando as linhas da estrela e o círculo, procurando ínfimas falhas ou curvas no giz. A seguir examinei as runas e os próprios símbolos.

— Aha! — bradei. — Escreveu isto errado! E você sabe o que isso significa, não sabe... ? — Empinei-me como um gato pronto para saltar.

O rosto do garoto adquiriu uma mistura interessante de branco e vermelho, o lábio inferior tremeu, os olhos saíram das órbitas. Deu mesmo a impressão de querer fugir dali, mas não o fez, pelo que o meu plano foi por água abaixo[25]. Apressadamente, observou as letras no chão.

[25] Se um mago abandona o círculo durante um chamado, o seu poder sobre a vítima cessa. Estava esperançoso de poder ir-me, assim, embora. Por acaso, teria também me deixado livre para abandonar o meu próprio pentagrama e apanhá-lo.

— Demônio desaforado! O pentagrama está correto — continua a prender-te!

— Pronto, menti. — Reduzi o meu tamanho. As minhas asas de pedra dobraram-se debaixo da minha corcunda. — Quer este amuleto ou não?

— Co-coloca-o no recipiente.

Havia uma pequena taça de pedra-sabão no chão, no meio, entre os dois arcos exteriores dos dois círculos. Retirei o Amuleto e, com uma certa dose de alívio interior, atirei-o com indiferença para dentro da taça. O garoto inclinou-se para ele. Pelo canto dos meus olhos, observei-o com atenção — se um pé, um dedo saísse do

seu círculo, cairia sobre ele mais depressa do que um louva-a-deus.

Mas o garoto sabia o que estava fazendo. Retirou um pau do bolso da sua bata ridícula. Preso na ponta havia um pedaço de metal em gancho, de aspecto suspeito, fazendo lembrar um *clip* torcido. Com dois puxões cautelosos, prendeu a borda da taça com o gancho e levou-a para o seu círculo. Depois pegou na corrente do Amuleto, torcendo o nariz ao fazê-lo.

— Ugh, que nojo!

— Não tenho nada a ver com isso. A culpa é da ETAR de Rotherhithe. Não, pensando melhor, a culpa é tua. Passei a noite inteira evitando a captura por tua causa. A tua sorte foi não ter mergulhado por completo.

— Foi perseguido? — Pareceu bastante ansioso. Emoção errada, garoto — experimente medo.

— Por metade das hordas demoníacas de Londres. — Revirei os meus olhos de pedra e bati com o meu bico córneo. — Não tenha ilusões, *garoto,* eles vêm para cá, de olhos amarelos e ávidos, prontos para agarrá-lo. Ficará impotente, indefeso perante o seu poder. Só tem uma chance: liberte-me deste círculo e eu ajudarei a escapar das garras deles[26].

[26] Pois é, destruindo-o pessoalmente antes deles chegarem lá.

— Acha que sou idiota?

— O Amuleto nas tuas mãos responde por si mesmo. Bem, não interessa. Cumpri a minha missão, a tarefa está concluída. Quanto ao resto da tua curta vida, adeusinho! — A minha forma tremeluziu, começou a sumir. Uma coluna de vapor ondulante saiu do chão como se para me engolir e fazer desaparecer. Era apenas uma ilusão — o Pentagrama de Adelbrand encarregar-se-ia disso.

— Não pode partir! Tenho outro trabalho para vossa mercê.

Mais do que o cativeiro renovado, eram aqueles arcaísmos esporádicos que mais me aborreciam. *«Vossa mercê», «demônio desaforado»:* Não queiram nem ver! Ninguém mais usava aquela linguagem, pelo menos, há duzentos anos. Qualquer um pensaria que ele aprendera a sua arte por algum livro velho.

Com ou sem estranhos *vossa mercês* pelo meio, ele estava coberto de razão. A maior parte dos pentagramas comuns prendem-nos apenas a um serviço. Se o executarmos, somos livres para partir. Se o mago voltar a nos solicitar, tem de repetir todo o palavreado esgotante do chamado desde o princípio. Mas o Pentagrama de Adelbrand anulava-o: as suas linhas e fórmulas encantatórias suplementares trancavam duplamente a porta e obrigavam-nos a permanecer lá até novas ordens. Tratava-se de uma fórmula mágica complexa que requeria a capacidade de resistência e concentração de um adulto, e isso proporcionou-me as munições para o meu próximo ataque.

Deixei que o vapor se dissipasse.

— Mas, afinal, onde é que ele está?

O garoto estava entretido a virar e revirar sucessivamente o Amuleto nas suas mãos pálidas. Ergueu o olhar distraidamente. — Onde está quem?

— O chefe, o teu mestre, a *éminence grise**, o poder por detrás do trono. O homem que te submeteu a este pequeno roubo, que te ensinou o que dizer e o que desenhar. O homem que permanecerá incólume nas sombras, quando os *djinn* de Lovelace estiverem arremessando o teu cadáver pelos telhados de Londres. Ele está jogando algum jogo que desconhece em absoluto, apelando à tua ignorância e vaidade juvenil.

* Em francês no original: eminência parda. *(NT)*

Ele irritou-se. Os lábios retraíram-se um pouco.

— O que será que te disse? Pergunto-me. — Adotei uma voz monocórdica e paternalista. — «Muito *bem,* meu jovem, você é um excelente magozinho como já não via há muito tempo. Diga-me, gostaria de invocar um *djinni* poderoso? De verdade? Bem, por que não fazemos exatamente isso? E depois, podemos pregar uma peça em alguém — roubar um amuleto...

O garoto soltou uma gargalhada. Inesperado, aquilo. Estava contando com um acesso de fúria ou alguma ansiedade. Mas não, ele desatou à gargalhar.

Virou o Amuleto pela última vez, depois curvou-se e voltou a colocá-lo na taça. Também inesperado. Servindo-se do pau com o gancho, empurrou a taça pelo círculo até à sua posição original no chão.

— O que está fazendo?

— Devolvendo-o.

— Não quero.

— Pegue nele.

Eu não estava disposto a entrar numa discussão com um fedelho de doze anos, em particular um fedelho que me conseguia impor a sua vontade, por isso estendi-me do meu círculo e apanhei o Amuleto.

— E agora? Quando Simon Lovelace aparecer não irei oferecer resistência, sabe. Devolverei imediatamente com um sorriso e um aceno. E indicando a cortina em que estiver escondido.

— Espere.

O garoto retirou algo brilhante de um dos bolsos interiores da sua bata volumosa. Já referi que esta bata seria cerca de três tamanhos acima do dele? Evidentemente que em tempos pertencera a um mago muito descuidado, uma vez que, além de bastante remendada,

evidenciava estragos inconfundíveis provocados pelo fogo, sangue e garras. Desejei ao garoto uma sorte idêntica.

Agora ele segurava na mão esquerda um disco brilhante — uma bola de cristal em latão muito reluzente. Passou a mão direita sobre ela algumas vezes e começou a olhar para o metal refletor com concentração passiva. Fosse qual fosse o diabrete cativo que residia no disco, não tardou a responder. Formou-se uma imagem escura; o garoto observou-a com atenção. Eu estava muito longe para ver a imagem, mas enquanto ele estava distraído, tomei a iniciativa de proceder a algumas observações por minha conta.

O quarto dele... queria uma pista quanto à sua identidade. Alguma carta endereçada a ele, talvez uma placa com o nome na bata. Ambas já tinham dado resultado antes. Não queria o nome próprio dele, evidentemente — isso seria esperar muito, mas o seu nome oficial serviria para começar[27]. Mas eu estava em maré de azar. O lugar mais privado, íntimo e significativo do quarto — a escrivaninha dele — fora cuidadosamente tapado com um espesso pano preto. Um armário ao canto estava fechado; o mesmo em relação a uma cômoda. Havia uma jarra de vidro estalado com flores frescas no meio da confusão de velas — estranho toque, este. Não fora ele que a pusera ali, calculei; por isso alguém gostava dele.

[27] Todos os magos têm dois nomes, o nome oficial e o nome próprio. O nome próprio é aquele que lhes é dado pelos pais, e porque se encontra intimamente associado à sua verdadeira natureza e essência, é uma fonte de grande força e fraqueza. Procuram mantê-lo escondido de todo mundo, pois se um inimigo o souber, ele ou ela pode vir a ter ascendência sobre eles, tal como um mago só pode chamar um *djinni* se souber o seu verdadeiro nome. Deste modo, os magos escondem os seus nomes próprios

com enorme cuidado, substituindo-os por nomes oficiais quando atingem a maioridade. É sempre útil saber o nome oficial de um mago — mas muito, muito melhor *é* descobrir o seu nome secreto.

O garoto agitou a mão por cima da bola e a superfície ficou baça. Voltou a guardar o disco no bolso, depois olhou subitamente para mim. Uh-oh. Lá vinha mais.

— Bartimaeus — começou —, ordeno-te que pegue o Amuleto de Samarcanda e o esconda no repositório mágico do mago Arthur Underwood, disfarçando-o de modo a que ele não o consiga ver, e fazendo-o tão furtivamente que ninguém, nem humano nem espírito, neste plano ou em qualquer outro, te veja entrar ou sair; ordeno-te também que volte imediatamente, silencioso e invisível, para receber mais instruções.

Quando terminou, o seu rosto estava azul, tendo dito tudo de uma assentada[28].

[28] Estritamente aconselhável quando lidamos com entidades sutis e inteligentes como o pequeno aqui. Muitas vezes, é possível interpretar uma pausa para respirar como um ponto final, que tanto pode alterar o significado das instruções como transformá-las numa confusão. Se conseguirmos interpretar erradamente algo em nosso proveito, não hesitaremos em fazê-lo.

Fitei-o ameaçadoramente.

— Muito bem. E onde é que este desafortunado mago reside?

O garoto esboçou um sorriso.

— Lá embaixo.

11

Lá embaixo... Bem, isso era surpreendente.

— Quer incriminar o teu mestre, é? Deplorável.

— Não estou incriminando-o. Só quero que o Amuleto fique a salvo, por trás de qualquer segurança que ele tenha. Ninguém vai encontrá-lo ali. — Fez uma pausa. — Mas, se isso acontecer...

— Ficará livre de perigo. Um truque típico de mago. Está aprendendo mais depressa do que a maioria.

— Ninguém vai encontrá-lo.

— Acha mesmo? Veremos.

Mesmo assim, não podia ficar ali o dia inteiro tagarelando. Envolvi o Amuleto num Encantamento, tornando-o temporariamente pequeno e dando-lhe o aspecto de uma teia de aranha à deriva. Depois enfiei-me pelo buraco de um nó da madeira na prancha mais próxima, serpenteei como um vapor através do espaço vazio debaixo do assoalho e, como uma aranha, esgueirei-me cautelosamente por uma fenda no teto do cômodo de baixo.

Estava num banheiro deserto. Tinha a porta aberta; corri para ela ao longo do estuque, o mais depressa que as minhas oito patas me conseguiram transportar. Pelo caminho, agitava as minhas mandíbulas ante o topete do garoto.

Incriminar outro mago: não era incomum. Fazia parte integrante, era inerente à atividade[29]. Porém, incriminar o nosso próprio mestre, isso é que já era incomum — na verdade, possivelmente único, num aprendiz de doze anos. Claro que, tratando-se de adultos, os magos zangam-se com uma regularidade absurda, mas não quando estão a principiar; não quando ainda estão a aprender as regras.

[29] Os magos são o grupo de pessoas mais astuto, invejoso e hipócrita da face da Terra, mesmo contando com os advogados e os acadêmicos. Veneram o poder e a detenção do mesmo, e não perdem uma oportunidade de eliminar os seus rivais. Num cálculo por alto, acho que cerca de 80% de todos os chamados estão relacionados com alguma patifaria dirigida a outro mago, ou com alguma proteção contra o mesmo. Em contraste, a maior parte dos confrontos entre espíritos não tem nada de pessoal, simplesmente porque não ocorre por nossa livre escolha. Naquele momento, por exemplo, eu não detestava de todo Faquarl em particular; bem, na verdade, isso é mentira — abominava-o, mas não mais do que antes. Seja como for, o nosso ódio mútuo levara muitos séculos, até mesmo milênios, a consolidar-se. Os magos brigam por gozo. Nós, porque é esse o nosso trabalho.

Como podia eu ter certeza de que o mago em questão era o mestre dele? Bem, a menos que as práticas milenares estivessem agora a ser abandonadas e os aprendizes fossem levados em grupo para colégios internos (muito pouco provável), não existia outra explicação. Os magos guardam os conhecimentos próximo dos seus coraçõezinhos mirrados, cobiçando o seu poder tal como o avarento cobiça o ouro, e só os transmitindo com cautela. Desde a Idade Média que os estudantes vivem sempre na casa dos seus mentores — um mestre para um aluno, dando as suas lições no maior sigilo e reserva. Do zigurate à pirâmide, do carvalho sagrado ao arranha-céu, passaram-se quatro mil anos e as coisas não mudaram.

Resumindo, então: parecia que, para salvar a sua própria pele, esta criança ingrata se arriscava a fazer recair a ira de um mago poderoso sobre a cabeça do seu inocente mestre. Estava muito impressionado. Apesar dele ter de estar mancomunado com um adulto — algum inimigo do seu mestre, possivelmente —, era um plano admiravelmente tortuoso para alguém tão jovem.

Saí pela porta na ponta das minhas oito patas. Depois vi o mestre.

Não ouvira falar deste mago, deste Mr. Arthur Underwood. Por conseguinte, presumi tratar-se de um prestidigitador menor, um amador em matéria de falsificações e trapaças que nunca se atrevera a perturbar o repouso de seres superiores como eu. Sem dúvida, quando ele passara por baixo de mim no banheiro (eu tinha, evidentemente, saído bem a tempo), correspondera ao perfil do indivíduo medíocre. Um sinal seguro disso era possuir todos os atributos venerandos que os outros seres humanos associam à magia grande e poderosa: uma cabeleira rebelde da cor da cinza de tabaco, uma comprida barba esbranquiçada que sobressaía como a proa de um navio, e um par de sobrancelhas particularmente farfalhudas[30]. Era capaz de imaginá-lo se deslocando pelas ruas de Londres com um terno de veludo preto, o cabelo a ondular atrás de si de uma certa forma misteriosa. Provavelmente agitaria uma bengala com ponta dourada, talvez até mesmo uma capa aparatosa. Sim, ele fazia jus à sua condição: muito impressionante. Em oposição ao seu aspecto atual, caminhando aos tropeções em calças de pijama, coçando as nádegas e levando um jornal dobrado debaixo do braço.

[30] Os magos menores esforçam-se muito para se encaixar neste perfil tradicional. Em contraste, os magos realmente poderosos sentem prazer em passar por contabilistas.

— Martha! — Chamou precisamente antes de fechar a porta do banheiro.

Uma mulher pequena e esférica saiu de um quarto. Felizmente, estava toda vestida.

— Sim, querido?

— Achei que tinha dito que a mulher fez a lim-

peza ontem.

— Sim, ela fez, querido. Porquê?

— Porque tem uma teia de aranha imunda pendendo do meio do teto, com uma aranha repelente lá no meio. Abominável. Devia despedi-la.

— Oh, estou vendo-a. Não se preocupe, vou falar com ela. E vou já tirá-la com a vassoura.

O grande mago manifestou o seu desagrado e fechou a porta. A mulher abanou a cabeça numa atitude indulgente e, cantarolando uma canção animada, desapareceu escada abaixo. A «abominável» aranha esboçou um gesto grosseiro com duas das suas patas, e pôs-se a andar pelo teto, arrastando a teia atrás de si.

Foram necessários vários minutos de passos miudinhos antes de localizar a entrada para o gabinete de trabalho ao fundo de um curto lance de escadas. E aqui parei. A porta encontrava-se protegida contra intrusos por um feitiço sob a forma de uma estrela de cinco pontas. Era um dispositivo simples. A estrela parecia consistir de tinta vermelha a descascar-se; no entanto, se um invasor incauto abrisse a porta seria acionada uma armadilha e a «tinta» voltaria ao seu estado original — uma série de disparos ricocheteantes.

Parece impressionante, eu sei, mas, na verdade, é algo bastante básico. Uma criada curiosa talvez ficasse perfeitamente arrasada, mas não Bartimaeus. Construí um escudo à minha volta e, tateando a base da porta com uma garra minúscula, saltei imediatamente um metro para trás.

Apareceram finas faixas cor de laranja dentro das linhas vermelhas da estrela de cinco pontas. Durante um segundo, as linhas correram como líquido, dando voltas e voltas à forma. A seguir, um jato de chama irrompeu da ponta superior da estrela, fez ricochete no teto e veio na minha direção.

Estava preparado para o impacto no meu escudo, mas ele não se deu. A chama passou completamente por cima de mim e atingiu a teia de aranha que eu arrastava. E a teia de aranha sugou-a, puxando o fogo da estrela como suco por um canudinho. Num instante acabou. A chama fora-se. Desaparecera dentro da teia de aranha, que permanecia impávida como sempre.

Com alguma surpresa, olhei à minha volta. Ficara marcada na madeira da porta do gabinete de trabalho uma estrela negra como tição.

Enquanto assistia, o feitiço começou a ficar vermelho — estava a reunir a sua carga para o intruso seguinte.

Subitamente, percebi o que sucedera. Era óbvio. O Amuleto de Samarcanda fizera o que era suposto os amuletos fazerem — protegera aquele que o usava[31]. E muito bem, pelo visto. Absorvera o feitiço sem qualquer problema. Por mim, tudo bem. Removi o meu escudo, esgueirei-me por baixo da porta e entrei no gabinete de trabalho de Underwood.

[31] Os *amuletos* são feitiços protetores; afastam o mal. São objetos passivos e, apesar de conseguirem absorver ou repelir toda a espécie de magia perigosa, não podem ser controlados ativamente pelo seu proprietário. São, por conseguinte, o oposto dos *talismãs,* que têm poderes mágicos ativos que podem ser usados a bel-prazer do seu proprietário. Uma ferradura é um amuleto (primitivo); as botas das sete léguas são uma forma de talismã.

Não encontrei quaisquer armadilhas do outro lado da porta, em qualquer dos planos, outro indício de que o mago pertencia a uma categoria relativamente baixa. (Recordei a extensa rede de defesas que Simon Lovelace criara e a que eu me esquivara com tamanha facilidade. Se o garoto julgava que o Amuleto ficaria a salvo sob a «segurança» do seu mestre, precisava pensar

melhor.) O cômodo estava arrumado, apesar de poeirento, e continha, entre outras coisas, um armário fechado à chave onde calculei que estivessem guardados os seus tesouros. Entrei pelo buraco da fechadura, arrastando a teia de aranha atrás de mim.

Uma vez lá dentro, efetuei uma pequena iluminação. Uma série deplorável de artefatos mágicos estava disposta com todo o carinho em três prateleiras de vidro. Alguns deles, como a Bolsa do Latoeiro, com a sua cavidade secreta para fazer «desaparecer» moedas, sinceramente, não tinham nada de mágico. A minha estimativa de mediocridade parece excessivamente generosa. Quase tive pena do velho. Para o bem dele, esperava que Simon Lovelace nunca aparecesse.

Havia um totem de uma ave javanesa ao fundo do armário, o bico e as plumas cinzentos do pó. Via-se que Underwood nunca mexia nele. Enfiei a teia de aranha entre a bolsa e uma pata de coelho eduardiana e coloquei-a atrás do totem. Ninguém o encontraria ali, a menos que andasse realmente à sua procura. Por fim, retirei o feitiço que o envolvia, devolvendo-o ao tamanho e à forma normais de amuleto.

Com aquilo, estava concluída a minha missão. Só restava voltar para junto do garoto. Abandonei o armário e o gabinete de trabalho sem quaisquer percalços e voltei a subir as escadas.

Foi aqui que as coisas começaram a ganhar interesse.

Dirigia-me eu, claro, de novo para o quarto no sótão, servindo-me da inclinação do teto por cima das escadas, quando, inesperadamente, o garoto passou por mim descendo. Vinha arrastado pela mulher do mago, com um ar perfeitamente enfadado. Evidentemente que acabara de ser chamado do quarto.

Fiquei logo animado. Isto era mau para ele e po-

dia ver pelo seu rosto que ele também estava ciente disso. Sabia que eu andava à solta, em algum lugar ali perto. Sabia que eu ia voltar, que a minha missão fora *«regressar para junto dele imediatamente, silencioso e invisível, a fim de aguardar novas instruções»*. Por conseguinte, ele sabia que agora eu podia segui-lo, escutando e vendo, ficando a saber mais sobre ele, e que não podia fazer nada até voltar para o quarto e entrar de novo no pentagrama.

Em suma, ele perdera o controle da situação, uma circunstância perigosa para qualquer mago.

Virei-me e fui ansiosamente no rastro deles. Fiel às minhas recomendações, ninguém me viu nem ouviu enquanto eu seguia a rastejar atrás deles.

A mulher conduziu o garoto a uma porta no térreo.

— Ele está lá dentro, querido — disse-lhe.

— Está bem — respondeu o garoto. A sua voz era suave e desinteressada, precisamente como eu gosto.

Entraram, primeiro a mulher, depois o garoto. A porta bateu tão depressa que fui obrigado a dois disparos rápidos de teia para conseguir passar pela fenda antes dela se fechar. Foi uma acrobacia e tanto — só gostaria que alguém a tivesse visto. Mas não. Silencioso e invisível, assim era eu.

Estávamos na sombria sala de jantar. O mago, Arthur Underwood, encontrava-se sentado sozinho à cabeceira de uma mesa escura, brilhante e comprida, com xícara, pires e cafeteira de prata junto de si. Continuava entretido com o jornal, dobrado ao meio em cima da mesa. Quando a mulher e o garoto entraram, ele pegou no jornal, desdobrou-o, virou a página com secura e voltou a dobrá-lo ao meio ruidosamente. Não ergueu o olhar.

A mulher encontrava-se perto da mesa.

— Arthur, Nathaniel está aqui — disse ela.

A aranha enfiara-se num canto escuro por cima da porta. Ao ouvir estas palavras permanecera imóvel, como fazem as aranhas. Mas por dentro rejubilava.

Nathaniel! Ótimo. Já era um começo.

Tive o prazer de sentir o garoto estremecer. Os seus olhos agitaram-se de um lado para o outro, sem dúvida perguntando-se se eu estaria ali.

O mago não deu mostras de ter ouvido, mas continuou embrenhado na leitura do jornal. A mulher começou a compor um arranjo bastante deplorável de flores secas na prateleira por cima da lareira. Calculei de quem era a responsabilidade da jarra no quarto do garoto. Flores mortas para o marido, frescas para o aprendiz — que intrigante.

Mais uma vez, Underwood desdobrou, virou e sacudiu o jornal, retomando a sua leitura. O garoto aguardou em silêncio. Agora que eu estava liberto do círculo e, por conseguinte, não sob o controle direto dele, tinha oportunidade de proceder a uma avaliação mais clínica dele. Despira (como é lógico) a bata andrajosa e estava sobriamente vestido com calças cinzentas e camiseta de malha. Tinha o cabelo molhado e penteado para trás. Trazia um maço de papéis debaixo do braço. Era a imagem da deferência silenciosa.

Não apresentava sinais particulares óbvios — nem verrugas, nem singularidades, nem cicatrizes. O seu cabelo era escuro e liso, o rosto a tender para o atormentado. A sua tez era muito pálida. Para um observador fortuito, era um garoto bastante comum. Mas, para a minha percepção mais instruída e despeitada, havia outras coisas a registrar: olhos argutos e calculistas; dedos que tamborilavam incessantemente nos papéis que segurava; acima de tudo, um rosto muito estudado que, através de alterações sutis, assumia qualquer expressão que fosse esperada dele. No momento, adotara um ar

submisso mas atento, que lisonjeava a vaidade de um velho. No entanto, relanceava constantemente a sala, à minha procura.

Facilitei-lhe a vida. Quando estava olhando na minha direção, dei duas corridas pequenas pela parede, agitei alguns braços, contorci alegremente o meu abdômen. Ele me viu logo, empalideceu mais do que nunca, mordeu o lábio. No entanto, não podia fazer nada em relação a mim, sem acabar por denunciar o seu jogo.

No meio da minha dança, Underwood deu subitamente sinal com um resmungo e bateu com as costas da mão no jornal.

— Olha aqui, Martha — disse ele. — Makepeace está enchendo de novo os teatros com a sua baboseira oriental *Swans of Araby*... Pergunto-lhe: alguma vez já ouviu tamanha baboseira? E, no entanto, está completamente esgotado até finais de Janeiro! Muito esquisito.

— Completamente esgotado? Oh, Arthur, queria tanto ir...

— E passo a citar: «... em que uma missionária de membros harmoniosos de Chiswick se apaixona por um *djinni* moreno...» — não só é um arcaísmo romântico, como incrivelmente perigoso, também. Semeia a desinformação entre as pessoas.

— Oh, Arthur...

— Você já presenciou um *djinn,* Martha. Alguma vez viu um «com olhos escuros que derretem o teu coração?» Talvez derretam a tua cara.

— Tem toda razão, Arthur.

— Makepeace devia ter cuidado. Uma vergonha. Eu bem que faria alguma coisa a respeito, mas ele é muito íntimo do PM.

— Sim, querido. Quer mais café?

— Não. O PM deveria estar ajudando o meu Departamento de Administração Interna, em vez de

desperdiçar o seu tempo. *Mais quatro roubos,* Martha, quatro na última semana. E desapareceram peças valiosas. Digo-lhe uma coisa, estamos nos arruinando. — Com aquelas palavras, Underwood levantou o bigode com uma mão e enfiou habilmente a borda da xícara por baixo. Bebeu longa e sonoramente. — Martha, isto está frio. Vá buscar mais café, está bem?

Com boa vontade, a mulher partiu para a sua incumbência. Quando saiu, o mago atirou o jornal para o lado e dignou-se reparar finalmente no seu aluno.

O velho resmungou.

— Então, está aqui, é?

Apesar da sua ansiedade, a voz do garoto saiu firme.

— Sim, senhor. Mandou me chamar, senhor.

— Efetivamente, mandei. Ora bem, tenho falado com os teus professores e, com exceção de Mr. Sindra, todos me deram informações satisfatórias a teu respeito. — Estendeu a mão para silenciar as imediatas articulações de agradecimento do garoto. — Sabe Deus, você não mereces, depois do que fez o ano passado. No entanto, apesar de certas deficiências, para as quais chamei repetidamente a tua atenção, verificaram-se alguns progressos nos dogmas centrais. Assim — uma pausa dramática —, sinto que chegou o momento certo de efetuar o teu primeiro chamado.

Proferiu esta última frase em tons lentos e retumbantes que se destinavam manifestamente a deixar o garoto cheio de medo. Mas *Nathaniel,* como agora muito me apraz chamar-lhe, estava distraído. Tinha uma aranha em mente.

O seu confinamento não escapou a Underwood. O mago bateu peremptoriamente na mesa para chamar a atenção do seu aluno.

— Escute-me, garoto! — disse. — Se fica atra-

palhado ante a mera perspectiva de um chamado, nunca chegará a ser mago, nem sequer agora. Um mago bem preparado não teme nada. Entende?

O garoto recompôs-se, fixou a sua atenção no mestre.

— Sim, senhor; claro, senhor.

— Além disso, estarei sempre contigo durante o chamado, num círculo adjacente. Terei à mão uma dúzia de feitiços protetores e muito rosmaninho em pó. Começaremos por um demônio inferior, um diabretezinho listrado[32]. Se tivermos êxito, passaremos a um *«mouler»*[33].

[32] Diabretezinho listrado: uma criatura inofensiva que assume o aspecto e os hábitos de uma espécie de sapo completamente desprovida de interesse.

[33] *Mouler:* ainda menos excitante do que um diabretezinho listrado, se isso fosse possível.

Um exemplo de quão desatento estava este mago é o fato de não ter conseguido reparar na chama de desprezo que brilhava nos olhos do garoto. Apenas ouviu a voz maliciosamente inquieta.

— Sim, senhor. Estou mesmo muito ansioso por isso, senhor.

— Excelente. Tem as tuas lentes?

— Sim, senhor. Chegaram a semana passada.

— Ótimo. Nesse caso só precisamos de um preparativo, e que *é*...

— Aquilo foi a porta, senhor?

— Não me interrompa, garoto. Como se atreve? O outro preparativo, que susterei se voltar a ser insolente, é a escolha do teu nome oficial. Iremos tratar disso esta tarde. Traga o Almanaque Nominativo de Loew da biblioteca depois do almoço e escolheremos juntos um nome para você.

— Sim, senhor.

Os ombros do garoto tinham decaído; a sua voz mal se ouvia. Ele não precisou me ver a saltitar na minha teia para saber que eu ouvira e compreendera.

Nathaniel não era apenas o seu nome oficial! Era o seu nome verdadeiro! O palerma chamara-me antes de votar o seu nome próprio ao esquecimento. E agora eu sabia! Underwood agitou-se na cadeira.

— Então, está esperando o quê, garoto? Não há tempo para lesmices — tem horas de estudo ainda antes do almoço. Vai embora.

— Sim, senhor; obrigado, senhor.

O garoto dirigiu-se com desinteresse para a porta. Rangendo as minhas mandíbulas de satisfação, segui-o com um salto mortal extra-especial à retaguarda com um pulo-pontapé óctuplo.

Eu tinha agora uma vantagem sobre ele. As coisas estavam um pouco mais equilibradas. Ele sabia o meu nome, eu sabia o dele. Ele tinha seis anos de experiência, eu cinco mil e dez. Era o tipo de probabilidade com que se podia trabalhar.

Acompanhei-o escada acima. Ele estava a empatar, agora, arrastando cada passo.

Vamos lá, vamos lá! Volte para o teu pentagrama. Eu corria na frente, ansioso por que a luta começasse.

Oh, a situação invertera-se, ah sim!

Nathaniel
12

Num dia de Verão, quando Nathaniel tinha dez anos, estava sentado com a sua professora particular no banco de pedra do jardim a desenhar o castanheiro-da-índia do outro lado do muro. O sol incidia nos tijolos vermelhos. Um gato cinzento e branco descansava no alto do muro, agitando ociosamente a cauda de um lado para o outro. Uma suave brisa sacudia as folhas da árvore e transportava um tênue aroma de rododendros. O musgo na estátua do homem com o raio brilhava intensamente à luz amarela do Sol. Os insetos zumbiam.

Era o dia em que tudo mudava.

— Paciência, Nathaniel.

— Já disse isso tantas vezes, Ms. Lutyens.

— E voltarei a dizê-lo, não duvido. É muito impaciente. É o teu maior defeito.

Nathaniel preencheu com irritação uma mancha de sombra.

— Mas é tão frustrante! — exclamou. — Ele nunca me deixa experimentar nada! Tudo o que me é permitido fazer é colocar as velas e o incenso e outras coisas que era capaz de fazer dormindo e de cabeça para baixo! Nem sequer me deixa falar com eles.

— E faz ele muito bem — retorquiu Ms. Lutyens com firmeza. — Lembre-se de que eu só quero o sombreado atenuado. Nada de traços carregados.

— É ridículo. — Nathaniel ficou carrancudo. — Ele não percebe do que eu sou capaz. Já li todos os livros dele, e...

— *Todos* eles?

— Bem, todos os que estão na estante pequena, e ele disse que me ocupariam até eu fazer doze anos. Ainda não tenho onze, Ms. Lutyens. Quero dizer, já aprendi as Palavras de Direção e Controle, a maior parte delas; podia dar uma ordem a um *djinni,* se ele o chamasse para mim. Mas ele nem sequer me deixa experimentar.

— Não sei o que é mais feio, Nathaniel — se a tua vaidade, se a tua petulância. Devia parar de se preocupar com o que ainda não tem e aproveitar o que tem agora. Este jardim, por exemplo. Fiquei muito contente por decidir ter a lição de hoje aqui.

— Eu venho aqui sempre que posso. Ajuda-me a pensar.

— Não me surpreende. É pacífico, isolado... e são raros os lugares assim, em Londres, por isso agradeça.

— Ele me faz companhia. — Nathaniel indicou a estátua. — Gosto dele, apesar de não saber quem é.

— Ele? — Ms. Lutyens levantou os olhos do caderno de esboços, mas continuou a desenhar. — Oh, isso é fácil. Aquele é Gladstone.

— Quem?

— Gladstone. Certamente deve saber. Mr. Purcell não te ensina a história recente?

— Já tive política contemporânea.

— Muito recente. Gladstone morreu há mais de cem anos. Ele foi um grande herói da época. Deve haver milhares de estátuas dele espalhadas por todo o país. Muito acertado, do teu ponto de vista. Deve-lhe muito.

Nathaniel ficou intrigado.

— Porquê?

— Ele foi o mago mais poderoso a tornar-se Primeiro-Ministro. Dominou a Época Vitoriana durante trinta anos e colocou as facções antagônicas de magos

sob o controle do Governo. Deve ter ouvido falar do seu duelo com o feiticeiro Disraeli, em Westminster Green? Não? Devia ir até lá. As marcas de queimado ainda podem ser vistas. Gladstone ficou famoso pela sua energia suprema e provocação implacável nas situações mais críticas. Nunca abandonou a sua causa, nem mesmo quando o caso esteve em risco.

— Caramba. — Nathaniel olhou para o rosto austero que o fitava por baixo da camada de musgo. A mão de pedra agarrava o raio folgada e confiantemente, prestes a arremessá-lo.

— Por que é que ele travou o tal duelo, Ms. Lutyens?

— Creio que Disraeli fez um comentário grosseiro a respeito de uma senhora amiga de Gladstone. Foi um grande erro. Gladstone nunca deixou ninguém insultar a sua honra, nem a dos seus amigos. Era muito poderoso e estava sempre preparado para desafiar quem o ofendesse. — Soprou o carvão do seu esboço e ergueu-o contra a luz, de forma crítica.

— Gladstone foi quem mais contribuiu para que Londres alcançasse proeminência mágica. Naquela altura, Praga era ainda a cidade mais poderosa do mundo, mas há muito que o seu tempo passara; estava velha e decadente e os seus magos digladiavam-se nos bairros de lata do Gueto. Gladstone apresentou novos ideais, novos projetos. Atraiu aqui muitos magos estrangeiros, adquirindo certas relíquias. Londres tornou-se o lugar certo para se estar. E ainda é assim, para o bem ou para o mal. Como te digo, devia estar agradecido.

Nathaniel olhou para ela.

— O que quer dizer: «Para o bem ou para o mal?» O que pode haver de mal?

Ms. Lutyens franziu os lábios.

— O sistema atual é muito vantajoso para os

magos e para alguns afortunados que os rodeiam. Um pouco menos para todos os demais. Agora... deixe-me ver como está o teu desenho.

Algo no tom dela suscitou a indignação de Nathaniel. As lições com Mr. Purcell invadiram-lhe a mente.

— Não devia falar assim do Governo — disse ele. — Sem magos, o país ficaria indefeso! Os comuns governariam e o país desmoronaria. Os magos dão as suas vidas para manterem o país seguro! Devia lembrar-se disso, Ms. Lutyens. — A sua voz pareceu bastante estridente, mesmo aos seus próprios ouvidos.

— Estou certa de que quando crescer fará muitos sacrifícios incríveis, Nathaniel. — Falou bastante mais bruscamente do que era costume. — Mas, na verdade, nem todos os países possuem magos. Muitos passam muito bem sem eles.

— Parece estar muito bem informada sobre o assunto.

— Para uma humilde professora de desenho? Será que detecto surpresa na tua voz?

— Bem, não passa de uma comum — Interrompeu-se, ruborizado. — Desculpe, não queria...

— Tem toda razão — retorquiu Ms. Lutyens rispidamente. — *Sou* uma comum. Mas os magos não têm o monopólio do conhecimento, sabe? Muito pelo contrário. E, de qualquer forma, o conhecimento e a inteligência são coisas muito diferentes. Como irá descobrir um dia.

Durante alguns minutos entretiveram-se com os papéis e os lápis e não falaram. O gato no muro deu uma patada indolente em uma vespa que por ali andava. Por fim, Nathaniel quebrou o silêncio.

— Não quis ser maga, Ms. Lutyens? — perguntou com voz débil.

Ela soltou uma pequena *gargalhada,* seca.

— Não tive esse privilégio — respondeu. — Não, sou apenas uma professora de arte e dou-me por muito satisfeita.

Nathaniel tentou de novo.

— O que faz quando não está aqui? Quero dizer, comigo.

— Estou com outros alunos, claro. O que achava — que ia para casa e andava pelos cantos sem fazer nada? Mr. Underwood não me paga o suficiente para isso, receio. Tenho de trabalhar.

— Oh. — Nunca ocorrera a Nathaniel que Ms. Lutyens pudesse ter outros alunos. De certa forma, esse conhecimento provocou-lhe uma ligeira sensação de aperto na boca do estômago.

Talvez Ms. Lutyens o sentisse; após uma breve pausa, voltou a falar de uma forma menos gélida.

— De qualquer forma — disse —, adoro as lições que dou aqui. Um dos pontos altos da minha semana de trabalho. É boa companhia, mesmo que tenha tendência para ser precipitado e julgue que sabe tudo. Por isso, anime-se e deixe-me ver como é que vai essa árvore.

Após alguns minutos de diálogo calmo sobre questões relacionadas a arte, a conversa retomou o rumo pacífico habitual, mas não tardou muito que a lição fosse suspensa pela chegada inesperada de Mrs. Underwood, toda agitada.

— Nathaniel! — exclamou. — Está aí!

Ms. Lutyens e Nathaniel levantaram-se respeitosamente.

— Procurei-o por todo lado, querido — disse Mrs. Underwood, respirando com dificuldade. — Achei que estivesses na sala de aula...

— Lamento, Mrs. Underwood — começou Ms.

Lutyens. — Estava um dia tão bonito...

— Oh, não tem importância. Tudo bem. Mas o meu marido precisa de Nathaniel imediatamente. Ele tem visitas e queria apresentá-lo.

— Está vendo? — disse Ms. Lutyens baixinho, enquanto regressavam apressados pelo jardim. — Mr. Underwood não te ignora de todo. Ele deve estar muito satisfeito contigo para te apresentar a outros magos. Ele vai exibi-lo!

Nathaniel esboçou um sorriso, mas nada disse. A idéia de conhecer outros magos deixou-o bastante constrangido. Durante todos os anos que estivera naquela casa, nem por uma só vez fora autorizado a conhecer os colegas de profissão do mestre, que de vez em quando apareciam por lá. Mandavam-no sempre para o quarto, ou ficava lá em cima em segurança, com os professores particulares. Isto era uma novidade excitante, conquanto bastante assustadora. Imaginou uma sala cheia de homens poderosos altos e carrancudos que o olhavam ameaçadoramente por cima das suas barbas hirsutas e túnicas redemoinhantes. Os joelhos tremeram-lhe antecipadamente.

— Estão na sala de estar — informou Mrs. Underwood quando entraram na cozinha. — Deixe-me ver como está... — Molhou o dedo e retirou-lhe apressadamente uma nódoa de lápis da parte lateral da testa. — Muito apresentável. Está bem, pode ir.

A sala encontrava-se cheia; nisso acertara. Estava quente dos corpos, do cheiro de chá e do esforço da conversa de cortesia. Quando Nathaniel fechou a porta e avançou para vir ocupar o único espaço vago, protegido por um aparador ornamental, as suas visões magníficas de um grupo de grandes homens ja se tinham evaporado.

Não pareciam nada ser o que eram.

Não se via uma capa. Eram muito raras as barbas visíveis, e nenhuma chegava a metade da imponência da do seu mestre. A maior parte dos homens vestia ternos escuros com gravatas ainda mais escuras; apenas alguns ostentavam complementos ousados, como um colete cinzento ou um lenço de fora do bolso do casaco. Todos calçavam sapatos pretos de verniz. Nathaniel teve a sensação de haver entrado por engano numa reunião oficial de cangalheiros. Nenhum deles se parecia com Gladstone, na força ou na postura. Alguns eram baixos, outros mal-humorados e velhos, mais do que um tinha tendência para a obesidade. Falavam entre si todos animados, bebendo chá e mordiscando bolos secos, e nenhum deles levantou a voz acima do murmúrio consensual.

Nathaniel estava profundamente desapontado. Enfiou as mãos nos bolsos e respirou fundo.

O mestre deslocava-se por entre a multidão, apertando a mão e soltando a estranha gargalhada curta e sonora sempre que um convidado dizia algo que ele julgava visar a comicidade. Avistando Nathaniel, fez-lhe sinal para que se aproximasse; Nathaniel passou por entre uma bandeja de chá e a barriga proeminente de alguém e aproximou-se.

— Eis o garoto — disse o mago bruscamente, batendo no ombro de Nathaniel num gesto sem graça. Três homens olharam-no de cima. Um era velho, de cabelo branco, com um rosto corado como um tomate seco ao sol, coberto de minúsculas rugas. Outro era um indivíduo de meia-idade, flácido e de olhos lacrimosos; a sua pele parecia fria e pegajosa, como um peixe numa banca. O terceiro era muito mais jovem e atraente, com cabelo puxado para trás, óculos redondos e uma fileira de dentes brancos e brilhantes do tamanho de um xilofone. Nathaniel fitou-os em silêncio.

— Não me parece grande coisa — comentou o homem pegajoso. Fungou e engoliu algo.

— Está aprendendo devagar — disse o mestre de Nathaniel, a sua mão batendo-lhe ainda no ombro de uma maneira abstrata que denotava a sua falta de jeito.

— É preguiçoso? — perguntou o velho. Falou com uma pronúncia tão carregada que Nathaniel mal conseguiu perceber as palavras.

— Sim, alguns garotos são. Tem de perseverar.

— Bate nele? — indagou o homem pegajoso.

— Raramente.

— Devia. Estimula a memória.

— Quantos anos você tem, garoto? — quis saber o homem mais novo.

— Dez, senhor — disse Nathaniel cortesmente. — Faço onze em Nov...

— Ainda faltam uns dois anos para ele lhe ser útil, Underwood. — O homem jovem interrompeu Nathaniel como se ele não existisse.

— Custa uma fortuna, calculo.

— O quê, cama e mesa? Claro.

— E aposto que come também como um furão.

— É ganancioso? — inquiriu o velho.

Anuiu pesarosamente.

— Sim, alguns rapazes são.

Nathaniel escutou com indignação mal contida.

— Não sou ganancioso, senhor — referiu na sua voz mais cortês. Os olhos do velho viraram-se para ele, depois voltaram a afastar-se como se não tivesse ouvido; mas a mão do mestre apertou-lhe o ombro com alguma força.

— Bem, garoto; tem que voltar para os teus estudos — disse-lhe. — Vai lá.

Nathaniel só ficou mais do que satisfeito por ir embora. Mas, quando começou a afastar-se, o jovem de

óculos levantou a mão.

— Estou vendo que tem respostas prontas — comentou. — Não teme os mais velhos.

Nathaniel nada disse.

— Naturalmente, acha que não somos superiores a ti?

O homem falou descontraidamente, mas era notório o sarcasmo na sua voz. Nathaniel percebeu logo de que não era ele a questão central e que o jovem estava a desafiar o seu mestre através dele. Achou que devia responder, mas estava tão confuso que não soube dizer sim ou não.

O homem jovem interpretou mal o silêncio dele.

— Agora acha-se muito bom para se dignar a falar conosco! — comentou com os seus companheiros e sorriu.

O homem pegajoso cobriu a boca com a mão para se rir à vontade, e o velho de rosto vermelho abanou a cabeça.

— Tch — disse.

— Ponha-se a andar, garoto — mandou novamente o mestre de Nathaniel.

— Espere, Underwood — pediu o homem jovem com um sorriso amplo. — Antes dele ir, vejamos o que ensinou a este seu protegido. Vai ser divertido, Vem cá, garoto.

Nathaniel observou o mestre, que não cruzou o olhar com o dele. Lentamente e constrangido, voltou a aproximar-se do grupo. O homem jovem estalou os dedos com um floreado e falou a toda velocidade.

— Quantos tipos de espíritos classificados existem?

Nathaniel respondeu sem hesitação.

— Treze mil e quarenta e seis, senhor.

— E não classificados?

— Petrônio considera quarenta e cinco mil; Zavattini quarenta e oito mil, senhor.

— Qual é o *modus apparendi* do subgrupo cartaginês?

— Aparecem como bebês a chorar, senhor, ou sósias do mago na sua juventude.

— Como deveriam ser castigados?

— Obrigá-los a beber uma tina de leite de burra.

— Hmmmph. Quando se chama um basilisco, quais as precauções que se deveriam tomar?

— Usar óculos espelhados, senhor. E rodear também o pentagrama com espelhos de ambos os lados, para obrigar o basilisco a olhar na direção restante, onde o aguardarão as instruções escritas.

Nathaniel estava ganhando confiança. Há muito que memorizara pormenores simples como aqueles e agradou-lhe registrar que as suas respostas infalivelmente corretas estavam deixando o jovem exasperado. O seu sucesso pusera também fim às risadas do homem pegajoso, e o velho mago, que escutava com a cabeça inclinada para um lado, chegara a anuir, contrafeito, uma vez ou duas. Reparou que o seu mestre sorria, bastante presunçosamente. «Nada disto tem mérito teu», pensou Nathaniel com desprezo. «Eu *li* tudo isto. Você não me ensinou quase nada.»

Pela primeira vez, houve uma pausa na sucessão de perguntas do homem jovem. Pareceu estar pensando.

— Está bem — disse por fim, falando agora muito mais devagar e retendo as palavras exuberantemente na língua —, quais são as seis Palavras de Direção? Em qualquer língua.

Arthur Underwood proferiu um protesto sobressaltado.

— Seja justo, Simon! Ele ainda não pode saber

isso! — Mas, no momento em que falou, Nathaniel começou a abrir a boca. Esta era uma fórmula contida em vários dos livros na estante grande do mestre, onde Nathaniel começara já a pesquisar.

— *Appare; Mane; Ausculta; Se Dede; Pare; Redi* — Apareça; Permaneça; Escuta; Submeta-se; Obedeça; Regresse. — Olhou para os olhos do jovem mago quando terminou, consciente do seu triunfo.

A assistência manifestou a sua aprovação — o seu mestre evidenciava agora um sorriso de orelha a orelha, o homem pegajoso arqueara as sobrancelhas e o velho esboçara um esgar, articulando baixinho: «Bravo». Mas o seu interrogador limitara-se a encolher os ombros desinteressadamente, como se o incidente fosse insignificante. Mostrou-se tão arrogante que Nathaniel sentiu a sua presunção transformar-se em intensa raiva.

— Os parâmetros devem ter baixado — referiu o homem jovem, retirando um lenço do bolso e limpando uma mancha imaginária na manga —, se um aprendiz atrasado *é* congratulado por papaguear algo que aprendemos todos quando ainda mamávamos nas nossas mães.

— O senhor não passa de um mau perdedor — replicou Nathaniel. Fez-se momentaneamente silêncio. Depois, o homem jovem bradou uma palavra e Nathaniel sentiu algo pequeno e compacto aterrar pesadamente sobre os seus ombros. Mãos invisíveis enfiaram-se no cabelo e puxaram-no para trás com força incrível, de modo que o seu rosto ficou virado para o teto e ele gritou de dor. Tentou levantar os braços, mas encontrou-os presos aos lados por uma hedionda espiral muscular que se enrolou à sua volta como uma língua gigante. Não conseguia ver nada a não ser o teto; dedos delicados faziam-lhe cócegas com uma sutileza horrível no pescoço exposto. Em pânico, gritou pelo seu mestre.

Alguém se aproximou, mas não era o seu mestre. Era o homem jovem.

— Seu garoto de rua arrogante — disse o homem jovem baixinho. — O que vai fazer agora? Consegue libertar-se? Não. Mas que surpresa: está impossibilitado. Sabe algumas palavras, mas não é capaz de nada. Talvez assim aprenda os perigos da insolência quando é muito fraco para replicar. Agora, desapareça da minha vista.

Algo soltou uma risada junto ao seu ouvido e, com um pontapé de pernas poderosas, retirou-se dos ombros de Nathaniel. Ao mesmo tempo, os seus braços ficaram livres. A sua cabeça pendeu para a frente; vieram-lhe lágrimas aos olhos. Tinham sido causadas pelos maus tratos ao seu cabelo, mas Nathaniel receava que pudessem parecer as lágrimas de um garotinho covarde. Limpou-as com o punho.

A sala estava em silêncio. Todos os magos tinham cessado as suas conversas e olhavam para ele. Nathaniel fitou o seu mestre, suplicando-lhe em silêncio apoio ou ajuda, mas os olhos de Arthur Underwood brilhavam de raiva — uma raiva que parecia ser-lhe dirigida. Nathaniel devolveu o olhar com determinação, depois virou-se e percorreu o corredor silencioso que se abrira para ele na sala, chegou à porta, abriu-a e saiu.

Fechou a porta cuidadosa e silenciosamente atrás de si.

Pálido e impassível, subiu as escadas.

No caminho, cruzou-se com Mrs. Underwood, que vinha descendo.

— Como foi, querido? — perguntou-lhe. — Fez boa figura? Aconteceu alguma coisa?

Nathaniel não conseguiu olhar para ela por causa da dor e da vergonha. Preparava-se para passar por ela sem responder, mas no último instante mudou de idéia.

— Correu tudo bem — respondeu. — Diga-me, sabe quem é o mago de óculos pequenos e dentes brancos e grandes?

Mrs. Underwood franziu o rosto.

— Pela descrição deve ser Simon Lovelace, espero. O Ministro Secundário do Comércio. É um dentucinho, não é? Muito promissor, segundo consta. Conheceu-o?

— Sim. Conheci. *Não é capaz de nada.*

— Tem certeza de que está bem? Parece tão pálido.

— Sim, obrigado, Mrs. Underwood. Agora vou lá para cima.

— Ms. Lutyens está à tua espera na sala de aula. *Está impossibilitado.*

— Eu vou já, Mrs. Underwood.

Nathaniel não foi para a sala de aula. Com passos lentos e decididos, dirigiu-se à sala de trabalho do seu mestre, onde o pó nos frascos sujos brilhava com a luz do Sol, obscurecendo o seu conteúdo em conserva.

Nathaniel seguiu junto à mesa antiga, que estava cheia de diagramas nos quais estivera trabalhando na véspera.

É muito fraco para replicar.

Parou e estendeu a mão para uma pequena caixa de vidro, na qual seis objetos zumbiam e rufavam.

É o que vamos ver.

Com passos lentos e decididos, Nathaniel foi até um armário de parede e puxou uma gaveta. Estava tão empenada que ficou presa a meio caminho e teve de colocar a caixa de vidro cuidadosamente em cima da superfície de trabalho antes de abri-la com dois puxões violentos. Dentro da gaveta, entre uma série de outras ferramentas, estava um pequeno martelo de aço. Nathaniel retirou-o, pegou de novo na caixa e, deixando a

gaveta aberta, saiu da sala quente.

Manteve-se nas sombras frescas do patamar, ensaiando em silêncio as Palavras de Direção e Controle. Na caixa de vidro, os seis bichinhos agitavam-se com crescente afã; a caixa vibrava nas suas mãos.

Não é capaz de nada.

A reunião estava acabando. A porta abriu-se e os primeiros magos foram saindo a conta-gotas. Mr. Underwood acompanhou-os à porta da rua. Trocaram palavras corteses, houve despedidas. Nenhum deles se deu conta do garoto de rosto pálido que observava do outro lado das escadas.

Tem de dizer o nome *depois* dos três primeiros comandos, mas *antes* do último. Não era muito difícil, desde que ele não se atrapalhasse nas sílabas mais rápidas. Reviu a frase mentalmente. Sim, sabia-a toda.

Saíram mais magos. Os dedos de Nathaniel estavam frios. Havia uma fina película de suor entre eles e a caixa que seguravam.

O jovem mago e os seus dois companheiros saíram da sala de estar. Conversavam animadamente, soltando gargalhadas a respeito de um comentário feito pelo homem de pele pegajosa. Em ritmo vagaroso, aproximaram-se do mestre de Nathaniel, que aguardava à porta.

Nathaniel agarrou o martelo com mais firmeza.

Empunhou a caixa de vidro diante de si. Tremia por dentro.

O velho agarrava a mão de Mr. Underwood. O mago jovem vinha a seguir, olhando para a rua como se estivesse ansioso para ir embora.

Em voz alta, Nathaniel proferiu os três primeiros comandos, disse o nome de Simon Lovelace e seguiu-o da palavra final.

Depois partiu a caixa.

Algo frágil a estalar, um zumbido enraivecido. Caíram estilhaços de vidro no carpete. Os seis bichinhos irromperam da sua prisão e foram disparados escada abaixo, os seus ferrões ávidos espetados para frente.

Os magos mal tiveram tempo de erguer o olhar antes dos bichinhos os atacarem. Três foram diretos ao rosto de Simon Lovelace; levantando a mão, este esboçou um gesto rápido. Instantaneamente, cada bichinho transformou-se numa bola de chamas e desviou-se diagonalmente, indo explodir contra a parede. Os outros três bichinhos desobedeceram ao seu comando. Dois atacaram o mago de rosto flácido e pegajoso; com um grito, ele recuou, tropeçou na soleira da porta e estatelou-se no caminho do jardim. Os bichinhos desviaram-se e caíram sobre ele, procurando carne à mostra. Os braços dele agitavam-se para trás e para a frente diante do rosto, mas em vão. Lograram desferir vários golpes, cada um acompanhado de um uivo de agonia. O sexto bichinho aproximou-se do velho a toda a velocidade. Ele pareceu não fazer nada, mas quando estava apenas a alguns centímetros dele, o bichinho estacou subitamente e fez inversão freneticamente, dando um salto mortal no ar. Descontrolou-se e aterrisou perto de Simon Lovelace, que o esmagou no carpete.

Arthur Underwood estivera observando aquilo, horrorizado; entretanto, recompusera-se. Avançou até à soleira, onde o convidado se contorcia no canteiro de flores e bateu palmas bruscamente. Os dois bichinhos vingativos caíram no chão, como se atordoados.

Nesta altura, Nathaniel achou por bem retirar-se enquanto era tempo.

Escapuliu para a sala de aula, onde Ms. Lutyens estava sentada à mesa, lendo uma revista. Sorriu quando ele entrou.

— Como se saiu? Parece uma festa animada, para esta altura do dia. Pareceu-me ouvir alguém quebrando vidro.

Nathaniel nada disse. Mentalmente, viu os três bichinhos explodindo inofensivamente contra a parede. Começou a tremer — de medo ou de raiva desanimada, não sabia ao certo.

Ms. Lutyens pôs-se em pé num abrir e fechar de olhos.

— Nathaniel, venha cá. O que se passa? Parece doente! Está tremendo! — Envolveu-o com o braço e deixou que a cabeça dele assentasse delicadamente no seu flanco. Ele fechou os olhos. Tinha o rosto em brasa; sentia frio e calor ao mesmo tempo. Ela continuava a falar com ele, mas não conseguia responder...

Naquele momento, a porta da sala de aula escancarou-se.

Simon Lovelace encontrava-se ali, os óculos brilhando à luz da janela. Deu uma ordem; Nathaniel foi arrancado fisicamente dos braços de Ms. Lutyens e levado pelo ar. Por um momento, ficou suspenso a meio caminho entre o teto e o chão, o tempo suficiente para vislumbrar os outros dois magos reunidos por trás do seu líder, e também, relegado para o fundo, quase fora do campo de visão, o seu mestre.

Nathaniel ouviu Ms. Lutyens gritar algo mas, como fora levantado, o sangue afluía-lhe aos ouvidos e tudo o mais era abafado.

Ficou suspenso com a cabeça, os braços e as pernas a balançar na direção do carpete e as costas para cima. Então, uma mão invisível, ou um pau invisível, bateram-lhe no traseiro. Ele gritou, contorceu-se, esperneou em todas as direções. A mão voltou a descer, com mais força do que antes. E de novo...

Muito antes da incansável mão parar, Nathaniel

deixara de espernear. Permanecia suspenso, sem energia, apenas consciente da dor pungente e da humilhação do seu castigo. O fato de Ms. Lutyens ser testemunha dele tornou-o ainda mais brutal do que podia suportar. Desejou ardentemente morrer. E quando a escuridão irrompeu e começou a levá-lo, acolheu-a com todo o seu coração.

As mãos soltaram-no, mas ele já estava inconsciente antes de atingir o chão.

Nathaniel ficou confinado ao seu quarto durante um mês e sujeitou-se a mais uma quantidade enorme de castigos e privações. Após a série inicial de penalidades, o mestre decidiu não lhe dirigir a palavra, e o contato com todos os demais — à exceção de Mrs. Underwood, que lhe levava as refeições e despejava a bacia — cessou por completo. Nathaniel não tinha aulas nem estava autorizado a ler livros. Ficava sentado no quarto de manhã à noite a olhar por entre os telhados de Londres para as distantes Casas do Parlamento.

Semelhante solidão poderia tê-lo levado à loucura, não fosse por ter descoberto uma esferográfica abandonada debaixo da cama. Com esta e algumas folhas velhas, conseguiu passar uma parte do tempo a fazer uma série de esboços do mundo para lá da janela. Quando estes se tornaram entediantes, Nathaniel dedicou-se antes a compilar um grande número de listas e notas muito pormenorizadas, que escondia debaixo do colchão sempre que ouvia passos na escada. Estas notas continham os primórdios da sua vingança.

Para grande aflição de Nathaniel, Mrs. Underwood fora proibida de falar com ele. Apesar de detectar uma certa compaixão nos modos dela, o seu silêncio proporcionava-lhe um frio consolo. Fechara-se em si mesmo e não falava quando ela entrava.

Só depois do seu mês de isolamento chegar ao

fim e de as suas lições recomeçarem é que descobriu que Ms. Lutyens fora dispensada.

13

Durante o longo Outono chuvoso, Nathaniel refugiava-se no jardim sempre que podia. Quando o tempo estava bom, levava consigo os livros das prateleiras do mestre e devorava o seu conteúdo com uma fome desmesurada enquanto as folhas caíam sobre o banco de pedra e o relvado. Nos dias chuvosos, sentava-se e observava os arbustos gotejantes, os seus pensamentos andando para cá e para lá pelos caminhos familiares da amargura e da vingança.

Realizou progressos rápidos nos estudos, pois a sua mente era movida pelo ódio. Todos os ritos de chamado, todas as fórmulas encantatórias que um mago podia reunir à sua volta para evitar um ataque, todas as palavras de poder que castigavam o demônio desobediente ou o expulsavam num ápice, Nathaniel leu-os e memorizou-os. Se se lhe deparasse um passo difícil — talvez escrito em Samaritano ou cóptico, ou escondido numa cifra rúnica tortuosa — e sentisse o seu coração esmorecer, bastava-lhe olhar para a estátua cinzenta-esverdeada de Gladstone para recuperar a sua determinação.

Gladstone vingara-se de quem quer que o ofendera: protegera a sua honra e fora elogiado por isso. Nathaniel tencionava fazer o mesmo, mas já não era movido pela impaciência; a partir de agora usá-la-ia apenas para se incentivar. Se aprendera uma dolorosa lição, fora não agir enquanto não estivesse verdadeiramente preparado, e, durante muitos meses longos e solitários, preparou-se infatigavelmente para o seu objetivo primeiro: a humilhação de Simon Lovelace.

Os livros de história que Nathaniel estudou estavam repletos de episódios em que magos rivais se ti-

nham digladiado. Às vezes, os magos mais poderosos venciam. No entanto, com freqüência, tinham sido derrotados pela ação furtiva ou pela astúcia. Nathaniel não tinha intenção de desafiar este inimigo formidável precipitadamente — pelo menos, enquanto não tivesse adquirido mais força. Derrotá-lo-ia por outros meios.

Nesta altura, as suas lições propriamente ditas constituíram uma entediante distração. Assim que foram retomadas, Nathaniel adotou de imediato uma máscara de obediência e contrição, destinada a convencer Arthur Underwood de que o seu ato malévolo era agora, para ele, uma questão da mais profunda vergonha. Esta máscara nunca caiu, nem mesmo quando submetido às tarefas mais fastidiosas e banais na sala de trabalho. Se o mestre ralhava com ele por causa de um erro sem importância, Nathaniel não permitia sequer que um indício de descontentamento se estampasse no rosto. Limitava-se a baixar a cabeça e apressava-se a reparar a falha. Por fora, era o aprendiz perfeito, obedecendo cegamente ao mestre em tudo e certamente nunca expressando a menor impaciência com o passo de caracol a que os seus estudos agora progrediam.

Na verdade, isso devia-se ao fato de Nathaniel já não considerar Arthur Underwood como seu verdadeiro mestre. Os seus mestres eram os magos de antigamente, que falavam com ele através dos livros, permitindo-lhe aprender ao seu próprio ritmo e revelando cada vez maiores prodígios à sua mente. Não o humilhavam nem o traíam.

Arthur Underwood perdera o direito à obediência e ao respeito de Nathaniel no momento em que se recusara a protegê-lo do escárnio e dos ataques físicos de Simon Lovelace. Isto, sabia Nathaniel, simplesmente não se fazia. Todo o aprendiz sabia que o seu mestre era efetivamente seu pai. Protegê-lo-ia até ele ter idade sufi-

ciente para se defender sozinho. Arthur Underwood não conseguira fazê-lo. Limitara-se a assistir à injusta humilhação de Nathaniel — primeiro na festa, depois na sala de aula. Porquê? Porque ele era covarde e temia o poder de Lovelace.

Pior do que isso, despedira Ms. Lutyens.

Das breves conversas com Mrs. Underwood, Nathaniel ficou sabendo que quando estivera suspenso de cabeça para baixo, sendo espancado pelo diabrete de Lovelace, Ms. Lutyens esforçara-se por ajudá-lo. Fora oficialmente notificada da sua «insolência e impertinência», mas insinuava-se que chegara a tentar agredir Mr. Lovelace e que só fora impedida de fazê-lo pelos companheiros dele. Quando pensava nisto, o sangue de Nathaniel fervia ainda mais intensamente do que quando pensava na sua própria humilhação. Ela tentara protegê-lo e, ao fazê-lo, ao fazer exatamente o que Mr. Underwood *deveria* ter feito, o mestre mandara-a embora.

Era algo que Nathaniel nunca conseguiria perdoar.

Com a partida de Ms. Lutyens, Mrs. Underwood era agora a única pessoa cuja companhia dava algum prazer a Nathaniel. A ternura dela preenchia os seus dias de estudo e constituía um alívio do frio desprendimento do mestre e da indiferença dos professores particulares. Mas não podia confidenciar-lhe os seus planos: eram muito perigosos. Para sua segurança e força, tinham de ser segredo. Um verdadeiro mago não devia revelar os seus projetos.

Após vários meses, Nathaniel submeteu-se ao primeiro verdadeiro teste — a tarefa de chamar um diabrete menor. Havia riscos envolvidos, pois, apesar de estar bastante confiante em relação às fórmulas encantatórias, não possuía nem um par de lentes de contato

para observar os três primeiros planos, nem recebera o seu novo nome oficial. Ambos apareceriam mediante permissão de Underwood, quando atingisse a maioridade, mas Nathaniel não podia esperar por esse dia longínquo. Os óculos da sala de trabalho ajudariam a sua visão. Quanto ao seu nome, não daria ao seu demônio qualquer oportunidade de o ficar sabendo.

Nathaniel roubara uma antiga peça de bronze laminado da sala de trabalho do mestre e cortara-a, com enorme dificuldade, num disco tosco. Durante várias semanas, polira o disco e alisara-o e voltara a poli-lo até cintilar à luz das velas e refletir a sua imagem sem imperfeições.

A seguir, esperou por um fim-de-semana em que o mestre e Mrs. Underwood estivessem fora. Assim que o carro deles desapareceu na rua, Nathaniel meteu mãos à obra. Enrolou o carpete no seu quarto e desenhou nas tábuas a descoberto dois pentagramas simples. Suando abundantemente, apesar do frio no quarto, correu as cortinas e acendeu as velas. Fora colocada uma única taça de madeira de sorveira-brava e avelaneira entre os círculos (só era exigida uma, visto que o diabrete em questão era fraco e tímido). Quando ficou tudo a postos, Nathaniel pegou no disco de bronze polido e colocou-o no meio do círculo onde o demônio devia aparecer. Depois, pôs os óculos no nariz, vestiu uma bata de laboratório esfarrapada que encontrara na porta da sala de trabalho, e entrou no círculo para começar a fórmula encantatória.

Com a boca seca, proferiu as seis sílabas do chamado e pronunciou o nome da criatura. A sua voz mudou um pouco quando falou e desejou ter-se lembrado de levar um copo com água para dentro do seu círculo. Não podia permitir-se pronunciar mal uma palavra.

Esperou, contando baixinho os nove segundos

necessários para a sua voz atravessar o vazio até ao Outro Lugar. A seguir contou os sete segundos que seriam precisos para que a criatura reagisse ao seu nome. Depois contou os três segundos para...

...um bebê nu pairava por cima do círculo, agitando os braços e as pernas como se nadasse ali. Olhou para ele com olhos carrancudos. Os seus pequenos lábios vermelhos franziram-se e libertou insolentemente uma bolha de cuspe.

Nathaniel proferiu as palavras de Prisão.

O bebê gorgolejou de raiva, sacudindo freneticamente os seus braços rechonchudos enquanto as pernas eram atraídas para baixo, na direção do disco de bronze brilhante. O comando fora muito forte: como se subitamente sugado por um ralo, o bebê alongou-se num fluxo de cor, que se deslocou em espiral no disco. Por um instante, o seu rosto irado pôde ser visto de baixo a comprimir o nariz contra a superfície de metal; depois, uma luminosidade brumosa obscureceu-o e o disco ficou mais uma vez sem nada.

Nathaniel proferiu várias fórmulas para segurar o disco e procurar armadilhas, mas estava tudo bem. Com pernas trêmulas, abandonou o seu círculo.

O seu primeiro chamado fora bem sucedido.

O diabrete aprisionado era grosseiro e descarado, mas aplicando uma pequena fórmula que se cifrou num breve choque elétrico, Nathaniel conseguiu induzi-lo a revelar vislumbres verdadeiros de coisas que aconteciam longe dali. Conseguiu reproduzir conversas que escutara, bem como revelá-las visualmente no disco. Nathaniel manteve a sua bola de cristal tosca mas eficaz escondida debaixo das telhas do lado de fora da clarabóia, e com a ajuda dela ficou a par de muitas coisas.

A título experimental, conseguiu que o diabrete revelasse o que sucedia no gabinete de trabalho do seu

mestre. Após uma manhã de observações, descobriu que Underwood passava a maior parte do tempo ao telefone, tentando acompanhar os desenvolvimentos políticos. Parecia paranóico quanto aos inimigos no Parlamento procurarem a sua queda. Nathaniel achou aquilo interessante como princípio mas maçador nos pormenores, e em breve deixou de espreitar o mestre.

A seguir, observou Ms. Lutyens de longe. A bruma espalhou-se pelo disco, dissipou-se — e, com o coração em sobressalto, Nathaniel vislumbrou-a de novo tal como a recordava tão bem: a sorrir, a trabalhar... e a ensinar. A imagem do disco passou a mostrar um pequeno aprendiz que estava trocando os dentes, desenhando furiosamente num caderno de esboços e evidentemente a beber cada palavra de Ms. Lutyens. Os olhos de Nathaniel arderam de ciúme e dor. Com voz abafada, ordenou à imagem que desaparecesse, rangendo os dentes ante a gargalhada do diabrete deliciado.

Nathaniel convergiu depois a sua atenção para o objetivo principal. Num final de tarde, ordenou ao diabrete que espiasse Simon Lovelace, mas ficou desconcertado ao ver o rosto do bebê aparecer antes no bronze polido.

— O que está fazendo? — exclamou Nathaniel. — Dei uma ordem... obedeça!

O bebê franziu o nariz e falou com uma voz desconcertantemente grave.

— Esta é mais difícil, n'é? — disse. — Ele criou barreiras. Não sei se consigo ultrapassá-las. Podia desencadear uma série de problemas, se é que me entende.

Nathaniel ergueu uma mão e agitou-a ameaçadoramente.

— Está dizendo que é impossível?

O bebê estremeceu e estendeu uma língua pontiaguda cautelosamente ao canto da boca, como se lam-

besse velhas feridas.

— Não é *impossível,* não. Apenas difícil.

— Muito bem, nesse caso...

O bebê respirou pesadamente e desapareceu. Após uma curta pausa, começou a formar-se no disco uma imagem trêmula. Ficou enevoada e saltou como uma televisão mal sintonizada. Nathaniel praguejou. Estava prestes a proferir as palavras do Golpe Punitivo quando ponderou que provavelmente era o melhor que o diabrete conseguia fazer. Acercou-se do disco e observou-o, concentrando-se na cena lá dentro...

Havia um homem sentado a uma escrivaninha, escrevendo rapidamente num computador portátil.

Nathaniel Semicerrou os olhos. Era Simon Lovelace, não havia dúvida.

A posição vantajosa do diabrete era do teto e Nathaniel tinha uma boa perspectiva da sala para lá do mago, muito embora estivesse um pouco distorcida, como se vista através de uma lente de olho de peixe. O cômodo estava na sombra; a única luz vinha de uma luminária na escrivaninha de Lovelace. Ao fundo havia uns reposteiros escuros, estendendo-se do teto ao chão.

O mago escrevia. Vestia um *smoking,* com o laço desapertado. Coçou o nariz uma ou duas vezes.

Subitamente, o rosto do bebê intrometeu-se.

— Não agüento muito mais isso — fungou. — Estou farto, entende, e, como disse, se ficarmos aqui muito tempo, poderá haver aborrecimentos.

— Vais agüentar até eu te dizer — replicou Nathaniel. Proferiu uma sílaba e o bebê cerrou os olhos com a dor.

— Está bem, está bem! Como foi capaz de fazer isso a um bebezinho, seu monstro? — O rosto desapareceu e regressou a cena. Lovelace continuava sentado, escrevendo ao computador. Nathaniel desejou conse-

guir aproximar-se mais para observar os papéis na escrivaninha dele, mas os magos possuíam com freqüência sensores na sua pessoa para detectar magias inesperadas na sua proximidade. Não seria prudente estar muito próximo. Esta visão era o melhor que iria con...

Nathaniel sobressaltou-se.

Havia mais alguém na sala de Simon Lovelace, de pé, nas sombras junto às cortinas. Nathaniel não o vira entrar, e tampouco o mago, que continuava a escrever virado de costas para o intruso. A figura era um homem alto de constituição maciça, envolto numa comprida capa de viagem que lhe chegava quase até às botas. Tanto a capa como as botas estavam manchadas de lama e usadas. Uma espessa barba negra cobria a maior parte do rosto do homem; por cima dela, os seus olhos brilhavam no escuro. Algo no olhar do homem deixou a pele de Nathaniel toda arrepiada.

Evidentemente, a figura terá falado, ou feito algum barulho, porque Simon Lovelace deu subitamente um pulo e rodou na sua cadeira.

A imagem tremulou, desapareceu, reapareceu de novo. Nathaniel praguejou e encostou mais o rosto ao disco. Era como se a imagem tivesse avançado um momento ou dois no tempo. Os dois homens estavam agora mais próximos — o intruso viera postar-se ao lado da escrivaninha. Simon Lovelace conversava avidamente com ele. Estendeu a mão, mas o desconhecido limitou-se a inclinar a cabeça para a escrivaninha. O mago anuiu, abriu uma gaveta e, retirando um saco de pano, esvaziou-o em cima da escrivaninha. Espalharam-se maços de notas.

O disco de bronze emitiu uma voz gutural, que falou com urgência.

— Achei que deveria avisar e por favor não me ataque de novo, mas vem aí um observador qualquer. A

duas divisões daqui, bem na nossa direção. Precisamos nos safar, chefe, e rapidinho.

Nathaniel mordeu o lábio.

— Fique onde está até o último instante. Quero ver aquilo pelo qual ele está pagando. E registrar a conversa.

— É o teu funeral, chefe.

O desconhecido estendera uma mão enluvada de baixo da capa e guardava lentamente as notas dentro do saco. Nathaniel estava prestes a pular de frustração — a qualquer momento o diabrete abandonaria a cena e ele ficaria na mesma.

Ouviu-se a voz do diabrete.

— Está à porta! Vamos sair.

Nathaniel apenas teve tempo de ver o seu inimigo levar a mão ao embrulho e retirar algo que brilhara à luz da luminária — depois o disco ficou em branco.

Proferiu uma ordem concisa e o rosto do bebê apareceu, relutantemente.

— Ainda não acabou. Preciso fazer um vôozinho, pode crer. Ufa, esta foi mesmo por pouco. Quase estávamos fritos.

— O que eles disseram?

— Essa agora, o que eles *disseram*? Posso ter ouvido alguma coisa, não vou dizer que não, mas o meu ouvido já não é o que era, para não falar da minha longa reclusão...

— Diga-me!

— O grandalhão falou pouco. Por acaso reparou naquelas manchas vermelhas na capa dele? Mu-uito suspeitas. Não era molho de tomate, digamos assim. E frescas, até senti o cheiro. O que foi que ele disse então? «Já o tenho.» Isso foi uma coisa. E: «Quero o meu pagamento primeiro.» Homem de poucas falas, na minha opinião.

— Era um demônio?

— Devo entender, por essa referência grosseira, que se refere a uma entidade nobre do Outro Lugar? Ná. Homem.

— E o que disse o mago?

— Ele foi um pouco mais prolífico. Muito volúvel, na verdade. «Já o tem?» Foi assim que começou. Depois disse, «Como é que você...? Não, não quero saber os pormenores. Dê-me aqui.» Estava todo esbaforido e ansioso. Depois tirou o dinheiro para fora.

— O que era? O que era o objeto? Algum deles o disse?

— Não sei se me recordo... não, espera! Espera! Não precisa ser desagradável comigo... estou fazendo o que pediu, não estou? Quando o grandalhão entregou o embrulho, disse algo...

— O quê?

— Tão baixinho, que quase não entendi...

— *O que foi que ele disse?*

— Ele disse: «O Amuleto de Samarcanda é seu, Lovelace.» Foi o que ele disse.

Nathaniel precisou de outros seis meses antes de se sentir preparado. Dominou novas áreas da sua arte, aprendeu comandos novos e mais poderosos, e passou a ir nadar todas as manhãs antes das aulas, para aumentar a sua resistência. Deste modo, ficou forte de corpo e de mente.

Nunca mais conseguiu espiar diretamente o seu inimigo. Se a sua presença fora detectada ou não, o diabrete não conseguiu voltar a aproximar-se.

Não importava. Nathaniel tinha a informação de que precisava.

Sentava-se no jardim enquanto a Primavera dava lugar ao Verão, concebendo e apurando o seu plano.

Agradava-lhe. Possuía o mérito da simplicidade e um ainda maior, por ninguém no mundo fazer idéia do seu poder. O seu mestre acabara de encomendar as lentes para ele; falara desprendidamente de experimentar talvez um chamado básico no Inverno. Aos olhos do seu mestre, dos seus professores particulares, mesmo de Mrs. Underwood, ele não passava de um aprendiz sem grande talento. E assim iria manter-se enquanto roubava o amuleto de Simon Lovelace.

O roubo era apenas o princípio, um teste ao seu próprio poder. Depois disso, se tudo corresse bem, prepararia a sua armadilha.

Só faltava encontrar um servo que fizesse o que ele pretendia. Algo suficientemente poderoso e expedito para executar o seu plano, mas não tão poderoso que pudesse ameaçar o próprio Nathaniel. Ainda não chegara o momento de dominar as grandes entidades.

Lera exaustivamente as obras do mestre sobre demonologia. Debruçara-se sobre os registros de percursos através dos tempos. Lera sobre os servidores menores, de Salomão e Ptolomeu.

Por fim, escolheu:

Bartimaeus.

Bartimaeus
14

Sabia que ia haver uma boa discussão quando voltássemos para o sótão, por isso, desta vez estava devidamente preparado para ela. Tinha de decidir qual a forma a assumir. Queria algo que o acicatasse realmente — o fizesse perder completamente a calma — e, por espantoso que possa parecer, que excluísse as minhas formas mais assustadoras. Na verdade, implicava surgir como um determinado tipo de pessoa. É estranho, mas ser insultado por um espectro tremulante ou dizer nomes a uma impetuosa serpente alada não é nem por sombra tão *aborrecido* para um mago insensível como ouvir impropérios da boca de algo que se afigura humano. Não me perguntem porquê. Está apenas relacionado com a forma como funciona a mente das pessoas.

Calculei que o melhor que podia fazer era aparecer como outro garoto mais ou menos da mesma idade — alguém que despertasse todos os sentimentos do garoto em matéria de competição direta e rivalidade. Não constituía problema. Ptolomeu tinha catorze anos quando o conheci melhor. Ptolomeu seria.

Depois daquilo, só me restava rever as minhas melhores contra-fórmulas e aguardar com prazer o regresso ao lar em breve.

Os leitores perspicazes poderiam ter percebido um novôotimismo na minha atitude em relação ao garoto. Não se enganariam. Porquê? Porque eu sabia o seu nome próprio[34] .

[34] Com este trunfo, seria capaz de combater os ataques mais maldosos do frangote descarado. Saber o nome restabelece um pouco o equilíbrio do poder, percebem, agindo como uma espé-

cie de escudo de defesa para os *djinn* dentro do círculo. É um tipo de talismã simples e muito antigo e... Bem, para que *é* que estão perdendo tempo lendo isto? Façam-no rapidamente e vejam com os seus próprios olhos.

Sejam justos com ele, porém: ele partiu para a luta. Assim que chegou ao quarto, vestiu a bata, saltou para o seu círculo e chamou-me em voz alta. Não precisava gritar tanto; eu estava bem ao lado dele, correndo pelo chão.

Um instante depois, o pequeno garoto egípcio apareceu no círculo oposto, vestindo a sua roupa londrina. Pus um belo sorriso.

— Nathaniel, hein? Muito chique. Realmente, não condiz contigo. Estaria à espera de algo mais ordinário — Bert ou Chuck, talvez.

O garoto estava branco de raiva e de medo; era visível o pânico nos seus olhos. Controlou-se com esforço e pôs uma expressão falsa.

— Esse não é o meu nome verdadeiro. Nem sequer o meu mestre sabe.

— Sim, *está se vendo.* Quem pretende enganar, hein?

— Pode pensar o que quiser. Ordeno-te, agora...

Não podia acreditar — ele estava tentando despachar-me outra vez! Ri na cara dele, adotei uma pose meio de lado, com as mãos nas ancas e interrompi em estilo sofisticado.

— Vai te catar.

— Ordeno-te agora...

— Ya, bu, que seca!

O garoto estava quase espumando pela boca, de tão furioso[35]. Bateu com o pé, qual criança birrenta. Depois — tal como eu esperava — esqueceu-se e procedeu ao ataque óbvio. Era de novo o Aperto Sistemático, o favorito do rufião.

Proferiu a fórmula encantatória e senti as faixas a apertarem[36] .

[35] Velhos ou novos, pequenos ou gordos, o ponto fraco de todos os magos *é o* seu orgulho. Não suportam ser gozados. Abominam tanto que até os mais espertos conseguem perder o controle e cometer erros absurdos.

[36] O Aperto Sistemático consiste numa série de faixas concêntricas que nos envolvem, apertadas como as ligaduras de uma múmia. Quando o mago repete a fórmula, as faixas ficam cada vez mais apertadas até que o pobre *djinni* suplica misericórdia.

— *Nathaniel.* — Proferi baixinho o nome dele e depois as palavras da contrafórmula apropriada.

As faixas inverteram imediatamente a sua trajetória. Estenderam-se para fora, para longe de mim, afastando-se do círculo como a ondulação num lago. Através das suas lentes, o garoto viu-as tomar a direção dele. Soltou um grito e, após um momento de pânico, encontrou as palavras de anulação. Proferiu-as rapidamente; as faixas desapareceram.

Sacudi uma partícula de pó inexistente da manga do meu casaco e pisquei-lhe o olho.

— Uuups — disse eu. — Vi que quase arrancou sua cabeça.

Se o garoto tivesse feito uma pausa, teria percebido o que acontecera, mas a sua raiva era muito grande. Provavelmente achou que cometera algum erro, que dissera algo fora do momento certo. Respirando fundo, procurou no seu repertório de peças desagradáveis. Depois bateu palmas e voltou a falar.

Eu não estava à espera de nada tão poderoso como o Círculo Estimulante. De cada uma das cinco pontas do pentagrama onde me encontrava surgiu uma coluna brilhante de eletricidade, a dar choques e a cre-

pitar. Era como se cinco raios tivessem sido momentaneamente aprisionados; no instante seguinte, cada coluna disparou um feixe horizontal que me penetrou com a força de um dardo. Os arcos de eletricidade rodearam o meu corpo; gritei e estrebuchei, levantado do chão pela força da descarga.

Proferi-o enquanto rangia os dentes — *Nathaniel!* — depois uma contrafórmula, como antes. O efeito foi imediato. A descarga libertou-me, caí bruscamente no chão. Pequenos raios partiram como flechas em todas as direções. O garoto atirou-se no chão bem a tempo — uma descarga elétrica que o teria morto instantaneamente atravessou a sua bata larga quando ele bateu no chão. Outros raios colidiram com a cama e a escrivaninha dele; um acertou na jarra de flores, partindo o vidro ao meio com limpeza. Os restantes desapareceram nas paredes, salpicando-as com pequenas marcas de queimado em forma de asterisco. Que espetáculo magnífico.

A bata do garoto tapava-lhe a cara. Lentamente, levantou a cabeça e espreitou por baixo dela. Fiz-lhe um gesto simpático com os polegares para cima.

— Continue — disse-lhe, sorrindo abertamente. — Um dia, se trabalhar arduamente e acabar com todos estes erros estúpidos, talvez venha a ser um feiticeiro realmente adulto.

O garoto não disse nada. Levantou-se a custo. Por mera sorte, ele se atirou ao chão direito, pelo que ainda estava seguro dentro do seu pentagrama. Não me importei. Estava ansiosamente atento a qualquer erro que ele fosse cometer a seguir.

Mas o cérebro dele voltara a trabalhar. Ficou quieto por um minuto, enquanto pensava cuidadosamente.

— Era preferível se livrar de mim rapidamente — disse-lhe, algo solicitamente. — O velho Underwood virá ver o que é todo este barulho.

— Não virá, não. Estamos muito alto.

— Apenas dois pisos.

— E ele é surdo de um ouvido. Nunca ouve nada.

— A patroa dele...

— Cale-se. Estou pensando. Você fez alguma coisa na hora, ambas as vezes... O que foi...? — Estalou os dedos. — O meu nome! Foi isso! Usou-o para desviar as minhas fórmulas, maldito seja.

Inspecionei as unhas, de sobrancelhas arqueadas.

— Talvez sim, ou talvez não. Eu é que sei e você é que tem que descobrir.

O garoto bateu de novo o pé.

— Pára com isso! Não fale assim comigo!

— Assim como?

— Como acabou de fazer! Está falando como uma criança.

— Está se vendo no espelho, amigo?

Isto era divertido. Eu estava realmente a irritá-lo. A perda do nome levara-o a perder a calma. Estava a segundos de distância de outro ataque, via-se bem — assumira a postura e tudo. Adotei uma pose semelhante, mas defensiva, como um lutador de suco*. Ptolomeu tinha exatamente a altura deste garoto, cabelo escuro e tudo[37], por isso era agradável e simétrico.

* Forma de luta popular no Japão. *(NT)*

[37] Muito mais atraente, sem dúvida, como é lógico.

Com um esforço, o garoto controlou-se. Via-se que estava passando rapidamente em revista todas as lições, tentando lembrar-se do que deveria fazer. Percebeu que um castigo comum com fogo rápido estava agora fora de questão: eu o devolveria.

— Hei de descobrir uma maneira — murmurou sombriamente. — Espere e verá.

— Ooh, estou cheinho de medo — retorqui. — Veja só como tremo.

O garoto estava a cogitar profundamente. Havia grandes bolsas cinzentas debaixo dos olhos dele. Sempre que proferia uma fórmula encantatória ficava mais desgastado, o que me vinha bem a calhar.

Alguns magos ficaram conhecidos por desfalecer, simplesmente, de superexaustão. Têm um estilo de vida muito estressante, se têm, coitadinhos.

Ele continuou pensando durante muito tempo. Bocejei ostensivamente e fiz aparecer um relógio no meu pulso para poder olhar para ele, entediado.

— Porque não pergunta ao chefe? — sugeri. — Ele poderia ajudá-lo.

— O meu mestre? Deve estar brincando.

— Não aquele velho tonto. O que está orientando-o contra Lovelace.

O garoto carregou o cenho.

— Não há ninguém. Não tenho um chefe.

Foi a minha vez de ficar com ar aparvalhado.

— Estou agindo por conta própria.

Assobiei.

— Quer dizer que realmente me chamou sozinho? Nada mau... para um garoto. — Procurei mostrar uma certa dose de cinismo. — Pois então, deixe-me lhe dar uma dica. O melhor que tem a fazer é dispensar-me. Precisa descansar. Já se olhou no espelho recentemente? Quero dizer, um que não tenha um diabrete lá dentro? Tem rugas de preocupação. Nada bom, na tua idade. A seguir virão os cabelos brancos. O que fará quando encontrar a tua primeira súcubo[38]? Fugirá a sete pés, pode crer.

[38] Um *djinni* com uma sedutora forma feminina. Muito popular entre os magos do sexo masculino.

Eu estava falando muito, sabia, mas era mais forte. Estava preocupado. O garoto olhava para mim com uma expressão de cálculo que não me agradava nem um pouco.

— Além disso — referi —, se eu desaparecer, ninguém saberá que tem o Amuleto. Poderá usá-lo em absoluto segredo. É um bem precioso — todo mundo parece querê-lo. Não te disse antes, mas uma garota tentou me assaltar quando eu andava pela cidade com ele.

O garoto carregou o cenho.

— Que garota?

— Sei lá. — Resolvi não mencionar que aquilo fora apenas o que a garota conseguira fazer.

Ele encolheu os ombros.

— Estou interessado em Simon Lovelace — disse ele, quase de si para si. — Não no Amuleto. Ele humilhou-me e vou destruí-lo por causa disso.

— Muito ódio faz mal — arrisquei.

— Porquê?

— Hum...

— Vou contar-lhe um segredo, demônio — prosseguiu. — Em virtude da minha magia[39], vi como Simon Lovelace conseguiu o Amuleto de Samarcanda. Há alguns meses, um desconhecido — moreno, de barba preta e capa — foi procurá-lo no meio da noite. Levou-lhe o Amuleto. Houve troca de dinheiro. Foi um encontro furtivo.

[39] Eram bobagens típicas de mago. Fora o diabrete desgraçado dentro do disco de bronze que fizera o trabalho todo.

Resfoleguei.

— O que tem isso de surpreendente? É como todos os magos negociam. Devia saber disso. Rodeiam-se desnecessariamente de secretismo.

— Foi mais do que isso. Vi nos olhos de Lovelace e nos olhos do desconhecido. Havia algo de ilegal, clandestino nisso... A capa do homem estava manchada de sangue fresco.

— Continuo a não estar impressionado. O assassínio faz parte do jogo, para vocês. Quero dizer, você já está obcecado com a vingança e só tem aí uns seis anos.

— Doze.

— Dá no mesmo. Não, não existe nada de incomum nisso. Aquele sujeito com as manchas de sangue provavelmente até tem um serviço conhecido. Deve vir nas Páginas Amarelas, se for pelos teus dedos.

— Quero descobrir quem ele é.

— Hmm. Barba preta e capa, hein? Isso reduz os nossos suspeitos a cerca de cinqüenta e cinco por cento dos magos em Londres. Nem sequer exclui as mulheres.

— Pare com essa conversa! — O garoto parecia estar saturado.

— O que se passa? Achei que estávamos nos dando bem.

— Eu *sei* que o Amuleto foi roubado. Mataram alguém para consegui-lo. Quando descobrir quem foi, denunciarei Lovelace e irei assistir à sua destruição. Irei esconder o Amuleto, atraí-lo até lá e ao mesmo tempo alertar a polícia. Eles vão apanhá-lo em flagrante. Mas primeiro quero saber tudo sobre ele e no que está metido. Quero saber os segredos dele, como trabalha, quem são os amigos dele, tudo! Preciso descobrir quem tinha o Amuleto antes e quais as suas propriedades em concreto. E preciso saber *por que* Lovelace o roubou. Para este propósito, encarrego-te, Bartimaeus...

— Espera aí. Não está se esquecendo de nada?

— De quê?

— Sei o teu nome verdadeiro, *Nattyzinho*. Isso significa que tenho algum poder sobre você. Agora já não é mais só como *você* quer, não é?

O garoto parou para ponderar.

— Agora não pode me fazer mal com tanta facilidade — prossegui. — E pelas minhas contas, isso limita o teu campo de manobra. Atira-me alguma coisa e eu arremesso-o de volta.

— Ainda posso te prender à minha vontade. Ainda tem que obedecer às minhas ordens.

— Isso é verdade. As tuas ordens são os termos pelos quais estou neste mundo. Não posso ignorá-las sem que você liberte o Fogo Ressequidor[40]. Mas sou perfeitamente capaz de te dificultar a vida quando executar as tuas ordens. Por exemplo, enquanto estiver espiando Simon Lovelace, porque não te denunciar a algum outro mago? A única coisa que me impediu de fazer isso antes foi o receio das conseqüências. Mas agora não estou tão preocupado com elas. E mesmo que me proíba expressamente de te denunciar, encontrarei alguma maneira de te enredar. Deixar escapar o teu nome próprio, talvez, perante conhecidos meus. Não conseguirá dormir na tua cama aterrorizado com o que eu poderia lhe fazer.

[40] Uma penalização complicada constituída por quinze pragas em cinco línguas diferentes. Os magos só podem usá-la sobre um de nós que desobedeça *deliberadamente* ou se recuse a executar uma ordem dada. Provoca incineração imediata. Só se aplica em casos extremos, uma vez que é esgotante para o mago e o priva de um escravo.

Ele estava abalado, até aí eu via. Os seus olhos oscilavam de um lado para o outro, como se à procura de uma falha no meu raciocínio. Mas eu estava plena-

mente confiante: encarregar de uma missão um *djinni* que sabe o nosso nome é o mesmo que atirar fósforos numa fábrica de fogos-de-artifício. Mais cedo ou mais tarde acaba-se sofrendo as *conseqüências*. O melhor que ele tinha a fazer era deixar-me em paz e esperar que mais ninguém me chamasse enquanto ele estivesse vivo.

Pelo menos era o que eu achava. Mas ele tinha uma inteligência fora do comum, e cheio de recursos.

— Não — retorquiu lentamente —, não posso impedi-lo de me trair. Tudo o que posso fazer é que sofra comigo as conseqüências. Vejamos...

Remexeu nos bolsos da sua bata velha.

— Deve haver algo em algum lugar aqui... Aha! — A sua mão saiu de lá com uma pequena caixa de metal amassada, na qual haviam sido elaboradamente gravadas as palavras *OLD CHOKEY*.

— Isso é uma caixa de tabaco! — exclamei. — Não sabe que o tabaco mata?

— Já não contém tabaco — respondeu o garoto. — É um dos queimadores de incenso do meu mestre. Está cheio de rosmaninho. — Levantou um nadinha da tampa da caixa; de fato, um instante depois, chegou-me uma baforada infernal que me pôs os cabelos da nuca em pé. Algumas ervas são péssimas para a nossa essência e o rosmaninho é uma delas. Como conseqüência, os magos nunca conseguem arranjá-la em quantidade suficiente[41].

[41] O negócio dos *aftershaves* e desodorantes protetores herbais para as axilas dos magos ia de vento em popa. Simon Lovelace, por exemplo, tresandava substancialmente a Creme Perfumado de Sorveira-brava.

— Se fosse eu, jogava isso fora e enchia-a de tabaco verdadeiro — aconselhei. — Muito mais saudável.

O garoto fechou a tampa.

— Vou enviá-lo numa missão — disse. — Assim que partir, lançarei uma fórmula de Reclusão Indefinida, prendendo-o a esta lata. A fórmula não produzirá efeito imediatamente; na verdade, farei com que só comece de hoje a um mês. Se por algum motivo eu não estiver por aqui para anular esta fórmula antes do mês chegar ao fim, ficará dentro desta caixa, preso até ela voltar a ser aberta. Agrada-lhe a idéia? Umas centenas de anos preso numa pequena caixa de rosmaninho. Fará maravilhas à tua pele.

— Tem uma mentezinha tortuosa, não tem? — perguntei, de mau humor.

— E, para o caso de se sentir tentado a arriscar a penalização, prenderei esta caixa com tijolos e atirá-la-ei ao Tamisa antes do dia terminar. Por isso não espere que alguém te liberte em breve.

— Não espero. Tem toda razão... Sou otimista, mas não a esse ponto[42].

[42] A fórmula da Reclusão Indefinida é horrível, é uma das piores ameaças que os magos podem fazer. Chegamos a ficar aprisionados durante séculos em horríveis espaços minúsculos e, para o cúmulo, alguns deles são pura e simplesmente doidos varridos. Caixas de fósforos, garrafas, malas de mão... conheci até um *djinni* que esteve aprisionado numa lâmpada suja e velha.

O rosto do garoto tinha agora um ar vitorioso medonho. Parecia um garoto desagradável num recreio que acabara de ficar com a minha melhor bolinha de gude.

— Portanto, Bartimaeus — disse ele, em tom sarcástico —, o que me diz *disso?*

Mostrei-lhe um sorriso radioso.

— Que tal esquecer esse absurdo de caixa e apenas confiar em mim?

— Nem pense.

Os meus ombros se curvaram. Aqui é que está o problema, sabem? Por mais que se tente, os magos sempre arranjam uma maneira de acabar nos derrotando.

— Está bem, Nathaniel — disse. — O que quer exatamente que eu faça?

SEGUNDA PARTE

Nathaniel
15

Assim que o *djinni* se transformou num pombo e saiu voando pela janela, Nathaniel correu o fecho, puxou as cortinas e deixou-se cair no chão. O seu rosto estava pálido como um cadáver e o seu corpo tremia de exaustão. Durante quase uma hora, permaneceu encostado à parede, o olhar abstrato.

Conseguira; sim, conseguira mesmo — levara a melhor sobre o demônio, tinha o controle de novo. Só precisava aplicar a fórmula de Aprisionamento à caixa e Bartimaeus seria obrigado a servi-lo enquanto desejasse. Ia correr tudo bem. Não tinha que se preocupar com nada. Nada de nada.

Foi o que disse para si mesmo. Mas as suas mãos tremiam no colo, o seu coração batia a custo no peito e as afirmações confiantes que tentara fazer abandonaram a sua mente. Enfurecido, fez um esforço para respirar fundo e entrelaçou os dedos com força para reprimir a tremedeira. Claro que este receio era perfeitamente natural. Escapara ao Círculo Estimulante por uma fração de segundo. Fora a primeira vez que estivera próximo da morte. Esse tipo de coisa tinha forçosamente de provocar uma reação. Dentro de alguns minutos voltaria ao normal; podia aplicar a fórmula, apanhar o ônibus até o Tamisa...

O *djinni* sabia o seu nome próprio.

Ele sabia o seu nome próprio.

Bartimaeus de Uruk, Sakhr al-Jinni de Al-Arish... Deixara que ele descobrisse o seu nome. Mrs. Underwood proferira-o e o *djinni* ouvira-o e nesse momento a regra-chave fora quebrada. E agora Nathaniel estava comprometido, talvez para sempre.

Sentiu o pânico avolumar-se na garganta; a sua força deixou-o praticamente sem fala. Pela primeira vez conseguiu lembrar-se, os olhos arderam com as lágrimas. A regra-chave... Se alguém a quebrasse, poderia dar-se por perdido. Os demônios encontravam sempre uma maneira. Dêem-lhes um bocadinho de poder e, mais cedo ou mais tarde, eles o apanharão. Por vezes, podem levar anos, mas conseguem sempre...

Recordou casos famosos que vinham nos livros. Werner de Praga: deixara que o seu nome próprio fosse descoberto por um diabrete inofensivo ao seu serviço; a seu tempo, o diabrete contara a um *foliot* e o *foliot* contara a um *djinni* e o *djinni* contara a um *afrit*. E três anos depois, quando Werner atravessava a Praça de Venceslau para ir comprar uma salsicha defumada, um turbilhão levou-o pelos ares. Durante várias horas os seus uivos lá do alto tinham ensurdecido os habitantes da cidade que cuidavam da sua vida, até o desmembramento acabar com pedaços do mago caindo nos cata-ventos e pelas chaminés. E este não fora o destino mais horrível que acontecera aos magos descuidados. Havia Paulo de Turim, Septimus Manning, Fausto...

Nathaniel deixou escapar um soluço e o pequeno som patético sacudiu-o do seu desespero e autocomiseração. Chega. Ainda não morrera e o demônio continuava sob o seu controle. Ou ficaria assim, se tratasse convenientemente da caixa de tabaco. Acabaria por se recompor.

Nathaniel tentou pôr-se em pé, os seus membros invadidos pela fraqueza. Com um grande esforço, ex-

pulsou os seus receios para o fundo da mente e iniciou os preparativos. O pentagrama foi redesenhado, o incenso mudado. Acendeu novas velas. Dirigiu-se furtivamente à biblioteca do mestre e reconfirmou as fórmulas encantatórias. Depois encheu a caixa de tabaco de rosmaninho, colocou-a no centro do seu círculo e iniciou a fórmula da Prisão Indefinida. Após cinco longos minutos tinha a boca seca e a sua voz mudara, mas começou a brilhar uma aura cinzenta-azulada sobre a superfície da lata. Cintilou e desapareceu. Nathaniel proferiu o nome de Bartimaeus, acrescentou uma data astrológica na qual a prisão se iniciaria e terminou. A caixa continuava do mesmo jeito. Nathaniel guardou-a no bolso do casaco, apagou as velas e estendeu o tapete por cima das marcações no chão. Depois atirou-se em cima da cama.

Quando Mrs. Underwood levou o almoço ao marido, uma hora depois, compartilhou com ele um anseio.

— Estou preocupada com o garoto — disse. — Ele mal tocou no sanduíche. Deixou-se cair em cima da mesa, branco como um lençol. Parece que esteve de pé a noite toda. Algo o assustou, ou está adoecendo. — Fez uma pausa. — Querido?

Mr. Underwood estava inspecionando a comida no seu prato.

— Não tem *chutney** de manga, Martha. Sabe que gosto dele acompanhando o fiambre e a salada.

** Mistura picante de frutos, vinagre, açúcar e especiarias que acompanha caris, carnes frias, queijo, etc. (NT)*

— Acabou-se, querido. O que acha que devíamos fazer?

— Comprar mais. É óbvio, não é? Pelo amor de Deus, mulher...

— Em relação ao garoto.

— Mmm? Oh, *ele está* bem. O fedelho anda apenas nervoso com a Atribuição do Nome e com o chamado do seu primeiro diabretezinho. Lembro-me de como fiquei apavorado — o meu mestre praticamente teve de me empurrar para o círculo. — Mr. Underwood enfiou uma garfada de fiambre na boca. — Mande-o vir falar comigo na biblioteca dentro de uma hora e meia e que não se esqueça do Almanaque. Não... dentro de uma hora. A seguir preciso telefonar a Duvall por causa daqueles roubos, maldito seja.

Na cozinha, Nathaniel conseguira comer apenas meio sanduíche. Mrs. Underwood despenteou-lhe o cabelo.

— Anime-se — disse-lhe. — É a Atribuição do Nome que te perturba? Não precisa sequer de se preocupar com isso. Nathaniel é bonito, mas existem por aí muitos outros nomes bons. Pense só, pode escolher o nome que quiser, dentro do razoável. Desde que nenhum outro mago atual o use. Os comuns não têm esse privilégio, sabe. Ficam com aquele que lhes deram. — Andou de um lado para o outro, enchendo o bule e indo buscar o leite, e o tempo todo foi falando, falando, falando. Nathaniel sentiu o peso da caixa no bolso.

— Gostaria de sair um pouco, Mrs. Underwood — disse. — Preciso apanhar ar.

Ela olhou-o inexpressivamente.

— Mas não pode, querido, não é? Não antes da tua Atribuição do Nome. O teu mestre quer vê-lo na biblioteca daqui a uma hora. E não se esqueça do Almanaque Nominativo, diz ele. Olhando bem, parece-me bastante pálido. Acho que o ar fresco te faria bem... estou certa que ele não reparará se sair durante cinco mi-

nutos.

— Não tem importância, Mrs. Underwood. Eu fico em casa. — Cinco minutos? Precisava de duas horas, talvez mais. Teria de se libertar da caixa mais tarde, e esperar que Bartimaeus não tentasse nada até lá.

Encheu uma xícara de chá e colocou-a na mesa diante dele.

— Isto vai dar cor às tuas faces. É um grande dia para você, Nathaniel. Quando voltar a vê-lo, será outra pessoa. Esta será provavelmente a última vez que o trato pelo teu nome antigo. Acho que agora terei de começar a esquecê-lo.

«Por que não começou a esquecê-lo esta manhã?» disse para si mesmo. Uma pequena parte maldosa culpava-a pelo afeto descuidado, mas ele sabia que isso era absolutamente injusto. Fora por culpa dele que o demônio estivera ali e a escutara. *Seguro, secreto, sólido.* Agora não era nenhuma dessas coisas. Bebeu um gole de chá e queimou a boca.

— Entre, garoto, entre. — O mestre, sentado numa cadeira de espaldar alto ao lado da escrivaninha da biblioteca, quase pareceu simpático. Olhou Nathaniel enquanto ele se aproximava e indicou um banco ao seu lado. — Sente-se, sente-se. Bem, está mais elegante do que o habitual. Até vestiu um casaco, hein? Fico satisfeito por ver que percebe a importância da ocasião.

— Sim, senhor.

— Muito bem. Onde está o Almanaque? Ótimo, vamos ver... — O livro tinha uma encadernação de couro verde brilhante, com uma fita de pele de boi como marcador. Fora entregue por Jaroslav precisamente na véspera e ainda não fora lido. Mr. Underwood abriu delicadamente a capa e olhou para a página de rosto do livro. — Almanaque Nominativo de Loew, tricentésima nonagésima quinta edição... Como o tempo voa. Acre-

dita que escolhi o meu nome na tricentésima quinquagésima edição? Lembro-me como se tivesse sido ontem.

— Sim, senhor. — Nathaniel reprimiu um bocejo. Os esforços daquela manhã estavam a apoderar-se dele, mas tinha de se concentrar na tarefa em mãos. Observou enquanto o mestre passava as páginas, falando o tempo todo.

— O Almanaque, garoto, enumera todos os nomes oficiais usados pelos magos entre a época áurea de Praga e o presente. Muitos foram usados mais de uma vez. Ao lado de cada um está um registro que indica se o nome se encontra presentemente ocupado. Se não, o nome é livre de ser escolhido. Ou pode inventar um para você. Repare, aqui — «Underwood, Arthur; Londres»... sou o segundo com aquele nome, garoto. O primeiro foi um proeminente jacobita; alguém muito chegado ao Rei Jaime I, creio. Pois bem, estive pensando um pouco no assunto, e acho que podia perfeitamente seguir as pegadas de um dos grandes magos.

— Sim, senhor.

— Pensei em Teófilo Throckmorton, talvez — foi um alquimista notável. E... sim, vejo que essa combinação está livre. Não? Não te agrada? E que tal Baltasar Jones? Não está convencido? Bem, talvez ele seja um exemplo difícil de seguir. Sim, garoto? Tem alguma sugestão?

— William Gladstone está livre, senhor? Admiro-o.

— Gladstone! — Os olhos do mestre arregalaram-se. — A própria idéia... Há alguns nomes, garoto, que são muito grandiosos e muito recentes para se tocar. Ninguém se atreveria! Seria o cúmulo da arrogância, assumir a responsabilidade dele. — As sobrancelhas eriçaram-se. — Se não é capaz de uma sugestão sensata, faço eu a escolha por você.

— Desculpe, senhor. Não pensei.

— A ambição está muito certa, meu garoto, mas tem que encobri-la. Se for muito óbvia, será consumido pelas chamas antes de fazer vinte anos. Um mago não deve fazer recair a atenção sobre a sua pessoa muito cedo; certamente não antes de ter chamado o seu primeiro *mouler*. Bem, vamos ver juntos desde o princípio...

Decorreu uma hora e vinte e cinco minutos antes da escolha se efetuar, e Nathaniel passou momentos lancinantes. O mestre parecia ter um grande afeto pelos magos obscuros com nomes ainda mais obscuros, e Fitzgibbon, Treacle, Hooms e Gallimaufry só a muito custo conseguiram ser evitados. De igual modo, as preferências de Nathaniel pareceram sempre muito arrogantes ou espalhafatosas a Mr. Underwood. Mas, no fim, a escolha se fez. Com enfado, Mr. Underwood exibiu o impresso oficial e registrou o nome novo e assinou-o. Nathaniel teve de assinar também, numa caixa grande ao fundo da página. A sua assinatura ficou irregular e tosca, mas também era a primeira vez que a usava. Leu-a para si, baixinho:

John Mandrake.

Era o terceiro mago com aquele nome. Nenhum dos seus antecessores tivera muita relevância, mas nesta altura Nathaniel não queria saber. Tudo era melhor do que Treacle. Serviria perfeitamente.

O mestre dobrou o papel, colocou-o num envelope pardo e recostou-se na cadeira.

— Bem, John — disse ele. — Já está. Vou pôr-lhe diretamente o selo no ministério e depois passará a existir oficialmente. No entanto, não se envaideça muito. Continua a saber pouquíssimo, como constatará quando tentar chamar o diabretezinho listrado amanhã. Mesmo assim, a primeira fase da tua educação está concluída, graças a mim.

— Sim, senhor; obrigado, senhor.

— Deus sabe que foram seis anos longos e entediantes. Muitas vezes duvidei de que conseguisse chegar até aqui. A maior parte dos mestres teria expulsado-o depois daquele pequeno incidente do ano passado. Mas perseverei... Adiante. A partir de agora pode usar as tuas lentes.

— Obrigado, senhor. — Nathaniel não pôde deixar de piscar os olhos. Já estava usando-as.

A voz de Mr. Underwood assumiu um tom complacente.

— Se tudo correr bem, dentro de poucos anos estará num cargo digno: talvez como subsecretário num dos ministérios menores. Não será fascinante, mas perfeitamente compatível com as tuas modestas capacidades. Nem todo mago pode aspirar a tornar-se um ministro importante como eu, John, mas isso não deveria impedir que desse uma pequena contribuição própria, por menor que seja. Entretanto, como meu aprendiz, poderá assessorar-me em invocações triviais e recompensar-me um pouco por todo o esforço que despendi contigo.

— Seria uma honra, senhor.

O mestre agitou uma mão, dando o assunto por encerrado, permitindo que Nathaniel virasse as costas e assumisse uma expressão carrancuda. Ia a meio do caminho para a porta quando o mestre se lembrou de algo.

— Mais uma coisa — disse ele. — A tua Atribuição do Nome deu-se mesmo a tempo. Dentro de dois dias estarei presente no Parlamento para ouvir o Discurso de Estado do Primeiro-Ministro a todos os membros principais do seu Governo. É uma ocasião de grande cerimônia, em que ele irá definir as orientações políticas internas e externas. Os aprendizes nomeados

também estão convidados, juntamente com os cônjuges. Desde que não me aborreça antecipadamente, te levarei comigo. Será uma experiência surpreendente para você, ver-nos a nós, grandes magos, todos juntos!

— Sim, senhor; muito obrigado mesmo, senhor! — Quase pela primeira vez, desde que tinha memória de falar com o seu mestre, o entusiasmo de Nathaniel foi realmente sincero. Parlamento! Primeiro-Ministro! Saiu da biblioteca e subiu correndo as escadas até seu quarto e à clarabóia, através da qual mal se avistavam as distantes Casas do Parlamento sob o céu cinzento de Novembro. A Nathaniel, a torre tipo pau de fósforo pareceu banhada pelo sol.

Um pouco depois, lembrou-se da caixa de tabaco no seu bolso.

Faltavam ainda duas horas para o jantar. Mrs. Underwood encontrava-se na cozinha, enquanto o mestre estava ao telefone no seu gabinete de trabalho. Furtivamente, Nathaniel saiu de casa pela porta da frente, levando cinco libras que tirara do recipiente onde Mrs. Underwood guardava o dinheiro para as compras entregues à domicílio, numa prateleira da entrada. Na rua principal, apanhou um ônibus rumo ao sul.

Não havia memória de que os magos andassem nos transportes públicos. Sentou-se no banco traseiro, o mais distante possível dos outros passageiros, vendo-os entrar e sair pelo canto do olho. Homens, mulheres, velhos, jovens; rapazes vestidos de cores carregadas, garotas com bijuterias brilhantes no pescoço. Faziam barulho, davam gargalhadas ou ficavam sentados em silêncio, lendo jornais, livros e revistas de páginas brilhantes. Humanos, sim, mas era fácil ver que não tinham poder. Para Nathaniel, cuja experiência das pessoas era muito limitada, afiguravam-se curiosamente bidimensionais. As conversas deles pareciam ocas; os

livros que liam aparentavam ser triviais. Além de sentir que a maior parte era ligeiramente grosseira, não conseguia extrair nada deles.

Ao cabo de meia hora, o ônibus chegou à Ponte de Blackfriars e ao rio Tamisa.

Nathaniel desceu e encaminhou-se bem para o centro da ponte, onde se debruçou na balaustrada de ferro forjado. O rio estava na maré alta; as suas águas rápidas e cinzentas corriam por baixo dele, a sua superfície irregular agitando-se incessantemente. De ambos os lados, edifícios de escritórios vazios aglomeravam-se por cima das ruas do Embankment, onde as luzes dos carros e dos postes públicos começavam a surgir. As Casas do Parlamento, sabia Nathaniel, ficavam logo depois de uma curva do rio. Nunca estivera tão perto delas. Só de pensar nisso o seu coração disparou.

Teria tempo para isso, noutro dia. Primeiro impunha-se realizar uma tarefa trivial. Retirou de um bolso um saco plástico e meio tijolo encontrado no jardim do seu mestre. De outro tirou a caixa de tabaco. Tijolo e caixa foram enfiados no saco, cuja boca foi atada com um nó duplo.

Nathaniel olhou rapidamente para ambos os lados da ponte. Outros peões passaram por ele apressados, cabisbaixos, de ombros curvados. Nenhum olhou na sua direção. Sem mais delongas, atirou o embrulho por cima da balaustrada e ficou vendo-o cair.

Foi descendo... descendo... No fim não havia nada a não ser uma mancha branca. Mal conseguiu ver a pancada na água.

Desaparecera. Afundara como uma pedra.

Nathaniel levantou a gola do blusão, protegendo o pescoço do vento que soprava em rajadas ao longo do rio. Estava seguro. Bem, tão seguro quanto podia estar no momento. Levara a cabo a sua ameaça. Se Bartima-

eus ousasse traí-lo agora...

Começou a chover quando regressava pela ponte até à parada do ônibus. Caminhou lentamente, perdido em pensamentos, quase colidindo com várias pessoas que vinham em sentido contrário. Insultaram-no quando passaram, mas ele mal percebeu. Seguro... Era tudo o que importava...

Um grande cansaço ia descendo sobre ele a cada passo.

Bartimaeus
16

Quando saí pela janela do sótão do garoto, tinha a cabeça tão cheia de planos de competição e estratagemas complexos que nem vi para onde ia e bati numa chaminé.

Algo simbólico naquilo. É o que a falsa liberdade nos faz.

Parti, atravessando o ar, um de um milhão de pombos na grande metrópole. O sol incidia nas minhas asas, o ar frio eriçava as minhas belas penas. As filas infinitas de telhados cinzento-acastanhados estendiam-se por baixo de mim e até longe no horizonte obscuro como os sulcos de um campo outonal gigante. Como aquele espaço grande me atraía! Queria voar até me distanciar bastante daquela maldita cidade, sem nunca olhar para trás. Poderia tê-lo feito. Ninguém iria me impedir. Não voltaria a ser chamado.

Mas não podia seguir este desejo. O garoto deixara bem explícito o que aconteceria se eu não conseguisse espiar Simon Lovelace e sujar a imagem dele. Claro que podia ir para onde quisesse neste preciso momento. Claro que podia usar quaisquer métodos que escolhesse para adquirir as minhas informações (sem esquecer que se eu fizesse algo que prejudicasse Nathaniel isso acabaria por me prejudicar também). Claro que o garoto não me chamaria pelo menos durante um bom tempo. (Ele estava cansado e precisava repousar[43].) Claro que tinha um mês para realizar a tarefa. Mas continuava tendo que obedecer às ordens dele de acordo com a sua vontade. Caso contrário, esperava-me um encontro com *Old Chokey,* que neste momento estaria

provavelmente a assentar de mansinho no fundo lodoso, espesso e escuro do Tamisa.

[43] Ele não era o único, acreditem em mim.

A liberdade é uma ilusão. Tem sempre um preço.

Refletindo no assunto, decidi que me cabia a escolha ingrata entre começar por um local conhecido ou por um fato conhecido. O *local* era a mansão de Simon Lovelace em Hampstead, onde supostamente se desenrolaria grande parte do seu negócio secreto. Não queria voltar a entrar lá, mas talvez pudesse montar vigia do lado de fora e ver quem entrava e quem saía. O *fato* era que o mago entrara, ao que parecia, na posse do Amuleto de Samarcanda por meios ilícitos. Talvez eu pudesse encontrar alguém que soubesse mais sobre a história recente do objeto — por exemplo, quem fora o último a possuí-lo.

Dos dois pontos de partida, visitar Hampstead parecia a melhor forma de começar. Pelo menos sabia como chegar lá.

Desta vez, mantive-me o mais afastado possível. Tendo encontrado uma casa do outro lado da rua que permitia uma vista decente do acesso e do portão da mansão, pousei nela e empoleirei-me na calha. Depois inspecionei o terreno. Haviam sido efetuadas algumas mudanças na casa de Lovelace desde a noite anterior. O elo de defesa fora reparado e fortalecido com uma camada extra, enquanto que as árvores mais chamuscadas tinham sido abatidas e retiradas. Mais ameaçador, várias criaturas altas, magras e avermelhadas esquadrinhavam agora os relvados nos quarto e quinto planos.

Não havia sinal de Lovelace, Faquarl ou Jabor, mas eu também não estava à espera de nada imediato. Restava-me esperar uma hora ou por aí. Sacudindo as

penas por causa do vento, instalei-me para a minha vigilância.

Permaneci três dias naquela calha. Três dias inteiros. Fez-me bem descansar, tenho certeza, mas a dor que estava se acumulando dentro da minha manifestação tornou-me rabugento. Além disso, estava muito chateado. Não acontecia nada de interessante.

Todas as manhãs, um jardineiro idoso percorria a propriedade espalhando adubo nas extensões de grama onde as Detonações de Jabor tinham caído. De tarde, punha-se a arrancar os caules secos e varria o acesso antes de entrar em casa para ir beber uma xícara de chá. Ignorava as coisas vermelhas, três das quais o seguiam constantemente como gigantescas aves de rapina. Sem dúvida, apenas os termos estritos do seu chamado as impediam de devorá-lo.

Todas as noites, surgia uma pequena frota de esferas de busca para retomar a procura pela cidade. O próprio mago permanecia lá dentro, sem dúvida orquestrando outras tentativas de localizar o amuleto. Perguntei-me tolamente se Faquarl e Jabor teriam sido punidos por haverem me deixado escapar. Esperava que não.

Na manhã do terceiro dia, um arrulho suave de aprovação veio interromper a minha concentração. Um pombo pequeno, muito apresentável, aparecera na calha à minha direita e olhava-me com uma inclinação de cabeça que denunciava manifesto interesse. Algo nele me fez desconfiar tratar-se de uma fêmea. Soltei o que esperava ser um arrulho altivo e desinteressado e desviei o olhar. O pombo deu um salto provocador na calha. Era só o que me faltava: uma ave apaixonada. Afastei-me. Ela aproximou-se um pouco mais. Tornei a desviar-me. Agora encontrava-me bem na extremidade da calha, empoleirado em cima da abertura do cano de escoa-

mento.

Era tentador transformar-me num gato dos telhados e pregar-lhe um bom susto, mas seria muito arriscado proceder a uma mudança tão perto da mansão. Preparava-me para levantar vôo dali quando avistei finalmente algo que abandonava a propriedade de Simon Lovelace.

Um pequeno buraco circular alargou-se no elo azul tremeluzente e saiu de lá um diabrete verde-garrafa com asas de morcego e focinho de porco. O buraco fechou-se; o diabrete bateu as asas e voou rua abaixo, à altura dos postes públicos.

Levava duas cartas numa pata.

Naquele momento ouviu-se um arrulho ronronante bem junto ao meu ouvido. Virei parcialmente a cabeça — e olhei diretamente para o bico daquela pomba vinda sabe-se lá de onde. Com a deslealdade da astúcia feminina, ela aproveitou a oportunidade para se acercar mais de mim.

A minha resposta foi eloqüente e breve. Levou com a ponta de uma asa no olho e uma patada na plumagem. E com aquilo elevei-me no ar, atrás do diabrete.

Era evidente para mim que se tratava de alguma espécie de mensageiro, a quem fora confiado algo muito perigoso ou secreto para ser dito por telefone ou carta. Já vira criaturas daquelas[44]. O que quer que ele levasse agora, era a minha primeira oportunidade de espiar as atividades de Lovelace.

[44] Algumas sociedades que conheci recorriam muito a diabretes mensageiros. Os telhados e tamareiras da velha Bagdá (que não tinha telefone nem *e-mail*) costumavam estar apinhados destas coisas após o café-da-manhã e pouco antes do pôr-do-sol, que eram os dois momentos tradicionais para o envio de mensagens.

O diabrete sobrevoou alguns jardins, aprovei-

tando uma corrente ascendente. Segui-o, deslocando-me com esforço devido às minhas asas atarracadas. Entretanto, analisei cuidadosamente a situação. A coisa mais sensata e segura a fazer seria ignorar os envelopes que ele levava e concentrar-me antes em travar amizade com ele. Por exemplo, podia adotar o aspecto de outro diabrete mensageiro e entabular conversa, conquistando talvez a sua confiança no decurso de vários encontros fortuitos. Se eu fosse paciente, simpático e me mostrasse bastante desinteressado, sem dúvida ele acabaria por dar com a língua nos dentes...

Ou então podia bater nele. Esta seria uma abordagem mais rápida e direta e, tudo considerado, dei-lhe preferência. Assim, segui o diabrete a uma distância discreta e ultrapassei-o por cima de Hampstead Heath.

Quando nos encontrávamos numa área bastante afastada, efetuei a mudança de pombo para gárgula; depois desci a pique sobre o desafortunado diabrete, arranquei-o do ar e fomos parar os dois na terra entre algumas árvores raquíticas. Feito isto, agarrei-o por uma pata e dei-lhe uma boa sacudida.

— Largue-me — guinchou, debatendo-se para lá e para cá com as suas patas com quatro garras. — Vou te pegar! Vou te cortar em postas, você vai ver!

— Ah, vai, meu garoto? — Arrastei-o para o mato e prendi-o sem cerimônia debaixo de um pequeno pedregulho. Só se viam o focinho e as patas.

— Muito bem — disse-lhe, sentando-me de pernas cruzadas em cima da pedra e arrancando os envelopes de uma pata. — Primeiro vamos ler isto, depois podemos conversar. Pode contar-me tudo o que sabe a respeito de Simon Lovelace.

Fingindo ignorar as pragas verdadeiramente chocantes que provinham lá de baixo, dei atenção aos envelopes. Eram muito diferentes. Um era liso e estava

completamente em branco: não tinha destinatário nem marca e estava selado com uma pequena gota de lacre vermelho. O outro era mais vistoso: feito de papel aveludado macio e amarelado, o seu selo fora aplicado com a forma do monograma do mago, SL. Estava endereçado ao Exm° Senhor R. Devereux.

— Primeira pergunta — disse eu. — Quem é R. Devereux?

A voz do diabrete saiu abafada mas insolente.

— Deve esta me gozando! Não sabe quem é Rupert Devereux? É estúpido ou quê?

— Um pequeno conselho — adverti-o. — Falando de uma maneira geral, não *é* sensato ser malcriado com alguém maior do que você, especialmente quando acabou de ficar preso debaixo de uma pedra.

— Pode meter os teus conselhos no...*** [45]

[45] Estes elegantes asteriscos substituem um breve episódio censurado que se caracterizou por uma linguagem grosseira e alguma violência, infelizmente necessária. Quando retomamos a história, está tudo como antes, só que eu me encontro ligeiramente suado e o diabrete contrito é um modelo de cooperação.

— Vou perguntar outra vez. Quem é Rupert Devereux?

— É o Primeiro-Ministro britânico, ó Mui Magnânimo e Misericordioso.

— Ah, é?[46] Lovelace move-se nas altas esferas. Vejamos então o que ele tem a dizer ao Primeiro-Ministro...

[46] Na noite em que roubara o Amuleto, ouvira Lovelace falar com um certo ceticismo em relação às capacidades do Primeiro-Ministro e esta lacuna no meu conhecimento sugeria que ele estava certo. Se Devereux tivesse sido um mago proeminente, o mais provável era eu ter ouvido o seu nome. As notícias sobre os poderosos circulavam rapidamente, pois são sempre os alvos

preferidos.

Estendendo a minha garra mais afiada, levantei cuidadosamente o lacre do envelope com o mínimo de estragos e coloquei-o na pedra a meu lado por uma questão de segurança. Depois abri o envelope.

Não era a carta mais emocionante que eu já interceptara.

{Caro Rupert,

Por favor aceite as minhas mais profundas e humildes desculpas, mas sou capaz de chegar ligeiramente atrasado ao Parlamento esta noite. Surgiu algo urgente relacionado com o grande acontecimento da próxima semana e tenho simplesmente de tentar resolvê-lo. Não gostaria que nenhum dos preparativos se atrasasse excessivamente. Espero que considere legítimo perdoar-me o eventual atraso.

Gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe voltar a exprimir o quanto ficaremos eternamente gratos por termos a oportunidade de contar com a sua presença na conferência,

Amanda renovou já o salão e está neste momento a preparar novas decorações suaves (no estilo Novo Persa) para os seus aposentos. Encomendou também uma grande quantidade dos seus aperitivos preferidos, incluindo línguas de cotovia frescas.

Renovo as minhas desculpas. Estarei sem dúvida presente no seu Discurso de Estado.

O seu criado fiel e inabalavelmente obediente,

Simon}

Precisamente o discurso lambe-botas dos magos; o tipo de palavreado sicofântico que deixa uma sensação untuosa na língua. E não era grandemente esclarecedor. Mesmo assim, pelo menos não tinha dificuldade em adivinhar o que era «algo extremamente urgente» — só podia ser o desaparecimento do Amuleto, claro. Deu

também para perceber que ele precisava resolver o assunto antes de um «grande acontecimento» na próxima semana — uma conferência qualquer. Talvez valesse a pena investigar. Quanto a «Amanda»: só podia ser a mulher que eu vira com Lovelace na minha primeira deslocação à mansão. Seria útil saber algo mais sobre ela.

Guardei a carta cuidadosamente no envelope, peguei no selo de lacre e, aplicando sabiamente um ínfimo acesso de calor, derreti-o por baixo. Depois voltei a colar o selo e... pronto! Tal como novo.

A seguir, abri o segundo envelope. Lá dentro encontrava-se um pequeno pedaço de papel, contendo uma mensagem breve.

{*Os bilhetes continuam perdidos. Podemos ter de cancelar o espetáculo. Por favor, considere as nossas opções. Vemo-nos no P. esta noite.*}

Assim já nos entendemos! *Muito* mais suspeito: sem destinatário, sem assinatura ao fundo, tudo muito vago mesmo. E, à semelhança de todas as melhores mensagens secretas, o seu verdadeiro significado estava oculto. Ou, pelo menos, afigurar-se-ia assim a qualquer totó humano que por acaso a lesse. Eu, por outro lado, vi imediatamente nas entrelinhas o que eram os «bilhetes» perdidos. Lovelace voltava a abordar discretamente o amuleto desaparecido. Parecia que o garoto estava certo: talvez o mago tivesse *mesmo* algo a esconder. Estava na hora de fazer umas perguntinhas diretas ao meu amigo diabrete.

— Muito bem — disse-lhe —, este envelope em branco... Onde vai levar?

— À residência de Mr. Schyler, *ó* Mui Terrível. Ele vive em Greenwich.

— E quem *é* Mr. Schyler?

— Creio, ó Luz de Todos os *Djinn,* que ele é o velho mestre de Mr. Lovelace. Sou regularmente portador de correspondência entre eles. São ambos ministros do Governo.

— Estou vendo. — Isto era algo a investigar, apesar de ser de pouca importância. O que eles estariam tramando? O que era este «espetáculo» que poderia ter de ser cancelado? Pelas pistas em ambas a cartas, parecia que Schyler e Lovelace iam se encontrar para discutir assuntos naquela noite, no Parlamento. Valeria bem a pena estar lá, para escutar o que eles tinham a dizer.

Entretanto, retomei o meu interrogatório.

— Simon Lovelace. O que sabe a seu respeito? Que conferência é esta que ele está organizando?

O diabrete soltou um grito de desespero.

— Ó Raio Brilhante da Luz das Estrelas, lamento muito, mas não sei! Que eu seja torrado pela minha ignorância! Limito-me a levar mensagens, dado o meu pouco préstimo. Vou onde me mandam e trago de volta respostas, sem nunca me afastar do meu caminho, nem nunca parar — a menos que tenha a sorte de ser desviado pelas vossas boas graças e esmagado debaixo de uma pedra.

— Efetivamente. Bem, quem é mais íntimo de Lovelace? A quem leva mensagens com mais freqüência?

— Ó Mui Gloriosa Pessoa de Elevada Reputação, talvez Mr. Schyler seja o correspondente mais freqüente. Tirando ele, ninguém se destaca. São principalmente políticos e pessoas de vulto na sociedade de Londres. Todos magos, claro, mas eles variam bastante. Ainda outro dia, por exemplo, levei mensagens a Tim Hildick, Ministro das Regiões, a Sholto Pinn, de Pinn's Accoutrements e a Quentin Makepeace, o empresário

teatral, trazendo resposta. Isto é um exemplo típico.

— Pinn's Accoutrements... O que é isso?

— Se alguém mais fizesse essa pergunta, ó Aquele Que É Terrível e Grande, eu teria dito que era um pobre ignorante; em vós é sinal de desconcertante simplicidade, que é a fonte de toda a virtude. Pinn's Accoutrements é o fornecedor mais prestigiado de artefatos mágicos em Londres. Situa-se em Piccadilly. Sholto Pinn é o proprietário.

— Interessante. Portanto, se um mago quisesse comprar um artefato, iria ao Pinn's?

— Sim.

— O quê?

— Peço desculpa, ó Milagroso, é difícil pensar em novos títulos para vós quando fazeis perguntas curtas.

— Desta vez, passa. Portanto, além de Schyler, ninguém mais se destaca em todos os contatos dele? Tem certeza?

— Sim, Ser Exaltado. Ele tem muitos amigos. Não sou capaz de escolher um.

— Quem é Amanda?

— Não poderia dizer, ó Corifeu. Talvez seja a mulher dele. Nunca lhe levei mensagens.

— «Ó *Corifeu*». Está realmente se esforçando, não está? Muito bem. Vêm aí as duas últimas perguntas. Primeira: alguma vez viu ou entregou mensagens a um homem alto, de barba escura com uma capa de viagem com manchas e luvas? Carrancudo, misterioso. Segunda: que servos Simon Lovelace emprega? Não me refiro a insignificantes como você, mas a poderosos como eu. Mostre-se inteligente e talvez eu retire esta pedra antes de ir embora.

A voz do diabrete era pesarosa.

— Gostaria de poder satisfazer cada capricho

vosso, Senhor de Tudo O Que se Observa, mas, primeiro: receio nunca ter posto os olhos em semelhante pessoa barbuda, e, segundo: não tenho acesso a qualquer dos aposentos interiores do mago. Existem entidades formidáveis lá dentro; sinto o seu poder, mas felizmente nunca as encontrei. Tudo o que sei é que esta manhã o amo instalou treze *krels* devoradores nos terrenos circundantes. Treze! Um já seria suficientemente mau. Atacam sempre a minha perna quando chego com uma carta.

Refleti por um momento. A minha maior pista era a ligação com Schyler. Ele e Lovelace deveriam estar tramando algo, não restavam dúvidas, e se eu escutasse no Parlamento naquela noite, poderia muito bem descobrir o quê. Mas ainda faltavam muitas horas; entretanto, ocorreu-me ir fazer uma visitinha a Pinn's Accoutrements, de Piccadilly. Com certeza Lovelace não obtivera ali o seu Amuleto, mas podia ficar sabendo alguma coisa sobre o passado recente da bugiganga, se inspecionasse o local.

Houve uma ligeira contorção debaixo da pedra.

— Se terminaste, ó Clemente, poderia ser-me permitido seguir o meu caminho? Sofrerei o Pontilhado Rubro se me atrasar na entrega das minhas mensagens.

— Muito bem. — É tão comum engolir diabretes menores como cair nas garras de um deles, mas esse não era realmente o meu estilo[47]. Saí de cima da pedra e arremessei-a para o lado. Um mensageiro da espessura de uma folha de papel dobrou-se em dois lugares e pôs-se em pé com esforço.

[47] Além disso, teria me provocado cãibras durante o vôo.

— Aqui estão as tuas cartas. Não se preocupe, não as adulterei.

— Não tenho nada com isso se o fez, ó Glorioso Meteoro do Oriente. Limito-me a levar os envelopes. Não sei nada sobre o que contêm, ou sei? — Terminada a crise, o diabrete já estava voltando ao seu tipo ofensivo.

— Não fale a ninguém sobre o nosso encontro, senão estarei à tua espera da próxima vez que sair.

— O quê, acha que ando à procura de encrencas? Nem pensar. Bem, se a surra acabou, vou-me embora daqui.

Com alguns batimentos penosos das suas asas semelhantes a couro, o diabrete elevou-se no ar e desapareceu por cima das árvores. Dei-lhe alguns minutos para se afastar, depois transformei-me de novo num pombo e levantei vôo, dirigindo-me para o sul, sobrevoando a solitária charneca até o distante Piccadilly.

17

Pinn's Accoutrements era o tipo de loja onde só os ricos ou os corajosos ousavam entrar. Ocupando uma posição vantajosa na esquina da Duke Street com Piccadilly, dava a impressão de que um palácio qualquer fora largado ali por um bando de *djinn* esgotados, e depois tinha sido soldado aos edifícios mais monótonos de cada lado. As suas janelas iluminadas e colunas douradas estriadas destacavam-se entre as livrarias dos magos e as casas de caviar-e-patê que se estendiam pela ampla avenida cinzenta; mesmo quando visto do ar, a sua aura de elegância requintada destacava-se a quase quilômetro e meio de distância.

Tinha de ter cuidado ao pousar aqui — muitos dos peitorais apresentavam pontas de ferro ou estavam pintados com cal pegajosa para afastar pombos sem préstimo como eu — mas finalmente instalei-me no alto de um luminoso com uma boa vista sobre Pinn's e comecei a inspecionar o local.

Cada vitrine era um monumento à pretensão e comunidade a que todos os magos secretamente aspiravam: bastões cravejados de jóias giravam em suportes, lupas gigantes deslocavam-se sobre séries de anéis e pulseiras que brilhavam, manequins automatizados oscilavam com pretensiosos ternos italianos com alfinetes de brilhantes nas lapelas. Lá fora, na calçada, os magos mais simples arrastavam-se com as suas roupas de trabalho muito usadas, olhando desejosamente para as vitrines, e prosseguiam sonhando com riqueza e fama. Viam-se por ali poucos não-magos. Não era uma parte da cidade para eles.

Através de uma das vitrines, consegui ver um balcão alto de madeira envernizada ao qual estava sen-

tado um homem imensamente gordo todo vestido de branco. Empoleirado precariamente num banco, estava ocupado dando ordens a uma pilha de caixas que oscilava e balançava ao lado dele. Foi dada uma ordem final, o homem gordo olhou para outro lado e a pilha de caixas partiu, vacilante, sala afora. Um momento depois voltaram e avistei um pequeno *foliot* atarracado arfando debaixo delas. Quando chegou a um conjunto de prateleiras num canto da loja, estendeu uma cauda particularmente comprida e, com uma série de movimentos destros, retirou as caixas uma por uma do alto da pilha e dispôs cuidadosamente na prateleira.

Calculei que o homem fosse o próprio Sholto Pinn, o dono da loja. O diabrete mensageiro dissera que ele era um mago, e percebi que trazia um monóculo de aro dourado enfiado num olho. Sem dúvida era este que lhe permitia observar a verdadeira forma do seu servo, visto que no primeiro plano *o foliot* tinha o aspecto de um jovem para evitar sobressaltar os transeuntes não-magos. Aos olhos dos humanos, Sholto afigurava-se um sujeito formidável; apesar de toda a sua envergadura, os seus movimentos eram ágeis e enérgicos, e os seus olhos rápidos e penetrantes. Algo me disse que seria difícil enganá-lo, por isso abandonei o meu plano inicial de adotar um disfarce e tentar sacar-lhe informações.

O pequeno *foliot* parecia uma aposta melhor. Aguardei pacientemente uma oportunidade.

Quando chegou a hora do almoço, o fluxo de clientes abastados que entrava no Pinn's aumentou um pouco. Sholto adulava e fazia vênias; por ordem dele, o *foliot* correu de um lado para o outro pela loja, indo buscar caixas, capas, chapéus-de-chuva ou qualquer outro artigo que fosse solicitado.

Efetuaram-se algumas vendas, depois a hora do

almoço chegou ao fim e os clientes partiram. Então, os pensamentos de Sholto convergiram para o seu estômago. Deu algumas instruções ao *foliot,* vestiu um sobretudo preto grosso e deixou a loja. Vi-o chamar um táxi e embrenhar-se no trânsito. Ia demorar algum tempo.

Entretanto, o *foliot* colocara na porta um cartaz de FECHADO e retirara-se para o banco ao lado do balcão, onde, numa imitação de Sholto, se sentou com ar importante.

Eis a minha oportunidade. Mudei de disfarce. Adeus, pombo; em vez dele, um humilde diabrete mensageiro, copiado daquele que eu castigara em Hampstead, veio bater à porta de Pinn's. O *foliot* ergueu o olhar, surpreendido, fitou-me com ar carrancudo e fez-me sinal para desandar. Voltei a bater, só que mais alto. Com um grito de exasperação, o *foliot* saltou do banco, veio até à porta e abriu uma nesga. A campainha da loja tiniu.

— Estamos fechados.

— Mensagem para Mr. Sholto.

— Ele saiu. Volta mais tarde.

— Não pode esperar, p'trão. Urgente. Quando é que ele volta?

— Mais ou menos daqui a uma hora. O amo foi almoçar.

— Onde é que ele foi?

— Ele não me forneceu essa informação. — Este *foliot* tinha uns modos arrogantes, superiores mesmo; devia considerar-se muito bom para falar com diabretes como eu.

— Não tem importância. Eu espero. — E, com um meneio e um deslizar, transpus a porta, passei por baixo do braço dele e entrei na loja.

— Oh, isto é chique, não é?

O *foliot* correu atrás de mim, em pânico.

— Fora! Fora! Mr. Pinn deu-me ordens estritas para não deixar ninguém...

— Não fique tão exaltado, camarada. Não vou roubar nada.

O *foliot* colocou-se entre mim e o expositor de relógios de prata mais próximo.

— Espero mesmo que não! Posso chamar um *borla* com uma pancada do meu pé para devorar qualquer ladrão ou intruso! Agora, por favor, sai!

— Está bem, está bem. — Os meus ombros se curvaram quando me virei para a porta. — É muito poderoso para mim. E muito bafejado pela sorte. Não é qualquer um que vem trabalhar num lugar chique como este.

— Lá isso é verdade. — O *foliot* irritava-se facilmente, mas também era vaidoso e fraco.

— Aposto que não leva nenhuma surra, nem o Pontilhado Rubro.

— Claro que não! Sou um modelo de eficiência e o amo é muito generoso comigo.

Agora já sabia com o que estava lidando. Ele era um colaborador da pior espécie. Apeteceu-me mordê-lo[48]. No entanto, proporcionou-me espaço para manobra.

[48] A maior parte de nós cumpre as suas obrigações apenas sob a ameaça de sofrimento, simplesmente porque somos magoados se não colaborarmos. Mas alguns, tipicamente os que estão em empregos cômodos, como o servidor de Sholto, acostumam-se a gostar do estatuto servil, e deixam de se ressentir com a situação. Muitas vezes, nem sequer têm de ser chamados, mas agrada-lhes trabalhar horas a fio para os seus amos, ignorando a dor que sofrem por estarem continuamente presos dentro de um corpo físico. Os restantes olham-nos geralmente com ódio e desprezo.

— Oh! — exclamei. — Acho que ele deve ser generoso *mesmo*. Por que será? Porque ele sabe a sorte que tem em poder contar com a tua ajuda. Calculo que não possa passar sem você. Aposto que é bom para puxar coisas pesadas. E consegue chegar às prateleiras altas com essa tua cauda, ou servir-te dela para varrer o chão...

O *foliot* irritou-se.

— Seu fungo descarado! O amo me dá valor por muito mais do que isso! Para tua informação, ele refere-se à minha pessoa (na presença de outros, atenção) como seu *assistente!* Eu cuido da loja enquanto ele vai almoçar. Faço as contas, ajudo a examinar os artigos que vêm oferecer, tenho muitos contatos...

— Espera aí... «os artigos»? — Assobiei baixinho. — Está me dizendo que ele te deixa mexer na mercadoria, todos os seus artigos mágicos, amuletos e coisas assim? Não!

Ante aquilo, a repelente criatura chegou mesmo a pôr um sorriso tolo.

— Deixa sim! Mr. Pinn confia em mim implicitamente.

— O quê... coisas realmente poderosas, ou apenas o refugo do mercado: você sabe... mãos da glória, vidros *mouler* e essas coisas?

— Coisas poderosas, como é *lógico!* Artigos que são muito perigosos e raros! O amo tem que ter certeza dos seus poderes, entende, e certificar-se de que não são falsificações — e precisa da minha ajuda para isso.

— Não! Que tipo de coisas, nesse caso? Não algo famoso? — Agora estava magnificamente instalado, encostado à parede. A cabeça do escravo traiçoeiro estava a inchar tanto [49] que se esqueceu por completo de me expulsar.

[49] Quero dizer a inchar literalmente. Como um balão verde-visco insuflado lentamente por uma bomba de pedal. Alguns *foliots* (do tipo simples) mudam de tamanho e forma para exprimirem o seu estado de espírito.

— Hum, provavelmente nunca ouviu falar de nenhum deles. Bem, deixe-me ver... O ponto alto do ano passado foi a pulseira que Nefertiti usava no tornozelo! Foi uma sensação! Um dos agentes de Mr. Pinn desenterrou-a no Egito e trouxe-a num avião especial. Tive a honra de limpá-la — efetivamente limpá-la! Pense *nisso* quando andar por aí voando na chuva. O Duque de Westminster arrematou-a num leilão por uma soma considerável. Dizem — aqui, ele se aproximou mais, baixando a voz — que foi um presente para a esposa, que é incrivelmente feia. A pulseira para tornozelo confere grande fascínio e beleza a quem a usa, e foi por isso que Nefertiti conquistou o faraó, claro. Ora, você não sabe nada disso[50].

[50] Até que ponto nos podemos enganar? Em primeiro lugar, fui eu que levei a pulseira a Nefertiti. E poderia acrescentar que ela já era uma brasa antes de colocá-la. (A propósito, estes magos modernos estão enganados. A pulseira para tornozelo não melhora o aspecto de uma mulher; obriga o marido dela a obedecer a cada capricho seu. Perguntava-me, em certa medida, como o pobre Duque estaria se saindo.)

— Ná.

— Que mais tivemos? A Pele da Loba de Rômulo, a flauta de Chartres, o crânio de Frei Bacon... podia continuar, mas iria ficar enfastiado.

— É tudo um pouco complicado para mim, p'trão. Olha, vou-te contar uma coisa que ouvi. O Amuleto de Samarcanda. O meu amo mencionou-o algumas vezes. Aposto que nunca o limpou.

Mas este comentário fortuito tocara em algum

nervo, o *foliot* semicerrou os olhos e agitou a cauda.

— Afinal, quem *é* o teu amo? — perguntou bruscamente. — E onde está a tua mensagem? Não o vejo trazendo nenhuma.

— Claro que não vê. Está aqui dentro, não está? — Bati na cabeça com uma garra. — Quanto ao meu amo, não existe qualquer segredo nisso. Chama-se Simon Lovelace. Talvez o tenha visto por aqui.

Aquilo era um pouco arriscado, meter o mago no barulho. Mas os modos do *foliot* mudaram ante a menção do Amuleto, e não estava interessado em aumentar as suspeitas dele fugindo do assunto. Felizmente, ele parecia impressionado.

— Oh, é Mr. Lovelace, é? É novo ao serviço dele, não é? Onde está Nittles?

— Ele perdeu uma mensagem ontem à noite. O amo pontilhou-o para sempre.

— Ah, foi? Sempre achei o Nittles muito frívolo. Toma, que *é* para aprender. — Este pensamento agradável pareceu descontrair o *foliot:* surgiu nos seus olhos uma expressão vaga. — Um verdadeiro cavalheiro, Mr. Lovelace é um cliente perfeito. Sempre bem vestido, pede as coisas com delicadeza. Um bom amigo de Mr. Pinn, claro... Com que então ele andava atrás do Amuleto, era? Bem, isso não surpreende, considerando o que aconteceu. Foi algo muito desagradável, e ainda não encontraram o assassino, decorridos seis meses.

Aquilo fez-me arrebitar as orelhas, mas não o evidenciei. Cocei o nariz descontraidamente.

— Sim, Mr. Lovelace referiu que acontecera algo de mau. No entanto, não disse o quê.

— Bem, ele não o faria a um insignificante como você, não é? Há quem diga que foi a «Resistência» que o fez, seja lá isso o que for. Ou um mago renegado — isso será mais provável, talvez. Não sei, acha que com

todos os recursos que o Estado tem...

— Mas afinal, o que aconteceu ao Amuleto? Foi afanado, não foi?

— Foi roubado, sim. E houve também um crime. Macabro. Sinceramente, foi extremamente perturbador. Pobre, *pobre* Mr. Beecham. — E dizendo isto, aquela imitação grotesca de *foliot* limpou uma lágrima do olho[51]. — Perguntou-me se tivemos o Amuleto aqui? Bem, claro que não. Era muito valioso para ser posto à venda às claras. Há anos que é propriedade do Governo e durante os últimos trinta esteve na guarda de Mr. Beecham, na sua propriedade no Surrey. Alta segurança, portais e tudo. Mr. Beecham costumava mencioná-lo esporadicamente a Mr. Pinn, quando vinha nos visitar. Era um excelente homem — duro mas justo, admirável. Ai de mim!

[51] Podia ver-se até que ponto ele se passara para o inimigo pela forma como descrevera a morte do mago como «assassínio». E como estava transtornado! Sinceramente, quase faz uma pessoa ansiar pela agressão simples de Jabor.

— E alguém roubou o Amuleto de Beecham?

— Sim, há seis meses. Nem um só portal foi acionado, os guardas não deram por nada, mas um dia, no final da tarde, tinha sumido. Desapareceu! E lá estava o pobre Mr. Beecham, jazendo ao lado do estojo vazio, numa poça de sangue. Morto e bem morto! Ele devia estar na sala com o Amuleto quando os ladrões entraram e, antes de ter tempo de pedir socorro, eles cortaram-lhe a garganta. Que tragédia! Mr. Pinn ficou muito perturbado.

— Estou certo que sim. Foi terrível, p'trão, uma coisa terrível. — Mostrei-me o mais pesaroso que um diabrete pode estar, mas cá por dentro vangloriava-me. Esta era a melhor parte da informação que eu procura-

va. Afinal Simon Lovelace mandara efetivamente roubar o Amuleto — e mandara cometer um crime, para consegui-lo. O homem de barba negra que Nathaniel vira no gabinete de trabalho de Lovelace devia ter ido até lá logo depois de matar Beecham. Além disso, se agira por conta própria ou se fazia parte de algum grupo secreto, Lovelace roubara o Amuleto do próprio Governo, e deste modo, estava envolvido em traição. Bem, se isto não agradasse ao garoto, eu era um *mouler*.

De uma coisa tinha certeza: o menino Nathaniel metera-se numa grande confusão quando me mandara roubar o Amuleto, muito maior do que supunha. Era óbvio que Simon Lovelace não recuaria perante nada para recuperá-lo — e, para já, silenciaria quem quer que soubesse que ele chegara a tê-lo nas mãos.

Mas por que o roubara de Beecham? O que o levara a arriscar a ira do Estado? Eu conhecia a reputação do Amuleto, mas não a natureza exata do seu poder. Talvez este *foliot* me pudesse ajudar nessa matéria.

— Esse Amuleto deve ser muito especial — comentei. — Uma peça útil, é?

— Pelo que disse o meu amo. Consta que contém um ser muito poderoso, algo das zonas mais profundas do Outro Lugar, onde reina o caos. Protege quem o usa contra ataques de...

Os olhos do *foliot* desviaram-se para trás de mim e calou-se com um sobressalto súbito. Envolvia-o uma sombra, uma sombra grande que cresceu enquanto avançava pelo assoalho envernizado. Ouviu-se o tinido da campainha quando a porta de Pinn's Accoutrements se abriu, deixando por breves instantes que o ruído do trânsito de Piccadilly entrasse no silêncio confortável da loja.

— Ora, ora, Simpkin — disse Sholto Pinn, enquanto fechava a porta com uma bengala de marfim. —

Recebendo um amigo na minha ausência, é? Patrão fora...

— N-n-não, amo, não é nada disso. — O patife ranhoso tocou numa madeixa de cabelo sobre a testa e encolheu-se o melhor que pôde. A sua cabeça inchada estava nitidamente a mirrar. Que exibição. Fiquei onde estava, impávido e sereno, encostado à parede.

— Não é um amigo? — A voz de Sholto era baixa, profunda e trovejante; de certa forma, fazia-nos pensar no sol a incidir em madeira enegrecida pelo tempo, ou latas de cera de abelha e garrafas de vinho do Porto antigo[52]. Era uma voz bem-humorada, aparentemente prestes a irromper numa gargalhada gutural. Bailou um sorriso nos seus lábios finos e largos, mas os olhos por cima estavam frios e duros. Visto de perto, era ainda maior do que eu esperara, um homem que era uma enorme parede branca. Vestindo o seu casaco de peles, poderia ser confundido, a uma luz fraca, com o dorso de um mamute.

[52] Não? O que se há de fazer? É o poeta em mim, creio.

Simpkin deslizara cautelosamente para a parte da frente do balcão.

— Não, amo. E-ele é um mensageiro. E-e-ele traz uma mensagem.

— Surpreende-me, Simpkin! Um mensageiro com uma mensagem! Extraordinário! Mas por que é que não recebeu a mensagem, e o mandou embora? Deixei-lhe muito serviço para fazer.

— Deixou, amo, deixou. Mas ele acabou de chegar!

— Mais extraordinário ainda! Através da minha bola de cristal, estive vendo-o conversar com ele como uma comadre nos últimos dez minutos! Que explicação

pode existir? Talvez a minha visão esteja piorando, com o avançar da idade. — O mago retirou o seu monóculo de um bolso do colete, colocou-o sobre o olho esquerdo[53] e deu dois passos, fazendo balançar a sua bengala. Simpkin estremeceu mas não deu resposta.

[53] Com o auxílio das suas lentes, os magos conseguem ver com clareza o segundo e o terceiro planos e indistintamente o quarto. Sholto estava, sem dúvida, a verificar-me nestes. Felizmente, a minha forma de diabrete era extensiva ao quarto, por isso estava salvo.

— Ora muito bem. — A bengala desceu subitamente na minha direção. — A tua mensagem, diabrete, onde é que está?

Toquei respeitosamente na minha madeixa sobre a testa.

— Confiei-a à minha memória, senhor. O meu amo achou-a muito importante para ser escrita no papel.

— Não me diga... — O olho por detrás do monóculo mirou-me de alto a baixo. — E o teu amo *é*...

— Simon Lovelace, senhor! — Fiz uma continência elegante e pus-me em sentido. — E, se me der licença, senhor, transmitir-lhe-ei a mensagem agora, depois partirei. Não desejo roubar-lhe mais tempo.

— Muito bem. — Sholto Pinn aproximou-se mais e fitou-me intensamente com ambos os olhos. — A tua mensagem... Por favor, continua.

— Simplesmente isto, senhor: «Caro Sholto, Foi convidado para o Parlamento esta noite? Eu não... o Primeiro-Ministro parece ter-se esquecido de mim e sinto-me bastante afrontado. Por favor, responda com um conselho a.q.p.* Espero que esteja tudo bem consigo, Simon.» Sem tirar nem pôr, senhor, sem tirar nem pôr. — Aquilo parecia-me bastante plausível, mas não

queria forçar a minha sorte. Voltei a fazer-lhe a continência e dirigi-me para a porta.

* Assim que possível. *(NT)*

— Afrontado, hein? Pobre Simon. Mmm. — O mago refletiu um momento. — Antes de ir, como se chama, diabrete?

— Ãã... Bodmin, senhor.

— Bodmin. Mmm. — Sholto Pinn esfregou uma das papadas com um dedo grosso coberto de jóias. — Está sem dúvida ansioso para voltar ao teu amo, Bodmin, mas, antes de ir, tenho duas perguntas a fazer.

Relutantemente, estaquei.

— Oh... sim, senhor.

— Estou vendo que é um diabrete muito educado. Bem, em primeiro lugar: por que não haveria Simon de *escrever* um bilhete tão inofensivo? E perfeitamente inócuo e podia perfeitamente ter sido adulterado na memória de um demônio menor como tu.

— Eu tenho uma excelente memória, senhor. Sou famoso por ela, sou sim.

— Mesmo assim, é muito esquisito... Não interessa. A minha outra pergunta... — E, aqui, Sholto aproximou-se mais um passo ou dois de modo que se agigantou. Avolumou-se efetivamente. Na minha presente forma nem sequer chegava a sentir-me insignificante.

— A minha outra pergunta é: por que Simon não me pediu conselho pessoalmente, há quinze minutos, *quando me encontrei com ele para um almoço previamente combinado?*

Ah. Estava na hora de vazar.

Dei um salto para a saída, mas, apesar da minha rapidez, Sholto Pinn foi mais rápido. Bateu com a ben-

gala no chão e inclinou-a para frente. Um raio de luz amarela irrompeu da extremidade e colidiu com a porta, emitindo plasmas globulares que imobilizavam instantaneamente tudo que tocavam. Dei saltos mortais sobre eles através de uma nuvem de vapor gelado e aterrei em cima de um expositor abarrotado de roupas de baixo de cetim. A bengala libertou outro feixe; antes dele bater eu já ia a meio do ar, saltando por cima da cabeça do mago e caindo com força sobre o balcão, espalhando papéis para todos os lados.

Depois rolei e disparei uma Detonação — colidiu diretamente com as costas do mago, impelindo-o na direção do expositor gelado. Ele estava envolvo num escudo protetor — pude vê-lo sob a forma de belas faíscas amarelas, quando percorreu os planos — mas, apesar de não haver nele o buraco que pretendia, ficou sem fôlego. Deixou-se cair, arfando numa confusão de *boxers* gelados. Dirigi-me para a vitrine mais próxima, tencionando precipitar-me para a rua.

Esquecera-me de Simpkin. Saltando rapidamente de trás de um expositor de capas, arremessou uma bengala gigante (assinalada com uma etiqueta EXTRA-LARGE) diretamente na minha cabeça. Baixei-me; a bengala bateu na superfície de vidro do balcão. Simpkin recuou para repetir o golpe; atirei-me a ele, arranquei-lhe a bengala das garras e dei-lhe uma cacetada que inverteu a topografia de suas feições. Com um grunhido, caiu sobre uma pilha de chapéus ridículos e segui o meu caminho.

Entre dois manequins, avistei um bocado de vitrine, feita de vidro transparente e curvo que refletia a luz do Sol que entrava nas cores delicadas do arco-íris. Parecia bastante cara. Disparei uma Detonação através dela, enviando uma nuvem de estilhaços de vidro em pó para a rua e atirei-me de cabeça pelo buraco.

Tarde demais. Quando o vidro se partira, fora ativada uma armadilha.

Os manequins viraram-se.

Eram de madeira escura envernizada — o tipo de manequim de loja que não tem feições humanas, apenas uma oval esbelta e macia no lugar onde deveria estar o rosto. Talvez uma ínfima sugestão de um nariz, mas sem boca nem olhos. Estavam a preparar a última coleção de roupa para feiticeiros: trajes pretos unissex com riscas brancas finas e lapelas extremamente finas, camisas branco-limão com colarinhos altos bem engomados, gravatas ousadamente coloridas. Não tinham sapatos: de cada perna de calça projetava-se apenas um simples bocado de madeira.

Quando saltei por entre eles, os seus braços levantaram-se para barrar a passagem. Das profundezas de cada manga saiu uma lâmina de prata que encaixou com um estalido nas suas mãos sem dedos. Eu ia muito depressa para parar, mas segurava ainda o bastão XL. Ergui-o diante do meu rosto bem a tempo: as lâminas cravaram-se todas nele, quase cortando-o e obrigando-me a uma súbita parada difícil.

Por um momento, senti a aura fria da prata na minha pele[54], depois larguei o bastão e atirei-me para trás. Os manequins dispararam as suas lâminas; o meu bastão caiu no chão em duas metades. Dobraram os joelhos e saltaram...

[54] A prata machuca-nos muito; queima a nossa essência com o seu frio cauterizante. Por isso, Sholto a instalara no seu sistema de segurança. Nem queria pensar no que fazia ao *djinn* aprisionado dentro dos manequins.

Dei um mortal para trás, por cima do balcão.

As lâminas de prata cravaram-se no assoalho de parquê bem no lugar onde eu estivera.

Precisava mudar, e rapidamente — a forma de falcão talvez desse certo — mas precisava igualmente me defender. Antes de conseguir decidir precisamente de que maneira, eles estavam de novo sobre mim, assobiando pelo ar, o vento a amarrotar os seus colarinhos enormes. Atirei-me para um lado, caindo sobre uma pilha de caixas de oferta vazias. Um manequim aterrou em cima do balcão, o outro por trás dele, as suas cabeças macias viradas para mim.

Sentia a minha energia ficando em baixa. Muitas mudanças, muitas fórmulas num período de tempo muito curto. Mas eu ainda não estava desesperado. Lancei um inferno sobre o manequim mais próximo — aquele que rastejava em cima do balcão. Uma explosão de fogo azul irrompeu do peito da sua camisa branca engomada e começou a espalhar-se rapidamente pelo tecido. A gravata ficou encarquilhada, o casaco começou a fumegar. O manequim ignorou isto, como era suposto fazer[55], e ergueu novamente a lâmina. Afastei-me. O manequim flexionou as pernas, pronto para saltar. O fogo lambia-lhe o torso; agora a própria madeira envernizada do corpo estava em chamas.

[55] O *djinni* lá dentro fora obrigado a obedecer às instruções — a defesa da loja —, independentemente do que lhe pudesse acontecer. Era aqui que eu tinha uma ligeira vantagem, visto a minha única obrigação de momento ser salvar a minha pele.

O manequim saltou alto no ar e curvou-se para mim, as chamas dançando atrás dele como um manto estendido. No último instante, saltei para o lado. Ele bateu pesadamente no chão. Ouviu-se um estalido aflitivo: a madeira enfraquecida pelo fogo partira-se com o impacto. O manequim deu um passo assimétrico na minha direção, o seu corpo balançando num ângulo grotesco — depois as suas pernas cederam. Caiu numa

confusão ígnea de membros enfraquecidos.

Preparava-me para fazer o mesmo ao companheiro dele, que pulara por cima da fogueira e se aproximava rapidamente, quando um som ligeiro na retaguarda me alertou para a recuperação parcial de Sholto Pinn. Virei-me para trás. Sholto estava meio sentado, olhando-me como se tivesse sido atingido por uma manada de búfalos. Um par de cuecas de homem adornava-lhe a testa num ângulo atraente. Mas ele ainda era perigoso. Procurou a sua bengala, encontrou-a e apontou na minha direção. O raio de luz amarela disparou mais uma vez, mas eu já desaparecera do lugar e os plasmas envolveram o segundo manequim no meio do salto. Com os membros inativos e gelados, ele caiu no chão, desfazendo uma perna em doze pedaços.

Sholto praguejou, olhou ao seu redor com ar desvairado. Realmente não precisava procurar muito longe a minha pequena pessoa. Estava bem por cima dele, equilibrado no topo de um conjunto de prateleiras sem apoio. Toda a pilha estava cheia de ficheiros meticulosamente indexados e exposições magnificamente dispostas de escudos, estatuária e caixas antigas que tinham sem dúvida sido manuseadas por seus legítimos donos em todo o mundo. Deviam valer uma fortuna. Apoiei as costas na parede, cravei os pés com firmeza no tampo da prateleira e empurrei com força.

O conjunto de prateleiras gemeu e oscilou.

Sholto ouviu o som. Olhou para cima. Vi os seus olhos arregalarem-se de horror.

Dei um safanão com toda a força, acrescentando-lhe um pouco de veneno. Estava pensando no *djinni* impotente, preso dentro dos manequins destruídos.

As prateleiras ficaram suspensas por um instante. Um pequeno vaso canopo egípcio foi o primeiro a cair, logo seguido de uma arca de incenso em teca. Depois o

centro da gravidade mudou, as prateleiras estremeceram e toda a estrutura desabou com extraordinária rapidez em cima do mago estatelado.

Sholto teve tempo para soltar talvez meio grito antes dos ornamentos o atingirem.

Com o som do impacto, os carros em Piccadilly guinaram para o lado, colidiram. Uma nuvem de incenso e pó de funeral ergueu-se dos restos espalhados da bela exposição de Sholto.

Estava satisfeito com a minha atuação até aqui, mas é sempre preferível safarmo-nos enquanto é tempo. Olhei cautelosamente para o conjunto de prateleiras, mas nada se mexia debaixo delas. Não era possível afirmar se o escudo defensivo dele fora suficiente para salvá-lo. Adiante. Certamente agora estava livre para partir.

Mais uma vez, dirigi-me para o buraco na janela. Mais uma vez, ergueu-se uma figura para me barrar a passagem. Simpkin.

Parei no meio do ar.

— *Por favor* — disse-lhe —, não me faça perder tempo. Já te remodelei o rosto. — Fazendo lembrar um dedo de luva virado do avesso, o seu nariz anteriormente saliente continuava enfiado bem fundo na cabeça. Tinha um ar mal-humorado.

Emitiu um murmúrio nasal.

— Você fez mal ao amo.

— Sim, e você devia dar pulos de alegria! — escarneci. — Se estivesse no teu lugar, ia acabar com ele, em vez de ficar aí assistindo como você, seu vira-casacas miserável.

— Levei semanas preparando aquela exposição.

Perdi a paciência.

— Tem um segundo para desaparecer, traidor.

— Tarde demais, Bodmin! Fiz soar o alarme. As

autoridades enviaram um af...

— Sim, sim. — Reunindo o resto da minha energia, transformei-me no falcão. Simpkin não estava à espera daquela transformação vinda de um humilde diabrete-mensageiro. Recuou aos tropeções; passei uma tangente por cima da cabeça dele, depositando um excremento de despedida no seu couro cabeludo e saí finalmente para a liberdade do ar!

Eis quando uma rede de fios de prata desceu, arrastando-me para a calçada de Piccadilly.

Os fios eram uma armadilha do tipo mais resistente: prenderam-me em todos os planos, colando-se às minhas penas que se debatiam, às patas que esperneavam e ao bico que abocanhava. Lutei com todas as minhas forças, mas os fios colavam-se a mim, cheios de terra, o elemento que me é mais adverso, e com o toque agonizante da prata. Não podia mudar, não podia operar qualquer magia, grande ou pequena. A minha essência ficava ferida ao menor contato com os fios — quanto mais me debatia, pior era a sensação.

Passados alguns segundos, desisti. Fiquei ali prostrado debaixo da rede, um pequeno monte imóvel, coberto de penas. Um dos meus olhos estreitou-se, espreitando pela curva da asa. Olhei para lá do entrelaçado mortífero de fios para a calçada cinzenta, ainda molhada do último aguaceiro e coberta com uma fina camada de estilhaços de vidro. E, aqui e ali, podia ouvir Simpkin às gargalhadas, prolongadas e estridentes.

Depois as lajes da calçada ficaram mais escuras, quando desceu uma sombra.

Dois grandes cascos fendidos aterraram com um tinido suave nas lajes. O asfalto borbulhava e estourava no lugar onde cada casco assentara.

Elevou-se vapor em volta da rede, carregado das fumaças nocivas do alho e do rosmaninho. A minha

mente ficou envenenada, a minha cabeça girou, os meus músculos ficaram frouxos...

Depois a escuridão envolveu o falcão e, tal como uma vela a derreter, apagou a sua inteligência.

Nathaniel
18

Os dois dias subseqüentes à Atribuição do Nome foram desconfortáveis para Nathaniel. Fisicamente, estava para baixo: o chamado de Bartimaeus e o duelo mágico entre eles encarregara-se disso. Quando regressou da ida ao Tamisa, já vinha fungando ligeiramente; ao cair da noite respirava como um porco; e na manhã seguinte estava com uma boa constipação, com o nariz sempre pingando. Quando apareceu como um fantasma na cozinha, Mrs. Underwood olhou bem para ele, virou-o nos calcanhares e mandou-o de volta para a cama. Seguiu-o pouco depois com uma bolsa de água quente, uma pilha de torradas com creme de chocolate e uma caneca fumegante de chá de limão com mel. Das profundezas dos cobertores, Nathaniel balbuciou um agradecimento.

— Não tem de quê, John — disse ela. — Não quero ouvir nem mais um pio teu esta manhã. Temos de te pôr bom para o Discurso de Estado, não temos? — Relanceou o quarto, de cenho carregado. — Está com um cheiro muito forte de velas por aqui — disse. — E incenso. Não esteve treinando aqui, não é?

— Não, Mrs. Underwood. — Interiormente, Nathaniel amaldiçoou o seu descuido. Teve intenções de abrir a janela para o cheiro sair, mas sentira-se tão cansado na véspera à noite que se esquecera. — Isso acontece às vezes. Os cheiros elevam-se até o alto da casa, vindos da sala de trabalho de Mr. Underwood.

— Estranho. Nunca tinha percebido antes.

Voltou a cheirar. Os olhos de Nathaniel foram atraídos como que por um ímã até à ponta do seu tape-

te, onde, para seu horror, viu o perímetro de um pentagrama incriminatório espreitando. Com um enorme esforço, desviou de lá o olhar e irrompeu num violento ataque de tosse. Mrs. Underwood foi distraída. Passou-lhe o chá de limão com mel.

— Bebe isso, querido. Depois dorme — disse-lhe. — Voltarei na hora do almoço.

Muito antes dela voltar, a janela fora aberta e o quarto bem arejado. As tábuas por baixo do tapete também tinham sido esfregadas.

Nathaniel estava deitado na cama. O seu nome novo, pelo qual Mrs. Underwood parecia determinada a tratá-lo, soava-lhe estranho aos ouvidos. Parecia falso, um pouco absurdo até. *John Mandrake*. Apropriado talvez para um mago dos livros de história; não tanto para um garoto fortemente constipado. Seria difícil acostumar-se à sua nova identidade, mais difícil ainda esquecer o seu antigo nome...

Não que lhe fosse permitido esquecê-lo, com Bartimaeus por perto. Mesmo com seu salvo conduto — a caixa de tabaco assentada no fundo do rio —, Nathaniel não se sentia nada seguro. Por mais que se esforçasse por expulsá-la da sua mente, a ansiedade voltava: era como um peso na consciência, espicaçando-o, recordando-o, sem nunca deixá-lo ter descanso. Talvez tivesse esquecido algo vital que o demônio pudesse detectar... talvez naquele momento ele estivesse preparando o seu plano, em vez de espiar Lovelace, conforme mandara.

Uma quantidade de possibilidades desagradáveis rodopiava sem cessar na sua mente enquanto permanecia no meio de restos de cascas de laranja e lenços de papel amarfanhados. Sentiu-se muito tentado a ir buscar a bola de cristal no seu esconderijo debaixo das telhas e, com a sua ajuda, examinar Bartimaeus. Mas sabia que

seria imprudente — a sua cabeça estava desorientada, a sua voz era um resmungo fraco e o seu corpo não tinha força suficiente para se sentar direito, quanto mais controlar um pequeno diabrete beligerante. No momento, o *djinni* teria de ficar entregue aos seus próprios expedientes dúbios. E por certo estaria bem.

Os cuidados de Mrs. Underwood fizeram com que Nathaniel se levantasse na terceira manhã.

— Bem a tempo — comentou ela. — É a nossa grande saída, esta noite.

— Quem vai estar lá? — perguntou Nathaniel. Estava sentado de pernas cruzadas a um canto da cozinha, engraxando os sapatos.

— Os trezentos ministros do Governo, os respectivos cônjuges, alguns aprendizes nomeados muito sortudos... e uns quantos parasitas — os magos menores da função pública ou das forças armadas, que estão quase sendo promovidos, mas ainda não conhecem as pessoas certas. É uma boa oportunidade para ver quem está na moda e fora dela, John, para não falar do que cada um veste. Na reunião de Verão, em Junho, várias mulheres de ministros apareceram com cafetãs ao estilo de Samarcanda. Fez um certo furor, mas não pegou, claro. Oh, por favor *concentre-se,* John. — Largara a escova.

— Desculpe, escorregou, foi tudo. Porquê Samarcanda, Mrs. Underwood? O que tem de tão atual?

— Não faço a menor idéia. Se já acabou de engraxar os sapatos, é melhor ir escovar o teu casaco.

Era um sábado e não havia aulas para distrair Nathaniel da emoção do que se avizinhava, por isso, à medida que o dia passava, ele foi sendo tomado de uma excitação cada vez maior. Às três da tarde, várias horas antes do que era necessário, já estava vestido com as suas roupas mais elegantes e perambulava pela casa —

uma situação que se prolongou até o seu mestre enfiar a cabeça pela porta do quarto e lhe ordenar com brusquidão que parasse.

— Pare de andar de um lado para o outro, garoto! Está me deixando louco. Ou prefere ficar em casa esta noite?

Nathaniel abanou a cabeça como que paralisado e desceu na ponta dos pés até à biblioteca, onde se manteve sossegado a investigar novas fórmulas de confinamento para *djinn* de categoria intermediária. O tempo passou agradavelmente, e ele ainda estava entretido a aprender a difícil fórmula encantatória para o Pêndulo Denticulado, quando Mr. Underwood entrou bruscamente na sala, o seu melhor sobretudo fluindo atrás dele.

— Está aí, seu idiota! Andei te chamando pela casa toda! Mais um minuto e tínhamos partido sem você.

— Desculpe, senhor... Estava lendo...

— Não podia estar lendo esse livro, seu estúpido. É de quarto nível, escrito em cóptico — não teria possibilidades. Estava dormindo, não negue. Agora, mexa-se, senão deixo-o aí.

Os olhos de Nathaniel estavam *efetivamente* fechados no momento em que o mestre entrara: era-lhe mais fácil memorizar as coisas daquela maneira. Pensando bem, era preferível assim, pois não teria que dar mais explicações. Num instante o livro ficou abandonado na cadeira e saiu da biblioteca bem atrás do mestre, seguindo-o numa correria de olhos arregalados, o coração aos saltos, pela entrada, transpondo a porta da frente e saindo para a noite, onde Mrs. Underwood, com um vestido verde brilhante e com algo como uma anaconda peluda enrolada com folga ao pescoço, aguardava sorrindo ao lado de um carrão preto.

Nathaniel estivera apenas uma vez no carro do mestre, e não se lembrava dele. Subiu para o banco traseiro, maravilhado com a sensação do assento de couro brilhante e o cheiro estranho e falso do ambientador de pinho pendurado no espelho retrovisor.

— Recoste-se e não mexa nas janelas. — As sobrancelhas de Mr. Underwood fitaram-no ameaçadoramente pelo espelho. Nathaniel recostou-se, as mãos assentadas no colo, e a viagem até o Parlamento começou.

Nathaniel olhou pela janela enquanto o carro se deslocava para o sul. As inúmeras luzes brilhantes de Londres — os faróis dianteiros dos carros, os postes de iluminação da rua, as vitrines das lojas, as esferas de vigilância — passavam numa sucessão rápida pelo seu rosto. Observava espantado, piscando os olhos com força ante o que se lhe deparava, absorvendo tudo. Viajar pela cidade em si mesmo era uma ocasião especial — raramente acontecia a Nathaniel, cuja experiência do mundo se limitava principalmente aos livros. De vez em quando, Mrs. Underwood levava-o nas viagens de ônibus necessárias às lojas de roupas e calçados, e, uma vez, quando Mr. Underwood estava de serviço, levara-o ao jardim zoológico. Mas raramente fora além dos arredores de Highgate, e certamente nunca à noite.

Como sempre, foi a mera escala que lhe cortou a respiração: a profusão de ruas principais e transversais, as faixas de luzes curvando-se de todos os lados. A maior parte das casas parecia muito diferente daquelas na rua do seu mestre: muito menores, inferiores, mais compactas. A maior parte das vezes pareciam congregar-se à volta de edifícios grandes sem janelas, com telhados planos e chaminés altas, possivelmente fábricas, onde os comuns se reuniam com alguma finalidade desinteressante. Como tal, não lhe interessavam para nada.

Os próprios comuns também se evidenciavam.

Nathaniel ficava sempre espantado com a sua quantidade. Apesar do escuro e dos chuviscos noturnos, andavam por ali em número surpreendente, cabisbaixos, correndo como as formigas no seu jardim, entrando e saindo de lojas ou, por vezes, desaparecendo em bares decrépitos, em esquinas de rua, onde a luz quente cor de laranja brilhava através dos vidros foscos. Cada estabelecimento como este tinha a sua própria esfera de vigilância a flutuar, bem à vista, no ar por cima da porta; sempre que alguém passava por baixo, ela agitava-se e pulsava com um vermelho mais carregado.

O carro acabara de passar por um destes bares — um espécime particularmente grande, frente a uma estação do metro — quando Mr. Underwood bateu com o punho no painel de instrumentos com força suficiente para fazer Nathaniel sobressaltar-se.

— Olhe para aquilo! — exclamou. — É um dos piores! Se fosse eu no comando, a Polícia Noturna avançava amanhã e levava todos os que estivessem lá dentro.

— Oh, a Polícia Noturna não, Arthur — contrapôs a mulher, com uma voz pesarosa. — Certamente existem outras formas de reeducá-los.

— Você não sabe do que está falando, Martha. Mostre-me um bar em Londres e eu lhe mostrarei uma casa de reunião de comuns escondida lá dentro. No sótão, no porão, numa sala secreta por trás do bar... já as vi — a Administração Interna dá batidas com bastante freqüência. Mas nunca se encontram quaisquer provas nem nenhuma das mercadoria que andamos atrás, apenas salas vazias, algumas cadeiras e mesas... Vai por mim, é em lojas de bebidas e recintos como aquele que todos os problemas começam. O PM terá de agir em breve, mas nessa altura quem sabe que tipo de ultraje terão cometido. As esferas de vigilância não chegam!

Precisamos tocar fogo nos locais — foi o que disse a Duvall, esta tarde. Mas claro que ninguém me dá ouvidos.

Há muito que Nathaniel aprendera a não fazer perguntas, por maior que fosse o seu interesse no assunto. Virou a cabeça e observou as luzes cor de laranja do bar diminuírem e desaparecerem atrás deles.

Estavam entrando no centro de Londres, onde os edifícios eram cada vez maiores e mais imponentes, como convinha à capital do Império. O número de carros particulares aumentava nas ruas, enquanto as vitrines das lojas eram maiores e mais vistosas e viam-se magos, bem como comuns, a circular nas calçadas.

— Como é que está aí atrás, querido? — perguntou Mrs. Underwood.

— Muito bem, Mrs. Underwood. Já estamos perto?

— Mais alguns minutos, John.

O mestre deu-lhe uma olhada pelo espelho retrovisor.

— Tempo de sobra para te dar um aviso — disse. — Esta noite vai representar-me. Vai estar na mesma sala que todos os principais magos do país e isso quer dizer homens e mulheres cujo poder não é sequer capaz de imaginar. Se pisar o risco, dará cabo da minha reputação. Sabes o que aconteceu ao aprendiz de Disraeli?

— Não, senhor.

— Era um Discurso de Estado muito semelhante a este. O aprendiz tropeçou nas escadas de Westminster enquanto Disraeli estava sendo apresentado à assembléia. Bateu no mestre e ele veio rolando pelas escadas abaixo. A queda de Disraeli foi amortecida pela Duquesa de Argyle, felizmente uma senhora bem nutrida.

— Sim, senhor.

— Disraeli levantou-se e pediu desculpas à Duquesa com grande cortesia. Depois virou-se para o lugar onde o aprendiz se encontrava a tremer e a chorar no alto das escadas e bateu palmas. O aprendiz caiu de joelhos, de mãos estendidas, mas de nada lhe serviu. Desceu uma escuridão sobre o salão durante aproximadamente quinze segundos. Quando desapareceu, o aprendiz desaparecera e no seu lugar estava uma sólida estátua de ferro, exatamente com a forma do malogrado garoto. Nas suas mãos suplicantes estava uma raspadeira para botas, onde todos os que entraram no salão nos últimos cento e cinqüenta anos puderam limpar os sapatos.

— *É verdade,* senhor? Poderei vê-la?

— *A questão é a seguinte,* garoto: se me embaraçar seja de que maneira for, pode ter certeza de que haverá lá também um chapeleiro combinando. Estamos entendidos?

— Sem dúvida que estamos, senhor. — Nathaniel registrou mentalmente que precisava verificar a fórmula da Petrificação. Estava convencido de que implicava o chamado de um *afrit* de considerável poder. Pelo que sabia das capacidades do seu mestre, duvidava que ele tivesse a menor possibilidade de concretizar a ameaça. Esboçou um sorriso ligeiro no escuro.

— Fica ao meu lado o tempo todo — prosseguiu Mr. Underwood. — Não fale, a menos que eu te dê autorização, e não olhe para nenhum dos magos, por maiores deformidades que possam apresentar. E agora, cale-se — chegamos, e preciso me concentrar.

O carro abrandou; entrou numa procissão de veículos pretos semelhantes que avançavam para o amplo arco cinzento de Whitehall. Passaram uma sucessão de monumentos de granito aos magos conquistadores dos finais da época vitoriana e aos heróis tombados na

Grande Guerra, depois algumas esculturas monolíticas representando as Virtudes Ideais (Patriotismo, Respeito pela Autoridade, a Esposa Obediente). Por trás erguiam-se os edifícios de escritórios de fachada plana e muitas janelas onde estava instalado o Governo Imperial.

O ritmo abrandou para uma deslocação lenta. Nathaniel começou a reparar em grupos de espectadores silenciosos, de pé, nas calçadas, vendo os carros passar. Tanto quanto lhe foi possível julgar, a sua atitude parecia insociável, até mesmo hostil. A maior parte dos rostos era magra e carrancuda. Homens grandes de uniforme cinzento estavam postados mais adiante, vigiando a multidão. Todos — policiais e comuns — pareciam muito frios.

Sentado sozinho no conforto isolado do carro, uma sensação de presunção começou a invadir Nathaniel. Agora passava a participar; era finalmente um deles, a caminho do Parlamento. Era importante, distanciava-se dos restantes, e era uma sensação boa. Pela primeira vez na vida, conhecia a satisfação indolente do poder fácil.

Naquele momento, o carro entrou na Praça do Parlamento e viraram à esquerda, atravessando uns portões de ferro forjado. Mr. Underwood apresentou um passe-livre, fizeram-lhe sinal para que seguisse, depois o carro atravessou um pátio empedrado e desceu uma rampa até um parque de estacionamento subterrâneo iluminado por luzes de néon. Mr. Underwood estacionou num espaço livre e desligou o motor.

Na traseira, os dedos de Nathaniel cravaram-se no banco de couro. Tremia, reprimindo o entusiasmo.

Tinham chegado.

19

Caminharam ao lado de uma fila infinita de carros pretos brilhantes em direção a duas portas de metal. Nesta altura, a expectativa de Nathaniel era tanta que mal conseguia se concentrar fosse no que fosse. Ia tão distraído que nem percebeu os dois guardas magros que os detiveram junto às portas, nem viu o seu mestre exibir três passes-livres plastificados, que foram inspecionados e devolvidos. Quase não reparou no elevador com painéis de madeira onde entraram, nem na minúscula esfera vermelha que os observava lá do teto. E só quando as portas do elevador se abriram e eles saíram para o esplendor de Westminster Hall é que, com um sobressalto, desceu à Terra.

Era um espaço amplo, grande e aberto debaixo de um teto com vigas enegrecidas pelo tempo. As paredes e o assoalho eram de blocos de pedra gigantes; as janelas decoradas com arcos cheios com intrincados vitrais. Lá ao fundo, uma imensidão de portas e janelas dava para um terraço sobre o rio. Do teto pendiam lanternas amarelas e projetavam-se das paredes em braseiras de metal. Estariam ali umas duzentas pessoas, de pé ou circulando pelo salão, mas eram absorvidas de tal maneira pela grande extensão que o lugar parecia quase vazio. Nathaniel engoliu em seco. Sentiu-se reduzido à súbita insignificância.

Ficou ao lado de Mr. e Mrs. Underwood no alto de uma escadaria que conduzia ao salão. Um criado de traje escuro deslizou e despiu o sobretudo do mestre. Outro fez-lhes um gesto cortês e eles começaram a descer as escadas.

Um objeto ao lado captou a sua atenção. Uma estátua cinzenta-escura: um garoto acocorado vestido

com roupas estranhas, de olhos arregalados e segurando nas mãos uma raspadeira para botas. Apesar do tempo há muito ter desgastado os pormenores mais delicados do rosto, apresentava ainda um curioso olhar implorante que deixou a pele de Nathaniel arrepiada. Apressou-se a seguir, tendo o cuidado de não se achegar muito aos calcanhares do seu mestre.

Pararam ao fundo das escadas. Aproximaram-se criados trazendo copos de champanhe (que apetecia a Nathaniel), e suco de laranja (que não lhe apetecia, mas que lhe deram). Mr. Underwood bebeu uma longa golada do seu copo e os seus olhos deslocaram-se ansiosamente de um lado para outro. Mrs. Underwood olhou à sua volta com um sorriso vago e sonhador. Nathaniel bebeu um pouco do suco e observou o que o rodeava.

Magos de todas as idades circulavam por ali, conversando e rindo. O salão era uma mancha de ternos pretos e vestidos elegantes, de dentes brancos à mostra e de jóias cintilando à luz das lanternas. Alguns homens de feições duras, vestindo casacos cinzentos idênticos, passeavam junto a cada saída. Nathaniel calculou que fossem policiais, ou magos colocados como seguranças, prontos a chamar *djinn* ao menor indício de encrencas — mas mesmo através das suas lentes, não conseguiu detectar entidades mágicas presentes na sala naquele momento.

Reparou, porém, em vários jovens afetados e garotas empertigadas que eram evidentemente aprendizes como ele próprio. Conversavam confiantemente, sem exceção, com os outros convidados, todos bem à vontade. Subitamente, Nathaniel ficou consciente de quão acanhados o seu mestre e Mrs. Underwood estavam, isolados e sozinhos.

— Não deveríamos estar conversando com alguém? — arriscou. Mr. Underwood deitou-lhe um olhar

rancoroso.

— Julguei que te tinha dito... — Calou-se e saudou um homem gordo que acabara de descer as escadas. — Grigori!

Grigori não pareceu particularmente entusiasmado.

— Oh. Olá, Underwood.

— Muito prazer em vê-lo! — Mr. Underwood encaminhou-se para o homem, praticamente saltando sobre ele na sua ansiedade de entabular conversa. Mrs. Underwood e Nathaniel ficaram sozinhos.

— Ele não vai nos apresentar? — perguntou Nathaniel com teimosia.

— Não se preocupe, querido. É importante que o teu mestre converse com os de cima. Não precisamos falar com ninguém, não é? Mas podemos observar, o que é sempre um prazer... — Falou com um certo desprezo. — Devo dizer que os estilos este ano estão muito conservadores.

— O Primeiro-Ministro está aqui, Mrs. Underwood?

Ela virou o pescoço.

— Não creio, querido, não. Ainda não. Mas aquele é Mr. Duvall, o Chefe de Polícia... — A alguma distância dali, um homem corpulento de uniforme cinzento escutava pacientemente duas mulheres jovens, que pareciam conversar animadamente com ele ao mesmo tempo. — Foi-me apresentado em tempos... um cavalheiro encantador. E muito poderoso, claro. Deixe-me ver, quem mais? Valha-me Deus, sim... está vendo aquela senhora ali? — Nathaniel viu. Era extraordinariamente magra, com cabelo branco muito curto; os dedos dela agarravam o pé do copo como as garras crispadas de uma ave. — Jessica Whitwell. Ela tem algo a ver com a Segurança: uma maga muito famosa. Foi ela

que apanhou os infiltradores checos, há dez anos. Eles invocaram um *marid* e mandaram-no persegui-la, mas ela criou um Vazio e ele foi sugado lá para dentro. Fez isso completamente sozinha, e com um mínimo de perda de vidas. Por isso, não *a* deixe zangada quando for mais velho, John.

Soltou uma gargalhada e esvaziou o copo. Apareceu imediatamente um criado junto dela que voltou a enchê-lo quase até à borda. Nathaniel riu também. Como sucedia com freqüência na companhia dela, sentia que parte da serenidade de Mrs. Underwood passava para ele. Descontraiu um pouco.

— Com licença, com licença! O Duque e a Duquesa de Westminster. — Dois criados de libré passaram apressados. Nathaniel foi afastado sem cerimônia para um lado. Uma mulher pequena e rabugenta com um vestido preto antiquado, uma pulseira de ouro no tornozelo e um ar arrogante abria caminho à força por entre a multidão. Um homem de ar exausto seguia atrás dela. Mrs. Underwood ficou a vê-los passar, maravilhada.

— Que mulher *hedionda;* não *sei* o que é que o Duque vê nela. — Bebeu outro gole de champanhe. — E aquele ali... santo Deus! O que lhe aconteceu? É o negociante Sholto Pinn. — Nathaniel olhou para um homem grande e gordo vestindo um terno de linho branco que vinha descendo as escadas, apoiando-se em duas muletas. Movia-se como se sentisse muita dor ao fazê-lo. O seu rosto estava coberto de equimoses; tinha um olho negro e fechado. Dois criados andavam em volta dele, abrindo-lhe caminho até umas poltronas junto à parede.

— Ele não me parece nada bem — comentou Nathaniel.

— Realmente. Algum acidente terrível. Talvez

algum artefato estourou, pobre homem... — Amortecida pelo champanhe, Mrs. Underwood continuou a fornecer a Nathaniel um guia descritivo de muitos dos grandes homens e mulheres que iam chegando ao salão. Era a nata do Governo e da sociedade; as pessoas mais influentes de Londres (e isso, claro, queria dizer do mundo). Enquanto ela descrevia os seus feitos mais famosos, Nathaniel foi ficando cada vez mais sorumbático ao perceber como ele era insignificante junto de todo este fascínio e poder. A sensação de vaidade que o acalentara fugazmente no carro fora agora esquecida, substituída pela torturante frustração. Tornou a avistar o seu mestre por diversas vezes, sempre de pé ao redor de um grupo, sempre tolerado a custo ou ignorado. Desde o incidente com Lovelace, percebera o quanto Underwood era ineficaz. Eis aqui mais provas. Todos os seus colegas sabiam que o homem era fraco. Nathaniel rangeu os dentes de raiva. Ser o aprendiz desprezado de um mago desprezado! Este não era o princípio de vida que queria ou merecia...

Mrs. Underwood sacudiu-lhe o braço, cheia de pressa.

— Ali! John — está vendo? É ele! É ele!

— Quem?

— Rupert Devereux. O Primeiro-Ministro.

Nathaniel não fazia idéia de onde ele viera. Mas de repente, ali estava ele: um homem pequeno, magro, com cabelo castanho claro, de pé no centro de uma aglomeração competitiva de *smokings* e vestidos de cerimônia e, no entanto, ocupando milagrosamente um ponto solitário de graça e calma. Escutava alguém, acenando com a cabeça e sorrindo ligeiramente. O Primeiro-Ministro! O homem mais poderoso da Grã-Bretanha, talvez do mundo... Mesmo de longe, Nathaniel sentiu uma calorosa sensação de admiração; queria tão so-

mente aproximar-se e observá-lo, ouvi-lo falar. Teve a impressão de que toda a sala sentia o mesmo que ele; que por trás da fachada de cada conversa, os sentidos de todas as pessoas estavam virados precisamente naquela direção. Mas, no momento em que começou a olhar, a aglomeração adensou-se e a figura magra e elegante desapareceu da sua vista.

Relutantemente, Nathaniel virou-se. Bebeu resignadamente um gole do seu suco, e ficou estarrecido.

Junto à base das escadas, estavam dois magos. Quase isolados de todos os convidados naquela vizinhança, não mostravam qualquer interesse na multidão que rodeava o Primeiro-Ministro; conversavam animadamente, as cabeças juntas. Nathaniel respirou fundo. Conhecia ambos — na verdade, os seus rostos tinham ficado gravados na sua memória desde a humilhação no ano anterior. O velho de pele corada e enrugada, mais mirrado e curvado do que nunca; o homem mais jovem de pele pegajosa, o cabelo escorrido cobrindo-lhe o colarinho. Os amigos de Lovelace. E, se eles estavam presentes, Lovelace estaria por ali?

Nathaniel começou a sentir um formigueiro desconfortável no estômago, uma sensação de fraqueza que o aborrecia muito. Lambeu os lábios secos. Calma. Não havia nada a recear. Lovelace não tinha como descobrir que fora ele que lhe roubara o Amuleto, mesmo que se encontrassem cara a cara. Os investigadores dele teriam de entrar na casa de Underwood antes de conseguirem detectar-lhe a aura. Estava seguro. Não, tinha de agarrar esta oportunidade, como qualquer mago que se preza. Se se aproximasse dos seus inimigos, poderia escutar o que eles tinham a dizer.

Olhou à sua volta; a atenção de Mrs. Underwood fora desviada. Conversava com um cavalheiro baixo e entroncado e acabara de desatar em gargalhadas. Na-

thaniel começou a caminhar de lado por entre a multidão numa trajetória que o levaria até às sombras das escadas, não muito longe do lugar onde os dois magos se encontravam.

A meio caminho, viu o velho interromper uma frase e olhar para o corredor da entrada. Nathaniel seguiu o olhar dele. O seu coração sobressaltou-se.

Lá estava ele: Simon Lovelace, de rosto congestionado e sem fôlego. Evidentemente, acabara de chegar. Despiu apressadamente o sobretudo e atirou-o a um criado, antes de compor as lapelas do seu casaco e de se precipitar para as escadas. O seu aspecto era tal e qual Nathaniel o recordava: os óculos, o cabelo puxado para trás, a energia do movimento, a boca larga por onde passavam a correr os sorrisos a todos aqueles com quem cruzava. Desceu as escadas às pressas, recusando o champanhe que lhe ofereceram, dirigindo-se para junto dos amigos.

Nathaniel acelerou. Numa questão de segundos, tinha chegado a uma porção de assoalho vazia ao lado do corrimão extenso da escadaria. Não estava longe agora da base das escadas, próximo do lugar onde o fim do corrimão da escada se curvava para formar um pedestal ornamentado com uma jarra de pedra no alto. Por trás de um lado da jarra, avistou a nuca do homem pegajoso; por trás do outro lado, parte do casaco do velho. O próprio Lovelace descia agora a escada para se reunir a eles e não se via.

A jarra protegia Nathaniel do olhar deles. Encostou-se à parte de trás do pedestal e apoiou-se nele com o que julgava ser uma pose descontraída. Esforçou-se então por distinguir as vozes deles, entre o tumulto circundante.

Bingo. O próprio Lovelace estava a falar, a sua voz áspera e irritável.

— ...sorte nenhuma. Tentei todas as ameaças possíveis. Nada que eu chamasse conseguiu me dizer quem o controla.

— Tch, esteve perdendo seu tempo. — Era a voz de pronúncia carregada do homem mais velho. — Como os outros demônios poderiam saber?

— Não tenho por hábito deixar qualquer hipótese por explorar. Mas não... tem razão. E as esferas foram inúteis também. Por isso, talvez tenhamos que mudar os nossos planos. Recebeu a minha mensagem? Acho que devíamos cancelar.

— Cancelar? — Uma terceira voz, possivelmente a do homem pegajoso.

— Sempre posso culpar a garota.

— Não me parece que isso seja sensato. — O velho falara baixinho; Nathaniel mal conseguira ouvir as palavras. — Devereux cairia em cima de você, se cancelasse. Ele está ansioso por todos os pequenos luxos que prometeu proporcionar-lhe. Não, Simon, não podemos desanimar. Continue à procura. Temos alguns dias. Ainda pode aparecer.

— Ficarei arruinado, se foi tudo em vão! Sabe quanto custou aquela sala?

— Acalme-se. Está levantando a voz.

— Está bem. Mas sabe o que não suporto? Quem quer que o fez, está *aqui,* em algum lugar. A observar-me, a rir-se... Quando eu descobrir quem foi, eu...

— Mantenha a voz baixa, Lovelace! — Novamente o homem pegajoso.

— Talvez *devêssemos* ser um pouco mais discretos, Simon... — Por trás do pedestal, Nathaniel encostou-se todo, como se impelido por uma descarga elétrica. Iam-se embora. Não convinha dar de cara com eles ali. Sem hesitações, saiu de trás da sombra das escadas e

deu alguns passos até à multidão. Assim que se afastou de modo a ficar seguro, olhou para trás. Lovelace e os seus companheiros mal tinham se mexido: um mago idoso impusera-lhes a sua presença e tagarelava — para enorme impaciência deles.

Nathaniel bebeu um gole da sua bebida e compôs-se. Não compreendera tudo o que escutara, mas a fúria de Lovelace era agradavelmente notória. Para descobrir mais, teria que chamar Bartimaeus. Talvez o seu escravo estivesse ali naquele preciso momento, seguindo Lovelace... Não viu nada digno de registro com as suas lentes, mas o *djinni* teria mudado de forma em cada um dos primeiros quatro planos. Qualquer uma destas pessoas aparentemente sólidas podia ser um invólucro, escondendo lá dentro o demônio.

Ficou à beira de um pequeno grupo de magos, perdido em pensamentos durante um bocado. Gradualmente, a conversa deles chegou até ele.

— ...tão atraente. Está comprometido?

— Simon Lovelace? Uma fulana. Não me recordo do nome dela.

— Afaste-se dele, Devina. Ele já não é o garoto de ouro.

— Ele vai dar a conferência para a semana, não vai? E é tão bem apessoado...

— Para isso, teve de engraxar Devereux durante muito tempo. Não, a sua carreira não vai a lugar nenhum nos próximos tempos. O PM afastou-o — Lovelace pretendia o Ministério do Interior há um ano, mas Duvall bloqueou-o. Detesta-o, não me recordo porquê.

— Aquele que está com Lovelace é o velho Schyler, não é? O que é que ele chamou para ficar com uma cara daquelas? Já vi diabretes mais bonitos.

— Lovelace escolhe companhias curiosas para um ministro, e mais não digo. Quem é aquele untuoso?

— Lime, creio. Agricultura.

— É um sujeito estranho...

— Afinal, onde é que essa conferência vai se realizar?

— Num lugar desolado... fora de Londres.

— Oh não, *verdade?* Vai ser desesperadamente entediante. Provavelmente seremos todos arrastados até lá por homens de guarda-pó.

— Bem, se é o que o PM quer...

— Terrível.

— Tão atraente, porém...

— John...

— É *mesmo* frívola, Devina; não obstante, gostaria de saber onde ele arranjou aquele terno.

— *John!*

Mrs. Underwood, de rosto afogueado — talvez devido ao calor da sala — surgira diante de Nathaniel. Agarrava-lhe o braço. — John, estou cansada de te chamar! Mr. Devereux está quase começando o seu discurso. Precisamos ir lá para trás; à frente só ministros. Depressa.

Afastavam-se quando, com um bater de saltos e um roçar dos vestidos, um vigoroso instinto de manada impeliu os convidados para uma pequena plataforma com tecido púrpura, que fora trazida de uma sala ao lado. Nathaniel e Mrs. Underwood viram-se desconfortavelmente arrastados pela precipitação geral, e acabaram ao fundo e ao lado da assembléia reunida, próximo das portas que se abriam para o terraço sobre o rio. O número de convidados aumentara consideravelmente desde que haviam chegado; Nathaniel calculou que estivessem agora várias centenas de pessoas dentro do salão.

Com um salto juvenil, Rupert Devereux subiu ao palco.

— Senhoras, senhores, ministros — é com imenso prazer que os vejo aqui esta noite... — Tinha uma voz atraente, grave mas melodiosa e ritmada, dominando por completo. Ouviu-se uma série de vivas e aplausos espontâneos. Mrs. Underwood quase largou o copo de champanhe, com a excitação. Ao lado dela, Nathaniel aplaudiu entusiasticamente.

— Proferir um Discurso de Estado é sempre uma tarefa particularmente agradável para mim — prosseguiu Devereux. — Requerendo como requer que eu esteja rodeado de tanta gente *maravilhosa*... — Irromperam mais aplausos e vivas, fazendo tremer as vigas do salão antigo. — Obrigado. Tenho hoje o prazer de poder anunciar o êxito em todas as frentes, tanto no país como no estrangeiro. Passarei a referir os pormenores dentro de momentos, mas posso anunciar que os nossos exércitos levaram os rebeldes italianos a um beco sem saída perto de Turim e instalaram-se para o Inverno. Além disso, os nossos batalhões alpinos aniquilaram uma força expedicionária checa — Por um momento, a sua voz foi abafada pelos aplausos gerais. — E destruíram uma série de *djinn* deles. — Fez uma pausa. — No plano nacional, tem sido manifestada de novo preocupação com outra onda de roubos mesquinhos em Londres: só nas últimas semanas, foi participado o roubo de uma série de artefatos mágicos. Ora, todos sabemos que são atos de um punhado de traidores, malfeitores mesquinhos e insignificantes. No entanto, se não os esmagarmos, outros comuns poderão seguir o seu exemplo, como gado desmiolado que são. Por conseguinte, iremos tomar medidas draconianas para acabar com este vandalismo. Todos os subversivos sobre que recaiam suspeitas serão detidos sem julgamento. Tenho a certeza de que, com este poder suplementar, a Administração Interna terá em breve os cabeças seguramente atrás das

grades.

O Discurso de Estado continuou durante vários minutos, marcado liberalmente por várias explosões de alegria da multidão reunida.

A pouca substância que continha não tardou a degenerar na repetição de uma série de banalidades sobre as virtudes do Governo e a malvadez dos seus inimigos. Passado um bocado, Nathaniel ficou enfastiado: quase sentia o seu cérebro a transformar-se em geléia, ao fazer esforço para escutar. Acabou por desistir completamente, e olhou à sua volta.

Virando-se parcialmente, conseguia espreitar o terraço por uma porta aberta. As águas negras do Tamisa estendiam-se para lá da balaustrada de mármore, captadas aqui e ali pelos reflexos das luzes amarelas da margem sul. O rio estava no auge, correndo para a esquerda por debaixo de Westminster Bridge, em direção às Docklands e ao mar.

Pelo visto, alguém mais decidira que o discurso era muito entediante de suportar e saíra efetivamente para o terraço. Nathaniel conseguia vê-lo de pé, bem por trás do jorro de luz que vinha do salão. Era efetivamente um convidado imprudente, ao ignorar tão descaradamente o Primeiro-Ministro... o mais provável seria tratar-se de um agente de segurança.

A mente de Nathaniel divagou. Imaginou o lodo no fundo do Tamisa. A lata de Bartimaeus estaria agora meio enterrada; perdida para sempre na escuridão impetuosa.

Pelo canto do olho, viu o homem no terraço efetuar um movimento súbito e decisivo, como se tivesse retirado algo grande de dentro do sobretudo ou do casaco.

Nathaniel tentou distinguir o objeto, mas a figura estava envolta na escuridão. Por trás dele, podia ouvir a

voz melíflua do Primeiro-Ministro ainda a discursar.

— ...esta é uma época de consolidação, meus amigos. Somos a maior elite mágica da terra; nada está fora do nosso alcance...

A figura avançou na direção da porta.

As lentes de Nathaniel registraram um clarão de cor dentro da escuridão; algo não inteiramente num plano...

— ...temos de seguir o exemplo dos nossos antepassados, e esforçar-nos...

Hesitante, Nathaniel tentou falar, mas a sua língua ficara colada ao céu da boca.

A figura irrompeu pelo salão. Um jovem de olhos escuros e assustados; vestia calças jeans pretas, uma parca preta; o seu rosto fora coberto com óleo ou pasta pretos. Nas suas mãos estava uma esfera azul brilhante, do tamanho de uma toranja grande. Pulsou com luz. Nathaniel pôde ver minúsculos objetos a rodopiarem dentro dela, a rodopiarem, a rodopiarem, a rodopiarem.

— ...para posterior domínio. Os nossos inimigos estão perdendo força...

O jovem ergueu o braço. A esfera brilhou à luz das lanternas. Uma respiração entrecortada na multidão. Alguém que reparara...

— ...Sim, digo-vos de novo...

A boca de Nathaniel abriu-se num grito mudo.

O braço projetou-se para a frente, a esfera abandonou a mão.

— ...eles estão *perdendo força*...

A esfera azul deslocou-se pelo ar, por cima da cabeça de Nathaniel, por cima das cabeças da multidão. Pareceu a Nathaniel, transfixo pelo seu movimento como um rato desorientado pela oscilação de uma cobra, que a sua trajetória iria levar uma eternidade. Todos os sons cessaram no salão, exceto o silvo quase imper-

ceptível da esfera — e da multidão, o começo de um grito de mulher, estridente, entrecortado.

A esfera desapareceu por cima das cabeças da multidão. Depois ouviu-se o tinido de vidros se partindo.

E, uma fração de segundo depois, a explosão.

20

O estouro de uma esfera de elementos num espaço fechado é sempre um ato assustador e destrutivo: quanto menor o espaço, ou maior a esfera, piores as conseqüências. Felizmente para Nathaniel e para a maioria dos magos com ele, Westminster Hall era extremamente grande e a esfera arremessada relativamente pequena. Mesmo assim, os efeitos foram consideráveis.

Quando o vidro se partiu, os elementos aprisionados, que tinham estado comprimidos lá dentro durante muitos anos, detestando as essências e as conversas limitadas, recuaram uns dos outros com força selvagem. Ar, terra, fogo e água: os quatro gêneros explodiram da sua prisão diminuta a alta velocidade, desencadeando o caos em todas as direções. Muitas pessoas de pé ali próximo foram simultaneamente sopradas para trás, apedrejadas com pedras, laceradas com fogo e inundadas por colunas horizontais de água. Quase todo o grupo de magos se atirou ao chão, disperso como bolas do jogo da laranjinha à volta do epicentro da explosão. De pé, na orla da multidão, Nathaniel foi protegido do embate da explosão, mas mesmo assim não deixou de ser arremessado ao ar e atirado de lado contra a porta que dava para o terraço do rio.

Os principais magos escaparam na sua maioria ilesos. Traziam consigo mecanismos de segurança, principalmente *djinn* cativos encarregados de aparecerem assim que qualquer magia agressiva se aproximasse da pessoa dos seus amos. Os escudos protetores absorveram ou desviaram os bocados de fogo, terra e água libertos, e repeliram com força as rajadas de vento na direção das vigas. Alguns dos magos menores e seus convidados tiveram menos sorte. Uns foram arremes-

sados em ricochete por entre as barreiras de defesa existentes, acabando por perder os sentidos devido aos elementos em competição; outros foram arrastados pelas lajes por pequenas ondas de água fumegante e depositados em montes encharcados, a meio caminho do outro lado do salão.

O Primeiro-Ministro partira, entretanto. No momento que a esfera bateu nas pedras a três metros da plataforma, um *afrit* verde-escuro saíra do ar e envolvera-o num Manto Hermético, que de imediato o levou pelo ar e através de uma clarabóia no telhado.

Meio atordoado pelo seu impacto na porta, Nathaniel estava se esforçando para levantar quando viu dois dos homens de casacos cinzentos correrem para ele a uma velocidade assustadora. Caiu de costas; saltaram por cima dele, saíram pela porta, para o terraço. Quando o segundo passou por cima com um salto prodigioso, soltou uma estranha rosnadela gutural que eriçou os cabelos da nuca de Nathaniel. Ouviu passos apressados no terraço do rio; um ruído de esgaravatar como garras na pedra; dois mergulhos distantes.

Levantou a cabeça cautelosamente. O terraço estava vazio. No salão, a energia reprimida dos elementos libertos chegara ao fim. A água escorrera pelas fendas entre as lajes; bocados de terra e lama tinham salpicado as paredes e os rostos dos convidados; algumas chamas ainda lambiam as extremidades do tecido púrpura à beira da plataforma. Muitos dos magos começavam agora a se mexer, pondo-se em pé, ou ajudando os outros a erguer-se. Alguns permaneciam estendidos no chão. Os criados corriam pelas escadas abaixo e chegavam de salas adjacentes. Aos poucos, as pessoas começavam a recuperar as vozes; havia gritos, choros, alguns berros tardios e perfeitamente dispensáveis.

Nathaniel pôs-se de pé, ignorando a dor forte no

ombro, no lugar onde colidira com a porta, e partiu em busca ansiosa de Mrs. Underwood. As suas botas escorregaram na imundície do chão.

O homem gordo de terno branco estava apoiado nas muletas, conversando com Simon Lovelace e o velho mago enrugado. Nenhum deles parecia ter sido muito afetado pelo ataque, apesar da testa de Lovelace ter sofrido uma equimose e os seus óculos estarem ligeiramente trincados. Quando Nathaniel passou por eles, viraram-se simultaneamente e evidentemente murmuraram uma fórmula conjunta de chamado, pois seis *djinn* altos e magros com capas de prata apareceram subitamente diante deles. Foram dadas ordens. Os demônios elevaram-se no ar e flutuaram a grande velocidade até o terraço e saíram.

Mrs. Underwood estava sentada de costas com uma expressão desorientada no rosto. Nathaniel acocorou-se ao lado dela.

— Está bem?

Tinha o queixo coberto de lama e o cabelo em volta de uma orelha estava ligeiramente chamuscado; com exceção disso, parecia ilesa. Nathaniel sentiu um ligeiro alívio lacrimoso.

— Sim, sim, acho que sim, John. Não precisa me abraçar com tanta força. Ainda bem que não ficou ferido. Onde está Arthur?

— Não sei. — Nathaniel perscrutou a multidão descomposta.

— Oh, ali está ele.

Evidentemente que o mestre não tivera tempo de preparar uma defesa eficaz — a julgar pela sua barba, que agora fazia lembrar as metades fendidas de uma árvore atingida por um raio. O peitilho da sua camisa elegante e a parte da frente do casaco tinham sido arrancados, deixando apenas um colete enegrecido e um

laço de *smoking* ligeiramente chamuscado. Suas calças também não tinham escapado; começavam agora tarde demais e acabavam cedo demais. Mr. Underwood encontrava-se próximo de um grupo em situação idêntica, com uma expressão esbugalhada de ultraje no rosto vermelho e cheio de fuligem.

— Acho que ele agüenta — disse Nathaniel.

— Vá ajudá-lo, John. Vá lá. Eu estou bem, de verdade que sim. Só preciso ficar um pouco sentada.

Nathaniel aproximou-se do mestre com alguma cautela. Não excluíra a hipótese de Underwood culpá-lo de alguma forma pela catástrofe.

— Senhor? Está...?

O mestre não pareceu dar-se conta da presença dele. Surgiu um brilho intenso de fúria por baixo das suas sobrancelhas enegrecidas. Com um esforço magistral, puxou os restos andrajosos do seu casaco e uniu-os no único botão restante. Compôs o laço, estremecendo um pouco ante o calor. Depois acercou-se em grandes passadas do grupo de convidados mais próximo. Sem saber o que fazer, Nathaniel seguiu atrás dele.

— Quem foi? Viu? — perguntou Underwood abruptamente. Uma mulher cujo vestido de noite pendia dos ombros como um lenço de papel molhado, abanou a cabeça.

— Foi tudo muito rápido. — Vários outros anuíram.

— Algum objeto, veio de trás...

— Talvez através de um portal, talvez um mago renegado...

Um homem de cabelo branco com voz lamurienta interrompeu:

— Dizem que alguém entrou pelo terraço...

— Não pode ser...

— ...e a segurança?

— Desculpe, senhor...

— Esta «Resistência», acha que eles...?

— Lovelace, Schyler e Pinn enviaram demônios perseguidores rio abaixo.

— Senhor...

— O patife deve ter saltado para o Tamisa e foi levado pela corrente.

— Senhor! Eu o vi!

Underwood virou-se finalmente para Nathaniel.

— O quê? O que disse?

— Eu o vi, senhor. O garoto, no terraço...

— Pelos céus, se estiver mentindo...

— Não, senhor, foi pouco antes dele atirá-la, senhor. Ele tinha uma esfera azul na mão. Entrou correndo pelas portas e atirou-a, senhor. Tinha cabelo escuro, um garoto, um pouco mais velho do que eu, senhor. Magro, vestindo roupas escuras; tinha um sobretudo, creio; não vi o que lhe aconteceu depois de atirá-la. Era uma esfera de elementos, tenho certeza, senhor, uma pequena esfera; por isso ele não precisava ser um mago para parti-la...

Nathaniel parou para respirar, subitamente consciente de que no seu entusiasmo revelara muito mais conhecimentos de magia do que competia a um aprendiz que ainda não chamara o seu primeiro *mouler*. Mas nem Underwood nem nenhum dos outros magos pareceu dar-se conta disso. Levaram um momento a absorver as palavras dele, depois afastaram-se e começaram a falar a uma velocidade vertiginosa, cada um conversando com os outros na sua ânsia de revelar as respectivas teorias.

— Tem de ser a Resistência — mas eles são magos ou não? Eu sempre disse...

— Underwood, a Administração Interna é o seu ramo. Foi denunciado o roubo de alguma esfera de e-

lementos? Se sim, que raio está sendo feito quanto a essa matéria?

— Não posso dizer; informação confidencial...

— Não fale por entre o que resta da sua barba, homem. Temos o direito de saber!

— Senhoras, senhores... — A voz era suave, mas o seu efeito foi imediato. O clamor cessou, todas as cabeças se viraram. Simon Lovelace aparecera na cercania do grupo. Penteara o cabelo. Apesar dos óculos partidos e da equimose na testa, estava elegante como sempre. Nathaniel ficou com a boca seca.

Lovelace relanceou o grupo com os seus olhos rápidos e negros.

— Não atormentem o pobre Arthur, por favor — disse. Por um instante, estampou um sorriso no rosto. — Ele não é responsável por este ultraje, coitado. Parece que o atacante entrou vindo do rio.

Um homem de barba preta indicou Nathaniel.

— Foi o que o garoto disse.

Os olhos negros fixaram-se em Nathaniel e arregalaram-se ligeiramente ao reconhecê-lo.

— Jovem Underwood. Você o viu, foi?

Nathaniel anuiu sem falar.

— Muito bem. Perspicaz, como sempre. Ele já tem um nome, Underwood?

— Aaah, sim... John Mandrake. Registrei-o oficialmente.

— Então, *John*. — Os olhos negros cravaram-se nele. — Está de parabéns; mais ninguém com quem falei até o momento conseguiu vê-lo como deve ser. A polícia pode querer um depoimento teu, a curto prazo.

Nathaniel soltou a língua.

— Sim, senhor.

Lovelace voltou-se para os outros.

— O atacante deixou um barco por baixo do

terraço, depois escalou o muro do rio e cortou a garganta do guarda. Não há corpo, mas uma boa quantidade de sangue, por isso presumivelmente atirou o corpo ao Tamisa. Também parece que ele saltou para a água depois do ataque, deixando-se levar pela corrente. Pode ter se afogado.

O homem de barba preta manifestou a sua impaciência.

— É inaudito! O que pensava Duvall? A polícia devia ter evitado isto.

Lovelace ergueu uma mão.

— Concordo plenamente. Porém, dois agentes foram rapidamente no encalço do atacante; podem descobrir algo, muito embora a água não ajude no odor. Enviei *djinn* pelas margens também. Receio não poder adiantar mais neste momento. Temos de dar graças pelo Primeiro-Ministro estar salvo e por não ter morrido ninguém importante. Posso sugerir humildemente que vão todos para casa recompor-se... e talvez mudar de roupa? Sem dúvida chegarão mais informações depois. Agora, se me dão licença...

Com um sorriso, afastou-se e dirigiu-se a outro grupo de convidados. Aqueles ficaram olhando para ele, boquiabertos.

— De todos os arrogantes... — O homem de barba preta deteve-se com um resmungo. — Quem diria que ele é apenas o Ministro Adjunto do Comércio? Um dia desses ainda tem um *afrit* à espera dele... Bem, eu vou-me embora, vocês que fiquem, se quiserem.

Afastou-se em grande passadas; um por um, os outros seguiram o seu exemplo. Mr. Underwood foi buscar a mulher em silêncio, que estava entretida a comparar as equimoses com um casal dos Negócios Estrangeiros, e com Nathaniel seguindo atrás dele, deixou a confusão esbaforida de Westminster Hall.

— Só espero — disse o mestre — que isto os encoraje a me dar mais fundos. Se não o fizerem, o que podem esperar? Com um departamento de seis míseros magos! Não sou milagreiro!

Durante a primeira metade da viagem, o carro seguira no mais profundo silêncio e com o cheiro de barba chamuscada. Quando deixaram o centro de Londres, porém, Underwood tornou-se mais comunicativo. Algo parecia preocupá-lo.

— A culpa não é tua, querido — disse Mrs. Underwood em tom calmo.

— Não, mas eles vão culpar-me! Ouviu-os lá dentro, garoto — a acusar-me por causa de todos aqueles roubos!

Nathaniel arriscou uma pergunta incomum.

— Que roubos, senhor?

Underwood bateu no volante, com a frustração.

— Os que têm sido levados a cabo pela chamada «Resistência», claro! Objetos mágicos roubados de magos descuidados por toda a cidade de Londres. Objetos como a esfera de elementos — alguns deles foram roubados em Janeiro de um armazém, se bem me lembro. Nos últimos dois anos, crimes como este têm-se tornado cada vez mais comuns, e é suposto *eu* resolver o assunto, com apenas seis magos na Administração Interna!

Nathaniel encheu-se de coragem; inclinou-se para a frente, no banco traseiro.

— Desculpe, senhor, mas quem é a Resistência?

Underwood fez uma curva com velocidade a mais, evitando por pouco uma velhota e fazendo-a dar um pulo para a sarjeta, ao mesmo tempo que buzinava com toda a força.

— Um bando de traidores que não gosta que estejamos no poder — replicou. — Como se não tivés-

semos dado a este país toda a sua riqueza e grandiosidade. Ninguém sabe quem são. Um punhado de comuns que reúne apoio em assembléias; alguns agitadores malucos que não gostam da magia e do que ela lhes faz.

— Nesse caso, eles não são magos, senhor?

— Claro que não, tolo, a questão é precisamente essa! São do mais baixo que há! Odeiam-nos e a tudo o que é magia, e querem derrubar o Governo! Como se isso fosse possível. — Passou acelerado um sinal vermelho, agitando o braço impacientemente aos peões que recuaram para a segurança da calçada.

— Mas por que haveriam de roubar objetos mágicos, senhor? Quero dizer, se detestam a magia.

— Quem sabe? As idéias deles estão completamente erradas, claro: são apenas comuns. Talvez esperem que isso reduza o nosso poder — como se perder uns quantos artefatos fizesse alguma diferença! Mas alguns dispositivos podem ser usados por não-magos, como viu hoje. Podem estar armazenando armas para um futuro ataque, talvez a mando de um governo estrangeiro... É impossível dizer... até descobri-los e eliminá-los.

— Mas este foi o seu primeiro ataque de verdade, senhor?

— O primeiro, nesta escala. Tem havido alguns incidentes absurdos... vidros *mouler* atirados em carros oficiais: este tipo de coisa. Tem havido magos feridos. Num caso, o motorista desmaiou e enquanto esteve inconsciente, a sua pasta, com vários artigos mágicos, foi roubada do carro dele... Foi altamente embaraçoso para ele, o idiota. Mas agora a Resistência foi longe demais. Você disse que o atacante era jovem?

— Sim, senhor.

— Curioso... também foram referidos jovens na

cena de outros crimes. Mesmo assim, jovens ou velhos, estes ladrões hão de arrepender-se no dia em que forem apanhados. Depois desta noite, quem estiver na posse de objetos roubados de um mago sofrerá as mais severas sanções que o nosso Governo possa conceber. Não morrerão facilmente, disso pode ter certeza. Disse alguma coisa, garoto?

Nathaniel emitira um ruído involuntário, algo entre um pigarreio e um chio. Passara-lhe diante dos olhos a imagem do Amuleto de Samarcanda, que neste preciso momento estava escondido em algum lugar no gabinete de trabalho de Underwood. Sacudiu a cabeça, sem falar.

O carro virou a última esquina e seguiu a sussurrar pela rua escura e silenciosa. Underwood estacionou no espaço diante da casa.

— Guarde minhas palavras, garoto — disse —, o Governo terá que agir agora. Vou pedir mais pessoal para o meu departamento amanhã logo pela manhã. Depois, talvez possamos começar a apanhar estes ladrões. E quando o fizermos, vamos desfazê-los em pedaços.

Saiu do carro batendo a porta, deixando atrás de si um odor recente de cabelo queimado. Mrs. Underwood virou a cabeça para o banco traseiro. Nathaniel estava sentado muito empertigado, de pescoço rígido, a olhar para o ar.

— Chocolate quente antes de deitar, querido? — perguntou-lhe.

Bartimaeus
21

A escuridão que envolvia a minha mente dissipou-se. Fiquei imediatamente alerta como sempre, cristalino em todas as minhas percepções, uma mola tensa pronta a explodir em ação. Estava na hora de fugir!

Só que não estava.

A minha mente trabalha a vários níveis ao mesmo tempo[56]. Tenho fama de conseguir manter uma conversa banal enquanto preparo as palavras de uma fórmula e avalio várias vias de fuga ao mesmo tempo. Este tipo de coisa costuma dar muito certo. Mas naquele momento não precisava de mais de um nível cognitivo para me dizer que a fuga estava absolutamente fora de questão. Metera-me em grandes apuros.

[56] Isto é, vários níveis *conscientes*. De um modo geral, os seres humanos apenas conseguem gerir um nível consciente, com dois mais ou menos inconscientes embaralhados lá por baixo. Imaginem assim: eu poderia ler um livro com quatro histórias diferentes sobrepostas umas às outras, e lê-las todas com o mesmo movimento dos olhos. O melhor que consigo fazer, para vocês, são *notas de rodapé*.

Mas vamos ao que interessa. Uma coisa que eu *podia* fazer era ter bom aspecto. Mal acordei, percebi que a minha forma desaparecera enquanto eu estivera ausente. A minha forma de falcão deteriorara-se num vapor denso e oleoso que se agitava para lá e para cá no ar, como se movido por uma maré em miniatura. Esta substância era, na verdade, o máximo que podia me aproximar da revelação da minha essência pura[57] enquanto prisioneiro na Terra, mas, apesar da sua natureza

nobre, não era de todo atraente[58]. Deste modo, mudei rapidamente o meu aspecto para uma fêmea humana esbelta, envolta numa túnica simples, antes de acrescentar dois pequenos cornos ao meu couro cabeludo, para ficar mais diabólica.

[57] Essência: a constituição fundamental, essencial de um espírito como eu, em que estão contidas a minha identidade e natureza. No vosso mundo, somos obrigados a incorporar as nossas essências numa espécie de forma física; no Outro Lugar, de onde vimos, as nossas essências misturam-se livre e caoticamente.

[58] Na realidade, tinha o aspecto e o odor de água de lavar roupa suja.

Feito isto, avaliei o local onde me encontrava com um olho malévolo.

Estava no alto de um pequeno pedestal ou coluna de pedra, que se erguia a cerca de dois metros no meio de um chão lajeado. No primeiro plano, a minha visão era total em todas as direções, mas do segundo ao sétimo, era bloqueada por algo desagradável: uma pequena esfera de energia de considerável poder. Esta era constituída por finas linhas de força brancas e cruzadas que partiam do alto da coluna ao lado dos meus pés elegantes e se voltavam a encontrar por cima da minha delicada cabeça. Não precisava tocar nas linhas para saber que se o fizesse elas me provocariam uma dor insuportável e me repeliriam.

Não existia qualquer abertura, qualquer ponto fraco na minha prisão. Não podia sair. Estava preso dentro da esfera como o palerma de um peixe de aquário.

Mas, ao contrário de um peixe de aquário, eu tinha boa memória. Conseguia lembrar-me do que acontecera antes de sair disparado da loja de Sholto. A ar-

madilha de prata a cair sobre mim; os cascos rubros do *afrit* a derreterem as pedras da calçada; o cheiro a rosmaninho e alho a asfixiar-me tão depressa quanto as mãos de um assassino, até a minha consciência fugir. O ultraje que sofrera! — eu, Bartimaeus, a apagar-me numa rua de Londres! Mas a raiva ficaria para mais tarde. Agora tinha de manter a calma, procurar uma oportunidade.

Para lá da superfície da minha esfera ficava uma câmara bastante ampla e algo antiga. Fora construída com blocos de pedra cinzenta e forrada com pesadas vigas de madeira. Uma única janela no alto de uma parede deixava entrar um raio de luz fraca e doentia, que mal conseguia atravessar as partículas de pó em turbilhão para chegar ao chão. Na janela fora colocada uma barreira mágica semelhante à minha prisão. Por todo o lado havia várias colunas idênticas àquela onde me encontrava. A maior parte estava abandonada e vazia, mas, equilibrada numa, via-se uma pequena esfera brilhante e de um azul muito intenso. Era difícil ter certeza, mas pareceu-me conseguir ver algo contorcido comprimido lá dentro.

Não havia portas nas paredes, muito embora isso tivesse pouca importância. Os portais temporários eram bastante comuns nas prisões dos magos. Seria impossível o acesso à câmara seguinte por fora (ou por dentro), exceto através de portas abertas por ordem de combinações de carcereiros-magos de confiança. Seria extremamente difícil passar por elas, mesmo que conseguisse evadir-me da minha esfera-prisão.

Os guardas também não ajudavam nada. Eram dois *utukku*[59] bem grandes, marchando impassivelmente pelo perímetro da câmara. Um deles tinha a cara e a crista de uma águia do deserto, todo ele bico adunco cruel e penas eriçadas. O outro era uma cabeça de tou-

ro, soprando nuvens de muco pelas ventas. Caminhavam ambos como homens assentados em pernas maciças; as suas mãos enormes com veias agarravam lanças com pontas de prata. Asas cobertas de penas estavam pesadamente recolhidas nos seus dorsos musculosos. Viravam incessantemente os olhos para trás e para a frente, cobrindo cada palmo da câmara com o seu olhar estúpido e sinistro.

[59] Um tipo de *djinni* muito apreciado pelos magos assírios pela sua dedicação cega à violência. Lutei com eles pela primeira vez na batalha de Al-Arish, quando o faraó expulsou o exército assírio do solo egípcio. Os *utukku* eram imponentes: quatro metros de altura, cabeças de animais ou aves de rapina, couraças de cristal, cimitarras reluzentes. Mas deixavam-se levar pelo velho truque «Ele está bem atrás de você.» Receita para o sucesso: 1. Pegar numa pedra; 2. Dar um estalido com a língua atrás do *utukku* para criar um som de diversão; 3. Ver o *utukku* virar-se, de olhos muito arregalados; 4. Examiná-lo por trás com prazer; 5. Regozijar-se a gosto. Curiosamente, os meus feitos naquela época acabaram por criar-me algumas inimizades entre os *utukku* sobreviventes.

Soltei um suspiro ligeiro, bastante recatado. As coisas não pareciam realmente nada promissoras.

Mas eu ainda não me dava por vencido. A julgar pela dimensão impressionante da prisão, provavelmente estaria nas mãos do Governo, mas o melhor era certificar-me. A primeira coisa a fazer era tirar o máximo possível de informações dos meus carcereiros[60].

[60] Que seriam provavelmente poucas. Basicamente, por experiência, é possível avaliar a inteligência de um *djinni* pelo número de formas que ele ou ela gosta de aparentar. As entidades desenrascadas como eu não têm limite para as formas que assumem. Quanto mais, melhor, na verdade: sempre torna a nossa existência ligeiramente menos monótona. Inversamente, os verdadeiros broncos (a saber, Jabor, *utukku,* etc.) preferem apenas uma, e é

normalmente aquela que já passou de moda há milênios. As formas com que estes *utukku* se revestiam eram moda nas ruas de Nínive em 700 a.C. Quem é que hoje em dia anda por aí como um espírito com cabeça de touro? Precisamente. Está totalmente ultrapassado.

Assobiei de forma ligeiramente insolente. O *utukku* mais próximo (aquele com a cabeça de águia) virou-se, brandindo a lança na minha direção.

Sorri de forma cativante.

— Ora viva!

O *utukku* sibilou como uma serpente, mostrando a sua língua de ave vermelha e pontiaguda. Aproximou-se, continuando a agitar vigorosamente a lança.

— Quietinho com essa coisa aí — disse-lhe. — É sempre mais impressionante empunhar uma arma quieta. Parece que está tentando espetar um malvaísco com um garfo de torrar pão.

Bico de Águia aproximou-se. Os seus pés estavam no chão, dois metros abaixo de mim, mas mesmo assim era suficientemente alto para me olhar nos olhos. Teve o cuidado de não se aproximar da superfície brilhante da minha esfera.

— Volte a falar despropositadamente — disse o *utukku* — e encho-te de buracos. — Indicou a ponta da lança. — Isto é prata. Pode atravessar a tua esfera facilmente e espetá-lo, se não se calar.

— Já entendi. — Afastei uma madeixa de cabelo da testa. — Pelo visto, estou à tua mercê.

— Exatamente. — O *utukku* fez menção de se afastar, mas um pensamento solitário conseguira, não se sabe como, chegar ao deserto da mente dele. — O meu colega — acrescentou — ali — indicou Cabeça de Touro, que nos observava de longe com os seus olhos vermelhos miudinhos — diz que já te viu em algum lugar.

— Não creio.

— Há muito tempo. Só que estava diferente. Diz que já te *cheirou* com certeza. Só que não se lembra quando.

— Ele *é* capaz de ter razão. Já ando por aqui há bastante tempo. Receio que tenha má memória para feições. Não posso ajudá-lo. Onde estamos ao certo, agora? — Tentava mudar de assunto, desconfortavelmente consciente de que a conversa poderia em breve ir parar na batalha de Al-Arish. Se Cabeça de Touro era um sobrevivente, e soubesse o meu nome...

A crista na cabeça do *utukku* inclinou-se um pouco enquanto considerava a minha pergunta.

— Não tem importância que saiba — reconheceu por fim. — Estamos na Torre. *A Torre de Londres.* — Falou com considerável prazer, batendo com a base da lança nas lajes para dar ênfase a cada palavra.

— Oh. Isso é bom, não é?

— Não para você.

Vários comentários irreverentes iam fazendo fila para serem proferidos, mas reprimi-os a custo e permaneci calado. Não queria ser espetado. O *utukku* afastou-se a marchar, para retomar a sua patrulha, mas reparei então que Cabeça de Touro se aproximava farejando e fungando o tempo todo com o seu focinho abjeto e úmido.

Quando ficou tão próximo da extremidade da minha esfera que as gotas de espuma que exalava crepitavam e fumegavam nos fios brancos carregados, soltou um ronco atormentado.

— Eu te *conheço* — disse. — Eu *conheço* o teu cheiro. Há muito tempo, sim, mas nunca me esqueço. Sei o teu nome.

— Um amigo de um amigo, talvez? — Olhei com nervosismo para a ponta da sua lança. Ao contrário

de Bico de Águia, nem sequer a brandiu.

— Não... um inimigo...

— É horrível quando não conseguimos nos lembrar de algo que está bem na ponta da língua — observei. — *Não é* mesmo? E por mais que a gente se esforce por recordá-lo, a maior parte das vezes não conseguimos porque algum palerma nos interrompe constantemente, tagarelando para não podermos nos concentrar, e...

Cabeça de Touro soltou um berro de raiva.

— Cale-se! Estava quase conseguindo!

Um estremecimento percorreu a câmara, fazendo vibrar o chão e a coluna. Imediatamente, Cabeça de Touro girou nos calcanhares e atravessou o espaço em passo rápido, para ir pôr-se de sentinela encostado a um pedaço de parede indefinido. A alguns metros de distância, Bico de Águia fez o mesmo. Apareceu entre eles uma linha de junção oval no ar; alargou-se na base, tornando-se um arco amplo. Dentro do arco havia uma negrura, e emergiram dela duas figuras, adquirindo gradualmente cor e dimensão enquanto saíam do nada pastoso do portal. Eram ambas humanas, apesar de suas formas serem tão diferentes que até custava a acreditar.

Uma delas era Sholto.

Continuava corpulento como sempre, mas coxeava bastante, como se lhe doesse cada músculo. Fiquei satisfeito ao ver que a sua bengala que disparava plasma fora trocada por um par de muletas comuns. O seu rosto dava a impressão de que acabara de se levantar de lá um elefante e era capaz de jurar que o monóculo dele tinha fita adesiva no aro. Um olho estava negro e fechado. Permiti-me um sorriso. Apesar da situação em que me encontrava, havia ainda algumas coisas na vida que davam prazer.

A imensidão equimoseada de Sholto fez com que

uma mulher ao lado dele parecesse ainda mais magra do que efetivamente era. Uma criatura submissa e elegante, trazia vestido uma blusa cinzenta e uma saia preta comprida, com cabelo branco liso cortado curto bruscamente por trás das orelhas. O seu rosto era só malares e olhos, e completamente incolor — até os seus olhos eram deslavados: duas bolinhas baças da cor da água da chuva assentadas na cabeça. Dedos com unhas compridas como bisturis saíam de suas mangas. Era portadora de uma aura de autoridade e perigo: o *utukku* bateu os calcanhares e fez continência quando ela passou e, com um estalido dos seus dedos muito afiados, o portal atrás dela desapareceu por completo.

Aprisionado na minha esfera, vi-os aproximando-se — magra e gordo, este curvado e a coxear. O tempo todo, por trás do seu monóculo, o olho bom de Sholto manteve-se cravado em mim.

Pararam a alguns metros de distância. A mulher voltou a estalar os dedos e, para minha ligeira surpresa, as lajes onde se encontravam foram-se elevando lentamente no ar. Os diabretes cativos por baixo das pedras soltaram grunhidos esporádicos enquanto suportavam o peso nos ombros, mas de outro modo foi um movimento bastante suave. Quase não oscilava. Em breve as pedras pararam de se erguer e os dois magos ficaram ao meu nível. Retribuí o olhar, impassível.

— Acordou, foi? — inquiriu a mulher. A sua voz era como vidro partido num balde de gelo[61]. — Muito bem. Ora, talvez nos possa ajudar. Em primeiro lugar, o teu nome. Não vou perder tempo chamando-o de Bodmin; consultamos os registros e sabemos que é uma identidade falsa. O único *djinni* com esse nome morreu na Guerra dos Trinta Anos*.

[61] Inesperadamente áspera. E fria. Que ninguém diga que não me

esforço em descrever as coisas.

* Conjunto de guerras desencadeadas na Europa por motivos religiosos e políticos, de 1618 a 1648. Originada pela Defenestração de Praga, começou por ser uma guerra na Europa Central entre os príncipes protestantes alemães e os estados católicos apoiados pelos Habsburgo. Terminou com a Paz de Vestefália e uma das suas conseqüências foi a divisão da Alemanha em vários estados independentes. *(NT)*

Encolhi os ombros, nada disse.

— Queremos o teu nome, o propósito da tua vinda à loja de Mr. Pinn e tudo o que sabe sobre o Amuleto de Samarcanda. Acima de tudo, queremos saber a identidade do teu amo.

Afastei o cabelo dos olhos e retoquei-o. O meu olhar vagueou pela câmara de uma forma algo enfastiada.

A mulher não se mostrou irada ou impaciente; o seu tom manteve-se inalterado.

— Vai ser sensato? — perguntou. — Pode dizer-nos já, ou então mais tarde. A decisão é inteiramente sua. A propósito, Mr. Pinn não acha que vá ser sensato. Por isso é que veio. Ele deseja vê-lo sofrer.

Pisquei o olho ao maltratado Sholto.

— Vá lá — instiguei-o (com muito mais animação do que realmente sentia) —, retribui-me a piscadela. É um excelente exercício para o olho negro. — O mago mostrou os dentes, mas não falou.

A mulher esboçou um gesto e a sua laje avançou.

— Não está em posição de ser insolente, demônio. Deixe-me esclarecer a situação. Isto é a Torre de Londres, para onde são trazidos todos os inimigos do Governo, a fim de serem castigados. Talvez tenha ouvido falar dela? Durante cento e cinqüenta anos, magos e espíritos de todos os tipos vieram parar aqui; nenhum

saiu, a não ser por nossa vontade. Esta câmara está protegida por três camadas de fechaduras mágicas. Entre cada camada estão batalhões vigilantes de *borlas* e *utukku,* que patrulham constantemente. Mas só para alcançá-los, teria de abandonar a tua esfera, o que é impossível. Está no Globo Doloroso. Dará cabo da tua essência, se tocá-la. A uma palavra minha — proferiu uma palavra e as linhas de força na esfera começaram a estremecer e a aumentar —, o globo encolherá um pouco. Claro que você também pode encolher, por isso no começo poderá evitar ficar queimado e empolado. Mas o globo pode encolher por completo até desaparecer — e isso você não pode fazer.

Não pude deixar de olhar para a coluna vizinha, com a sua esfera azul densamente apinhada. Estivera algo dentro daquele globo e os seus restos permaneciam lá. O globo encolhera até ficar sem espaço lá dentro. Era como avistar uma aranha morta no fundo de uma garrafa de vidro escuro.

A mulher seguira o meu olhar.

— *Exatamente* — disse. — Preciso ser mais eloqüente?

— Se eu *chegar* a falar — comecei, dirigindo-me a ela pela primeira vez —, o que me acontece depois? O que a impedirá de me espremer do mesmo jeito?

— Se cooperar, deixaremos você partir — retorquiu ela. — Não temos interesse em matar escravos.

Pareceu-me tão brutalmente franca que quase acreditei nela. Mas não de todo.

Antes que eu pudesse reagir, Sholto Pinn pigarreou para chamar a atenção da mulher. Falou com dificuldade, como se lhe doessem as costelas.

— O ataque — murmurou. — A Resistência...

— Ah, sim. — A mulher virou-se de novo para mim. — Terá ainda maiores hipóteses de comutação da

pena se nos der informações sobre um incidente que aconteceu ontem à noite, depois da tua captura...

— Calma aí — disse eu. — Quanto tempo me mantiveram inconsciente?

— Não chegou a vinte e quatro horas. Podíamos tê-lo interrogado ontem à noite mas, como disse, este incidente... Só retiramos a rede de prata há cerca de trinta minutos. Estou impressionada com a rapidez de tua recuperação.

— Não tem importância. Já estou habituado[62]. Portanto, este incidente... Conte-me o que aconteceu.

[62] Podem crer. Já estivera por várias vezes sem sentidos, por ação de várias pessoas em lugares tão distantes quanto Persépolis, o Calaári e a Baía de Chesapeke.

— Foi um ataque de terroristas que se autodenominam «Resistência». Afirmam desprezar todas as formas de magia mas, apesar disso, acreditamos que eles têm algumas ligações mágicas. *Djinn* como você, talvez; invocados por magos inimigos. É possível.

Outra vez a tal «Resistência». Simpkin mencionara-os também. Estava convencido de que tinham roubado o Amuleto. Mas Lovelace era responsável por isso — talvez ele estivesse também por trás deste último ataque.

— De que tipo de ataque se tratou?

— Uma esfera de elementos. Inútil, fortuito.

Não parecia nada da predileção de Lovelace. Via-o mais como um homem de atuação furtiva e intrigas, do tipo que autoriza assassínios enquanto belisca sanduíches de pepino em recepções ao ar livre. O seu bilhete a Schyler sugeria que estavam planejando algo com alguma antecedência.

Os meus devaneios foram interrompidos por

uma rosnada gutural do meu velho amigo Sholto.

— Basta! Ele não vai contar de livre vontade. Reduza o globo, querida Jessica, para ele se contorcer e falar! Estamos muito ocupados para ficar nesta cela o dia todo.

Pela primeira vez, a fenda de bordas finas que era a boca da mulher estendeu-se numa espécie de sorriso.

— Mr. Pinn está impaciente, demônio — disse. — Ele não quer saber se fala ou não, desde que o globo funcione. Mas eu prefiro sempre seguir o processo adequado. Disse-lhe o que pretendemos — agora chegou o momento de falar.

Seguiu-se uma pausa. Gostaria de dizer que estava cheio de expectativa. Gostaria de dizer que me debatia com a minha consciência em relação a revelar o segredo de Nathaniel e de minha missão; que ondas de dúvida percorriam dramaticamente as minhas delicadas feições, enquanto os meus captores aguardavam inquietos para saber qual a decisão que eu iria tomar. Gostaria de dizer isso, mas estaria mentindo[63]. Por isso, na verdade, foi uma espécie de pausa bem mais carregada, lúgubre e desoladora, durante a qual tentei resignar-me à dor que sabia que viria.

[63] E sou escrupulosamente honesto, como sabem.

Nada me teria dado mais prazer do que denunciar Nathaniel sem a menor hesitação. Teria contado tudo: nome, endereço, número que calçava — teria até arriscado um palpite sobre a medida da coxa, se eles quisessem saber. Teria contado também tudo sobre Lovelace e Faquarl, e precisamente onde podiam encontrar o Amuleto de Samarcanda. Teria cantado como um canário — havia tanto que contar! Mas... se o fizesse, condenava-me. Porquê? Porque: 1) havia uma boa

probabilidade de me espremerem do mesmo jeito no globo, e 2) mesmo que me libertassem, Nathaniel seria morto ou incomodado de alguma outra forma e eu iria direitinho ter com Old Chokey no fundo do Tamisa. E só de pensar em todo aquele rosmaninho, ficava com o nariz pingando[64].

[64] Neste ponto, as pessoas ponderadas poderiam contrapor que, uma vez que Lovelace roubara o Amuleto e estava, deste modo, trabalhando contra o Governo, teria valido a pena arriscar contar-lhes os crimes dele. Talvez Nathaniel e eu pudéssemos ser libertos pelos serviços prestados. É verdade, mas infelizmente era impossível saber quem mais estava envolvido na tramóia de Lovelace, e dado que o próprio Sholto Pinn estivera almoçando com Lovelace na véspera, não podia confiar *nele,* como é óbvio. Vendo bem, os riscos de me ilibar pesavam muito mais do que os possíveis benefícios.

Mais valia um extermínio rápido no globo do que uma infinidade de sofrimento. Assim, esfreguei o meu delicado queixo e esperei que o inevitável começasse.

Sholto resmungou e olhou para a mulher. Ela bateu no relógio.

— Acabou o tempo — disse ela. — Então?

E depois, como se escrito pela mão de um mau romancista, aconteceu uma coisa incrível. Preparava-me eu para lhes fazer uma última tirada de injúrias exaltadas (mas inteligentes), quando senti uma dolorosa sensação familiar nas minhas entranhas. Uma imensidão de tenazes em brasa apertavam-me, puxavam a minha essência...

Estava sendo chamado!

22

Pela primeira vez na vida, estava grato ao garoto. Que ocasião perfeita! Que coincidência notável! Agora podia desaparecer debaixo dos narizes deles, desmaterializado pelo chamado, enquanto eles ficavam embasbacados e a engolir em seco como um peixe apanhado de surpresa. Se eu fosse rápido, teria apenas tempo de fazer uma careta rápida, com o polegar no nariz, antes da partida.

Abanei a cabeça, pesaroso.

— Lamento muito — sorri. — *Adoraria* ajudá-los, de verdade mesmo. Mas tenho que ir. Talvez possamos retomar a tortura e o cativeiro numa outra ocasião. Só que com uma pequena diferença. Eu estarei aí fora e vocês dois abraçadinhos dentro do globo. Por isso é melhor começar a fazer dieta a sério, Sholto. Entretanto, podem ambos — au! — ir ver se eu estou na esquina e... — Ahh!... Oooh! — Não era a minha réplica mais fluente, tenho que admitir, mas a dor do chamado estava me afetando. De certa forma, a sensação era pior do que a habitual; mais intensa, menos saudável...

E estava também demorando mais.

Abandonei toda a simulação de uma postura insolente e descarada, e contorci-me no alto da coluna, desejando que o garoto se apressasse. Qual era o problema dele? Não sabia que eu estava em agonia? Também não podia me contorcer convenientemente — as linhas de força do globo estavam muito próximas para meu conforto.

Após alguns minutos profundamente desagradáveis, o puxão maldoso do chamado abrandou e desapareceu. Deixou-me numa postura indigna: acocorado numa bola, a cabeça entre os joelhos, os braços por ci-

ma da cabeça. Com a rigidez lenta da agonia acumulada, ergui um pouco o rosto e afastei cautelosamente o cabelo dos olhos.

Ainda estava dentro da esfera. Os dois magos encontravam-se bem ali, sorrindo do outro lado das paredes da minha prisão.

Estava feito. Com ar ameaçador das mil dores residuais, endireitei-me, levantei-me, olhei para eles implacavelmente. Sholto ria baixinho para si mesmo.

— Só por isto já valeu a viagem, cara Jessica — disse ele. — A expressão na cara dele era simplesmente deliciosa.

A mulher concordou.

— *Que* momento excelente — assentiu.

— Ainda bem que estávamos aqui para ver. Ainda não percebeu, criatura estúpida? — A laje dela aproximou-se um pouco mais. — Eu lhe disse: é impossível abandonar o Globo Doloroso, e isso inclui o chamado. A tua essência está presa aí dentro. Nem mesmo o teu amo pode retirá-lo daí.

— Ela encontrará uma maneira — repliquei, depois mordi o lábio, como se me arrependesse de tê-lo dito.

— *Ela?* — A mulher semicerrou os olhos. — O teu amo é uma mulher?

— Ele está mentindo. — Sholto Pinn abanou a cabeça. — É um *blefe* nítido, Jessica, estou cansado; estou também atrasado para a minha massagem matinal nos Banhos Bizantinos. Devia estar na sala de vapor, neste momento. Posso sugerir que a criatura precisa de mais encorajamento, e que a deixemos entregue a ele?

— Uma idéia magnífica, caro Sholto. — Estalou as unhas cinco vezes. Um zumbido, um estremecimento. Estava na hora de encolher prontamente! Gastei o que restava da minha energia numa transformação a-

pressada e, quando as linhas tremulantes do globo se aproximaram de mim, encolhi-me numa nova forma. Um elegante gato, curvado e sinuoso, afastou-se das paredes do globo, que diminuíam.

Numa questão de segundos, o globo ficou reduzido a *um terço* das suas dimensões anteriores. O zumbido da sua energia obscena era alto para os meus ouvidos felinos, mas havia ainda um intervalo salutar entre mim e as paredes. A mulher estalou as unhas e o ritmo de encolhimento abrandou consideravelmente.

— Fascinante... — Falou com Sholto. — Numa altura de crise, torna-se um gato do deserto. Muito egípcio. Este teve uma longa carreira, creio. — Virou-se outra vez para mim. — O globo continuará a encolher, demônio — referiu. — Umas vezes depressa, outras devagar. Acabará por ficar reduzido a um único ponto. Será observado continuamente, por isso, se em qualquer altura desejar falar, basta dizer. Caso contrário, adeus.

Em resposta, o gato sibilou e bufou. Fui o mais eloqüente que consegui ser na altura.

As lajes viraram-se e desceram até às suas posições originais. Sholto e a mulher regressaram ao arco e foram engolidos pelo portal. A linha de junção fechou-se e a parede ficou como antes. Bico de Águia e Cabeça de Touro retomaram a sua marcha. As linhas brancas mortíferas do globo zumbiam e brilhavam e aproximavam-se imperceptivelmente.

O gato enroscou-se no alto da coluna e enrolou a cauda à sua volta, o mais firmemente possível.

Durante as horas que se seguiram, a minha situação ficou cada vez menos confortável. A princípio, o gato bastou-me, mas o globo acabou encolhendo tanto que as minhas orelhas estavam bem por baixo dos bigodes e podia sentir a ponta da minha cauda começando a fritar. Seguiu-se uma sucessão de mudanças. Sabia

que estava sendo observado, por isso não fiz o que seria óbvio, tornar-me uma pulga — isso só faria com que o globo encolhesse realmente depressa para me acompanhar. Submeti-me antes a uma série de variações peludas e escamosas, antecipando-me sempre às barras tremeluzentes da prisão. Primeiro uma lebre, depois um sagüi, a seguir uma ratazana banal... Juntando todas as minhas formas, ficariam com uma loja de animais bem razoável, suponho, mas não era nada apropriado.

Por mais que tentasse, também não me ocorria nenhum grande plano de fuga. Podia conseguir um adiamento enfiando uma complexa história à mulher, mas ela não tardaria a descobrir que eu estava enrolando e acabaria comigo num abrir e fechar de olhos. Não podia ser.

Só para complicar, o malvado garoto tentara me chamar mais duas vezes. Não desistia facilmente, calculando que provavelmente cometera algum erro da primeira vez, e acabou por me causar tanto desconforto que quase decidi denunciá-lo.

Quase, mas não de todo; não valia desistir já. Havia sempre a hipótese de poder acontecer algo.

— Esteve em Angkor Thom? — Outra vez Cabeça de Touro, ainda tentando situar-me.

— O quê? — Nesta altura eu era a ratazana; esforcei-me por parecer muito desprendido, mas as ratazanas só o conseguem ser quando irritadas.

— Você sabe, o Império Khmer. Trabalhei para os magos imperiais, quando conquistaram a Tailândia. Teve alguma coisa a ver com isso? Algum rebelde?

— Não[65].

[65] Por acaso, era verdade. Aquilo teria sido há 800 anos. Naquela época eu estava sobretudo na América do Norte.

— Tem certeza disso?

— Sim! Claro que tenho certeza! Está me confundindo com outra pessoa. Mas esqueça isso por um minuto. Escute... — A ratazana falou com uma voz muito baixa, a cabeça debaixo de uma pata.

— Vê-se que é um tipo inteligente, já andou por aqui algumas vezes, trabalhou muito para os impérios mais perversos. Olha... tenho amigos poderosos. Se conseguir me tirar daqui, eles matarão o teu amo para libertá-lo da servidão.

Se Cabeça de Touro tivesse mais miolos, eu seria capaz de jurar que estava me olhando com desconfiança. Não obstante, resolvi continuar.

— Há quanto tempo está aqui enfurnado como guarda? — inquiri. — Cinqüenta anos? Cem? Isto não é vida para um *utukku,* não é? Agora mesmo, poderia estar num globo como este.

A cabeça aproximou-se das grades. Um banho de vapor nasal atingiu-me em cheio, deixando gotículas espessas no meu pêlo.

— *Que* amigos?

— Aah, um *marid* — dos grandes — e quatro *afrits,* muito poderosas, muito mais fortes do que eu... Podia juntar-se a nós...

A cabeça recuou com um grunhido de desprezo.

— Deve pensar que sou estúpido!

— Não, não... — A ratazana encolheu os ombros. — É o que pensa ali o Bico de Águia. Ele disse que você alinhava no nosso plano. Mesmo assim, se não está interessado... — Com uma contorção e meio salto, a ratazana virou as costas.

— O quê? — Cabeça de Touro deslocou-se rapidamente até ao outro lado da coluna, segurando a lança junto ao globo. — Não me vire as costas! O que disse o Xerxes?

— Oi! — Bico de Águia veio correndo do canto mais distante da câmara. — Ouvi o meu nome! Pára de falar com o prisioneiro!

Cabeça de Touro olhou para ele com ar ofendido.

— Posso falar, se quiser. Então, acha que sou estúpido, é? Pois não sou, entendeu? Que plano é esse?

— Não conte, Xerxes! — murmurei sonoramente. — Não conte *nada*.

Bico de Águia emitiu um ruído irritante com o bico.

— Plano? Não sei de nenhum plano. O preso está mentindo, Baztuk. O que ele disse?

— Está bem, Xerxes — gritei-lhe, animado. — Não mencionei... *você sabe*.

Cabeça de Touro brandiu a lança.

— Acho que eu é que devia fazer perguntas, Xerxes — disse. — Esteve conspirando com o preso!

— Não, seu idiota...

— Idiota, eu?

Depois afastaram-se; focinho com bico, toda uma postura muscular com as penas da crista eriçadas, aos berros e desferindo socos no peito couraçado um do outro. Pum. Os *utukku* sempre foram fáceis de enganar. No meio do entusiasmo, eu quase fui esquecido, o que me era muito conveniente. Normalmente, teria adorado vê-los a esganar-se um ao outro, mas neste momento era parco consolo para o aperto em que me encontrava.

O globo tornara-se de novo desconfortavelmente pequeno, por isso diminuí de tamanho, desta vez para um escaravelho. Não que fosse de grande utilidade; mas retardava o inevitável e dava-me espaço para andar de um lado para o outro em cima da coluna, agitando as asas de fúria e algo semelhante ao desespero. Aquele

garoto, Nathaniel! Se alguma vez conseguisse sair dali, iria descarregar tamanha vingança nele que ficaria registrado nas lendas e pesadelos da sua gente! Que eu, Bartimaeus, que falei com Salomão e Hiawatha, acabasse desta forma — como um escaravelho esmagado por um inimigo muito arrogante para assistir sequer à execução! Não! Mesmo assim, havia de encontrar uma saída...

Corri para cá e para lá, pensando, pensando...

Impossível. Não podia escapar. A morte aproximava-se a passos largos de todos os lados. Era difícil ver como a situação podia ficar ainda pior.

Uma espuma de vapor, um rugido, um olho vermelho enfurecido desceu ao meu nível.

— Bartimaeus!

Bem, aquela era uma maneira. Cabeça de Touro já não brigava. Lembrara-se subitamente de quem eu era.

— Já sei quem é! — exclamou. — A tua voz! Sim, é você — o destruidor da minha gente! Finalmente! Há vinte e sete séculos que espero por este momento!

Quando nos vemos confrontados com um comentário daqueles, é difícil pensar no que dizer.

O *utukku* ergueu a sua lança de prata e soltou o habitual grito de guerra vitorioso com que a sua espécie costuma acompanhar um golpe mortal.

Preparei-me para ruflar as asas. Sabem... de uma forma desprendida, desafiadora.

Nathaniel
23

O que iria ser o pior dia da vida de Nathaniel começou tal como seria suposto decorrer. Apesar de ter regressado do Parlamento a uma hora tão tardia, foi-lhe quase impossível adormecer. As últimas palavras do mestre soavam repetidamente na sua cabeça, incutindo nele um crescente constrangimento: «Quem estiver na posse de objetos roubados sofrerá as mais severas sanções...» *As mais severas sanções*... E o que era o Amuleto de Samarcanda, senão um objeto roubado?

Realmente, por um lado, tinha certeza de que Lovelace já roubara o Amuleto: fora para obter provas disso que mandara Bartimaeus na sua missão. Mas, por outro lado, era ele — ou, para ser mais rigoroso, Underwood — quem detinha atualmente os bens roubados. Se Lovelace, ou a polícia, ou alguém do Governo, o encontrasse lá em casa... na verdade, se o próprio Underwood o descobrisse na sua coleção, Nathaniel nem queria pensar nas catástrofes que poderiam ocorrer. O que começara por ser um ataque pessoal a um inimigo, afigurava-se agora, repentinamente, uma empresa bem mais arriscada. Não se opunha neste momento apenas a Lovelace, mas também ao braço comprido do Governo. Ouvira falar dos prismas de vidro, contendo os restos de traidores, que pendiam das ameias da Torre de Londres. Eram bastante eloqüentes. Seria uma insensatez correr o risco da ira oficial.

Quando a luz espectral que precede a aurora começou a incidir na clarabóia, Nathaniel tinha certeza de apenas uma coisa. Quer o *djinni* tivesse conseguido reunir provas, quer não, tinha de se livrar rapidamente do

Amuleto. Devolvê-lo-ia a Lovelace e alertaria as autoridades de alguma maneira. Mas, para isso, precisava de Bartimaeus.

E Bartimaeus recusava-se a aparecer.

Apesar de um cansaço de fazer doer os ossos, Nathaniel efetuara o chamado três vezes naquela manhã e das três vezes o *djinni* não aparecera. Na terceira tentativa, estava praticamente a soluçar em pânico, proferindo as palavras sem se preocupar com o fato de uma sílaba mal pronunciada poder pô-lo em perigo. Quando terminou, ficou à espera, arquejante, observando o círculo. *Vamos lá, vamos lá.*

Nem fumaça, nem cheiro, nem demônio.

Com uma praga, Nathaniel cancelou o chamado, deu um pontapé no recipiente do incenso, que foi parar do outro lado do quarto e atirou-se para cima da cama. O que se passava? Se Bartimaeus tivesse encontrado uma maneira de se livrar da sua missão... Mas certamente isso era impossível — nenhum demônio conseguira semelhante coisa, tanto quanto Nathaniel sabia. Bateu em vão com o punho nos cobertores. Quando trouxesse o *djinni* outra vez de volta, faria com que pagasse pelo seu atraso — submetê-lo-ia ao Pêndulo Denticulado e ficaria a vê-lo contorcer-se.

Mas, entretanto, o que fazer?

Usar a bola de cristal? Não, isso ficaria para depois: os três chamados tinham-no esgotado e primeiro precisava descansar. Pelo contrário, havia a biblioteca do seu mestre. Era por aí que devia começar. Talvez existissem outros métodos de chamado mais avançados que ele pudesse experimentar. Talvez existisse informação sobre o truque que os *djinn* usavam para escapar ao retorno.

Levantou-se, fez deslizar o tapete com um pontapé para cobrir os círculos de giz no chão. Não tinha

tempo para limpá-los agora. Dali a duas horas iria encontrar-se com o seu mestre, para tentar finalmente o tão esperado chamado do diabrete listrado. Nathaniel gemeu de frustração — aquilo era a última coisa que precisava! Podia chamar o diabrete durante o sono, mas o seu mestre se certificaria de que ele verificava e voltava a verificar cada linha e frase até o processo se arrastar por várias horas. Era um desperdício de energia que dispensava perfeitamente. O seu mestre era mesmo um tolo!

Nathaniel pôs-se a caminho da biblioteca. Desceu correndo as escadas do sótão.

E quase colidiu com o seu mestre, que vinha subindo.

Underwood foi de encontro à parede, agarrando a parte mais larga do seu colete, onde um dos cotovelos de Nathaniel roçara mais bruscamente. Soltou um grito de raiva e desferiu um sopapo na cabeça do aprendiz.

— Seu bandido! Podia ter me matado!

— Senhor! Lamento, senhor. Não esperava...

— Descendo as escadas como um tonto desmiolado, um comum! Um mago mantém os seus modos sob rigoroso controle, seja em que circunstância for! Está brincando de quê?

— Lamento muito, senhor... — Nathaniel estava a se recuperar do choque; falou submissamente. — Ia apenas à biblioteca, para reconfirmar algumas coisas antes do nosso chamado desta tarde. Peço desculpas se estava muito ansioso.

Os seus modos humildes surtiram efeito. Underwood respirou com força, mas a sua expressão descontraiu-se.

— Bem, se a intenção era boa, acho que não posso culpá-lo. Na verdade, vinha lhe dizer que, infelizmente, não vou estar esta tarde. Aconteceu algo de

grave e tenho... — Calou-se; as sobrancelhas tremeram e uniram-se numa expressão carrancuda. — Que cheiro é esse?

— Senhor?

— Esse odor... que está agarrado a ti, garoto. — Aproximou-se mais, curvando-se, e cheirou ruidosamente.

— Eu... eu peço desculpa, senhor, esqueci de me lavar esta manhã. Mrs. Underwood já me tinha avisado.

— Não estou falando do teu próprio cheiro, garoto, apesar de ser desagradável. Não, é mais a... rosmaninho... Sim! E louro... e erva de S. João... — Os olhos dele arregalaram-se subitamente e brilharam na média luz das escadas. — É o incenso geral de chamado que envolve a tua pessoa!

— Não, senhor...

— Não se atreva a contradizer-me, garoto! Como foi que...? — Surgiu uma suspeita nos olhos dele. — John Mandrake, quero ver o teu quarto! Já à minha frente.

— Eu preferia que não fosse, senhor... Está todo desarrumado, eu ficaria embaraçado...

O mestre ergueu-se em toda a sua altura, os olhos chispando, a barba chamuscada hirsuta. Parecia, de certa forma, ter ficado mais alto do que Nathaniel alguma vez o vira, não obstante o fato de estar de pé no degrau de cima provavelmente ajudar um pouco. Nathaniel sentiu que se encolhia, se aninhava.

Underwood agitou um dedo e apontou para as escadas.

— Imediatamente!

Impotente, Nathaniel obedeceu. Em silêncio, seguiu à frente até o seu quarto, as botas pesadas do mestre seguindo bem atrás dele.

Quando abriu a porta, um fedor inconfundível de

incenso e cera de vela incidiu-lhe no rosto. Nathaniel desviou-se, carrancudo, para um dos lados quando, curvando-se sob o teto baixo, o seu mestre entrou no quarto do sótão.

Durante alguns segundos, Underwood inspecionou a cena. Era uma imagem incriminatória: um recipiente virado de pernas para o ar, com um rastro de incenso multicolorido que se estendia pelo chão; várias dúzias de velas de chamado, ainda fumegantes, dispostas junto às paredes e em cima da escrivaninha; dois calhamaços sobre magia, tirados das prateleiras pessoais de Underwood, abertos em cima da cama. As únicas coisas que não se viam eram os círculos de chamado propriamente ditos. Estavam escondidos debaixo do tapete. Nathaniel julgou que aquilo lhe daria uma possível escapatória. Pigarreou.

— Se eu puder explicar, senhor...

O mestre ignorou-o. Avançou em grandes passadas e levantou uma ponta do tapete, que caiu sobre si mesmo, revelando o canto de um círculo e várias runas exteriores. Underwood abaixou-se, agarrou no tapete e atirou-o para o lado, de modo a que todo o diagrama ficasse à mostra. Por um instante, inspecionou as inscrições, depois, com um intuito ameaçador nos olhos, virou-se para o aprendiz.

— Então?

Nathaniel engoliu em seco. Sabia que nenhuma desculpa o salvaria, mas tinha de tentar.

— Estava só praticando as marcas, senhor — começou com voz pouco firme. — Para captar a sensação. Não cheguei a *chamar* nada, claro, senhor. Não me atreveria...

Hesitou, calou-se. Com uma mão, o mestre apontou para o centro do círculo maior, onde fora deixada uma proeminente marca de queimado quando do

primeiro aparecimento de Bartimaeus. Com a outra, indicou as inúmeras queimaduras deixadas nas paredes pela explosão do Círculo Estimulante. Os ombros de Nathaniel se curvaram.

— Hum...

Por um instante, pareceu que Mr. Underwood fosse esquecer dos seus modos. O seu rosto encheu-se de raiva, deu dois passos rápidos na direção de Nathaniel, a sua mão erguida para lhe bater. Nathaniel estremeceu, mas o golpe não se deu.

A mão desceu.

— Não — disse o mestre dele, arfando. — Não. Tenho de pensar em como vou lidar contigo. Desobedeceu-me de mil e uma maneiras, e ao fazê-lo pôs em risco a tua própria vida e a das pessoas nesta casa. Brincou com palavras de magia que não pode esperar compreender — vejo ali *O Compêndio de Fausto,* e *A Boca de Ptolomeu?* Chamou, ou tentou chamar, um *djinni* pelo menos do décimo quarto nível, e chegou mesmo a tentar aprisioná-lo com o Pentagrama de Adelbrand, uma proeza que *eu* não arriscaria. O fato de que sem dúvida falhou não diminui o teu crime. Criança estúpida! Imagina o que semelhante ser poderia lhe *fazer,* se cometesse o menor deslize? As minhas lições ao longo de todos estes anos não significaram nada? Já no ano passado deveria ter sabido que não era de confiança, quando o teu ato premeditado de violência contra os convidados em minha casa quase arruinou a minha carreira. Devia ter me livrado de você nessa altura, quando não tinha nome. Ninguém hesitaria um só segundo! Mas agora que tem um nome e irá figurar na próxima edição do Almanaque, não posso me livrar de você com tanta facilidade! Irão fazer perguntas, terão que se preencher formulários, e a minha capacidade de julgar voltará a ser posta em causa. Não, tenho que pensar no que fazer

contigo, apesar da minha mão estar mortinha por invocar um Injuriador e deixar-te entregue aos bons cuidados dele.

Fez uma pausa para respirar. Nathaniel sentara-se todo encolhido a um canto da cama, sem qualquer energia dentro de si.

— Pode crer — prosseguiu o mestre dele — que nenhum aprendiz meu desobedece da maneira como você fez. Se eu não tivesse de ir com urgência ao ministério, tratava já de ti. Assim sendo, não sairá do teu quarto até eu voltar. Mas, primeiro — avançou em grandes passadas até o armário de Nathaniel e escancarou a porta —, tenho que ver se não tem mais surpresas escondidas.

Durante os dez minutos seguintes, Nathaniel limitou-se a ficar sentado, de olhar mortiço, enquanto o mestre revistava o quarto. O armário e a cômoda foram revirados e despejados, a sua parca quantidade de roupa espalhada pelo chão. Foram encontrados vários sacos de plástico com incenso, um pequeno fornecimento de giz de cor e um ou dois maços de anotações que Nathaniel tomara durante os seus estudos extracurriculares. Só a bola de cristal, segura no seu esconderijo por baixo dos beirais, não foi descoberta.

Mr. Underwood pegou o incenso, os livros, o giz e as anotações.

— Vou ler os teus rabiscos quando regressar do ministério — afirmou —, para o caso de precisar de te interrogar mais sobre as tuas atividades, antes de receber o castigo. Entretanto, fica aqui e reflita sobre os teus pecados e na ruína da tua carreira.

Sem mais uma palavra, saiu do sótão e trancou a porta atrás de si.

O coração de Nathaniel era uma pedra a mergulhar num poço fundo e escuro. Ficou sentado na cama

sem se mexer, ouvindo a chuva a tamborilar na clarabóia e, lá embaixo, o mestre batendo as portas de cada aposento, dando vazão à sua fúria. Por fim, uma pancada ao longe garantiu-lhe que Mr. Underwood saíra de casa.

Um tempo depois, foi sacudido da sua infelicidade pelo som da chave girando na fechadura. Seu coração disparou com o medo. O mestre não podia ter voltado já... ou podia?

Mas foi Mrs. Underwood quem entrou, trazendo uma pequena tigela de sopa de tomate numa bandeja. Colocou-a na escrivaninha e ficou olhando para ele. Nathaniel não conseguiu encará-la.

— *Bem* — disse ela, com voz monocórdica —, espero que esteja satisfeito consigo mesmo. Pelo que Arthur me contou, foi muito mau mesmo.

Se a torrente de raiva se limitara a entorpecê-lo, estas poucas palavras de Mrs. Underwood, misturadas como estavam simplesmente com sóbria decepção, penetraram em Nathaniel até à medula. Os últimos vestígios de autodomínio falharam. Ergueu os olhos para ela, sentindo as lágrimas a picar nos cantos.

— Oh, Nath... John! — Nunca a ouvira tão exasperada. — Por que não foi *paciente?* Ms. Lutyens costumava dizer que este era o teu defeito mais flagrante e tinha razão! Agora tentou dar um passo maior do que as pernas, e não sei se o mestre poderá perdoá-lo.

— Ele *nunca* me perdoará. Ele disse. — A voz de Nathaniel saiu fraca; tentava reprimir as lágrimas.

— Ele está extremamente zangado, John, e com razão.

— Ele disse que a minha... a minha carreira está destruída.

— Não me surpreenderia se não fosse exatamente isso o que merece.

— Mrs. Underwood...!

— Mas talvez, se for franco e honesto com ele em relação ao que fez, haja alguma chance dele te dar ouvidos quando voltar. Uma chance muito pequena.

— Ele não o fará; está muito zangado.

Mrs. Underwood sentou-se na cama ao lado de Nathaniel e rodeou-lhe o ombro com o braço.

— Acha que é inaudito, não acha, os aprendizes fazerem experiências muito, muito antes do tempo? Na maioria das vezes são um prenúncio de grande talento. Arthur está lívido de cólera mas, ao mesmo tempo, impressionado, posso dizer-te. Acho que devia confiar plenamente nele; colocar-se à mercê dele. Ele ficará satisfeito.

Nathaniel fungou.

— Acha que sim, Mrs. Underwood? — Como sempre, o consolo da presença dela e o seu bom senso tranqüilo ultrapassaram as defesas dele e lisonjearam-lhe o orgulho. Talvez ela tivesse razão. Talvez ele *devesse* contar a verdade sobre tudo...

— Também me esforçarei por apaziguá-lo — continuou ela. — Sabe Deus, você não merece. Olhe o estado deste quarto!

— Vou já limpá-lo, Mrs. Underwood; imediatamente. — Sentiu-se um pouco confortado. Talvez *devesse* contar ao mestre, confessar as suas desconfianças em relação a Lovelace e ao Amuleto. Seria penoso, mas mais simples.

— Come primeiro a tua sopa. — Levantou-se. — Vê se está preparado para contar tudo ao teu mestre quando ele voltar.

— Porque é que Mr. Underwood foi ao ministério? Hoje é domingo. — Nathaniel já estava apanhando algumas roupas e enfiando-as de novo nas gavetas.

— Uma emergência, querido. Apanharam um

djinni perigoso no centro de Londres.

Nathaniel sentiu um arrepio na espinha.

— Um *djinni?*

— Sim. Não sei os pormenores mas, ao que parece, estava se fazendo passar por um dos diabretes de Mr. Lovelace. Entrou na loja de Mr. Pinn e causou estragos sem fim. Mas eles enviaram um *afrit* e não tardou a ser apanhado. Está sendo interrogado neste momento. O teu mestre acha que o mago que mandou o *djinni* pode ter alguma ligação com estes roubos dos artefatos que andam afligindo-o tanto... e talvez com a Resistência também. Ele quer estar presente quando lhe arrancarem a informação. Mas essa não é a nossa principal preocupação neste momento, não é John? Precisa decidir o que vai dizer ao teu mestre. E esfregar este chão até ficar brilhante como um espelho!

— Sim, Mrs. Underwood.

— Lindo menino. Venho buscar a bandeja mais tarde.

Assim que a porta foi trancada, Nathaniel correu à clarabóia, escancarando-a e tateando debaixo das telhas frias e molhadas até encontrar o disco de bronze. Puxou-o para dentro e voltou a fechar a janela por causa da chuva. O disco estava frio; foram necessários vários minutos de estímulos intensivos antes do rosto do diabrete aparecer com relutância.

— Até que enfim — disse ele. — Já não era sem tempo. Achei que tinha se esquecido de mim. Está preparado para me deixar sair?

— Não. — Nathaniel não estava com paciência para brincadeiras. — Bartimaeus. Procure-o. Quero ver onde está e o que faz. Agora. Senão enterro este disco na terra.

— Quem é que acordou hoje com os pés de fora? Há uma coisa chamada pedir com delicadeza! Bem,

vou tentar, mas já me fizeram pedidos mais fáceis na minha época, mesmo vindos de ti... — Protestando e fazendo caretas com o esforço, o rosto do bebê desapareceu, para reaparecer, tenuemente, como se muito longe. — Disse Bartimaeus? De Uruk?

— Sim! Quantos poderão existir?

— Ficaria surpreendido, seu rabugento. Bem, não se impaciente. Isto pode levar o seu tempo.

O disco ficou vazio. Nathaniel atirou-o para cima da cama, depois, pensando melhor, guardou-o debaixo do colchão, fora de vista. Com enorme agitação, continuou a arrumar o quarto, esfregando o chão até desaparecerem todos os vestígios dos pentagramas e até as marcas de gordura das velas se notarem menos. Guardou as roupas ordenadamente e colocou tudo no seu devido lugar. Depois comeu a sopa. Estava fria.

Mrs. Underwood veio buscar a bandeja e inspecionou o quarto com aprovação.

—- Lindo menino, John — disse. — Agora arrume-se, e aproveite para se lavar. O que foi aquilo?

— O quê, Mrs. Underwood?

— Pareceu-me ouvir uma voz chamando.

Nathaniel também a ouvira. Um «Oi!» abafado, vindo de baixo da cama.

— Acho que foi lá em baixo — sugeriu, timidamente. — Talvez alguém à porta?

— Acha que sim? Acho melhor ir ver. — Não muito convencida, partiu, trancando a porta atrás de si.

Nathaniel empurrou o colchão para o lado.

— Então? — perguntou.

O rosto do bebê apresentava grandes papos debaixo dos olhos e parecia que tinha a barba por fazer.

— Bem — disse ele —, fiz o melhor que pude. Não pode me pedir mais do que isso.

— Mostre-me!

— Aqui vai, então. — O rosto desapareceu, sendo substituído por uma vista de Londres muito ao longe. Uma faixa de prata que devia ser o Tamisa serpenteava ao fundo, entre uma confusão de armazéns e molhes cinzento-escuros. Estava chovendo, o que obscurecia em parte a cena, mas Nathaniel deduziu facilmente qual o foco da imagem: um castelo gigante protegido por voltas infinitas de altos muros cinzentos. No meio havia uma torre central quadrada e alta, com o pavilhão britânico no seu telhado central. Caminhões pretos da polícia moviam-se lá embaixo, no pátio do castelo, juntamente com uma quantidade de figuras minúsculas, nem todas elas humanas.

Nathaniel sabia o que estava vendo, mas recusava-se a aceitar a verdade.

— E o que é que isto tem a ver com Bartimaeus? — perguntou de chofre.

O diabrete estava cansado, com a voz arrastada.

— É onde ele está, tanto quanto consegui apurar. Apanhei o rastro dele no meio de Londres, mas já estava fraco e frio. Levou-me aqui, e não consigo me aproximar mais da Torre de Londres, como bem sabe. Muitos olhos vigilantes. Mesmo a esta distância, algumas esferas avançadas quase me apanharam. Estou bastante fatigado. Mais alguma coisa? — acrescentou, como Nathaniel não reagisse. — Preciso dormir.

— Não, não, é tudo.

— A primeira coisa sensata que disse em todo o dia. — Mas o diabrete não desapareceu. — Se está lá dentro, Bartimaeus está encrencado — comentou, de uma forma ligeiramente mais animada. — *Você* não o mandou para lá, não é?

Nathaniel não respondeu.

— Oh, *não* — disse o diabrete. — Bem, nesse caso, diria que está metido numa encrenca quase tão

grande como ele, não está? Espero que ele esteja cantando o teu nome neste momento. — Mostrou uns dentes pequenos e aguçados num sorriso de orelha a orelha, mandou-o sonoramente às favas e desapareceu.

Nathaniel ficou sentado muito quieto, segurando o disco nas mãos. A luz do dia ia desaparecendo gradualmente no quarto.

Bartimaeus
24

De um lado, um escaravelho mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos; do outro, um monstro com cabeça de touro com quatro metros de altura empunhando uma lança de prata, por isso não esperem grande competição, especialmente quando o escaravelho está aprisionado dentro de um pequeno globo que incinerará a sua essência se lhe tocar nem que seja fortuitamente com uma antena. É verdade que me esforcei por prolongar a questão andando em volta do alto da coluna, na esperança vaga de conseguir correr para um lado quando a lança descesse — mas, para ser sincero, não estava muito empenhado. Preparava-me para ser esmagado por um brutamontes com o QI de uma pulga e quanto mais depressa acabássemos com aquilo, melhor.

Por isso, fiquei um pouco surpreendido quando o grito de guerra penetrante do *utukku* foi interrompido por uma ordem berrada, no preciso momento em que a lança se preparava para descer sobre a minha cabeça.

— Baztuk, pára!

Cabeça de Águia falara, era nítida a urgência na sua voz. Uma vez decidido a fazer alguma coisa, um *utukku* tem dificuldade em mudar de idéia: Cabeça de Touro susteve a custo o movimento descendente da lança, mas manteve-a erguida bem acima do globo.

— O que é agora, Xerxes? — perguntou com rispidez. — Não tente privar-me da minha vingança! Há vinte e sete séculos que quero Bartimaeus sob o meu poder...

— Nesse caso, pode esperar mais um minuto.

Ele não vai fugir. Escute... não ouve nada?

Baztuk inclinou a cabeça para um lado. Dentro do globo, suspendi o zumbido das minhas asas e escutei também. Um som de pancadas suaves... tão baixo, tão delicado, que era impossível dizer de que direção vinha.

— Não é nada. Apenas operários lá fora. Os humanos de novo a marchar. Eles gostam de fazer isso. Agora cale-se, Xerxes. — Baztuk não estava com vontade de perder mais tempo com o assunto. Os tendões ao longo dos seus antebraços formaram nós quando aprontou a lança.

— Não são operários. Muito perto. — As penas da crista de Xerxes ficaram eriçadas. Estava nervoso. — Deixe Bartimaeus em paz e venha escutar. Quero ver se descubro o que é.

Praguejando, Baztuk afastou-se em grandes passadas da minha coluna. Ele e Xerxes contornaram o perímetro da câmara, encostando os ouvidos às pedras e dizendo baixinho um ao outro para fazerem menos barulho. O tempo todo, o pequeno ruído de pancadas continuou, baixo, irregular e exasperantemente não localizável.

— Não consigo localizar. — Baztuk raspou com a ponta da lança na parede. — Pode vir de qualquer lado. Espere...! Talvez *ele* esteja fazendo... — Olhou maldosamente na minha direção.

— Inocente, Meritíssimo — disse eu.

— Não seja estúpido, Baztuk — contrapôs Bico de Águia. — O globo impede-o de usar a magia além da sua barreira. Está acontecendo alguma coisa qualquer. Acho que devíamos dar o alarme.

— Mas não *aconteceu* nada. — Cabeça de Touro parecia em pânico. — Eles vão nos castigar. Pelo menos deixe-me matar primeiro Bartimaeus — suplicou. — Não devo desperdiçar esta oportunidade.

— Acho que devia *realmente* pedir auxílio — aconselhei. — Com certeza é algo de que não consegue dar conta. Um besouro, talvez. Ou um pica-pau desorientado.

Baztuk soprou espuma, um metro para o ar.

— Foi a gota de água, Bartimaeus! Vai morrer! — Fez uma pausa. — Atenção, olha que até *podia* ser um besouro, pensando bem...

— Num edifício sólido de pedra? — escarneceu Xerxes. — Não me parece.

— Tornou-se perito assim de repente?

Irrompeu nova discussão. Os meus dois captores viraram-se um para o outro, pavoneando-se e empurrando-se, levados à fúria cega pela estupidez mútua e pelo esporádico incitamento cuidadoso da minha parte.

Mais baixo que tudo aquilo, o toc toc toc continuava. Há muito que localizara a sua origem num pedaço de pedra lá em cima, numa parede, não muito longe da única janela. Enquanto encorajava a discussão, estava constantemente de olho nesta zona, e fui recompensado, ao cabo de vários minutos, vendo uma discreta precipitação de pó de pedra que descia por entre dois blocos. Um instante depois, apareceu um minúsculo buraco; este foi rapidamente alargado quando caíram de lá mais flocos, impelidos por algo pequeno, afiado e preto.

Para minha contrariedade, depois de andarem pela câmara numa agitação de estalos e gritos efeminados, Xerxes e Baztuk imobilizaram-se não muito longe do buraco misterioso. Seria apenas uma questão de tempo, até eles repararem na precipitação de poeira em espiral, de maneira que decidi arriscar tudo num ardil final.

— Ei, seus dois papa-areias! — gritei. — A lua brilha nos cadáveres dos seus companheiros! Os chacais

levam para a toca as cabeças decepadas das suas crias para brincar com elas[66]!

[66] Bem, isto perde um bocado com a tradução, claro. Gritei-o na língua do Antigo Egito, que ambos conheciam e detestavam. Era uma referência à época em que o faraó mandara os seus exércitos invadir as terras da Assíria, provocando a destruição geral. É absolutamente indelicado os *djinn* evocarem entre si as lembranças de guerras humanas (nas quais somos sempre obrigados a tomar partido). Lembrar aos *utukku* guerras que haviam perdido é não só indelicado como absolutamente insensato.

Tal como esperara, Baztuk deixou imediatamente de puxar as penas laterais de Xerxes e este retirou os dedos do focinho de Baztuk. Viraram-se ambos para mim com fúria assassina nos olhos. Até aqui, tudo bem. Calculei que tivesse aproximadamente trinta segundos antes do que quer que viesse pelo buraco aparecer. Se se demorasse, seria morto — se não pelas mãos de Baztuk e Xerxes, então pelo globo, que diminuíra agora para o tamanho de uma pequena toranja.

— Baztuk — disse Xerxes cortesmente —, vou deixá-lo desferir o primeiro golpe.

— Quanta gentileza, Xerxes — retorquiu Baztuk. — Depois pode cortar os restos como te aprouver.

Levantaram ambos as lanças e avançaram para mim. Por trás deles, a batucada cessara subitamente e, do buraco na parede, que nesta altura já era bastante grande, saiu um bico, aguçado como uma bigorna. Foi seguido de uma cabeça empenachada com um olho pequeno e brilhante. O olho deslocou-se rapidamente de um lado para o outro, registrando a cena, depois, silenciosamente, a ave por trás dele começou a comprimir-se através do buraco, contorcendo-se para a frente de uma maneira nada própria da sua forma.

Com uma sacudida e um pulo, um enorme corvo

negro ficou empoleirado na borda da pedra. Quando desobstruiu o buraco, surgiu outro bico atrás dele.

Entretanto, o *utukku* alcançara a minha coluna. Baztuk levou o braço atrás.

Tossi.

— Olha atrás de você.

— Essa não pega comigo, Bartimaeus! — exclamou Baztuk. O seu braço arremeteu, a lança começou a descer. Um brilho negro atravessou-se no seu caminho, agarrou o cabo da lança com o bico e fugiu com ela, arrancando-a da mão do *utukku*. Baztuk soltou um berro de espanto e virou-se. Xerxes rodou também.

Havia um corvo preto pousado na coluna vazia, segurando a lança habilidosamente no bico.

Hesitante, Baztuk avançou para lá.

Com deliberado cuidado, o corvo cravou o bico no cabo de aço. A lança partiu-se ao meio; ambas as metades caíram ao chão.

Baztuk ficou perplexo.

O outro corvo desceu e veio pousar numa coluna vizinha. Ficaram ambos sentados em silêncio, observando o *utukku* sem pestanejar.

Baztuk olhou para o companheiro.

— Aah, Xerxes...?

Bico de Águia proferiu em tom de aviso.

— Soa o alarme, Baztuk — disse. — Eu trato deles. — Flexionou as pernas; deu um salto no ar. Com um som semelhante a pano rasgando, as suas enormes asas brancas estenderam-se. Bateram uma, duas vezes; elevou-se mais e mais, quase até o teto. As penas inclinaram-se, ficaram tensas; virou e desceu a pique, de cabeça, as asas para trás, uma mão segurando a lança estendida; precipitando-se à velocidade de um raio. Em direção a um corvo, que aguardava calmamente.

Surgiu então uma expressão de dúvida no olhar

de Xerxes. Estava quase sobre o corvo e ele ainda não se mexera. A dúvida foi substituída pelo medo súbito. Estendeu bruscamente as asas; desesperado, tentou inclinar-se, para evitar a colisão...

O corvo escancarou o bico.

Xerxes gritou.

Houve uma mancha de movimento, um estalido e um som reprimido. Algumas penas no ar desceram lentamente até às pedras em volta da coluna. O corvo continuava ali pousado, uma expressão vaga nos olhos. Xerxes sumira.

Baztuk dirigiu-se para a parede onde deveria aparecer o portal. Remexeu numa bolsa presa à sua cintura. O segundo corvo saltou indolentemente de uma coluna para outra, barrando-lhe o caminho. Com um grito de aflição, Baztuk arremessou a lança. Não acertou no corvo, enterrando-se até o cabo na parte lateral da coluna. O corvo abanou a cabeça pesarosamente e estendeu as asas. Baztuk abriu a bolsa impetuosamente e retirou de lá um pequeno apito de bronze. Levou-o aos lábios...

Outra mancha, um turbilhão muito rápido para se acompanhar. Honra lhe seja feita, Baztuk era rápido; vi-o baixar a cabeça, atacando com os cornos — depois o turbilhão submergiu-o. Quando cessou, sucedera o mesmo a Baztuk. Não se via em lugar nenhum. O corvo pousou desajeitadamente no chão, saindo-lhe sangue verde de uma asa.

Dentro do globo, o escaravelho andava de um lado para o outro.

— Muito bem! — exclamei, tentando tornar a minha voz um pouco menos estridente e aflautada. — Não sei quem são, mas que tal se me...

A minha voz perdeu-se. Graças ao globo, podia ver os recém-chegados apenas no primeiro plano, onde

até agora tinham usado o seu disfarce de corvos. Talvez se tivessem dado conta disso, porque subitamente, durante uma fração de segundo, mostraram-me quem eram realmente no primeiro plano. Foi apenas um clarão, mas não precisei de mais. Sabia quem eram.

Aprisionado no globo, o escaravelho engoliu em seco de forma estrangulada.

— Oh — disse eu. — Olá.

— Olá, Bartimaeus — saudou Faquarl.

25

— E Jabor *também* — acrescentei. — Que simpático da sua parte, terem vindo.

— Pensamos que pudesse estar sentindo-se sozinho, Bartimaeus. — O corvo mais próximo, aquele que tinha a asa sangrando, deu uma sacudidela e assumiu o aspecto do cozinheiro. Tinha um golpe feio no braço.

— Não, não, já tive atenção de sobra.

— Estou vendo. — O cozinheiro avançou para inspecionar o meu globo. — Oh, está mesmo apertadinho.

Soltei uma risada pouco convincente.

— Piadas à parte, velho amigo, talvez pudesse descobrir uma maneira de me tirar daqui. Sinto as cócegas das barreiras a pressionarem-me.

O cozinheiro acariciou uma das suas papadas.

— Um problema difícil. Mas *tenho* uma solução.

— Que bom!

— Podia se transformar numa pulga, ou qualquer outro parasita de pele. Terias mais alguns minutos preciosos de vida antes da tua essência ser destruída.

— Obrigado, sim, é uma solução útil. — Estava um pouco arquejante. O globo aproximava-se excessivamente. — Ou talvez você pudesse desativar o globo de alguma maneira e libertar-me. Imagine a minha gratidão...

O cozinheiro ergueu um dedo.

— Tive outra idéia. Podia dizer-nos onde escondeu o Amuleto de Samarcanda. Se falar rapidamente, talvez tenhamos tempo de destruir o globo antes de morrer.

— Inverte essa seqüência e poderemos chegar a

um acordo.

O cozinheiro suspirou profundamente.

— Não me parece que esteja em posição de... — Calou-se ao ouvir um som plangente distante; ao mesmo tempo, um eco familiar percorreu a câmara.

— O portal vai se abrir — disse-lhes apressadamente. — A parede do fundo.

Faquarl olhou para o outro corvo, ainda pousado na coluna, examinando as unhas.

— Jabor, se quiser fazer o favor...? — O corvo avançou para o espaço e tornou-se um homem alto com cabeça de chacal e pele vermelho-vivo. Percorreu a câmara em grandes passadas e veio colocar-se junto à parede do fundo, uma perna avançada, uma perna para trás, ambas as mãos estendidas.

O cozinheiro virou-se para mim.

— Agora, Bartimaeus...

A minha cutícula estava começando a crepitar.

— Vamos ao que interessa — disse-lhe. — Ambos sabemos que, se eu te indicar a localização, me deixará morrer. Sabemos também que, assim sendo, obviamente te darei uma informação falsa só para te chatear. Por isso, tudo o que eu disser daqui de dentro não terá valor. Isso significa que tem de me soltar.

Faquarl bateu na extremidade da minha coluna com irritação.

— Que contrariedade! Mas entendo o teu ponto de vista.

— E aquele som plangente é com certeza um alarme — prossegui. — Os magos que me enfiaram aqui mencionaram-me algo a respeito de legiões de *borlas* [67] e *utukku*. Duvido que mesmo Jabor consiga engolir a todos. Por isso, não poderíamos continuar esta discussão um pouco mais tarde?

[67] *Borla:* uma poderosa subclasse de *djinn.* Surgem, aos olhos dos humanos, como aparições sombrias que provocam loucura e doença; perante os outros *djinn,* irradiam uma aura malévola que suga a nossa essência.

— Concordo. — Faquarl aproximou o rosto do globo, que tinha agora pouco mais do que o tamanho de uma tacinha de porcelana japonesa. — Nunca conseguirá sair da Torre sem nós, Bartimaeus, por isso, não comece com as tuas artimanhas. Devo avisá-lo de que vim aqui com duas ordens. A primeira era saber a localização do Amuleto. Se não for possível, a segunda é destruir-te. Não preciso dizer o imenso prazer que isso me dará.

O rosto afastou-se. Naquele momento, a linha de junção oval apareceu na parede do fundo e foi alargando até se tornar no arco do portal. Começaram a emergir da negrura várias figuras: *borlas* de rosto pálido, segurando tridentes e redes de prata em seus braços finos como um palito. Uma vez transposto o portal, os escudos protetores em volta dos seus corpos seriam invulneráveis; enquanto estivessem a atravessá-lo, porém, os escudos eram fracos e as suas essências ficavam momentaneamente expostas. Jabor tirou pleno partido disto, disparando três detonações numa sucessão rápida. Explosões verde-vivo envolveram o arco. Gorjeando pesarosamente, os *borlas* caíram por terra, ainda metade dentro e metade fora do portal. Mas atrás vinha outra tropa, avançando com imenso cuidado por cima dos corpos dos seus companheiros. Jabor disparou de novo.

Entretanto, Faquarl não estivera parado. Retirara de um bolso do seu casaco um aro de ferro, mais ou menos do tamanho de uma pulseira, preso à extremidade de uma comprida vara de madeira. Olhei para o anel, desconfiado[68].

[68] Quase tanto como a prata, o ferro não faz nada bem a um *djinni*. As pessoas têm-no usado para afastar a nossa influência durante milênios; até se considera que as ferraduras «dão sorte» porque são feitas de ferro.

— E o que espera que eu faça com isso? — perguntei.

— Que salte através dele, claro. Imagine que é um cão amestrado num circo. Não será difícil para você, Bartimaeus: já teve muitas ocupações na vida. — Segurando uma extremidade cautelosamente entre o indicador e o polegar, Faquarl posicionou a vara de modo a que o anel de ferro fizesse contato com a superfície do globo. Com um crepitar violento, as linhas da barreira afastaram-se e descreveram um arco em volta da extremidade do anel, deixando um intervalo livre lá dentro.

— Lovelace fortaleceu especialmente o aro de modo a permitir a resistência mágica do ferro — continuou Faquarl. — Mas não durará para sempre, por isso sugiro que salte rapidamente.

Ele tinha razão. As extremidades do aro já estavam borbulhando e derretendo sob o poder do globo. Como escaravelho, não tinha espaço para manobras, por isso reuni a energia que me restava e tornei-me mais uma vez uma mosca. Sem mais delongas, dei rapidamente a volta no globo para ganhar velocidade e, num abrir e fechar de olhos, atravessei o anel derretido rumo à liberdade!

— Maravilhoso — comentou Faquarl. — Só nos faltou o rufar dos tambores para acompanhar.

A mosca pousou no chão e tornou-se um falcão muito irritável.

— Foi bastante dramático para mim, posso lhe garantir — disse. — E agora?

Faquarl atirou os restos do aro ao chão.

— Sim, é melhor irmos. — Um tridente com

pontas de prata atravessou o ar e caiu com ruído entre nós, nas lajes. Junto ao portal, agora meio entupido de cadáveres de *borla,* Jabor recuava com firmeza. Uma nova onda de guardas, principalmente *utukku,* avançava protegida por um escudo coletivo que repeliu as detonações de Jabor cada vez mais fracas e as fez girar pela câmara. Por fim, um *borla* conseguiu livrar-se do portal e, com a sua armadura completamente formada, veio sorrateiramente pela beira do escudo. Jabor disparou sobre ele; a explosão atingiu o *borla* no peito comprido e magro e foi absorvida integralmente. O *borla* esboçou um sorriso glacial e avançou rapidamente, fazendo rodar a sua rede como uma corda de laçar gado.

Faquarl tornou-se um corvo e levantou vôo com grande esforço, uma asa arrastando-se penosamente pelo ar. O meu falcão seguiu-o, até o buraco lá em cima. Uma rede passou bem por baixo de mim; um tridente enterrou os dentes na parede.

— Jabor! — gritou Faquarl. — Vamos embora!

Olhei rapidamente lá para baixo; Jabor lutava com os *borla,* a sua força aparentemente sem diminuir. Mas continuavam a vir mais, em número incontável. Concentrei meus esforços em alcançar o buraco. Faquarl já desaparecera lá dentro; baixei o bico e mergulhei também. Atrás de mim, uma explosão colossal sacudiu a câmara e ouvi a fúria selvagem do grito do chacal.

No túnel estreito e escuro como breu, a voz de Faquarl parecia abafada e estranha.

— Estamos quase lá fora. Seria mais adequada a forma de um corvo, a partir de agora.

— Porquê?

— Há dúzias destas coisas lá fora. Podemos misturar-nos com o bando e ganhar tempo enquanto nos dirigimos para os muros.

Por muito que abominasse ter de seguir o conselho de Faquarl fosse no que fosse, não fazia idéia daquilo que iríamos enfrentar lá fora. Era prioritário fugir da Torre. Fugir dele ficaria para depois. Por isso concentrei-me e mudei de forma.

— Já mudou?

— Sim. Não é uma forma que tivesse experimentado antes, mas não me parece muito difícil.

— Algum sinal de Jabor, atrás de nós?

— Não.

— Ele não tardará. Muito bem, a abertura para o exterior fica bem por cima de mim. Existe uma Ocultação no buraco de saída, por isso ainda não devem ter dado por ele. Voe rapidamente e siga direto até embaixo. Verá o pátio de uma cozinha onde os corvos se reúnem para apanhar migalhas; encontramo-nos lá. Acima de tudo, não dê na vista.

Um barulho no túnel lá à frente, depois uma súbita explosão de luz. Faquarl desaparecera, revelando o contorno da saída, tapada com um emaranhado de fios de Ocultação. Fui saltando até o meu bico atingir a barreira, comprimi-me contra ele e enfiei a cabeça na direção do ar frio de Novembro.

Sem parar, saí pelo buraco e comecei a planar em direção ao pátio lá embaixo.

Enquanto descia, um breve olhar pelas redondezas confirmou que eu estava bem longe da segurança: os telhados de Londres mal se viam ao longe, por trás de uma série de torres arredondadas e da cortina dos muros. Guardas caminhavam sobre elas, e esferas de busca deslocavam-se arbitrariamente pelo céu. O alarme já fora dado. De algum posto elevado, lá em cima, soava uma sirene, e não muito longe dali, no seu pátio mais interno, batalhões da polícia corriam em direção a um ponto invisível.

Pousei num pequeno pátio, distante do pânico geral, junto a dois anexos que se projetavam do corpo da torre principal. As pedras do pátio estavam cobertas de pedaços de pão engordurado e tiras de *bacon,* e de um bando de corvos a crocitar.

Um dos corvos aproximou-se.

— É um *idiota,* Bartimaeus.

— O que foi?

— O teu bico está azul vivo. Mude-o.

Bem, era minha primeira vez na pele de um corvo. *E mais:* tivera de alterá-la no escuro. O que é que ele esperava? Mas não era o momento nem o lugar para estar com discussões. Mudei o bico.

— De qualquer maneira, eles vão ver através do disfarce — repliquei. — Deve haver um cento de sentinelas de uma espécie ou de outra, ali fora.

— É verdade, mas só precisamos de um tempinho. Eles ainda não sabem que somos corvos e, se estivermos num bando, levarão mais alguns segundos a detectar-nos e a verificar. E agora só precisamos que o bando levante vôo...

Num instante um cento de corvos estavam a debicar inocentemente o couro frio do *bacon,* em paz consigo próprios e com o mundo.

Depois, Faquarl revelou-lhes o seu verdadeiro eu no primeiro plano: apenas por uma fração de segundo, mas o vislumbre foi suficiente. Quatro corvos tombaram mortos nesse instante, vários outros perderam o café-da-manhã e o resto levantou vôo do pátio numa multidão tomada pelo pânico, crocitando e agitando as patas no ar. Faquarl e eu estávamos no âmago do bando, batendo as asas com a máxima força possível, rodopiando, descendo a pique, quando os outros o faziam tentando desesperadamente não ficar para trás.

Lá no alto e por cima do telhado plano do grande

fosso, havia uma bandeira a agitar-se e sentinelas humanas a olhar para as águas do Tamisa, depois para baixo e varrendo o pátio cinzento do outro lado. Tinham sido pintados cerca de vinte pentagramas comuns e permanentes no centro do recinto da parada e, quando passei rapidamente, avistei uma quantidade formidável de espíritos que apareceu dentro deles, chamados naquele momento por uma companhia de magos de uniforme cinzento. Os espíritos eram inferiores, diabretes embelezados na sua maioria[69], mas todos juntos levantariam problemas. Esperava que o bando de corvos não fosse pousar ali.

[69] Quanto menos poderoso é o ser, mais rápido e fácil é chamá-lo. A maioria dos impérios mágicos emprega alguns magos especialmente para fazerem aparecer cortes inteiras de diabretes a curto prazo. Só os maiores impérios têm poder suficiente para criar exércitos de entidades superiores. O exército mais formidável alguma vez já visto foi reunido pelo Faraó Tutmósis III em 1478 a.C. Incluiu uma legião de *afrits* e um grupo heterogêneo de *djinn* superiores, do qual certamente o mais notável fui... Não, a modéstia impede-me de continuar.

Mas as aves não manifestaram desejo de parar; o medo ainda fazia-as prosseguir num percurso rodopiante através das fortificações da Torre. Por diversas vezes pareceram dirigir-se para um muro exterior; em cada ocasião viraram e voltaram para trás.

Uma vez, senti-me tentado a separar-me do grupo, mas fui desencorajado pelo aparecimento nas ameias de uma estranha sentinela preta-azulada com quatro patas, tipo de aranha. Não gostei do ar dela, e estava muito cansado após o meu cativeiro e mudanças forçadas de forma para arriscar o seu poder desconhecido.

Chegamos, por fim, a mais outro pátio, rodeado de três lados por edifícios do castelo e do outro por

uma escarpa íngreme de relva verde que se estendia até um muro alto. Os corvos pousaram na escarpa e começaram a mover-se impacientemente, debicando o solo sem objetivo.

Faquarl foi ter comigo a saltitar, uma asa afastada do peito. Continuava a sangrar.

— Estas aves nunca vão sair daqui — disse-lhe. — São alimentadas aqui.

O corvo acenou com a cabeça.

— Já nos trouxeram o mais longe que podiam, mas servirá. É um muro exterior. É só transpô-lo e lá vamos nós.

— Então vamos.

— Só um bocadinho. Preciso descansar. E talvez Jabor...

— Jabor morreu.

— Você sabe bem como ele é, Bartimaeus. — Faquarl deu bicadas na sua asa ferida, arrancando uma pena do sangue coagulado. — Dá-me só um instante. Aquele *utukku!* Nunca pensei que fosse capaz...

— Diabretes à vista! — sibilei. Um batalhão atravessara um arco no canto mais distante do pátio e estava a dispersar para uma inspeção mais meticulosa de cada tijolo e pedra. Ainda estávamos escondidos no meio do bando de corvos, mas não o estaríamos por muito mais tempo.

Faquarl cuspiu outra pena para a relva, onde se transformou rapidamente num bocado de geléia, antes de derreter.

— Muito bem. Vamos vazar. Não pare por nada.

Fiz-lhe um gesto de cortesia com uma asa.

— Você primeiro.

— Não, não, Bartimaeus — você vai na frente. — O corvo flexionou uma pata grande com garras. — Eu estarei bem atrás de você o tempo *todo,* por isso, faça

o favor de ser original e não tentar fugir.

— Tem uma mente desagradavelmente desconfiada.

Os diabretes estavam se aproximando mais, farejando o terreno como cães. Levantei vôo e subi em direção às ameias a toda velocidade. Quando cheguei junto delas, percebi uma sentinela a patrulhar o passadiço. Era um pequeno *foliot,* com um corno de bronze preso ao lado da cabeça. Infelizmente, ele detectou-me também. Antes que eu pudesse reagir, ele já levara os lábios ao bocal do corno e fizera soar um toque curto e cortante, que desencadeou imediatamente uma onda de sinais de resposta de todos os muros, altos e baixos, sonoros e suaves, que se ouviu por todo lado. Agora é que era: o nosso disfarce fora descoberto. Fui direto à sentinela, com as garras de fora; ele soltou um guincho, desequilibrou-se e caiu do muro, de costas. Saí disparado por cima das ameias, sobrevoando uma escarpa íngreme de pedras negras e terra desmoronadas, e afastei-me da Torre em direção à cidade.

Não tinha tempo a perder. Não tinha tempo para olhar para trás. Continuei a deslocar-me o mais depressa que podia. Passou por baixo de mim uma ampla estrada cinzenta, cheia de trânsito, depois um bloco com garagens de telhado plano, uma rua estreita, uma placa com ripas, uma curva do Tamisa, um molhe e uma balança romana, outra estrada... Hei! Isto não era nada mau — com a minha habitual soberba, estava me safando! A Torre de Londres já devia estar a um quilômetro e meio dali. Muito em breve, poderia...

Olhei para cima e pisquei os olhos, em choque. O que era isto? A Torre de Londres agigantava-se à minha frente. Grupos de figuras voadoras aglomeravam-se sobre o fosso central. Estava voando de novo na direção dela! Algo estava errado no meu sentido de

orientação. Com enorme perplexidade, dei meia volta numa chaminé e parti novamente, acelerado, no sentido contrário. Ouvi a voz de Faquarl atrás de mim.

— Bartimaeus, pára!

— Não viu-os? — berrei por cima da minha asa. — Eles vão nos alcançar! — Redobrei a velocidade, ignorando os chamados urgentes de Faquarl. Os telhados passaram correndo por baixo de mim, depois a extensão sórdida do Tamisa, que atravessei em tempo recorde, depois...

A Torre de Londres, tal como antes. As figuras voadoras estavam agora se espalhando em todas as direções, cada grupo seguindo uma esfera de busca. Um deles vinha na minha direção. Todos os instintos me disseram para fugir dali, mas eu estava muito confuso. Pousei em cima de um telhado. Uns momentos depois, Faquarl apareceu ao meu lado, arfando e a praguejando, com os bofes de fora.

— Seu tolo! Agora voltamos à estaca zero!

Um balde de água fria.

— Quer dizer...

— A primeira Torre que você viu era uma ilusão de espelho[70]. Devíamos tê-la atravessado. Lovelace tinha-me avisado dela... e você não quis me ouvir! Raios partam a minha asa ferida e raios te partam, Bartimaeus!

[70] *Ilusão de espelho:* uma fórmula particularmente astuciosa e sofisticada. Cria falsas imagens de um objeto em grande escala — por exemplo, um exército, uma montanha ou um castelo. São planas e dissolvem-se quando as atravessamos. As ilusões de espelho podem enganar até o adversário mais inteligente. Conforme ficou aqui demonstrado.

Um batalhão de *djinn* voadores atravessava os muros exteriores. Separava-nos pouco menos do que a distância de uma estrada. Faquarl encolheu-se soturna-

mente atrás de uma chaminé.

— Nunca conseguiremos ultrapassá-los.

Tive uma inspiração.

— Nesse caso, não vamos pelo ar. Passamos por uns semáforos, lá atrás.

— E depois? — A urbanidade habitual de Faquarl começava a desaparecer.

— Vamos pegar uma carona. — Mantendo o edifício entre mim e os seguidores, desci a pique do telhado até um cruzamento, onde uma fila de carros aguardava num sinal vermelho. Pousei na calçada, próximo do fim da fila, com Faquarl bem atrás de mim.

— Muito bem — disse. — Está na hora de mudar.

— Para o quê?

— Algo com garras fortes. Depressa, o sinal vai mudar. — Antes que Faquarl pudesse objetar, saltei da calçada para baixo do carro mais próximo, tentando ignorar o cheiro repelente de óleo e aos escapes e vibrações nauseantes que se intensificaram quando o condutor invisível acelerou o motor. Sem qualquer pena, despedi-me do corvo e assumi a forma de um diabretezeco estígio, que pouco mais é do que uma série de farpas e tenazes num emaranhado de músculo. Saíram e cravaram-se no metal imundo da parte inferior da carroceria, segurando-me bem quando o carro começou a avançar e a afastar-se. Alimentara esperanças de que Faquarl fosse muito lento para me seguir, mas não tive essa sorte: havia outro diabretezeco bem ao meu lado, sinistramente pendurado entre as rodas e mantendo os olhos em mim o tempo todo.

Não conversamos muito durante a viagem. O motor fazia muito barulho. Além disso, os diabretezecos estígios são todos eles dentes e nada de línguas.

Uma infinidade de tempo depois, o carro parou.

O seu condutor saiu e afastou-se. Silêncio. Com um gemido, libertei os meus vários apoios intrincados e deixei-me cair pesadamente no asfalto, tonto com as náuseas do movimento e o cheiro da tecnologia[71]. Faquarl não estava em melhores condições. Sem trocarmos qualquer palavra, tornamo-nos dois gatos velhos metidos em brigas e que saíram coxeando de baixo do carro e atravessaram uma extensão de relva até junto de uns arbustos. Uma vez lá, descontraímos finalmente nas nossas formas preferidas.

[71] Muitos produtos modernos — plásticos, metais sintetizados, o funcionamento interno de máquinas — estão imbuídos de carga humana que perturbam a nossa essência se nos aproximamos excessivamente e por muito tempo. Provavelmente é uma espécie de alergia.

O cozinheiro sentou-se num toco de árvore.

— Há de pagar-me por aquilo, Bartimaeus — arfou. — Nunca passei por semelhante tortura. — O garoto egípcio sorriu.

— Saímos de lá, não saímos? Estamos salvos.

— Uma das minhas tenazes furou o tanque de combustível. Estou coberto daquela porcaria. Ainda vou ficar com uma alergia...

— Pára com as lamúrias. — Espreitei através da folhagem: uma rua de bairro residencial, moradias geminadas, montes de árvores. Não se via ninguém, a não ser uma garotinha jogando com uma bola de tênis num acesso próximo. — Estamos em algum subúrbio — disse-lhe. — Arredores de Londres, ou até mais. — Faquarl limitou-se a grunhir. Dei uma olhada de lado, malicioso. Estava a reexaminar a ferida que Baztuk lhe fizera. Não tinha um bom aspecto. Parecia enfraquecido.

— Apesar deste golpe, ainda chego para você,

Bartimaeus, por isso venha sentar-se. — O cozinheiro esboçou um gesto impaciente. — Tenho uma coisa importante para te dizer.

Com a minha obediência habitual, sentei-me no chão, de pernas cruzadas, tal como Ptolomeu costumava fazer. Não me aproximei muito. Faquarl tresandava a gasolina.

— Primeiro — disse ele —, concluí a minha parte do acordo: contrariamente à minha vontade, salvei a tua pele. Agora a tua parte. Onde está o Amuleto de Samarcanda?

Hesitei. Só a existência daquela lata no fundo do Tamisa me impedia de lhe entregar o nome e o número de Nat. É verdade que estava em dívida para com Faquarl pela minha fuga, mas os meus interesses vinham primeiro.

— Olha — disse-lhe —, não pense que não estou grato por ter me safado ainda há pouco. Mas não é fácil para mim obedecer. O meu amo...

— É consideravelmente menos poderoso do que o meu. — Faquarl inclinou-se para frente, com insistência. — Quero que ponha o teu cérebro estúpido e fútil a trabalhar e *pense* por um momento, Bartimaeus. Lovelace está muito ansioso por recuperar o amuleto, tanto que chegou a ponto de ordenar a Jabor e a mim que entrássemos na prisão *mais* segura do governo *dele* para salvarmos a vida de um escravo miserável como você.

— Isso é que é verdadeiro interesse — admiti.

— Imagina como foi perigoso — para nós *e* para ele. Estava arriscando tudo. Só isso já devia te dizer alguma coisa.

— É, afinal, para *que* ele quer o Amuleto? — inquiri, indo direto ao assunto.

— Ah, isso não posso te dizer. — O cozinheiro bateu de lado no nariz e sorriu com ar esperto. — Mas

tudo o que posso dizer é que terá todo o interesse, Bartimaeus, em se juntar a nós nesta empresa. Temos um amo proeminente, se me faço entender.

Escarneci.

— Todos os magos dizem o mesmo.

— Ele vai ficar famoso muito em breve. Estamos falando de uma questão de dias. E o Amuleto é vital para o seu sucesso.

— Talvez, mas será que vamos partilhar o sucesso dele? Já ouvi todo esse tipo de mentiras antes. Os magos servem-se de nós para alcançarem mais poder para si próprios e depois redobram simplesmente a nossa servidão! O que lucramos nós com isso?

— Tenho planos, Bartimaeus...

— Sim, sim, todos nós não os temos? Além de que isso não muda em nada o fato de eu estar preso à minha incumbência original. Existem sanções severas...

— As sanções podem ser *suportadas!* — Faquarl bateu de lado na cabeça, com frustração. — A minha essência ainda está se recuperando dos castigos que Lovelace infligiu quando você desapareceu com o Amuleto dele! Na verdade, a nossa existência — e não se faça de arrependido, Bartimaeus, não está minimamente interessado —, a nossa existência aqui não é *senão* uma série de sanções! Só os malditos magos mudam, e assim que um bate as botas, aparece outro, desencanta os nossos nomes e volta a chamar-nos. Eles seguem o seu caminho, nós continuamos por aqui.

Encolhi os ombros.

— Acho que já tivemos esta conversa antes. O Grande Zimbabue, não foi?

A raiva de Faquarl não diminuiu. Acenou com a cabeça.

— É possível que sim. Mas sinto que vêm mudanças por aí e, se fosse sensível, também daria por isso.

O declínio de um império traz sempre tempos instáveis: surgem conflitos nas ruas, os magos brigam estouvadamente, os seus cérebros deixam-se levar pelo luxo e o poder... Já vimos isto vezes demais, você e eu. Essas ocasiões nos dão maiores oportunidades de agir. Os nossos amos ficam *preguiçosos,* Bartimaeus... eles nos dão mais vantagem.

— Dificilmente.

— Lovelace é um desses. Sim, ele é forte, certo, mas é imprudente. Desde que me chamou pela primeira vez, tem sido frustrado pelas limitações da sua função ministerial. Anseia suplantar os grandes magos do passado, espantar o mundo com as suas proezas. Como conseqüência, ataca os cordeirinhos do poder como um cão ataca um osso bolorento. Gasta todo o seu tempo em intrigas e conspirações, em tentativas incessantes de obter vantagem sobre os seus rivais... nunca desiste. E também não está sozinho. Há outros com ele no Governo, alguns ainda mais ousados. Conhece o gênero: quando os magos arriscam bastante, raramente duram muito. Mais cedo ou mais tarde cometem erros e nos dão a oportunidade por que esperamos. Mais cedo ou mais tarde, há de chegar o nosso dia.

O cozinheiro olhou para o céu.

— Bem, o tempo está passando — comentou. — Esta é a minha derradeira proposta. Leve-me até o Amuleto e prometo que, seja qual for a sanção que sofrer, Lovelace irá subseqüentemente aceitá-lo. O teu amo, seja ele quem for, não conseguirá fazer-lhe frente. Por isso, vamos ser sócios, Bartimaeus. Vai ser uma bela mudança, não vai?

— Encantadora — referi.

— *Ou então...* — Faquarl apoiou as mãos nos joelhos, preparando-se. — Vai morrer já, aqui neste bocado de grama suburbana comum. Sabe que nunca me

derrotou antes; o acaso sempre salvou a tua pele[72]. Mas desta vez não será assim.

[72] O acaso ou, como prefiro pensar, a minha própria vivacidade de espírito. Mas era verdade que, de alguma forma, eu sempre conseguira evitar uma luta até às últimas conseqüências.

Estava eu a refletir nesta afirmação de bastante peso e a pensar na melhor forma de fuga, quando fomos interrompidos. Com uma pequena pancada folhuda, algo atravessou os ramos e caiu graciosamente aos nossos pés. Uma bola de tênis. Faquarl saltou do tronco e eu pus-me rapidamente de pé. Alguém abria caminho até o centro da mata.

Era a garotinha que eu vira brincando no caminho: com cerca de seis anos, de rosto sardento, cabelo despenteado, uma *T-shirt* larga que lhe dava pelos joelhos sujos. Olhou para nós, meio fascinada, meio alarmada.

Durante alguns segundos, nenhum de nós se mexeu. A garota olhou para nós. Faquarl e eu olhamos para a garota. Depois ela falou.

— Você cheira a gasolina.

Não lhe respondemos. Faquarl moveu a mão, iniciando um gesto. Senti a sua intenção deplorável.

Por que agi então? Puro egoísmo. Porque com Faquarl momentaneamente distraído, era a oportunidade perfeita para fugir. E se por acaso eu salvasse também a garota... bem, era no mínimo justo. Foi ela que me deu a idéia.

Acendi uma pequena faísca na extremidade de um dedo e arremessei-a ao cozinheiro.

Um ruído suave, como um radiador a gás a acender, e Faquarl era uma bola de chamas laranja e amarelo. Enquanto ele andava aos círculos, gritando de

desconforto, tocando fogo às folhas à sua volta, a garotinha gritou e desatou a correr. Foi uma ótima idéia: fiz o mesmo[73].

[73] Sem o grito. Como é óbvio.

E em poucos minutos estava no ar e longe, avançando a toda a velocidade em direção a Highgate e ao meu estúpido e miserável amo.

Nathaniel
26

Com o aproximar do fim do dia, o aperto da agonia do medo invadiu Nathaniel. Andando de um lado para o outro pelo quarto como uma pantera enjaulada, sentiu-se como se estivesse aprisionado de doze maneiras diferentes. Sim, a porta estava trancada, por isso não podia fugir fisicamente, mas este era o menor dos seus problemas.

Naquele preciso momento, o seu servo Bartimaeus estava prisioneiro na Torre, sendo sujeito a quaisquer torturas que os altos magos pudessem conceber. Se ele provocara *realmente* uma carnificina no centro de Londres, então era exatamente o que o demônio merecia. Mas Nathaniel era o amo dele. Era responsável pelos seus crimes.

E isso queria dizer que os magos estariam também à sua procura.

Sob tortura, a ameaça de Prisão Perpétua seria esquecida. Bartimaeus revelaria o nome de Nathaniel e a polícia apareceria lá em casa. E depois...

Com um arrepio de medo, Nathaniel recordou os ferimentos apresentados por Sholto Pinn na noite da véspera. As conseqüências não seriam agradáveis.

Ainda que, por algum milagre, Bartimaeus ficasse calado, haveria que enfrentar também Underwood. O mestre de Nathaniel prometera já renegá-lo — e talvez pior. Agora bastaria ler as anotações rabiscadas que retirara do quarto de Nathaniel para descobrir precisamente o que o aprendiz chamara. Depois, iria exigir toda a história. Nathaniel estremeceu só de pensar nos métodos de persuasão a que ele recorreria.

O que podia fazer? Mrs. Underwood sugerira uma saída. Aconselhara-o simplesmente a dizer a verdade. Mas a idéia de revelar os seus segredos em face do rancor e do sarcasmo do mestre deixou Nathaniel fisicamente doente.

Pondo de lado o dilema, Nathaniel chamou o diabrete cansado e, ignorando os seus protestos, mandou-o espiar a Torre de Londres mais uma vez. De uma distância segura, observou amedrontado enquanto uma horda furiosa de demônios de asas verdes sobrevoava em espiral como gafanhotos por cima dos parapeitos, e depois dispersara subitamente em todas as direções pela capital.

— Deveras impressionante — comentou a bola de cristal. — Verdadeira classe. Não devia se meter com *djinn* de nível tão elevado. Quem sabe? — acrescentou. — Talvez alguns deles venham por *tua* causa.

— Procure Underwood — ordenou Nathaniel em tom ríspido. — Onde está e o que faz?

— Arre, estamos mesmo de maus lençõis, não estamos? Vejamos, Arthur Underwood... Ná, lamento. Ele também está na Torre. Não consigo acessar. Mas podemos especular, não podemos? — O diabrete soltou uma risada. — Provavelmente ele está falando com o teu amigo Bartimaeus neste exato momento.

Obviamente, era inútil a observação da Torre. Nathaniel atirou o disco para debaixo da cama. Não servia de nada. Teria de pôr tudo em pratos limpos. Teria de contar ao mestre — alguém por quem não tinha respeito, que não conseguira protegê-lo, que se encolhera e rebaixara perante Lovelace. Nathaniel bem podia imaginar como Underwood exprimiria a sua fúria; com sarcasmos e piadas e receios pela sua reputação inferior... E quanto ao que aconteceria depois...

Talvez uma hora mais tarde, captou o eco de

uma porta a bater, em algum lugar lá embaixo. Ficou estático, à escuta dos temidos passos do mestre nas escadas, mas durante bastante tempo não veio ninguém. E quando a chave rodou na fechadura, já sabia, pela suave respiração asmática, que era Mrs. Underwood que estava do outro lado. Trazia uma pequena bandeja de chá, com um copo de leite e um sanduíche de tomate e pepino bem recheado.

— Desculpe ser tão tarde, John — disse ela. — A tua comida já está pronta há muito tempo, mas o teu mestre chegou em casa antes que eu pudesse trazer-lhe — respirou fundo. — Não posso me demorar. As coisas estão um pouco agitadas, lá embaixo.

— O que... o que aconteceu, Mrs. Underwood?

— Come o teu sanduíche, e seja um bom menino. Parece que está precisado... está muito pálido. Daqui a pouco o teu mestre o chamará, tenho certeza.

— Mas ele disse alguma coisa...?

— Pelo amor de Deus, John! Não consegue parar de fazer perguntas? Ele falou muito, mas nada que vá partilhar contigo agora. Tenho uma panela de água lá embaixo e preciso preparar algo para ele rapidamente. Come o teu sanduíche, querido.

— O meu mestre está...?

— Ele trancou-se no gabinete de trabalho, com ordens para não ser incomodado. Além da comida, claro. Há uma emergência.

Uma emergência... Naquele instante, Nathaniel tomou uma decisão repentina. Mrs. Underwood era a única pessoa que se preocupava verdadeiramente consigo. Podia contar-lhe tudo: sobre o Amuleto, sobre Lovelace. Ela o ajudaria com Underwood, mesmo com a polícia, se necessário; não sabia como, mas ela resolveria tudo.

— Mrs. Underwood...

Ela levantou uma mão.

— Agora não, John. Não tenho tempo.

— Mas, Mrs. Underwood, eu preciso realmente...

— Nem mais uma palavra! Tenho que ir.

E com um sorriso perturbado, foi-se embora. A porta se fechou. A chave rodou. Nathaniel ficou a olhar para o lugar por onde ela saíra. Por um instante, sentiu-se como se fosse chorar, depois cresceu nele uma raiva obstinada. Acaso seria uma criança traquina, para ser deixado à espera no sótão, enquanto lhe preparavam o castigo? Não. Era um mago! Não podia ser ignorado!

Tinham-lhe levado todo o equipamento. Não lhe restava nada, exceto a bola de cristal — e tudo o que podia fazer era ver.

Mesmo assim, a visão poderia levar ao conhecimento. E conhecimento era poder.

Nathaniel deu uma dentada no sanduíche ondulado e logo se arrependeu. Pondo o prato de lado, foi direto à clarabóia e olhou para o tapete de luzes amarelas de Londres que se estendia sob o céu noturno. Com certeza que, se Bartimaeus tivesse mencionado o nome dele, Underwood ou a polícia já o teriam capturado a estas horas. Era curioso. E esta emergência... Estaria ou não relacionada com Bartimaeus?

Underwood estava lá embaixo, sem dúvida ao telefone. A situação era simples: uma pequena espiada esclareceria rapidamente o assunto.

Nathaniel foi buscar a bola de cristal.

— O meu mestre está no seu gabinete de trabalho. Aproxime-se para eu poder ver tudo; além disso, escute e transmita-me tudo o que ele disser de forma direta e rigorosa.

— Quem é o espião aqui, quem é? Desculpe, desculpe, tem razão! Não tenho nada a ver com a tua moral. Vamos lá, então...

O centro do disco ficou em branco; no seu lugar, uma imagem forte e nítida do gabinete de trabalho do seu mestre. Underwood estava sentado na cadeira de couro, inclinado para a frente, com ambos os cotovelos apoiados na escrivaninha. Uma mão agarrava o auscultador; a outra agitava-se e gesticulava, como se falasse. O diabrete acercou-se mais; tornou-se então evidente a agitação no rosto de Underwood. Estava simplesmente aos berros.

Nathaniel bateu no disco.

— O que é que ele está dizendo?

A voz do diabrete começou a meio de uma frase. Havia um ligeiro atraso entre o movimento dos lábios de Underwood e o som que chegava a Nathaniel, mas podia ver que o diabrete estava a relatar fielmente.

— ...a dizer-me? Fugiram os três? Deixando dúzias de feridos? É inaudito! Whitwell e Duvall têm que responder por isto. Sim, bem, fico *deveras* aborrecido, Grigóri. Trata-se de um significativo revés nas minhas investigações. Fazia tenções de interrogá-lo pessoalmente. Sim, eu. Porque tenho certeza de que está ligado aos roubos dos artefatos... Isto é o cúmulo. Todo mundo sabe que os melhores objetos estão guardados no Pinn's; ele tinha esperança de roubá-los... Bem, sim, isso quereria dizer que um mago estava envolvido... Sim, eu sei que é improvável. .. Mesmo assim, esta era uma das minhas melhores pistas... a *única* pista, para ser sincero, mas o que se há de esperar, quando não me concedem fundos? E as identidades deles? *Também* não tiveram sorte nenhuma? Isto *vai* ser um soco brutal nos dentes de Jessica — também é a única coisa boa em toda esta situação deplorável... Sim... acho que sim. E ouça, Grigóri, mudando de assunto por um momento, queria pedir a sua opinião sobre algo mais pessoal...

Ante isto, o relato do diabrete cessou, apesar de

Underwood continuar sem dúvida a falar, a sua boca encostada ao telefone. Nathaniel aplicou uma pancada instrutiva no disco, ante o que apareceu o rosto do diabrete.

— Ei, não havia necessidade disso!

— O *som,* onde está o som?

— Ele está murmurando, não está? Não consigo ouvir nada. E não é seguro aproximar-me mais.

— Deixe-me ouvir!

— Mas o chefe sabe que existe um limite de segurança. Muitas vezes os magos têm sensores de proteção; sabe, até *este* fulano...

Nathaniel sentiu o rosto dolorido e inchado da tensão.

— *Obedeça.* Não queira que eu volte a pedir.

O diabrete não respondeu. O rosto de Underwood reapareceu, tão próximo que quase enchia o centro do disco. Os pêlos que lhe saíam das narinas eram apresentados num interessante pormenor tridimensional. O mago acenava com a cabeça.

— Concordo. Acho que *devia* ficar lisonjeado... Sim, vendo por essa perspectiva, o garoto *é* um testemunho do meu trabalho árduo e da minha inspiração. Agora, *meu* velho mestre...

Calou-se com uma crispação e um arrepio, como se algo frio tivesse roçado nele.

— Desculpe, Grigóri. Foi apenas... senti... — Nathaniel viu os olhos semicerrarem-se, as sobrancelhas familiares sobressaírem pronunciadamente, como se o diabrete estivesse recuando apressadamente pelo cômodo. Underwood proferiu uma sílaba sonora; a voz do diabrete tentou reproduzi-la, mas foi cortada no meio, como se um rádio tivesse sido desligado. A imagem permaneceu, com estranhos tremores.

Nathaniel não conseguiu reprimir uma surpresa

na sua voz.

— Diabrete, o que se passa?

Nada. Silêncio do diabrete.

— Ordeno que abandone o gabinete de trabalho e volte para mim.

Nenhuma resposta.

A imagem no disco não era nada tranqüilizadora. Apesar do tremor, Nathaniel conseguiu ver Underwood pousar o auscultador, depois levantar-se devagar e vir até à parte da frente da sua escrivaninha, olhando sempre penetrantemente — para cima, para baixo, em todas as direções — como se procurasse algo que sabia estar ali. A imagem foi ainda mais sacudida: o diabrete pareceu redobrar os seus esforços de fuga, mas era impossível. Num pânico crescente, Nathaniel aplicou alguns choques frenéticos no disco, em vão. O diabrete estava estático, incapaz de falar ou de se mexer.

Underwood dirigiu-se a um armário ao fundo do gabinete de trabalho, remexeu lá dentro, e regressou, trazendo um cilindro de metal. Sacudiu-o: saiu um pó branco de quatro pequenos buracos na parte de cima, que se espalhou rapidamente e encheu a sala. O que quer que seja que o pó fez, o efeito foi imediato. Underwood sobressaltou-se e olhou para cima — diretamente para Nathaniel. Era como se o disco fosse uma janela e ele olhasse diretamente através dela. Por um momento, Nathaniel achou que o mestre conseguia realmente vê-lo, depois percebeu que apenas fora revelado o diabrete suspenso.

Horrorizado, Nathaniel viu o seu mestre debruçar-se sobre o carpete e puxar um ilhós de fita. Foi levantada uma grande seção quadrada de carpete que caiu para um lado. Por baixo estavam pintados dois pentagramas. O mestre avançou até o interior do menor, sem nunca tirar os olhos do diabrete estarrecido. Começou a

falar e, passados segundos, surgiu uma aparição brumosa dentro do círculo maior. Underwood proferiu uma ordem. A aparição curvou-se e desapareceu. Para espanto de Nathaniel, o corpo de Underwood pareceu brilhar e afastar-se de si mesmo. O mestre continuava dentro do pentagrama, mas outra versão do mestre, do tipo espectral e diáfana, encontrava-se ao longo dele.

A forma espectral ergueu-se no ar, bateu os calcanhares e avançou flutuando — direto ao lugar onde o pobre diabrete se encontrava ainda a transmitir a imagem do gabinete de trabalho. Nathaniel gritou ordens e sacudiu o disco em fúria, mas não pôde fazer nada para impedir a lenta aproximação do mestre. Mais perto, mais perto... As sobrancelhas espectrais estavam decaídas, os olhos brilhantes sempre fixos. Agora, a forma de Underwood enchia o disco — parecia irromper diretamente...

Depois nada. O disco voltou a mostrar o gabinete de trabalho, com o corpo físico de Underwood ainda de pé, imóvel, dentro do pentagrama.

Apesar do pânico, Nathaniel sabia bem demais o que estava acontecendo. Tendo detectado o espião e deixando-o imobilizado na sua posição, Underwood decidira seguir o cordão astral do diabrete até à sua origem a fim de conhecer a identidade do mago inimigo. Essas origens podiam estar a quilômetros dali; talvez o mestre estivesse à espera de uma longa viagem na sua forma controlada pelo *djinni*. Se assim fosse, que se preparasse para ter uma surpresa.

Tarde demais, Nathaniel percebeu o que tinha a fazer. A janela! Se conseguisse atirar o disco para a rua, talvez o mestre não adivinhasse...

Dera apenas dois passos na direção da clarabóia quando, sem um som, a cabeça translúcida de Arthur Underwood irrompeu pelas tábuas do assoalho. Era

diáfana e brilhante, com uma fosforescência esverdeada; a ponta da barba dilapidada estendia-se pelo chão. Lenta, lentamente, a cabeça rodou noventa graus, até que por fim avistou Nathaniel acima dela, segurando nas mãos a bola de cristal.

Ante isto, surgiu uma expressão no rosto do mestre que Nathaniel nunca vira antes. Não era a expressão familiar de desdém impaciente que durante muito tempo caracterizara a tutela de Underwood. Não era sequer a fúria que presenciara naquela manhã, na seqüência da descoberta no seu quarto. Era, antes de mais nada e principalmente, uma expressão de choque extremo, e depois uma explosão súbita do tal rancor, a ponto dos joelhos de Nathaniel cederem. O disco caiu-lhe das mãos; deslizou pela parede abaixo; tentou falar mas não conseguiu.

A cabeça espectral fitou-o do centro do assoalho. Nathaniel olhou também fixamente, sem conseguir desviar os olhos. Depois — muito abafado e distante, talvez porque proferido pelo corpo físico lá embaixo, no gabinete de trabalho —, a voz de Underwood chegou-lhe de dentro do disco virado para cima.

— Traidor...

A boca de Nathaniel abriu-se, mas soltou apenas um som estrangulado.

A voz voltou a falar.

— Traidor! Você me traiu. Vou descobrir quem o mandou espiar-me.

— Ninguém... não há ninguém... — Nathaniel apenas conseguiu articular um ínfimo murmúrio.

— Prepare-se! Vou buscá-lo.

A voz sumiu. A cabeça de Underwood desceu em espiral pelo chão. O brilho fosforescente desapareceu de dentro do quarto. Com dedos trêmulos, Nathaniel apanhou o disco e observou-o. Passados alguns se-

gundos, a visão do gabinete de trabalho ficou turva enquanto a forma de espírito do mestre atravessava o diabrete; deslizou pelo carpete até onde o corpo aguardava. Vindo colocar-se ao lado, adotou exatamente a mesma postura e misturou-se consigo mesmo. Um momento depois, Underwood estava de novo em si e a aparição sombria voltara a surgir no outro círculo. Batendo palmas, Underwood dispensou o *djinni;* este fez uma vênia e desapareceu. Abandonou o pentagrama, os olhos chispando, e foi em grandes passadas até à porta do gabinete de trabalho.

Com isto, a fórmula sobre o diabrete desapareceu e o rosto de bebê voltou a encher o disco. Encheu as bochechas e soprou de alívio.

— Ufa! Vou te falar, aquilo foi péssimo para o meu sistema — disse. — Ter aquele velho horrível atravessando-me e indo direito ao meu cordão... Fico todo nervoso só de pensar nisso, a sério!

— Cale-se! Cale-se! — Fora de si com o terror, Nathaniel tentava pensar.

— Olha, faça-nos um favor — disse o diabrete. — Não te resta muito tempo. Não podia libertar-me agora, antes de morrer? A vida é tão enfadonha neste disco; não sabe o que é a solidão. Vá lá, chefe. Ficaria muito agradecido. — A tentativa do bebê de um sorriso vitorioso foi interrompida com o arremesso do disco contra a parede.

— Au! Bem, então espero que goste do que te vai acontecer!

Nathaniel correu para a porta do sótão e mexeu desesperadamente no puxador. Em algum lugar lá embaixo ouviu os passos do mestre a subir as escadas a correr.

— Ele está *realmente* furioso — gritou o diabrete. — Até a sua forma astral arrancou praticamente a mi-

nha essência, ao passar. Quem me dera não estar virado para o chão — ia adorar ver o que vai acontecer quando ele entrar aqui.

Nathaniel pulou para o armário, fazendo freneticamente pressão nele; tencionava empurrá-lo para frente da porta, a fim de barrar a passagem. Muito pesado — não tinha força. A sua respiração saía ofegante e entrecortada.

— O que se passa? — perguntou o diabrete. — Agora é um grande mago. Chama algo para salvar a tua pele. Talvez um *afrit*... era capaz de bastar. Ou então aquele Bartimaeus que tanto te obceca. Onde está quando precisas dele?

Com um soluço, Nathaniel voltou para o centro do quarto e virou-se lentamente de frente para a porta.

— Desagradável, não é? — A voz do diabrete transbordava de satisfação. — Estar à mercê de alguém. Agora sabe qual é a sensação. Enfrenta a situação, garoto — está entregue a si mesmo. Não tem ninguém para te ajudar.

Algo bateu na janela da clarabóia.

Após um instante em que o seu coração quase parou de bater, Nathaniel olhou: havia um pombo descomposto do lado de lá do vidro, gesticulando com urgência com ambas as asas. Em dúvida, Nathaniel aproximou-se mais.

— Bartimaeus... ?

O pombo bateu várias vezes com o bico na vidraça. Nathaniel ergueu a mão para abrir o fecho...

A chave fez barulho na fechadura. Underwood encontrava-se ali, de rosto afogueado do esforço e emoldurado por uma cabeleira e uma barba brancas furiosas. O braço de Nathaniel pendeu ao lado do corpo; virou-se para o mestre. O pombo sumira da janela.

Underwood levou um momento para recuperar o

fôlego.

— Garoto miserável! Quem te controla? Qual dos meus inimigos?

Nathaniel sentiu todo o seu corpo a tremer, mas fez um esforço para permanecer imóvel e olhar o mestre nos olhos.

— Ninguém, senhor. Eu...

— É Duvall? Ou Mortensen? Ou Lovelace?

Os lábios de Nathaniel tinham-se curvado ante aquele último nome.

— Nenhum deles, senhor.

— Quem te ensinou a fazer a bola? Quem te mandou espiar-me?

Apesar do medo, a raiva flamejava no coração de Nathaniel. Falou com desprezo.

— Não aceita a minha palavra? Já disse. Não há ninguém.

— Mesmo assim continua com as tuas mentiras! Muito bem! Olha pela última vez para este quarto. Não voltará aqui. Vamos para o meu gabinete, onde irá desfrutar da companhia dos meus diabretes até a tua língua se soltar. Anda!

Nathaniel hesitou, mas não tinha outra saída. A mão do mestre desceu sobre o ombro dele e agarrou-o como um torno. Quase foi fisicamente arrastado pela porta e escadas do sótão abaixo.

No primeiro patamar, Mrs. Underwood alcançou-os, apressada e esbaforida. Quando viu o ar infeliz de Nathaniel e a fúria no rosto do marido, os seus olhos arregalaram-se de aflição, mas não fez comentários.

— Arthur — disse, arquejante —, tem uma visita.

— Não tenho tempo. Este garoto...

— É um assunto da maior urgência, segundo ele.

— Quem? Quem o diz?

— Simon Lovelace, Arthur. Entrou praticamente sem pedir licença.

27

As sobrancelhas de Underwood desceram.

— Lovelace? — resmungou. — O que *é* que *ele* quer? É bem dele, aparecer no pior momento. Muito bem. Vou recebê-lo Quanto a você, pare de se debater! — Nathaniel efetuava súbitos movimentos febris, como se tentasse fugir das mãos dele. — Você, garoto, pode esperar na sala de arquivo até eu estar preparado para tratar de ti.

— Senhor...

— Nem uma palavra! — Underwood começou a empurrar Nathaniel pelo patamar. — Martha, põe a chaleira no fogo para a nossa visita. Eu desço dentro de minutos. Preciso me arrumar.

— Sim, Arthur.

— Senhor... por favor, escute! É importante! No gabinete de trabalho...

— Silêncio! — Underwood abriu uma porta estreita e empurrou Nathaniel para dentro de um espaço pequeno e quadrado cheio de ficheiros velhos e pilhas de documentos oficiais. Sem olhar para trás, o mestre fechou a porta e rodou a chave. Nathaniel bateu na madeira e chamou freneticamente por ele.

— Senhor! Senhor! — Ninguém respondeu. — Senhor!

— É bom demais. — Um escaravelho grande com mandíbulas enormes comprimiu-se por baixo da porta. — Na verdade, acho «senhor» um pouco formal para o meu gosto, mas sempre é melhor do que «demônio desaforado».

— Bartimaeus! — Nathaniel recuou em choque; diante dos seus olhos, o escaravelho cresceu, distorceu-se... o garoto de pele escura estava de pé no cômo-

do com ele, de mãos nas ancas e a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. Como sempre, a forma era uma réplica perfeita: o cabelo mudava de posição quando se deslocava, a luz brilhava nos poros da pele — não podia ser considerado falso, no meio de um milhão de humanos verdadeiros. No entanto, algo nele — talvez os olhos negros e meigos que o fitavam — denunciava a sua estranha diversidade. Nathaniel pestanejou; procurou controlar-se. Sentiu a mesma desorientação por que passara durante o seu encontro anterior.

O garoto falso inspecionou as tábuas despidas do assoalho e as pilhas de tralha.

— Quem foi um magozinho maroto, quem foi? — perguntou com secura. — Underwood te pegou finalmente, pelo visto. Levou o seu tempo.

Nathaniel não reagiu.

— Portanto, era você, na janela — começou. — Como foi que você...?

— Desci por uma chaminé, o que é que acha? E antes que o diga, eu *sei* que não me chamou, mas as coisas têm estado a acontecer muito depressa para eu ficar de braços cruzados. O Amuleto...

Nathaniel foi tomado de uma súbita conscientização horrorizada.

— *Você*... você trouxe Lovelace até aqui!

O garoto pareceu surpreendido.

— O quê?

— Não minta para mim, demônio! Você me traiu! Trouxe-o até aqui.

— Lovelace? — Parecia genuinamente surpreendido. — Onde é que ele está?

— Lá embaixo. Acaba de chegar.

— Não tenho culpa, se ele veio. Você deu com a língua nos dentes?

— Eu? Foi você...

— *Eu* não disse nada. *Eu tenho* uma caixa de tabaco em que pensar... — Ficou carrancudo e pareceu estar pensando. — *É* uma pequena coincidência, tenho que admitir.

— *Pequena*? — Nathaniel estava praticamente pulando com a agitação. — Você o conduziu até aqui, seu tolo! Agora, vá buscar o Amuleto, depressa! Tire-o do gabinete de trabalho, antes que Lovelace o encontre!

O garoto riu de modo desagradável.

— Nem pense nisso. Se Lovelace está aqui, terá colocado uma dúzia de esferas lá fora. Se alojarão na sua aura e cairão em cima de mim assim que eu deixar o edifício.

Nathaniel endireitou-se. Com o regresso do servo, já não estava tão impotente como antes. Havia ainda uma hipótese de evitar a catástrofe, desde que o demônio fizesse o que lhe mandava.

— *Ordeno* que obedeça! — começou. — Vai ao gabinete de trabalho...

— Oh, não posso, Nat. — O garoto agitou uma mão cansada e desprendida. — Você não está no pentagrama agora. Não pode me obrigar a obedecer a cada nova ordem. Fugir com o Amuleto será fatal, vai por mim. Qual a força de Underwood?

— O quê? — Nathaniel ficou atrapalhado.

— Qual a *força?* Qual o nível? Presumo pelo comprimento da barba dele que não valha grande coisa, mas posso estar enganado. Ele é bom? Conseguiria vencer Lovelace? Eis a questão.

— Oh. Não. Não, não creio... — Nathaniel possuía poucas provas concretas de qualquer das situações, mas a última exibição de servilismo do mestre para com Lovelace deixava-lhe poucas dúvidas.

— Acha...

— A tua única oportunidade é que, se Lovelace

encontrar o Amuleto, ele queira manter o caso abafado. Pode tentar chegar a um acordo com Underwood. Se não o fizer...

Nathaniel ficou gelado.

— Acha que ele não...?

— Uuups! Com toda esta excitação quase esqueci de te dizer por que vim! — O garoto assumiu uma voz grave e plangente: — Fique sabendo que executei piamente a minha missão. Espiei Lovelace. Procurei os segredos do Amuleto. Arrisquei tudo por vós, ó meu amo. E os resultados são — aqui, adotou um tom mais normal, sardônico —: é um idiota. Não tem idéia do que fez. O Amuleto é tão poderoso que estava na posse do Governo há décadas, isto é, até Lovelace roubá-lo. O assassino dele matou um mago mais categorizado por causa disso. Nessas circunstâncias, não creio que seja provável que se preocupe em matar Underwood para reavê-lo, não acha?

Nathaniel teve a sensação de que o cômodo começava a girar. Sentiu-se bastante fraco. Isto era pior do que tudo o que imaginara.

— Não podemos ficar aqui parados — balbuciou. — Temos que fazer alguma coisa...

— É verdade. Vou ver como estão as coisas. Entretanto, é melhor ficar aqui como um bom rapazinho, e prepare-se para uma saída de cena rápida, se as coisas se complicarem.

— Eu não vou fugir para lugar nenhum. — Falou muito, muito baixinho. A sua cabeça não parava de pensar nas implicações. Mrs. Underwood...

— Vou te dar uma dica, fruto da longa experiência. Correr é bom, se precisa salvar a pele. É melhor acostumar-se com a idéia, amigo. — O garoto virou-se para a porta da sala de arquivo e apoiou nela a palma de uma das mãos. Com um estalido desesperado, a porta

fez rodar a fechadura e escancarou-se. — Vai para o teu quarto e espera. Não tarda, vou contar-te o que se passa. E prepare-se para agir com rapidez.

Com aquilo, o *djinni* desapareceu. Quando Nathaniel o seguiu, o patamar já estava vazio.

Bartimaeus
28

— As minhas desculpas pela intromissão, Arthur — disse Simon Lovelace.

Underwood acabara de entrar na sala de jantar comprida e escura quando o alcancei — ele passara alguns minutos diante do espelho no patamar de baixo, a alisar o cabelo e a compor a gravata. Não fazia qualquer diferença: continuava a ter um ar desarrumado e antiquado ao lado do mago mais jovem, que estava de pé junto à lareira, examinando as unhas, tão frio e tenso como uma mola helicoidal.

Underwood agitou a mão numa tentativa graciosa de magnanimidade.

— A minha casa é sua. Peço desculpas pela demora, Lovelace. Não quer se sentar?

Lovelace não o fez. Vestia um terno escuro elegante com uma gravata verde-escura. Os seus óculos captavam a luz da luminária do teto e brilhavam a cada movimento da cabeça. Não se viam os olhos, mas a pele por baixo dos óculos estava cinzenta, pesada e inchada.

— Parece-me nervoso, Underwood — comentou.

— Não, não. Estava ocupado lá em cima. Estou um pouco sem fôlego.

Eu entrara pela porta como aranha e rastejara discretamente por cima do lintel e subira a parede, até chegar à escuridão isolada do canto mais escuro. Aqui, teci vários fios apressados em diagonal, para ficar o mais escondido possível. Fiz isso porque reparara que o mago trouxera consigo o seu diabrete de segundo plano, que espreitava cada recanto e fenda com os seus olhi-

nhos incandescentes.

Nem queria adivinhar como foi que Lovelace dera com a casa. Apesar de todos os meus desmentidos ao garoto, era sem dúvida uma coincidência desagradável que ele tivesse chegado exatamente na mesma hora que eu. Mas teria tempo de me debruçar sobre o assunto: o futuro do garoto — e conseqüentemente o meu — dependia da minha reação rápida ao que quer que acontecesse agora.

Underwood sentou-se na sua cadeira habitual e pôs um sorriso forçado.

— Muito bem... — disse. — Tem certeza de que não quer se sentar?

— Não, obrigado.

— Bem, pelo menos diga a esse seu diabrete que pare de se agitar. Está me deixando tonto. — Falou com uma aspereza súbita e petulante.

Simon Lovelace deu um estalido com a língua. O diabrete que pairava por trás da sua cabeça ficou imediatamente rígido, mantendo o rosto numa postura deliberadamente infeliz, entre um ar embasbacado e um sorriso de orelha a orelha.

Underwood esforçou-se por ignorá-lo.

— Tenho mais alguns assuntos a tratar hoje — disse-lhe. — Talvez me pudesse dizer como posso ajudá-lo?

Simon inclinou a cabeça solenemente.

— Algumas noites atrás — começou — fui alvo de um roubo. Um artigo, uma pequena peça com algum poder, foi roubada de minha casa durante a minha ausência.

Underwood emitiu um som de consolação.

— Lamento sabê-lo.

— Obrigado. É uma peça que me é particularmente cara. Naturalmente, estou ansioso por recupe-

rá-la.

— É natural. Acha que a Resistência...?

— E a isso se deve a minha visita de hoje, Underwood... — Falou devagar, cuidadosamente, contornando a questão. Talvez alimentasse esperanças naquele momento de não ser necessário fazer a acusação direta. Os magos são sempre circunspectos com as palavras; a irreflexão, mesmo numa crise, pode levar à desgraça. Mas o homem mais velho ignorou a insinuação.

— Claro que pode contar com o meu apoio — afirmou Underwood em tom imperturbável. — Estes roubos são uma abominação. Há já algum tempo que sabemos que existe um mercado negro para os artefatos roubados e estou convencido de que a sua venda ajuda a financiar a resistência ao nosso Governo. Vimos ontem a que ultrajes isso pode conduzir. — As sobrancelhas de Underwood ergueram-se de um modo tal que mais parecia um divertimento. — Devo dizer — prosseguiu — que me surpreende saber que foi vítima. Os roubos mais recentes foram perpetrados na pessoa de — posso ser sincero? — magos *menores*. Pensa-se que os ladrões são muitas vezes jovens, crianças até. Julguei que as suas defesas conseguissem dissuadi-los.

— Precisamente. — Simon Lovelace falou entredentes.

— Acha que tem alguma ligação com o ataque ao Parlamento?

— Um momento, por favor. — Lovelace levantou a mão. — Tenho motivos para desconfiar que o roubo do... do meu artigo, não foi obra da chamada Resistência, mas de um colega mago.

Underwood carregou o cenho.

— Acha mesmo? Como pode ter certeza?

— Porque sei o que desencadeou o ataque. Dá pelo nome impróprio de Bartimaeus. Um *djinni* de ca-

tegoria média, de grande descaramento e pouca inteligência[74]. Não é nada de especial. Qualquer pateta poderia tê-lo chamado. Isto é, um *mago* idiota, não um comum.

[74] Neste ponto, alguém com o ouvido muito apurado pode ter detectado um jato de teia arremessado com fúria do canto da sala para o teto. Felizmente, o diabrete estava ocupado a tentar intimidar Underwood mudando muito, muito lentamente a sua expressão estática. Não ouviu nada.

— Não obstante — redargüiu Underwood calmamente —, esse Bartimaeus fugiu com o seu artigo[75].

[75] Senti um súbito acesso de afeto pelo velho tonto. Foi de pouca duração. Apenas me pareceu por bem mencioná-lo.

— Era um trapalhão! Deixou-se identificar! — Lovelace controlou-se a custo. — Não, não... tem toda a razão. Fugiu.

— E quanto a quem o chamou...

Os óculos brilharam.

— Bem, Arthur, é por isso que estou aqui. Para falar *consigo*.

Seguiu-se uma pausa momentânea enquanto as células do cérebro de Underwood se esforçavam por estabelecer a ligação. Finalmente, êxito! Várias emoções competiram pelo controle do seu rosto, depois foram todas substituídas por uma espécie de tranqüilidade glacial. A temperatura na sala desceu.

— Desculpe — retorquiu, muito baixinho. — O que disse?

Simon Lovelace inclinou-se para frente e apoiou as duas mãos na mesa de jantar. Tinha as unhas muito bem feitas.

— Arthur — disse ele —, Bartimaeus não tem

passado propriamente despercebido ultimamente. Ainda esta manhã estava aprisionado na Torre de Londres, na seqüência do seu ataque a Pinn's, de Piccadilly.

Underwood mostrou-se surpreendido.

— Aquele *djinni?* Como... como é que sabe disto? Eles não conseguiram arrancar-lhe o nome... E... fugiu, nesta mesma tarde...

— Efetivamente, fugiu. — Lovelace não explicou como. — Após a sua fuga, os meus agentes... localizaram-no. Seguiram Bartimaeus através de Londres... até aqui[76].

[76] Uups. Parece que Lovelace calculara que eu pudesse fugir de Faquarl. Devia ter colocado espiões vigiando a Torre para nos seguirem assim que nos evadíssemos. E eu levara-os direitinho ao Amuleto, num abrir e fechar de olhos. Que embaraçoso.

Underwood sacudiu a cabeça, perplexo.

— Até aqui? Mentira!

— Não fazem dez minutos, desapareceu pela sua chaminé abaixo sob a forma de uma nuvem tóxica. Está surpreendido por eu ter vindo imediatamente reclamar o meu objeto? E, agora que estou aqui dentro... — Lovelace levantou a cabeça como se cheirasse algo bom. — Sim, sinto a sua aura. Está próximo.

— Mas...

— Nunca teria imaginado que fosse você, Arthur. Não que não achasse que cobiçava os meus tesouros. Só me pareceu que lhe faltava a competência para roubá-los.

O velho abriu e fechou a boca como um peixe de aquário, emitindo sons inarticulados. O diabrete de Lovelace contorceu o rosto por um instante, numa expressão violentamente diferente, depois voltou ao original. O seu amo bateu delicadamente na mesa com um dedo indicador.

— Eu podia ter forçado a entrada em sua casa, Arthur. Estaria no meu pleno direito. Mas prefiro ser cortês. Por outro lado, esta minha peça — como estou certo de que bem sabe — é bastante... controversa. Nenhum de nós gostaria que transpirasse a informação da sua presença em nossas casas, não é? Por isso, se me devolver rapidamente, estou certo de que poderemos chegar a algum... *acordo* que seja vantajoso para ambas as partes. — Recuou, uma mão brincando com o punho da camisa. — Estou à espera.

Se Underwood tivesse compreendido uma palavra do que Lovelace dizia, talvez se salvasse[77]. Se tivesse recordado os delitos do seu aprendiz e somado dois e dois, tudo teria acabado bem. Mas, na sua confusão, não conseguia ver nada além da falsa acusação que lhe estava a ser feita e, em grande ira, levantou-se da cadeira.

[77] Podia ter apresentado o Amuleto, chegado a um acordo e ficado a ver Lovelace ir-se embora todo satisfeito. Claro, como estava um pouco por dentro dos crimes de Lovelace, certamente teria sido assassinado pouco depois, mas aquele intervalo teria dado tempo para rapar a barba, vestir uma camisa de flores, apanhar um vôo para qualquer lugar quente e com praias, conseguindo, assim, sobreviver.

— Seu novo-rico arrogante! — exclamou. — Como se *atreve* a acusar-me de roubo?! Não tenho o seu objeto, não sei nada dele e ainda menos o quero. Por que haveria de roubá-lo? Não sou um lambe-botas político como você; não sou nenhum bajulador traiçoeiro. Não corro atrás do poder e da influência como um porco no chiqueiro! Mesmo que assim fosse, não me preocuparia em roubá-lo. Todo mundo sabe que a sua popularidade está diminuindo rapidamente. Nem *merece* que o prejudiquem. Não, os seus agentes se enganaram — ou, mais provavelmente, mentiram. Bartimaeus não

está aqui! Não sei nada sobre ele. E a sua bugiganga não está em minha casa!

Enquanto ele falava, o rosto de Simon Lovelace pareceu recuar para a sombra profunda, muito embora a luz da luminária continuasse a incidir na superfície dos seus óculos. Abanou a cabeça lentamente.

— Não seja absurdo, Arthur — retorquiu. — Os meus informantes não mentem! São coisas poderosas que rastejam a uma ordem minha.

O velho espetou a barba, em tom de desafio.

— Saia da minha casa.

— Não preciso lhe falar dos recursos de que disponho — prosseguiu Lovelace. — Mas modere a linguagem comigo e evitaremos uma cena.

— Não tenho nada a dizer. A sua acusação é falsa.

— Muito bem, nesse caso...

Simon Lovelace estalou os dedos. Imediatamente o diabrete saltou do ar e pousou no tampo de mogno da mesa da casa de jantar. Esboçou um esgar, constrangido. Surgiu uma ampola na ponta da sua cauda, que acabou por se transformar numa tenaz com uma ponta serrilhada. O diabrete baixou o traseiro, concentrado, e fez girar a cauda. A seguir, a tenaz penetrou na superfície envernizada da mesa, cortando-a como uma faca faz à manteiga. O diabrete deslocou-se no comprimento do tampo da mesa, arrastando a cauda pela madeira, cortando-o ao meio. Os olhos de Underwood arregalaram-se. Lovelace sorriu.

— Móvel de família, Arthur? — disse. — Achei que sim.

O diabrete chegara quase ao outro extremo quando se ouviu uma pancada súbita na porta. Os dois homens viraram-se. O diabrete ficou estático no seu trajeto. Mrs. Underwood entrou, trazendo uma bandeja

carregada.

— Está aqui o chá — disse. — E umas bolachas de manteiga; são as preferidas de Arthur, Mr. Lovelace. Vou só pousar aqui, está bem?

Sem uma palavra, os magos e o diabrete viram-na aproximar-se da mesa. Pousou sobre ela a pesada bandeja, com enorme cuidado, entre a fenda e a extremidade onde Underwood se encontrava de pé. No silêncio carregado, retirou o bule de porcelana (do qual o diabrete invisível teve de se afastar, recuando), duas xícaras, dois pires, dois pratos, um suporte com as bolachas e várias peças da sua melhor cutelaria. A extremidade da mesa oscilou visivelmente sob todo o peso. Ouviu-se um ligeiro estalido.

Mrs. Underwood voltou a pegar na bandeja e sorriu à visita.

— Vamos, sirva-se, Mr. Lovelace. Precisa ganhar peso, a sério.

Sob o olhar direto dela, Lovelace tirou uma bolacha de manteiga do suporte. O tampo da mesa oscilou. Sorriu ligeiramente.

— *Assim* está melhor. Chamem-me, se quiserem mais chá. — Com a bandeja debaixo do braço, Mrs. Underwood deixou a sala. Ficaram a vê-la sair.

A porta fechou-se.

Como se fossem um só, magos e diabrete viraram-se para a mesa.

Com um estrondo ressoante, o único contraforte que fazia a ligação cedeu. Toda uma ponta da mesa, juntamente com bule, xícaras, pires, pratos, o suporte das bolachas e várias peças da melhor cutelaria, caíram no chão. O diabrete saltou dali e aterrou na lareira, ao lado do arranjo de flores secas.

Seguiu-se um breve silêncio.

Lovelace atirou a sua bolacha para a confusão, no

chão.

— O que posso fazer a uma mesa de madeira também posso fazer a uma pessoa estúpida, Arthur — disse.

Arthur Underwood olhou para ele. Falou de modo estranho, como se estivesse a uma grande distância.

— Era o meu melhor bule.

Soltou três assobios, agudos, estridentes. Ouviu-se um som de resposta, grave e trovejante, e dos ladrilhos diante da lareira surgiu um robusto diabrete-trasgo, de rosto azul e musculoso. Underwood gesticulou, assobiou uma vez. O diabrete-trasgo saltou, virando no ar. Caiu sobre o diabrete menor que se encolheu atrás do arranjo de flores, agarrou-o com as suas patas sem dedos e começou a apertá-lo, ignorando a tenaz serrilhada que desferia golpes. A substância do pequeno diabrete contorceu-se, ficou difusa, foi moldada como barro. Num ápice, tinha sido esmagada, cauda e tudo, numa bola amarelada e polposa. O diabrete-trasgo alisou a superfície da bola, atirou-a ao ar, abriu a boca e engoliu-a.

Underwood virou-se para Lovelace, que assistia a tudo de lábios comprimidos.

Confesso que o velho incompetente me surpreendeu — estava a fazer uma exibição melhor do que eu esperara. Não obstante, a tensão de invocar aquele diabrete amestrado estava a ter os seus custos. Tinha a nuca toda suada.

Lovelace sabia, também.

— Uma última oportunidade — disse com brusquidão. — Dê-me o que me pertence, senão subo a parada. Leve-me ao seu gabinete de trabalho.

— Nunca! — Underwood estava fora de si com o esforço e a raiva. Ignorou as sugestões de bom senso.

— Então, veja. — Lovelace compôs o seu cabelo com brilhantina. Proferiu algumas palavras baixinho. Houve um estremecimento na sala de jantar; tudo nela tremulava. A parede do fundo da sala tornou-se insubstancial. Recuou, distanciando-se cada vez mais até já não se conseguir ver. No seu lugar, estendia-se um corredor de dimensões incertas. Enquanto Underwood observava, surgiu uma figura ao longe, no corredor. Começou a avançar para nós, crescendo a grande velocidade, mas flutuando, pois as suas pernas não se mexiam.

Underwood arfou e recuou. Bateu na sua cadeira. Bem podia ficar boquiaberto. Eu conhecia aquela figura, a estrutura volumosa, a cabeça de chacal.

— Pare! — O rosto de Underwood estava lívido; agarrou-se à cadeira, para se apoiar.

— O que foi isso? — Simon Lovelace levou os dedos ao ouvido. — Não consigo ouvir[78].

[78] Era perfeitamente desnecessário. Estes magos são mesmo uns fiteiros.

— Pare! Está bem, você venceu! Vou levá-lo agora ao meu gabinete de trabalho! Chame-o!

A figura cresceu de tamanho. Underwood encolheu-se. O diabrete-trasgo fez uma cara pesarosa e retirou-se apressadamente pelos ladrilhos. Agitei-me no meu canto, perguntando-me o que eu iria fazer quando Jabor entrasse finalmente na sala[79].

[79] Portanto, Faquarl tinha razão. Um pequeno exército de *borlas* e *utukku* não conseguira deter Jabor. Isto não era um presságio nada bom.

De imediato, Lovelace fez um sinal. O corredor infinito e a figura em aproximação desapareceram. A

parede voltou a estar lá como antes, uma fotografia amarelada da avó sorridente de Underwood pendurada no seu centro.

Underwood estava de joelhos, ao lado dos cacos do seu serviço de chá. Tremia tanto que mal se agüentava de pé.

— Para que lado fica o seu gabinete de trabalho, Arthur? — perguntou Simon Lovelace.

Nathaniel
29

Nathaniel encontrava-se sozinho no patamar, agarrado ao corrimão, como se receasse cair. Vinha um murmúrio de vozes da sala de jantar, lá embaixo; subia e descia, mas ele mal se deu conta. O pânico que tomara de assalto a sua cabeça abafava todos os outros sons. *O único mago mau é o mago incompetente.* E o que era a incompetência? A perda do controle. Lenta e firmemente, ao longo dos últimos dias, tudo escapara em espiral ao controle de Nathaniel. Primeiro, Bartimaeus soubera o seu nome próprio. Conseguira remediar a situação com a caixa de tabaco, mas a folga não durara muito. Pelo contrário, abatera-se sobre si catástrofe após catástrofe, numa sucessão rápida. Bartimaeus fora capturado pelo Governo, Underwood descobrira as suas atividades e a sua carreira ficara arruinada antes mesmo de ter começado. Agora o demônio recusava-se a obedecer às suas ordens e Lovelace estava lá embaixo em pessoa. Tudo o que podia fazer era ficar assistindo, incapaz de reagir. Estava à mercê dos acontecimentos que ele próprio desencadeara. Incapacitado...

Um pequeno ruído penetrou a sua autocomiseração e o fez endireitar-se. Era o suave cantarolar de Mrs. Underwood, enquanto atravessava a entrada vinda da cozinha em direção à sala de jantar. Levava chá: Nathaniel ouviu o tilintar da porcelana na bandeja que transportava. Seguiu-se uma pancada na porta; mais tilintar quando ela entrou, depois silêncio.

Naquele momento, Nathaniel esqueceu por completo a sua própria situação difícil. Mrs. Underwood corria perigo. O inimigo estava dentro da casa. Sem dú-

vida não tardaria a obrigar ou persuadir Lovelace a abrir o seu gabinete de trabalho para inspeção. O Amuleto seria encontrado. E então... o que poderia Lovelace fazer a Mr. Underwood ou à esposa dele?

Bartimaeus dissera-lhe para esperar lá em cima e preparar-se para o pior. Mas Nathaniel estava farto de ficar ali sem fazer nada. Ainda não se dava por vencido. A situação era desesperadora, mas ainda podia agir. Os magos estavam na sala de jantar. O gabinete de trabalho de Underwood encontrava-se vazio. Se pudesse enfiar-se lá dentro e recuperar o Amuleto, talvez conseguisse escondê-lo em algum lugar, independentemente do que Bartimaeus fosse dizer.

De forma silenciosa e rápida, desceu furtivamente as escadas até o patamar de baixo, até o nível do gabinete e das salas de trabalho do mestre. As vozes abafadas que vinham do térreo estavam alteradas: julgou ouvir Underwood aos gritos. O tempo urgia. Nathaniel atravessou, apressado, as divisões até à porta que dava para as escadas do gabinete de trabalho. Aqui, estacou. Não fazia aquele percurso desde os seus seis anos de idade. Lembranças distantes assaltaram-no e fizeram-no estremecer, mas afastou-as. Seguiu em frente, desceu as escadas...

E ficou estático.

A porta do gabinete de trabalho de Underwood encontrava-se diante de si, coberta com a sua estrela vermelha de cinco pontas. Nathaniel gemeu alto. Sabia agora o suficiente para reconhecer um feitiço do fogo quando o via. Seria incinerado assim que tocasse na porta. Sem proteção, não poderia avançar, e a proteção implicava um círculo, um chamado, preparação cuidada...

E não tinha tempo para isso. Sentia-se impotente! Inútil! Bateu com o punho na parede. De longe, lá na

casa, chegou um barulho que podia ter sido um grito de medo.

Nathaniel subiu correndo as escadas até o patamar e, nesse instante, ouviu a porta da sala de jantar se abrir e soarem passos na entrada.

Eles vinham aí.

Depois, lá de baixo, a voz de Mrs. Underwood, ansiosa e inquiridora, trespassando Nathaniel com um frêmito de dor.

— Está tudo bem, Arthur?

A resposta foi monocórdica, quase irreconhecível.

— Vou só mostrar algo a Mr. Lovelace, no meu gabinete de trabalho. Obrigado, não precisamos de nada.

Vinham subindo as escadas agora. Nathaniel estava numa agonia de indecisão. O que deveria fazer? No exato momento em que alguém virou a esquina, escondeu-se atrás da porta mais próxima e encostou-a.

Respirando com dificuldade, comprimiu o olho contra a pequena fenda que lhe permitia ver o patamar.

Passou um cortejo lento. Mr. Underwood vinha na frente. O cabelo e as roupas estavam em desalinho, os olhos esgazeados, as costas curvadas como se por um grande peso. Atrás vinha Simon Lovelace, os olhos escondidos por trás dos óculos, a boca uma linha fina e ameaçadora. E atrás *dele* uma aranha, correndo junto às sombras da parede.

O cortejo desapareceu na direção do gabinete de trabalho. Nathaniel deixou-se cair, a cabeça girando, nauseado pela culpa e pelo medo. O rosto de Underwood... Apesar da sua extrema antipatia pelo mestre, vê-lo naquele estado ia contra tudo o que Nathaniel aprendera. Sim, ele era fraco; sim, era mesquinho; sim, tratara Nathaniel com manifesto desdém. Mas o homem

era um ministro, um dos trezentos no Governo. E não roubara o Amuleto. Fora Nathaniel.

Mordeu o lábio. Lovelace era um criminoso. Quem sabia o que ele poderia fazer? Underwood *que* arcasse com a culpa. Merecia-a. Nunca tomara o partido de Nathaniel, despedira Ms. Lutyens... Ele que sofresse também. Porque, antes de mais nada, Nathaniel pusera o Amuleto no gabinete de trabalho dele, a não ser para se proteger quando Lovelace viesse? Não deveria intrometer-se, tal como dissera o *djinni*. Preparar-se para fugir, se necessário...

Nathaniel deixou que a cabeça lhe pendesse nas mãos.

Não podia fugir. Não podia se esconder. Fora esse o conselho de um demônio traiçoeiro e astuto. Fugir e esconder-se não eram atos de um mago honroso. Se deixasse o mestre enfrentar Lovelace sozinho, como voltaria a viver com a sua consciência? Quando o mestre sofresse, Mrs. Underwood sofreria também e isso era-lhe impossível suportar. Não haveria qualquer escapatória. Agora que a crise recaíra sobre ele, Nathaniel constatou, para sua surpresa e horror, que tinha de agir. Fossem quais fossem as conseqüências, impunha-se intervir.

Sentiu-se fisicamente doente, só de pensar no que ia fazer. Mesmo assim, conseguiu, pouco a pouco, passo arrastado a passo arrastado. Sair de trás da porta, atravessar o patamar, dirigir-se às escadas do gabinete de trabalho... Descer os degraus, um de cada vez...

A cada passo, o senso comum gritava-lhe que se virasse e fugisse, mas resistiu. Fugir seria decepcionar Mrs. Underwood. Teria de ir lá contar a verdade, desse por onde desse.

A porta estava aberta, o feitiço ígneo desativado. Vinha lá de dentro uma luz amarela.

Nathaniel estacou no limiar. O seu cérebro parecia ter deixado de funcionar. Não tinha consciência plena do que se preparava para fazer.

Empurrou a porta e entrou, bem a tempo de presenciar o momento da descoberta.

Lovelace e Underwood encontravam-se de pé junto a um armário de parede, de costas viradas para ele. As portas do armário estavam escancaradas. Enquanto observava, a cabeça de Lovelace inclinou-se avidamente para a frente como um gato caçador, e a sua mão estendeu-se e afastou algo para o lado. Soltou um grito de triunfo. Lentamente, virou-se e ergueu a mão diante do rosto espectral de Underwood.

Os ombros de Nathaniel curvaram-se.

Como parecia pequeno, o Amuleto de Samarcanda, como parecia insignificante, pendendo dos dedos de Lovelace na sua fina corrente de ouro. Balançava suavemente, brilhando à luz do gabinete de trabalho.

Lovelace sorriu.

— Ora, ora. O que temos aqui?

Underwood abanava a cabeça, confuso e incrédulo. Naqueles poucos segundos, o seu rosto envelhecera.

— Não — murmurou. — Um truque... Está a incriminar-me...

Lovelace nem sequer estava olhando para ele. Mirava o seu troféu.

— Nem consigo imaginar o que julgou poder fazer com isto — disse. — Chamar Bartimaeus, por si só, teria bastado para deixá-lo esgotado.

— Mantenho — Underwood falou com voz fraca — que não sei nada sobre esse Bartimaeus, e não sei nada sobre o seu objeto, nem como foi parar ali.

Nathaniel ouviu uma voz nova falando, esganiçada e trêmula. Era a sua.

— Ele está dizendo a verdade — afirmou. — *Eu* o roubei. A pessoa que procura sou eu.

O silêncio que se seguiu a esta afirmação durou quase cinco segundos. Ambos os magos se viraram imediatamente, apenas para fitá-lo boquiabertos e em choque. As sobrancelhas de Mr. Underwood ergueram-se alto, decaíram, depois voltaram a elevar-se, espelhando a sua profunda perplexidade. Lovelace apresentava uma expressão carregada de incompreensão.

Nathaniel aproveitou a oportunidade para avançar mais pelo cômodo.

— Fui eu — disse, a sua voz um pouco mais firme, agora que confessara. — *Ele* não sabe nada do assunto. Pode deixá-lo em paz.

Underwood pestanejou e abanou a cabeça. Parecia duvidar do testemunho dos seus sentidos. Lovelace continuava muito quieto, os olhos escondidos fixos em Nathaniel. O Amuleto de Samarcanda balançava suavemente nos seus dedos imóveis.

Nathaniel pigarreou, pois tinha a garganta seca. Nem se atrevia a adivinhar o que iria acontecer. Não pensara para além da sua confissão. Em algum lugar no cômodo, o seu servo espreitava, por isso não estava totalmente indefeso. Se necessário, esperava que Bartimaeus viesse em seu auxílio.

O seu mestre, finalmente, encontrou a voz.

— O que está dizendo, seu tonto? Não faz idéia daquilo que estamos tratando. Desaparece imediatamente daqui! — Ocorreu-lhe um pensamento. — Espere... como foi que saiu do quarto?

A seu lado, a expressão carrancuda de Lovelace dividiu-se num sorriso nervoso. Riu baixinho.

— Um momento, Arthur. É capaz de estar sendo muito precipitado.

Por um instante, regressou um vislumbre fugaz

da irascibilidade de Underwood.

— Não seja absurdo! Este adolescente não pode ter cometido o crime. Primeiro, teria de ultrapassar o meu feitiço do fogo, para não falar das suas próprias defesas.

— E invocar um *djinni* do décimo quarto nível — murmurou Lovelace. — Isso também.

— Precisamente. A idéia é abs... — Underwood arfou. Fez-se subitamente luz nos seus olhos. — Espere... talvez... Será possível? Ainda hoje, Lovelace, apanhei este fedelho com equipamento de chamado, e o Pentagrama de Adelbrand desenhado a giz no seu quarto. Ele tinha livros sofisticados — *A Boca de Ptolomeu,* para começar. Presumi que tivesse falhado, era excessivamente ambicioso... Mas, e se eu estivesse errado?

Simon Lovelace não abriu a boca. Não tirou os olhos de Nathaniel.

— Ainda há uma hora — prosseguiu Underwood —, apanhei-o a espiar-me no meu gabinete de trabalho. Tinha uma bola de cristal, algo que nunca lhe dei. Se ele é capaz disso, quem sabe que outros crimes poderia cometer?

— Mesmo assim — disse Lovelace baixinho —, por que haveria de me roubar?

Nathaniel podia ver, pelo comportamento do seu mestre, que ele não reconhecera o Amuleto pelo que era, e percebeu que esta ignorância ainda poderia salvá-lo. E se Lovelace acreditasse que o mesmo também era verdade em relação a Nathaniel? Falou rapidamente, tentando parecer o mais acriançado possível.

— Foi apenas uma brincadeira, senhor — disse. — Uma brincadeira. Eu queria vingar-me por ter me batido naquela ocasião. Pedi ao demônio que tirasse algo que fosse seu, uma coisa qualquer. Eu ia guardar essa coisa até ser mais velho, e... aah... até conseguir

descobrir o que era e como usá-la. Espero que não seja valiosa, senhor. Lamento muito qualquer incômodo que lhe tenha causado...

Calou-se, excruciantemente consciente do quão pouco crível era a sua história. Lovelace limitou-se a olhar para ele; não detectou nada na expressão do homem.

Mas o seu mestre, esse, acreditou nele. Desencadeou toda a sua fúria.

— Isto foi a gota d'água, Mandrake! — exclamou. — Vou levar-te ao tribunal! Mesmo que escape à prisão, será expulso do aprendizado e atirado para a rua! Vou correr contigo daqui! Todas as portas se fecharão! Tornar-se-á um pobre entre os comuns!

— Sim, senhor. — *Qualquer coisa*, se ao menos Lovelace se fosse embora.

— Só lhe posso pedir desculpas, Lovelace. — Underwood endireitou-se e encheu o peito de ar. — Fomos ambos incomodados: ele traiu-me e roubou-lhe um tesouro muito poderoso, este amuleto — Olhou para a pequena oval dourada que pendia da mão de Lovelace, e naquele instante súbito e fatal, percebeu o que era. Uma breve arfada reprimida bateu-lhe nos dentes. Fora um pequeno ruído, mas Nathaniel ouvira-o com perfeita nitidez. Lovelace não se mexeu.

A cor desapareceu das faces de Underwood. Os seus olhos dirigiram-se rapidamente para o rosto de Lovelace, para ver se ele dera por alguma coisa. Os olhos de Nathaniel seguiram-lhe o exemplo. Apesar do sangue a latejar-lhe na cabeça, ouviu Underwood a esforçar-se por continuar aquilo que interrompera: — e... e iremos ambos fazer com que ele seja devidamente punido, sim, iremos: ele vai arrepender-se do dia em que se atreveu a...

O outro mago levantou a mão. Imediatamente,

Underwood calou-se.

— Bem, John Mandrake — disse Simon Lovelace —, estou *quase* profundamente impressionado. Sim, fui prejudicado; os últimos dias foram difíceis para mim. Mas repare — tenho de volta o meu troféu e agora tudo irá ficar bem. Por favor, não peça desculpas. Invocar um *djinni* como Bartimaeus na tua idade não é proeza pequena; controlá-lo durante vários dias é ainda mais surpreendente. Deixou-me também frustrado, o que é um acontecimento raro, e Underwood na ignorância, o que é um pouco menos usual. Tudo muito inteligente. Só que no fim pôs tudo a perder. O que te deu para confessar o teu ato? Eu podia ter resolvido tudo calmamente com Underwood e deixá-lo em paz. — A voz dele era baixa e racional.

Underwood tentou urgentemente falar, mas Lovelace interrompeu-o.

— Silêncio, homem. Quero ouvir os motivos do garoto.

— Porque ele não teve culpa — afirmou Nathaniel, fleumaticamente. — Ele não sabia de nada. A sua contenda era comigo, quer soubesse, quer não. Ele devia ficar de fora. Por isso vim aqui. — Pesava sobre ele a sensação de profunda inutilidade do seu ato.

Lovelace soltou uma risada.

— Temos aqui um conceito de nobreza pueril, é? — retorquiu. — Também me parece. A atitude honrosa. Heróica, mas estúpida. Onde é que foi encontrá-la? Não foi aqui com Underwood, aposto.

— Roubei-o porque me fez mal — prosseguiu Nathaniel. — Eu queria vingar-me. Foi apenas isso. Castigue-me, se quiser. Não me importo. — A sua atitude de simples resignação ocultava uma crescente esperança. Talvez Lovelace não percebesse que eles sabiam do Amuleto, talvez administrasse um castigo sim-

bólico e fosse embora.

Evidentemente que Underwood esperava o mesmo. Agarrou ansiosamente o braço de Lovelace.

— Como viu, Simon, estou completamente inocente neste assunto. Foi este garoto malvado e maquinador. Faça dele o que quiser. Seja qual for a sentença correspondente ao crime, pode aplicá-la. Deixo isso ao seu critério.

Delicadamente, Lovelace soltou-se.

— Obrigado, Underwood. Vou já administrar o castigo.

— Ótimo.

— Depois de me livrar de você.

— O quê...?! — Por um segundo, Underwood ficou estático, depois, com uma ligeireza de pernas inesperada num homem da sua idade, correu para a porta aberta. No momento em que passou por Nathaniel, uma rajada de vento vinda de lado nenhum fechou a porta com toda a força. Underwood rodou o puxador e agarrou-o violentamente, mas ele manteve-se firme. Com um protesto de medo, voltou-se. Ele e Nathaniel estavam de frente para Simon Lovelace, do outro lado da sala. As pernas de Nathaniel tremiam. Procurou desesperadamente Bartimaeus à sua volta, mas a aranha não se via em lado nenhum.

Com imenso cuidado, Lovelace pegou no Amuleto de Samarcanda pela corrente e pendurou-o ao pescoço.

— Eu não sou estúpido, John — disse. — É possível que não saiba que objeto é este, mas sinceramente não posso correr esse risco. E, certamente, o pobre Arthur sabe.

Ante isto, Underwood estendeu uma mão enclavinhada e agarrou Nathaniel pelo pescoço. A sua voz foi afetada pelo pânico.

— Sim, mas eu não vou dizer nada! Pode confiar em mim, Lovelace! Pode ficar com o Amuleto para toda a eternidade, tanto se me dá! Mas o garoto é um tolo intrometido; ele tem de ser silenciado antes que dê com a língua nos dentes. Mate-o agora, e o assunto ficará resolvido! — As unhas dele cravaram-se na pele de Nathaniel, empurrou-o para a frente; Nathaniel gritou de dor.

Um sorriso afetado estampou-se no rosto de Lovelace.

— Tamanha lealdade de um mestre para com o seu aprendiz! Muito comovente. Vê, John, Underwood e eu estamos a dar-lhe uma última lição sobre a arte de ser mago, e talvez com a nossa ajuda compreenda o teu erro ao acusar-se hoje. Acreditou na noção de mago honroso, que assume a responsabilidade dos seus atos. Mera propaganda. Não existe semelhante coisa. Não há honra, nem nobreza, nem justiça. Todo mago age apenas em seu próprio benefício, aproveitando todas as oportunidades que pode. Quando é fraco, evita o perigo (e é por isso que os de segunda categoria se arrastam dentro do sistema — Arthur sabe *disso,* não sabe, Underwood?) Mas quando é forte, ataca. Como julga que o próprio Rupert Devereux chegou ao poder? O mestre *dele* matou o Primeiro-Ministro anterior num golpe há vinte anos e ele herdou o título. Eis a verdade. Foi assim que as coisas sempre se passaram. Quando usar o Amuleto para a semana, estarei dando seguimento a uma grande tradição que remonta a Gladstone. — Os olhos brilharam, uma mão ergueu-se, pronta a iniciar o gesto. — Talvez te console saber que antes mesmo de chegar aqui, eu estava decidido a matá-lo e a todos nesta casa. Não posso deixar nada ao acaso. Por isso a tua estupidez em vir aqui não mudou realmente nada.

Uma imagem de Mrs. Underwood, lá embaixo na

cozinha, atravessou a mente de Nathaniel. Os olhos encheram-se de lágrimas.

— Por favor...

— É um fraco, garoto. Tal como o teu mestre. — Lovelace bateu palmas. A luz no gabinete de trabalho escureceu subitamente. Um tremor percorreu o solo. Nathaniel sentiu algo aparecer num canto mais afastado do cômodo, mas o medo deixou-o onde estava — não se atreveu a olhar. A seu lado, Underwood proferiu as palavras de um feitiço de defesa. Uma rede de fios protetores verdes brilhantes ergueu-se para envolvê-lo. Nathaniel estava excluído, indefeso.

— Mestre...!

Naquele momento, como um poço que se abate numa mina de ardósia, uma voz terrível ecoou pelo cômodo.

— O SEU DESEJO?

A voz de Lovelace:

— Destruir ambos. E tudo o mais que há vivo nesta casa. Queime-a juntamente com todo o seu conteúdo.

Underwood soltou um grito imenso.

— Tome o garoto! Deixe-me! — Empurrou Nathaniel com uma força frenética. Nathaniel inclinou-se para a frente, tropeçou e caiu. Não via nada por causa das lágrimas; tentou levantar-se, consciente apenas da sua profunda incapacidade. Ali próximo, um ruído de estilhaçamento. Abriu a boca para gritar. A seguir, desceram umas garras que o prenderam pela garganta.

Bartimaeus
30

O mérito foi da escrivaninha de Underwood. Era uma peça antiga, sólida e, felizmente, Jabor materializara-se no seu outro extremo. Os três segundos que levou para abrir caminho através dela deram-me tempo para me movimentar. Eu estivera alojado no teto, numa fenda por cima do quebra-luz; desci então imediatamente, transformando-me numa gárgula nesse momento. Aterrei diretamente em cima do meu amo, agarrei-o sem cerimônia pelo pescoço e, dado que Jabor estava bloqueando a janela, saltei na direção da porta.

A minha reação passou quase despercebida: os magos tinham mais com que se ocupar. Envolto no seu nexo defensivo, Underwood mandou um raio de fogo azul a estralejar na direção de Lovelace. O raio atingiu Lovelace diretamente no peito e desapareceu. O Amuleto de Samarcanda absorvera o seu poder.

Atravessei a porta com o garoto debaixo do braço, subi as escadas. Ainda não chegara ao topo quando uma explosão colossal avançou pelo corredor vinda de trás e nos atirou de encontro a uma parede distante. O impacto deixou-me confuso. Enquanto estava estendido ali, momentaneamente atordoado, ouviu-se uma série de estrondos ensurdecedores. O ataque de Jabor fora talvez excessivamente zeloso: parecia que todo o chão do gabinete de trabalho cedera sob o peso dele[80].

[80] Isto era mesmo típico de Jabor. Ele era precisamente daqueles que de bom grado serraria o ramo onde estava sentado, ou lançaria lenha para a fogueira onde se encontrava. Isto é, se fosse dado ao faça-você-mesmo. Mas não era o caso.

Não demorei muito a reorganizar a minha essência e a levantar-me mas, acreditem ou não, naqueles escassos momentos, aquele abençoado garoto desaparecera. Avistei-o no patamar, dirigindo-se para as escadas. E estava a descê-las.

Abanei a cabeça, incrédulo. Eu não o avisara para não se meter em encrencas? Já se fora enfiar nas mãos de Lovelace, pondo em risco as nossas vidas nesse instante. Agora, ei-lo ali, muito provavelmente indo direto para Jabor. Estava muito certo correr o mais depressa possível para se salvar, mas pelo menos que o fizesse na direção certa. Bati as asas e parti em sinistra perseguição.

A segunda regra de ouro da fuga é: não fazer sons desnecessários. Quando o garoto chegou ao térreo, ouvi-o irromper por ali, todo decidido, com um berro que ecoou pela caixa das escadas acima:

— Mrs. Underwood! Mrs. Underwood! Onde está? — Ouviam-se os seus gritos mesmo acima dos ruídos de destruição que ecoavam pela casa.

Revirei os olhos para os céus e desci o último lance de escadas, encontrando a entrada já começando a se encher de rolos de fumaça ondulantes. Vinha do corredor uma luz vermelha dançante. O garoto estava lá na frente — conseguia vê-lo avançando na direção do fogo.

— Mrs. Underwood!

Houve um movimento ao longe, na fumaça. Uma forma curvada num canto por trás de uma barreira de chamas triunfantes. O garoto também a viu. Avançou para lá. Eu acelerei, de garras estendidas.

— Mrs. Underwood? A senhora está... ?

A forma levantou-se, endireitou-se. Tinha cabeça de animal. O garoto abriu a boca para gritar. Naquele mesmo instante, alcancei-o e agarrei-o pela cintura.

Preparou-se para um grito abafado.

— Sou eu, seu idiota. — Puxei-o para trás na direção das escadas. — Ele vai matá-lo. Quer morrer juntamente com o teu mestre?

O seu rosto ficou sem expressão. As palavras deixaram-no em choque. Não creio que até àquele momento tivesse compreendido verdadeiramente o que estava acontecendo, não obstante estar vendo tudo desenrolando-se diante dos seus olhos. Mas fiquei satisfeito por dizer; estava na hora dele ficar sabendo das conseqüências dos seus atos.

Jabor avançava através de uma superfície de fogo; a sua pele brilhava como se tivesse sido untado; as chamas dançantes refletiam-se nele enquanto avançava pela entrada.

Subimos de novo as escadas. Os meus membros cederam sob o peso do meu amo. Os dele eram arrastados; parecia incapaz de qualquer movimento.

— *Lá para cima* — resmunguei. — Esta casa é de lado. Vamos tentar pelo telhado.

Ele conseguiu soltar um resmungo.

— O meu mestre...

— Está morto — disse-lhe. — Muito provavelmente engolido inteirinho. — Não podia ficar com panos quentes.

— Mas, Mrs. Underwood...

— Está, sem dúvida, com o marido. Não pode ajudá-la agora.

E aqui, acreditem ou não, o palerma começou a debater-se, socando com os punhos fracos.

— Não! — gritou. — A culpa é minha! Tenho que encontrá-la...! — Contorcia-se como uma enguia, escorregando das minhas mãos. Não tardaria a arremessar-se pelo corrimão, direitinho para os braços acolhedores de Jabor. Soltei uma praga enérgica[81] e, agar-

rando-o por uma orelha, puxei-o para cima e para frente.

[81] Não se preocupem. Foi em babilônico antigo. O garoto não teria compreendido as referências.

— Pára de estrebuchar! — ordenei-lhe. — Já não fez gestos inúteis suficientes para um dia?

— Mrs. Underwood...

— Não iria querer que morresse também — arrisquei[82]. — Sim, a culpa *é* tua, mas... aah... não se culpe. A vida é para os vivos... e, aah... Oh, seja lá *o que for*. — Fiquei sem energia[83].

[82] Sem muita convicção. Parecia-me um desejo perfeitamente razoável.

[83] Este tipo de psicologia não *é* o meu ponto forte. Não faço a mínima idéia do que motiva os seres humanos, nem quero saber. Com os magos é normalmente bastante simples: dividem-se em três tipos distintos, motivados pela ambição, a ganância ou a paranóia. Underwood, por exemplo, era do tipo paranóico, pelo que pude ver dele. Lovelace? Fácil — a ambição emanava do seu corpo como um mau cheiro. O garoto também era do tipo ambicioso mas, por ser ainda muito jovem, não estava moldado. Daí este súbito acesso ridículo de altruísmo.

Não sei se terão sido as minhas palavras de sabedoria, mas o garoto parou de se debater. Eu tinha o braço em volta do pescoço dele e arrastava-o escada acima, contornando cada esquina meio voando meio andando, o mais depressa que conseguia içando-o. Chegamos ao segundo patamar e continuamos até às escadas do sótão. Bem por baixo, os degraus estalaram e partiram-se sob os pés de Jabor.

Quando alcançamos o topo, o meu amo recobrara-se o suficiente para seguir aos tropeções quase

sem ajuda. E assim, qual par desajeitado numa corrida de três pernas que chega em último lugar e é saudado com aplausos compadecidos, chegamos ao quarto no sótão ainda vivos. O que, a meu ver, não era nada mau.

— A janela! — disse eu. — Precisamos chegar ao telhado! — Puxei Nathaniel até à clarabóia e abri-a aos murros. Entrou um ar frio. Voei através da abertura e, empoleirando-me no telhado, estendi uma mão para dentro do quarto. — Vamos — ordenei-lhe. — Saia.

Para meu espanto, o infernal garoto hesitou. Arrastou-se até um canto do quarto, curvou-se e apanhou algo. Era a sua bola de cristal. Digam-me lá — o cabeça de chacal perseguindo-o para matá-lo, e ele perdendo tempo com *aquilo?* Só então se aproximou da clarabóia, o seu rosto ainda sem qualquer expressão.

Jabor tinha uma coisa boa. Era lento. Levou o seu tempo a vencer a travessia traiçoeira das escadas. Se antes fosse Faquarl a vir em nossa perseguição, teria conseguido ultrapassar-nos, trancar e barrar a clarabóia e colocado talvez uma bela persiana de rolo nova antes de chegarmos lá. Todavia, tão letárgico estava o meu amo, que ainda não o tinha bem ao alcance das minhas mãos quando Jabor surgiu finalmente no alto das escadas, faíscas de chamas a irradiar do corpo e a atear fogo à estrutura da casa à sua volta.

E deu uma bela pancada com a cabeça na porta baixa do sótão.

Aquilo proporcionou-me o instante de que necessitava. Debrucei-me na clarabóia, agarrando-me com os pés como um gibão, apanhei o garoto por baixo de um braço, icei-me para cima e afastei-me do buraco. Quando caímos em cima das telhas, um mar de chamas irrompeu da clarabóia. Todo o edifício foi sacudido.

O garoto teria ficado ali a noite inteira se eu deixasse, fitando as estrelas com olhos vítreos. Estava em

estado de choque, creio. Talvez nunca tivessem tentado matá-lo antes. Inversamente, as minhas reações eram fruto da longa prática: num ápice, pus-me de novo em pé, arrastando-o comigo e caminhando pelo telhado inclinado, agarrando-me com firmeza com as minhas unhas.

Dirigi-me para a chaminé mais próxima e, atirando o garoto para trás dela, espreitei para o lugar de onde tínhamos vindo. O calor lá de baixo estava a atuar: as telhas saltavam do lugar, pequenas chamas dançavam entre os intervalos nelas. Em algum lugar lá embaixo, uma massa de madeira estalou e deslocou-se.

Na clarabóia, um movimento: uma ave preta gigante a afastar-se do fogo. Pousou no alto do telhado e mudou de forma. Jabor olhava de um lado para o outro. Encolhi-me atrás da chaminé e dei uma olhada rápida lá para diante.

Não havia sinal de qualquer um dos outros escravos de Lovelace: nenhum *djinn,* nenhuma esfera vigilante. Talvez, com o Amuleto de novo em suas mãos, não sentisse necessidade deles. Contava com Jabor.

A rua era em declive: o que nos proporcionava uma avenida de fuga estendendo-se por uma sucessão de casas pegadas umas às outras. A esquerda, os telhados eram uma saliência escura por cima de uma extensão de rua iluminada pelos postes. À direita, davam para a massa sombria dos jardins, cheios de árvores e arbustos bem desenvolvidos. A alguma distância, uma árvore particularmente grande pudera crescer junto à sua casa. Talvez fosse útil.

Mas o garoto continuava indolente. Eu não podia contar com uma fuga acelerada da parte dele. Jabor nos apanharia com uma Detonação antes de nos afastar por de cinco metros.

Arrisquei uma olhada pela beira da alvenaria. Ja-

bor aproximava-se, a cabeça um pouco baixa, farejando o nosso rastro. Não tardaria a adivinhar o nosso esconderijo e a vaporizar a chaminé.

Estava bem na hora de um plano brilhante e infalível. Se falhasse, teria de improvisar.

Deixando o garoto estendido, ergui-me de trás da chaminé na forma de gárgula. Jabor viu-me; quando disparou, fechei as asas por um momento, deixando-me descer momentaneamente através do ar. A Detonação passou sobre a minha cabeça aprumada e curvou-se por cima do telhado, para explodir inofensivamente[84] em algum lugar do outro lado da rua. Bati de novo as asas e aproximei-me de Jabor, sem tirar os olhos dos pequenos lençóis de chamas que lhe rodeavam os pés, fazendo estalar as telhas e alimentando-se das madeiras ocultas que sustentavam o telhado.

[84] Para mim. Que é o que conta.

Levantei as garras num gesto submisso.

— Não podemos discutir o assunto? O teu amo pode querer o garoto vivo.

Jabor nunca se deixara levar na conversa. Outro disparo por pouco malogrado esteve para acabar com a minha argumentação. Rodopiei em volta dele o mais depressa que pude, mantendo-o no mesmo lugar o máximo possível. A cada vez que ele disparava o seu projétil enfraquecia a porção do telhado onde se encontrava; a cada vez que isto sucedia, o telhado tremia um pouco mais violentamente. Mas eu estava ficando sem energia — as minhas fintas eram cada vez menos ágeis. A extremidade de uma Detonação cortou-me uma asa e tombei sobre as telhas.

Jabor avançou.

Ergui uma mão e disparei um tiro de resposta.

Foi fraco e baixo, muito baixo para afetar Jabor. Bateu nas telhas bem diante dos pés dele. Nem sequer estremeceu. Pelo contrário, soltou uma gargalhada triunfante...

...que foi interrompida pelo desmoronar de toda uma porção do telhado. A viga mestra da cumeeira, que abrangia todo o comprimento do edifício partiu-se ao meio; os barretes cederam e madeira, estuque e telha após telha tombaram no inferno da casa, levando Jabor consigo. Deve ter sido uma boa queda dali de cima — quatro pisos em chamas até o porão, no subsolo. Grande parte da casa devia ter desabado em cima dele.

Crepitaram chamas através do buraco. Aos meus ouvidos, enquanto agarrava à borda da chaminé e me deslocava até o outro lado, soaram como uma salva de palmas.

O garoto estava acocorado ali, meio aparvalhado, a olhar para o escuro.

— Consegui alguns minutos para nós — anunciei —, mas não há tempo a perder. Anda logo.

Não sei se foi o tom amigável da minha voz que surtiu efeito, mas ele levantou-se com bastante rapidez. Mas depois pôs-se a andar, arrastando os pés pelo alto do telhado com toda a velocidade e elegância de um cadáver ambulante. Àquele ritmo, teria levado uma semana para chegar à árvore. Um velho com dois olhos de vidro o teria alcançado, para não falar de um *djinni* irado. Olhei para trás. Por enquanto, não havia qualquer sinal de perseguição — apenas chamas irrompiam do buraco. Sem perder um momento, reuni a força que me restava e joguei o garoto sobre o ombro. A seguir corri o mais depressa que pude pelo telhado.

Quatro casas adiante, alcançamos uma árvore, um abeto de folhagem persistente. Os ramos mais próximos ficavam apenas a quatro metros de distância.

Transponíveis. Mas, primeiro, precisava descansar. Larguei o garoto em cima das telhas e verifiquei de novo a retaguarda. Nada. Jabor estava com problemas. Imaginei-o a agitar-se no calor rubro do porão, soterrado debaixo de toneladas de detritos incandescentes, tentando sair...

Houve um movimento súbito entre as chamas. Estava na hora de partir.

Não dei ao garoto a opção de entrar em pânico. Agarrando-o pela cintura, corri telhado abaixo e saltei da extremidade. O garoto não emitiu qualquer som enquanto atravessávamos o ar, realçado de cor de laranja pelo clarão do incêndio. As minhas asas bateram freneticamente, mantendo-nos no alto apenas o tempo suficiente, até que, com uma vergastada e uma pancada e um estalar de ramos, mergulhamos na folhagem da árvore sempre verde.

Agarrei-me ao tronco para não cairmos. O garoto encostou-se a um ramo. Olhei para a casa. Uma silhueta negra movia-se lentamente no fogo.

Agarrando o tronco sem apertar, deixei que deslizássemos. A casca foi arrancada por cada garra à medida que descíamos. Aterramos na erva molhada, no escuro, junto à base da árvore.

Pus o garoto em pé de novo.

— Agora... silêncio absoluto! — murmurei. — E mantenha-se debaixo das árvores.

Depois escapulimos, o meu amo e eu, pela escuridão gotejante do jardim, enquanto o gemido das sirenes aumentava na rua do outro lado e mais uma viga mestra se abatia na ruína em chamas que era a casa do mestre dele.

TERCEIRA PARTE

Nathaniel
31

Do outro lado do vidro partido, o céu clareou. A chuva persistente que caía desde a alvorada passou a um chuvisco e parou. Nathaniel espirrou.

Londres estava acordando. Pela primeira vez, o trânsito apareceu na rua lá embaixo: ônibus vermelhos e sujos, com motores roncantes, levavam os primeiros passageiros em direção ao centro da cidade; alguns carros esporádicos, fazendo soar as buzinas a quem atravessasse seu caminho; bicicletas também, com os ciclistas curvados e deslocando-se com esforço dentro dos seus pesados sobretudos.

Lentamente, as lojas em frente começaram a abrir. Os donos assomaram e levantaram ruidosamente as grades de metal que protegiam as suas vitrines durante a noite. Prepararam os expositores: o açougueiro colocou nacos de carne rosada nas prateleiras esmaltadas; o homem da tabacaria pendurou um suporte com revistas por cima do balcão. Na porta ao lado, os fornos da padaria estavam acesos há horas; o ar quente com cheiro de pães e *donuts* cobertos de açúcar atravessou a rua e chegou a Nathaniel, que tremia de frio e estava esfomeado no cômodo vazio.

Um mercado ao ar livre estava começando numa rua lateral ali perto. Ouviam-se gritos, alguns animados, outros roucos e guturais. Passaram rapazes a correr, fazendo rolar barris de metal ou empurrando carrinhos de

mão empilhados até em cima com legumes. Um carro da polícia seguiu para o norte ao longo da rua, abrandando ao passar pelo mercado, depois acelerando ostensivamente e afastando-se a grande velocidade.

O Sol pairava baixo sobre os telhados, um disco pálido amarelo-gema envolto em bruma.

Em qualquer outra manhã, Mrs. Underwood estaria ocupada preparando o café-da-manhã.

Conseguia vê-la diante de si: pequena, atarefada, manifestamente bem-disposta, andando de um lado para o outro na cozinha, fazendo barulho com as panelas no fogão, cortando tomates, colocando fatias de pão na torradeira... à espera de que ele descesse.

Em qualquer outra manhã teria sido assim. Mas agora a cozinha desaparecera. A casa desaparecera. E Mrs. Underwood, Mrs. Underwood estava...

Teve vontade de chorar; o seu rosto ansiava por fazê-lo. Era como se uma maré-cheia de emoção estivesse ali represada, pronta a brotar. Mas os seus olhos mantiveram-se secos. Não houve libertação. Pôs-se a olhar para a crescente atividade lá embaixo na rua, sem ver nada, indiferente ao frio que lhe atacava os ossos. Sempre que fechava os olhos, uma sombra branca trêmula dançava no escuro — a lembrança das chamas.

Mrs. Underwood estava...

Nathaniel soltou um suspiro profundo, entrecortado. Enterrou as mãos nos bolsos das calças e apalpou o disco de bronze ali, macio sob os seus dedos. Sobressaltou-se e retirou a mão. Todo o seu corpo tremia de frio. O seu cérebro parecia gelado também.

O seu mestre... tentara fazer o que lhe parecera melhor para ele. Mas ele devia tê-la avisado, tê-la tirado de casa antes daquilo acontecer. Em vez disso, ele...

Tinha que pensar. Não era o momento para... Tinha que pensar no que fazer, senão estaria perdido.

Durante metade da noite, correra como um louco pelos jardins e ruas escuras da zona norte de Londres, de olhar vago, a boca aberta. Recordava-se apenas de uma série de corridas no escuro, de escaladas de muros e movimentos súbitos debaixo de postes de rua, de ordens murmuradas a que obedecera automaticamente. Tinha uma vaga lembrança de estar encostado a muros de tijolo, depois de se comprimir contra sebes — ficara com marcas e equimoses e encharcado até aos ossos. Uma vez, depois de lhe ser anunciado que não havia perigo, ficara escondido durante o que pareceram horas junto à base de um monte de estrume, o rosto comprimido contra a imundície a desfazer-se. Parecia-lhe tão real quanto um sonho.

Durante esta fuga, fora reproduzindo sucessivamente o rosto de terror de Underwood, vendo uma cabeça de chacal erguer-se das chamas. Também irreal. Sonhos dentro de um sonho.

Não tinha lembrança da perseguição. Muito embora por vezes ela tivesse estado próxima e fosse persistente. O zumbido de uma esfera de busca, um estranho cheiro químico levado pelo vento: não tinha consciência de mais nada, até — pouco antes da alvorada — terem ido parar em uma zona de casas estreitas de tijolo vermelho e becos escuros, e encontrado o edifício fechado por tábuas.

Aqui, no momento, estava seguro. Tinha tempo para pensar, resolver o que fazer...

Mas Mrs. Underwood estava...

— Está frio, não está? — disse uma voz.

Nathaniel afastou-se da janela. A alguma distância, do outro lado do cômodo em ruínas, o garoto que não era um garoto observava-o com olhos brilhantes. Apresentava-se com equipamento de Inverno grosso — um blusão acolchoado, calças jeans novas, botas casta-

nhas fortes, um gorro de lã. Parecia muito quente.

— Está tremendo — disse o garoto. — Mas também nem sequer está vestido para uma expedição de Inverno. O que tem por baixo dessa blusa? Apenas uma camisa, aposto. E olhe para esses sapatos. Devem estar completamente ensopados.

Nathaniel mal o ouvia. A sua mente estava distante.

— Isto não é lugar para se andar seminu — prosseguiu o garoto.

— Olhe para isso! Fendas nas paredes, um buraco no teto... Estamos aqui expostos aos elementos. Brrrrrr! Um gelo.

Estavam no piso de cima do que fora, evidentemente, um edifício público. O espaço era cavernoso, estava desprotegido e vazio, com paredes caiadas manchadas de amarelo e verde do bolor. Ao longo de cada parede estendiam-se filas e filas de prateleiras vazias, cobertas de pó, lixo e excrementos de aves. Pilhas desconsoladas de madeira que podiam em tempos terem sido mesas ou cadeiras, estavam empilhadas em dois cantos. Janelas altas davam para a rua e amplos degraus de mármore conduziam à escadas. O lugar cheirava a umidade e decomposição.

— Quer que te ajude com o frio? — perguntou o garoto, olhando de soslaio para ele. — É só pedir.

Nathaniel não respondeu. A respiração gelava diante do seu rosto.

O *djinni* aproximou-se um pouco mais.

— Eu poderia acender uma fogueira — disse ele. — Bem quentinha. Tenho um grande controle sobre esse elemento. Veja! — Brilhou uma chama minúscula no centro da palma da sua mão. — Toda esta madeira aqui, se estragando... O que acha que era este lugar? Uma biblioteca? Acho que sim. Não creio que os co-

muns estejam autorizados a continuar a ler, não acha? Normalmente é o que acontece. — A chama cresceu um pouco. — Basta pedir, ó meu amo. Seria assim, uma espécie de favor. É para isso que servem os amigos.

Os dentes de Nathaniel batiam na sua cabeça. Mais do que qualquer outra coisa — mais até do que a fome que lhe atacava a barriga como um cão —, precisava de calor. A pequena chama dançou e rodopiou.

— Sim — respondeu com voz rouca. — Acenda-me uma fogueira.

A chama extinguiu-se imediatamente. O garoto carregou o cenho.

— Ora, *isso* não foi nada delicado.

Nathaniel fechou os olhos e soltou um suspiro.

— *Por favor.*

— Assim está melhor. — Uma pequena faísca saltou e acendeu uma pilha de madeira nas proximidades. Nathaniel arrastou-se até lá e aninhou-se a seu lado, com as mãos a centímetros das chamas.

Durante alguns minutos, o *djinni* permaneceu calado, andando para cá e para lá pelo cômodo. A sensação voltou lentamente aos dedos de Nathaniel, apesar do seu rosto permanecer entorpecido. Percebeu então que o *djinni* voltara a se aproximar, e estava acocorado, espevitando ociosamente a fogueira com um pedaço de madeira.

— Qual é a sensação? — perguntou. — Derretendo maravilhosamente, espero. — Aguardou cortesmente por uma resposta, mas Nathaniel não respondeu. — Vou te dizer uma coisa — prosseguiu o *djinni,* em tom de conversa —, é um espécime interessante. Conheci alguns magos no meu tempo, e não há muitos que sejam tão suicidas como você. A maioria acharia que ir a um poderoso inimigo e dizer que lhe afanou o seu tesouro, não era uma idéia nada inteligente. Especialmen-

te quando está completamente indefeso. Mas você? Resolveu tudo logo, no mesmo dia.

— Tinha que ser — respondeu Nathaniel, laconicamente. Não lhe apetecia falar.

— Mmm. Sem dúvida tinha um plano brilhante, que nem eu, nem Lovelace, conseguimos descobrir até agora. Importa-se de me dizer qual era?

— Cale-se!

O *djinni* franziu o nariz.

— Era esse o teu plano? Simples, é o que posso te dizer. Mesmo assim, não se esqueça de que era a minha vida que estava arriscando, lá atrás, quando representou a tua estranha convulsão de consciência. — Estendeu a mão para o fogo e retirou um carvão em brasa, que segurou entre o indicador e o polegar, com ar pensativo. — Uma vez já tive um amo como você. Apresentava a mesma teimosia de jumento, raramente agia no seu melhor interesse. Não durou muito. — Suspirou, voltou a atirar a brasa para as chamas. — Esquece... tudo está bem quando acaba bem.

Pela primeira vez, Nathaniel olhou para o *djinni.*

— Tudo está *bem?*

— Está vivo. Isso não conta como bom?

Por um instante, Nathaniel viu o rosto de Mrs. Underwood a observá-lo da fogueira. Esfregou os olhos.

— Detesto dizer isto — acrescentou o *djinni* —, mas Lovelace tinha razão. Não estava de todo em si, ontem à noite. Os magos não agem daquela maneira. Felizmente que eu estava lá para te salvar. Portanto... para onde vai, agora? Praga?

— O quê?

— Bem, Lovelace sabe que fugiu. Andará à tua procura — e você já viu do que ele é capaz para silenciá-lo. A tua única esperança é desaparecer de cena e dei-

xar Londres definitivamente. Seria mais seguro o estrangeiro. Praga.

— Por que eu haveria de ir para Praga?

— Os magos de lá poderiam ajudá-lo. Bela cerveja, também, segundo me disseram.

Nathaniel esboçou desdém.

— Não sou nenhum traidor.

O garoto encolheu os ombros.

— Se não quer ir, então resta-lhe uma nova vida apagada, aqui. Há muitas hipóteses. Deixe-me ver... pelo teu aspecto, diria que carregar peso está fora de questão... é muito franzino. O que exclui também a hipótese de ser operário.

Nathaniel carregou o cenho de indignação.

— Não faço tenções...

O *djinni* ignorou-o.

— Mas podia tirar partido do teu tamanho. Sim! Ajudante de limpador de chaminés, é isso. Eles precisam sempre de garotos novos para subir pelas chaminés.

— Espere! Eu não vou...

— Ou podia tornar-se aprendiz de desentupidor de canos de esgoto. Arranja uma escova de cerdas, um gancho e um chupador de borracha, depois enfie-se pelos túneis mais apertados à procura de bloqueios.

— Eu não vou...

— Há um mundo de oportunidades, lá fora! E todas elas melhores do que ser um mago morto.

— Cale-se! — O esforço de elevar a voz fez com que Nathaniel sentisse a cabeça prestes a abrir-se ao meio. — Não preciso das tuas sugestões! — Levantou-se, vacilante, os olhos chispando de raiva.

O sarcasmo do *djinni* penetrara no seu cansaço e dor para desencadear uma fúria mal contida que o consumiu subitamente. Brotou da sua culpa, do seu choque

e da sua angústia moral e usou-os para alimentá-la. Lovelace dissera que a honra era algo que não existia, que todo mago agia apenas no seu próprio interesse. Muito bem. Nathaniel interpretaria a palavra dele ao pé da letra. Não voltaria a cometer semelhante deslize.

Mas Lovelace cometera um erro. Subestimara o seu inimigo. Chamara Nathaniel de fraco, depois tentara matá-lo. E Nathaniel sobrevivera.

— Quer que eu vá embora? — gritou. — Não posso! Lovelace assassinou a única pessoa que gostava de mim... — Deteve-se: houvera uma falha na sua voz, mas os olhos continuavam secos.

— Underwood? Deve estar de gozação?! Ele te detestava! Era um homem de juízo!

— Estou a me referir à mulher dele. Quero justiça por ela. Vingança pelo que ele fez.

O efeito destas palavras vibrantes foi ligeiramente afetado pelo *djinni* a mandá-lo sonoramente às favas. Levantou-se, abanando a cabeça, pesaroso, como se vergado pela sua imensa sabedoria.

— O que você pretende não é justiça, garoto. É esquecimento. Tudo o que tinha ardeu no incêndio de ontem à noite. Por isso, agora não tem nada a perder. Consigo ler os teus pensamentos como se fossem meus: quer enfrentar Lovelace no esplendor da glória.

— Não. Quero justiça.

O *djinni* soltou uma gargalhada.

— Vai ser *tão* fácil, seguir o teu mestre e a mulher dele até à escuridão, muito mais fácil do que começar de novo. Teu orgulho domina a tua cabeça. Não aprendeu nada com o que aconteceu? Não está à altura dele, Nat. Desista.

— Nunca.

— Nem sequer está em causa já não ser realmente um mago. — Apontou para as paredes a desmo-

ronarem-se. — Olhe à sua volta. Onde estamos? Isto não é uma cômoda casa urbana, cheia de livros e papéis. Onde estão as velas? Onde está todo o incenso? Onde está o *conforto!* Quer queira, quer não, Nathaniel, perdeu tudo aquilo de que um mago necessita. Riqueza, segurança, amor-próprio... Sejamos realistas, não tem nada.

— Tenho a minha bola de cristal — obstinou-se Nathaniel. — E tenho você. — Apressadamente, sentou-se ao lado da fogueira. O frio do cômodo penetrava-o até os ossos.

— Ah, sim, já íamos chegar lá. — O *djinni* começou a arranjar espaço entre os detritos do chão com a parte lateral da bota. — Quando estiver um pouco mais calmo, vou trazer-lhe um pouco de giz. Depois pode desenhar-me um círculo aqui e libertar-me.

Nathaniel pôs-se a olhá-lo fixamente.

— Concluí a minha missão — continuou o garoto. — E mais, muito mais. Espiei Lovelace para você. Descobri coisas sobre o Amuleto. Salvei-lhe a vida.

Nathaniel sentiu a cabeça estranhamente leve, como se estivesse cheia de pano.

— Por favor! Não tenha pressa em agradecer-me! — prosseguiu o garoto. — Só iria me deixar embaraçado. Tudo o que quero é que desenhe o pentagrama. Não preciso de mais nada.

— Não — retorquiu Nathaniel. — Por enquanto não.

— Perdão?! — replicou o garoto. — Devo estar ouvindo mal, devido àquele salvamento dramático que organizei ontem à noite. Pareceu-me que tinha dito não.

— Disse. Não vou te libertar. Por enquanto, não.

Instalou-se um silêncio pesado. Enquanto Nathaniel olhava, a sua pequena fogueira começou a diminuir, como se estivesse a ser sugada através do chão. Com pequenos ruídos estralejantes, começou a for-

mar-se gelo nos pedaços de madeira que um momento antes tinham ardido magnificamente. O frio empolou-lhe a pele. A respiração tornou-se áspera e difícil.

Endireitou-se, vacilante.

— Pare com isso! — arfou. — Traga de volta o fogo.

Os olhos do *djinni* chisparam.

— É para o teu próprio bem — disse. — Acabei de me dar conta do quanto estava sendo imprudente. Você não vai querer ver outro incêndio... depois daquele que causou na noite passada. Ficaria com um peso enorme na consciência.

Surgiram imagens trêmulas diante dos olhos de Nathaniel: as chamas irrompendo da cozinha em ruínas.

— Não fui eu que desencadeei o incêndio — murmurou. — A culpa não foi minha.

— Não? Você escondeu o Amuleto. Você tramou contra Underwood.

— Não. Eu não pretendia que Lovelace viesse. Foi por segurança...

O garoto escarneceu.

— Claro que foi... *a tua* segurança.

— Se Underwood tivesse algum préstimo, teria sobrevivido! Teria combatido Lovelace... dado o alarme!

— Você não acredita nisso. Sejamos sinceros: *você* matou a ambos.

O rosto de Nathaniel contorceu-se de fúria.

— Eu ia denunciar Lovelace! Ia apanhá-lo com o Amuleto, mostrá-lo às autoridades!

— E depois? Chegou tarde demais. Fracassou.

— Graças a você, demônio! Se não o tivesse conduzido até a casa, nada disto teria acontecido! — Nathaniel agarrou-se a esta idéia como um homem a afogar-se. — A culpa é toda sua e vou retribuir! Acha que será liberto um dia? Pense bem! Vai ficar prisionei-

ro para sempre. É Prisão Perpétua para você!

— Ah é? Nesse caso — o falso garoto avançou e ficou subitamente muito próximo —, poderia matá-lo agora mesmo. O que tenho a perder? Estarei na lata de qualquer maneira, mas pelo menos terei a satisfação de te torcer primeiro o pescoço. — A sua mão assentou suavemente no ombro de Nathaniel.

Nathaniel ficou com a pele arrepiada. Resistiu à tentação avassaladora de se afastar e correr, e fitou os olhos escuros e vagos.

Durante um longo momento, nenhum deles disse nada.

Por fim, Nathaniel lambeu os lábios secos.

— Não será necessário — proferiu com voz empastada. — O libertarei antes do mês acabar.

O *djinni* aproximou-se mais.

— Liberte-me *agora*.

— Não. — Nathaniel engoliu em seco. — Primeiro temos trabalho a fazer.

— Trabalho? — Carregou o cenho; a mão dele acariciou-lhe o ombro. — Que trabalho? O que há a fazer?

Nathaniel esforçou-se por permanecer imóvel.

— O meu mestre e a mulher morreram. Tenho que vingá-los. Lovelace tem que pagar pelo que fez.

A boca murmurante estava agora muito próxima, mas Nathaniel não sentia qualquer bafo no seu rosto. — Mas eu te disse. Lovelace é muito poderoso. Não pode esperar vencê-lo. Esquece o assunto, como eu faço. Liberte-me e esquece os teus problemas.

— Não posso.

— Mas porquê?

— Eu... eu devo ao meu mestre. Ele era um bom homem...

— Não era, não. Isso não chega a ser razão. —

O *djinni* murmurou diretamente no ouvido dele. — Não são a justiça nem a honra que te movem, garoto, mas sim a culpa. Não consegue aceitar as conseqüências dos teus atos. Tenta afogar o que fez ao teu mestre e à mulher dele. Bem, se é assim que os humanos escolhem sofrer, que seja. Mas não me envolva no assunto.

Nathaniel falou com uma firmeza que não sentia.

— Até o mês terminar, vai obedecer-me, se quiser a tua liberdade.

— Ir atrás de Lovelace equivale praticamente ao suicídio, em qualquer um dos casos — o teu e o meu. — O garoto sorriu de modo desagradável. — Assim sendo, continuo a não ver por que não posso matá-lo agora...

— Haverá sempre maneiras de denunciá-lo! — Nathaniel não conseguiu se controlar; estava falando muito depressa. — Só precisamos pensar com muito cuidado. Vou fazer um acordo contigo. Ajude-me a vingar-me de Lovelace e o libertarei imediatamente a seguir. Não podem existir dúvidas nas nossas posições. Está no interesse de ambos triunfar.

Os olhos do *djinni* brilharam.

— Como sempre, um acordo de uma justeza muito louvável, ditado por alguém numa posição de poder desigual. Muito bem. Não tenho escolha. Mas, se em qualquer altura colocar qualquer um de nós em risco desnecessário, fica avisado — vingar-me-ei primeiro.

— Concordo.

O garoto recuou e libertou o ombro de Nathaniel. Nathaniel afastou-se, de olhos arregalados, respirando com dificuldade. Cantarolando baixinho, o *djinni* aproximou-se da janela, reacendendo a fogueira com indiferença, ao passar. Nathaniel fez um esforço para se acalmar, para recuperar o controle. Invadiu-o outra onda de tristeza, mas não sucumbiu. Não tinha tempo para

isso. Tinha de se mostrar forte diante do seu escravo.

— Muito bem, então, amo — disse o *djinni*. — Esclareça-me. Diga-me o que vamos fazer.

Nathaniel manteve a voz o mais firme que pôde.

— Primeiro, preciso de comida, e talvez de roupas novas. Depois temos de reunir as nossas informações sobre Lovelace e o Amuleto. Precisamos também de saber o que pensam as autoridades sobre... sobre o que aconteceu a noite passada.

— Essa é mais fácil — redargüiu Bartimaeus, apontando pela janela. — Olhe lá fora.

32

— *Times!* Edição da manhã!

O jornaleiro empurrou a sua padiola lentamente pela calçada, parando sempre que os transeuntes atiravam moedas na sua direção. A multidão era densa e o progresso do garoto, lento. Mal conseguira chegar à padaria quando Nathaniel e Bartimaeus saíram do beco ao lado da biblioteca abandonada e atravessaram a rua ao encontro dele.

Nathaniel ainda tinha no bolso os restos do dinheiro que roubara do recipiente de Mrs. Underwood, alguns dias antes. Olhou para a padiola: estava cheia até em cima de exemplares do *The Times* — o jornal oficial do Governo. O próprio jornaleiro usava um boné grande, de tecido axadrezado, luvas com os dedos cortados e um sobretudo escuro que lhe chegava quase aos joelhos. Tinha as pontas dos dedos roxas do frio. De vez em quando soltava o mesmo pregão rouco: — *Times!* Edição da manhã!

Nathaniel tinha pouca experiência de lidar com os comuns. Chamou o garoto com a sua voz mais grave e peremptória.

— *The Times.* Quanto é?

— Quarenta *pence,* garoto. — Com frieza, Nathaniel entregou os trocos e recebeu por sua vez o jornal. O jornaleiro olhou para ele, primeiro sem qualquer curiosidade e depois com o que parecia um interesse súbito e intenso. Nathaniel fez menção de seguir, mas o garoto dirigiu-se a ele.

— Parece pra baixo hein — disse-lhe, em tom animado. — Andou na rua a noite toda?

— Não. — Nathaniel adotou uma expressão austera, que esperava vir a desencorajar mais curiosida-

de.

Não adiantou.

— Claro que não andou, claro que não andou — retorquiu o jornaleiro. — E não o culpo por não admiti-lo, se tivesse andado. Mas deveria ter cuidado com o recolher obrigatório. A polícia anda bisbilhotando mais do que o de costume.

— Que recolher obrigatório é este? — perguntou o *djinni*.

O garoto arregalou os olhos.

— Por onde tem estado, meu? Depois daquele maldito ataque no Parlamento, há um recolher obrigatório todas as noites, às oito horas, esta semana. Não servirá de nada, mas as esferas de busca andam por aí, e a Polícia Noturna também, por isso terá que se esconder em algum lugar antes que te encontrem e te comam. Parece que tiveram sorte, até agora. Olhem lá — eu podia arranjar um bom lugar para passarem a noite, se precisarem. É um lugar seguro e o ideal — fez uma pausa, olhou para um lado e para o outro da rua, e baixou a voz —, é se tiverem algo que possam querer vender.

Nathaniel olhou para ele inexpressivamente.

— Obrigado. Não tenho.

O garoto coçou a nuca.

— Como queira. Bem, não posso ficar aqui de conversa. Alguns de nós têm de trabalhar. Vou vazar. — Agarrou os cabos da padiola e afastou-se, mas Nathaniel reparou que ele os olhou por cima do ombro mais de uma vez.

— Estranho — comentou Bartimaeus. — O que era aquilo?

Nathaniel encolheu os ombros. Já afastara-o da sua mente.

— Vá me arranjar alguma comida e roupas mais

quentes. Vou voltar para a biblioteca e ler isto.

— Muito bem. Tente não se meter em apuros durante a minha ausência. — O *djinni* virou-se e avançou para o meio da multidão.

O artigo vinha na segunda página, ensanduichado entre o pedido mensal do Ministério de Emprego de novos aprendizes e uma breve referência à campanha italiana. Tinha três colunas. Referia com pesar as mortes num gigantesco incêndio do Ministro da Administração Interna, Arthur Underwood, e de sua mulher, Martha. O fogo começara aproximadamente às 22hl5m e só fora totalmente extinto três horas depois pelas equipes de bombeiros e os magos do serviço de emergência, altura em que todo o edifício ficara completamente destruído. Duas casas vizinhas tinham sido seriamente afetadas, e os seus ocupantes evacuados para um local seguro. Desconheciam-se as causas do incêndio, mas a polícia desejava interrogar o aprendiz de Mr. Underwood, John Mandrake, de doze anos, cujo corpo não fora resgatado. Alguns testemunhos confusos diziam que ele fora visto fugindo do local. Mandrake possuía um humor instável, segundo algumas afirmações; sabia-se que atacara vários magos proeminentes no ano anterior e alertava-se o público para se aproximar dele com cautela. A morte de Mr. Underwood, concluía o artigo, fora uma perda lamentável para o Governo; desempenhara o cargo com talento toda a sua vida e dera muitas contribuições significativas, nenhuma das quais o jornal tinha espaço para descrever.

Sentado por baixo das janelas, Nathaniel deixou cair o jornal. A cabeça pendeu-lhe sobre o peito; fechou os olhos. Ver ali, preto no branco, a confirmação do que ele já sabia, atingiu-o como um novo soco. Sentiu uma vertigem, desejando que as lágrimas viessem, mas a sua dor manteve-se reprimida, esquiva. Estava muito

cansado fosse para o que fosse. Tudo o que queria era dormir...

Uma bota tocou-lhe, nada de mansinho. Sobressaltou-se e acordou.

O *djinni* estava por cima dele, sorrindo. Trazia um saco de papel do qual se elevava um vapor promissor. A fome natural venceu a dignidade de Nathaniel — agarrou bruscamente no saco, quase entornando no colo o copo de poliestireno com café. Para seu alívio, por baixo do copo estavam duas embalagens muito bem embrulhadas em papel à prova de gordura, contendo cada uma delas um sanduíche de bife quente com salada. Pareceu a Nathaniel que nunca comera nada nem de longe tão bom, em toda a sua vida. Em dois minutos certinhos, ambos os sanduíches tinham desaparecido e segurava o café sobre os joelhos com os seus dedos gelados, respirando com dificuldade.

— *Que* espetáculo — comentou o *djinni*. Nathaniel sorveu o café.

— Como é que arranjou isto?

— Roubei. Mandei o empregado da pastelaria preparar tudo, depois fugi com o saco enquanto ele estava na caixa. Nada bonito. Chamaram a polícia.

Nathaniel gemeu.

— Era só o que nos faltava.

— Não se preocupe. Eles andarão à procura de uma mulher alta e loura com casaco de peles. Por falar nisso — apontou para um pequeno monte, nos detritos do chão —, encontrará ali roupas melhores. Casaco, calças, chapéu e luvas. Espero que te sirvam. Escolhi os menores tamanhos que encontrei.

Alguns minutos depois, Nathaniel estava melhor alimentado, melhor vestido e parcialmente reanimado. Sentara-se ao lado da fogueira e aquecia-se. O *djinni* acocorou-se ali perto, olhando para as chamas.

— Pensam que fui eu. — Nathaniel indicou o jornal.

— Bem, o que é que esperava? Lovelace não vai se entregar, não é? Qual o mago que faria semelhante estupidez? — Bartimaeus olhou-o expressivamente. — A razão de desencadear o incêndio foi para ocultar quaisquer vestígios da sua visita. E como não conseguiu te matar, preparou tudo para que fosse dado como culpado.

— A polícia anda atrás de mim.

— Pois é. A polícia por um lado, Lovelace por outro. Ele irá mandar os seus batedores para tentar localizar-te. Um belo movimento em tesoura. É isso que ele pretende: mantê-lo em fuga, isolado, sem dar dores de cabeça.

Nathaniel rangeu os dentes.

— É o que vamos ver. E se eu fosse à polícia? Eles podiam revistar a casa de Lovelace, encontrar o Amuleto...

— Acha que vão te dar ouvidos? É um homem procurado. Uso «homem» no sentido mais amplo possível, como é óbvio. Mesmo que não fosse, eu teria cautela em relação a contatar as autoridades. Lovelace não está agindo sozinho. Há o mestre dele, Schyler...

— Schyler? — Claro... o velho mirrado, de rosto vermelho. — Schyler é o mestre dele? Sim... conheço-o. Ouvi-o falando do Amuleto no Parlamento. Há também um outro, chamado Lime.

O *djinni* anuiu.

— Isso pode perfeitamente ser a ponta do iceberg. Fui perseguido por uma grande quantidade de esferas de busca quando roubei o Amuleto naquela primeira noite — foi obra de vários magos. Se se tratar de uma conspiração, e você for às autoridades, não pode ter certeza de que alguém num cargo de poder não vai

avisá-los ou matá-lo antes. Por exemplo, Sholto Pinn, o comerciante de artefatos, pode estar metido nisto. Ele é um dos amigos mais chegados de Lovelace e, na verdade, ainda ontem estava almoçando com ele. Descobri pouco antes de ser inevitavelmente detido na loja de Pinn.

A raiva de Nathaniel disparou.

— Você foi muito imprudente! Eu pedi que investigasse Lovelace, não que me pusesse em perigo!

— Calma, calma. Era precisamente isso que eu estava fazendo. Foi na loja de Pinn que descobri coisas sobre o Amuleto. Lovelace mandou roubá-lo de um mago do Governo chamado Beecham, a quem um ladrão cortou a garganta. O Governo o quer de volta a todo o custo. Teria sabido mais coisas, mas apareceu um *afrit* e levou-me para a Torre.

— Mas você fugiu. Como?

— Ah, bem, essa foi a parte interessante — prosseguiu Bartimaeus. — Foi Lovelace quem me tirou de lá. Ele deve ter sabido por Pinn ou alguém que um *djinni* de virtuosismo incrível fora capturado e adivinhou logo que era eu, o ladrão do seu Amuleto. Enviou os seus *djinn* Faquarl e Jabor numa missão de salvamento... uma empresa extremamente arriscada. Por que acha que ele fez isso?

— Queria o Amuleto, claro.

— Exatamente... e precisa usá-lo em breve. Ele adiantou-nos isso ontem à noite. Faquarl referiu-se a mesma coisa: vai ser usado para algo grande, daqui a poucos dias. O tempo é curto.

Uma lembrança meio enterrada agitou-se na mente de Nathaniel.

— Alguém no Parlamento disse que Lovelace ia dar um baile, ou uma conferência, em breve. Num lugar fora de Londres.

— Sim, também sei disso. Lovelace tem uma mulher, namorada ou conhecida chamada Amanda. É ela quem está organizando a conferência, numa mansão qualquer. O Primeiro-Ministro estará presente. Vi essa Amanda na casa de Lovelace quando roubei o Amuleto. Ele estava esforçando-se por fasciná-la — portanto não é mulher dele. Duvido até que se conheçam há muito tempo.

Nathaniel ponderou por um momento.

— Escutei Lovelace a dizer a Schyler que queria cancelar a conferência. Isso foi quando não tinha o Amuleto.

— Sim. Mas agora ele recuperou-o.

Outro acesso de raiva fria deixou a cabeça de Nathaniel girando.

— O Amuleto de Samarcanda. Descobriu as suas propriedades?

— Um pouco mais do que aquilo que sempre soube. Há muito que tem fama de ser um objeto de enorme poder. O xamã que o fez era realmente um mago poderoso, muito mais do que qualquer um da tua gente fútil. A tribo dele ou dela não tinha livros nem pergaminhos: os seus conhecimentos eram transmitidos apenas oralmente, de acordo com as reminiscências. De qualquer forma, o Amuleto protege quem o usa de um ataque mágico — é tão simples quanto isso. Não é um talismã — não pode ser usado agressivamente para matar os seus rivais. Só funciona como proteção. Todos os amuletos...

Nathaniel interrompeu bruscamente.

— Não me venha com lições! Eu sei o que fazem os amuletos.

— Estava só me certificando. Não sei o que ensinam aos garotos, hoje em dia. Bem, testemunhei um pouco dos poderes do Amuleto quando estava deixan-

do-o para incriminar o velho, no gabinete de trabalho de Underwood, em teu lugar.

O rosto de Nathaniel contorceu-se.

— Eu não estava deixando-o para incriminar ninguém!

— Claro que não. Mas ele superou praticamente sem problemas um feitiço de fogo relativamente fraco. Absorveu-o sem mais nem menos — desapareceu. E repeliu também o ataque fraco de Underwood ontem à noite, como poderia ter visto enquanto se debatia debaixo do meu braço. Um dos meus informantes disse que consta que o Amuleto contém uma entidade do âmago do Outro Lugar: se for assim, é muito poderoso mesmo.

Os olhos de Nathaniel ardiam. Mais do que qualquer outra coisa, precisava dormir.

— Qualquer que seja a capacidade exata do Amuleto — continuou o *djinni* —, é evidente que Lovelace vai usá-lo nos próximos dias, naquela conferência que preparou. Como? É difícil adivinhar. Porquê? É fácil. Ele vai tomar o poder. — Bocejou. — A *mesma* história de sempre.

Nathaniel praguejou.

— Ele é um renegado, um traidor!

— Ele é um mago normal. E você é igualzinho a ele.

— O quê? Como se atreve! Olha que eu...

— Bem, talvez ainda não. Mas dê-se mais alguns anos. — O *djinni* parecia um pouco enfadado. — Então, o que se propõe a fazer?

Um pensamento atravessou a mente de Nathaniel.

— Estava pensando... — começou ele. — O Parlamento foi atacado há dois dias. Acha que Lovelace também estava por trás disso?

O *djinni* mostrou-se indeciso.

— Duvido. Muito amador. Também, a julgar pela correspondência de Lovelace, ele e Schyler não estavam contando com nada naquela noite.

— O meu mestre achava que era a Resistência... pessoas que detestam os magos.

Bartimaeus sorriu.

— *Muito* mais provável. Tenha cuidado — eles podem estar desorganizados agora, mas acabarão por apanhá-lo. Acontece sempre. Veja o caso do Egito, veja o caso de Praga...

— Praga está decadente.

— Os *magos* de Praga estão decadentes. Já não dominam. Olhe ali... — Numa zona da biblioteca, as prateleiras apodrecidas tinham caído. As paredes estavam cobertas de camadas de *grafitti* e certos hieróglifos cuidadosamente desenhados. — Pragas do Reino Antigo — disse Bartimaeus. — Temos aqui uma categoria de delinqüente mais informada. «Morte aos Lordes», diz aquele grande. É você, Nattyzinho, se não estou enganado.

Nathaniel ignorou-o; estava tentando organizar as idéias.

— É muito perigoso denunciar Lovelace às autoridades — referiu com lentidão. — Por isso, só há uma alternativa. Eu mesmo irei a conferência e desmascaro ali a conspiração.

O *djinni* tossiu intencionalmente.

— Achei que tínhamos dito alguma coisa a respeito de riscos desnecessários... Tenha cuidado: isso me parece uma idéia suicida.

— Não é, se planejarmos tudo com cuidado. Primeiro precisamos saber onde e quando vai acontecer a conferência. Será complicado... Terá que descobrir essa informação para mim. — Nathaniel praguejou. —

Mas isso levará tempo! Se ao menos eu tivesse alguns livros e o incenso adequado... poderia organizar um e-xército de diabretes para espiar todos os ministros de uma tacada! Não... seriam difíceis de controlar. Ou então poderia...

O *djinni* pegara no jornal e folheava-o.

— Ou então poderia apenas ler a informação aqui impressa.

— O quê?

— Aqui, na Circular do Parlamento. Ouça: «Quarta-feira, dia dois de Dezembro, Heddleham Hall. Amanda Cathcart organiza a Conferência Parlamentar Anual e o Baile de Inverno. Estarão presentes, entre outros, o Altamente Ilustre Rupert Devereux, Angus Nash, Jessica Whitwell, Chloe Baskar, Tim Hildick, Sholto Pinn e outros membros ao nível da elite.»

Nathaniel arrancou-lhe o jornal e analisou-o.

— Amanda Cathcart — tem que ser a namorada de Lovelace. Não há a menor dúvida. Tem que ser.

— Que pena não sabermos onde fica Heddleham Hall!

— A minha bola de cristal irá descobrir. — Nathaniel retirou do bolso o disco de bronze.

Bartimaeus olhou-o de soslaio.

— Duvido. É a coisa mais tosca que já vi.

— Fui eu que a fiz.

— Pois é.

Nathaniel passou duas vezes a mão pelo disco e murmurou a invocação. Depois de chamar pela terceira vez, apareceu o rosto do diabrete, rodando como se estivesse num carrossel. Arqueou uma sobrancelha, ligeiramente surpreendido.

— Ainda não morreu? — perguntou ele.

— Não.

— Que pena.

— Pare de rodar — resmungou Nathaniel. — Tenho uma tarefa para você.

— Espera aí — disse o diabrete, parando subitamente com um chiar. — Quem é esse aí contigo?

— É Bartimaeus, outro dos meus escravos.

— Isso é o que ele queria — contrapôs o *djinni*.

O diabrete franziu o cenho.

— O tal Bartimaeus? O da Torre?

— Sim.

— Ainda não morreu?

— Não.

— Que pena.

— É irritante. — Bartimaeus espreguiçou-se e bocejou. — Diga-lhe que tenha cuidado. Palito os meus dentes com diabretes do tamanho dele.

O bebê fez uma expressão cética.

— Ah, é? Pois eu já comi *djinn* como você no café-da-manhã, meu.

Nathaniel bateu com um pé no chão.

— Querem ambos fazer o favor de se calar e deixar-me dar as ordens? Aqui quem manda sou eu. Muito bem. Diabrete, quero que me mostre o edifício conhecido como Heddleham Hall. Em algum lugar próximo de Londres. Pertence a uma mulher chamada Amanda Cathcart. Vamos! Vai à tua missão!

— Espero que não fique muito longe, essa mansão. O meu cordão astral não é muito comprido, como sabe.

O disco toldou-se. Nathaniel aguardou impacientemente que desanuviasse.

E continuou a aguardar.

— Essa bola de cristal é muito lenta — observou Bartimaeus. — Tem certeza que funciona?

— Claro. É um objetivo difícil, por isso está levando o seu tempo. E não pense também que vai esca-

par assim tão facilmente. Quando encontrarmos a Mansão, quero que vá verificar. Ver se acontece alguma coisa. Lovelace pode estar preparando alguma armadilha.

— Teria de ser bastante discreta, para iludir todos aqueles magos que vão estar lá na quarta-feira. Por que não experimenta sacudi-lo?

— Estou dizendo que funciona! Vê? Aqui vamos nós.

O diabrete reapareceu, esbaforido e respirando com dificuldade, como se estivesse horrivelmente sem fôlego.

— O que se passa contigo? — arfou. — A maior parte dos magos usa as suas bolas para espiar pessoas de quem gosta na ducha. Mas você não, oh não. Isso seria muito fácil. Nunca me aproximei de um lugar que estivesse tão bem guardado. Aquela Mansão é quase tão má quanto a própria Torre. Elos de ativação muito finos, sentinelas que surgem arbitrariamente, tudo. Tive de recuar assim que me aproximei. Esta foi a melhor imagem que consegui.

Uma imagem muito enevoada encheu o centro do disco. Era possível ver um edifício pouco nítido, com vários torreões ou torres, rodeado por um bosque, com um longo acesso que se aproximava lateralmente. Era possível ver dois pontos negros movendo-se rapidamente no céu, por trás do edifício.

— Vê aquelas coisas? — perguntou a voz do diabrete. — Sentinelas. Captaram-me assim que apareci. São elas vindo direto para mim. Rápidas, não são?

A imagem desapareceu; o bebê ocupou o seu lugar.

— Que tal foi?

— Inútil — disse Bartimaeus. — Continuamos sem saber onde fica a Mansão.

— Aí é que se engana. — O rosto do bebê assumiu uma expressão incrivelmente presunçosa. — Fica noventa quilômetros ao sul de Londres e dezesseis quilômetros a oeste da linha férrea de Brighton. Uma propriedade enorme. Não há como se enganar. Posso ser lento, mas sou minucioso.

— Pode ir. — Nathaniel passou a mão sobre o disco, limpando-o de novo. — Agora é conosco — disse. — A quantidade de proteção mágica confirma que deve ser onde vai ser a tal conferência. Quarta-feira... Temos dois dias para chegar lá.

O *djinni* bufou grosseiramente.

— Dois dias até ficarmos de novo à mercê de Lovelace, Faquarl, Jabor e um cento de magos malvados que pensam que é um piromaníaco. Formidável. Estou ansioso.

O rosto de Nathaniel endureceu.

— Fizemos um acordo, lembra-se? Só precisamos de um plano adequado. Vá até Heddleham Hall agora, aproxime-se o máximo que puder e descubra uma maneira de entrar. Esperarei aqui por você. Preciso dormir.

— Realmente, os humanos não tem nenhum vigor. Muito bem, eu vou. — O *djinni* pôs-se em pé.

— Quanto tempo vai demorar?

— Algumas horas. Voltarei antes do anoitecer. Há um recolher obrigatório e as esferas andarão por aí, por isso não deixe este edifício.

— Pare de me dizer o que fazer! Vá logo! Espere... antes de ir, como é que acendo uma fogueira?

Alguns minutos depois, o *djinni* partiu. Nathaniel estendeu-se no chão, próximo das chamas crepitantes. A dor e a culpa assentaram sobre ele como sombras, mas o seu cansaço era mais forte do que as duas juntas.

Em menos de um minuto, estava dormindo.

33

No seu sonho, estava sentado num jardim de Verão com uma mulher a seu lado. Invadia-o uma agradável sensação de paz: ela conversava e ele escutava, e o som da voz dela misturava-se com o canto das aves e a carícia do sol no seu rosto. No seu colo, estava um livro fechado, mas ignorou-o: ou não o lera, ou não pretendia ler. A voz da mulher subia e descia; ele riu-se e sentiu que ela lhe envolvia os ombros com o braço. A seguir, uma nuvem cobriu o sol e o ar arrefeceu bastante. Uma súbita rajada de vento fez abrir a capa do livro e deslocou as páginas com ruído. A voz da mulher tornou-se mais grave; pela primeira vez, olhou na direção dela... Debaixo de uma comprida cabeleira loura, viu os olhos do *djinni,* a sua boca lasciva. A pressão nos seus ombros aumentou, foi atraído para o seu inimigo. A boca deste escancarou-se...

Acordou todo torcido, um dos braços cobrindo o rosto em posição de defesa.

A fogueira apagara-se e a luz estava a desaparecer no céu. A sala da biblioteca estava envolta em sombra. Deviam ter passado várias horas desde que adormecera, mas não se sentia revigorado, apenas rígido e gelado.

Viu as horas à luz da janela. Três e quarenta: o dia quase desaparecera. Bartimaeus ainda não voltara.

Quando o crepúsculo se instalou, homens com varas curvas saíram das lojas e puxaram as grades noturnas sobre a parte da frente das vitrines. Durante vários minutos, os ruídos e estrondos ecoaram pela rua em ambos os sentidos, como pontes levadiças a baixarem num cento de portões de castelos. Acenderam-se as luminárias de luz amarela, uma por uma, e Nathaniel viu finas cortinas serem corridas sobre as janelas por cima

das lojas. Ônibus com as janelas iluminadas passavam ruidosamente; as pessoas andavam apressadamente pelos passeios, ansiosas por chegarem em casa.

E Bartimaeus continuava sem aparecer. Nathaniel andou impacientemente de um lado para o outro, pela sala fria e escura. A demora enfureceu-o. Mais uma vez, sentiu-se impotente, à mercê dos acontecimentos. Tinha sido sempre assim. Em cada crise, desde o primeiro ataque de Lovelace, no ano anterior, ao assassínio de Mrs. Underwood, Nathaniel não fora capaz de reagir — a sua fraqueza saíra-lhe cara demais cada uma das vezes. Mas agora as coisas tinham que mudar. Não havia nada que o prendesse, não tinha nada a perder. Quando o *djinni* voltasse, iria...

— Edição da tarde! Últimas notícias!

A voz chegou-lhe tenuemente da rua a escurecer. Comprimindo a cabeça contra a janela mais à esquerda, viu uma luzinha fraca avançando laboriosamente pela calçada. Pendia de uma vara comprida, por cima de uma padiola oscilante. O jornaleiro estava de volta.

Durante alguns minutos, Nathaniel observou a aproximação do garoto, ponderando cuidadosamente. O mais provável era ser desnecessário comprar outro jornal: pouca coisa teria mudado desde a manhã. Mas *The Times* era o seu único elo com o mundo exterior; lhe daria mais informações — sobre a busca da polícia, ou a conferência. Além disso, enlouqueceria se não fizesse alguma coisa. Remexeu num bolso e contou as moedas. O resultado decidiu-o. Avançando com cuidado à meia luz, foi até às escadas, desceu ao térreo e esgueirou-se pela tábua solta até o beco lateral.

— Um jornal, por favor. — Alcançou o jornaleiro no momento em que ele ia virando uma esquina com a sua padiola, saindo da rua principal. O boné do garoto tinha a pala para trás; uma madeixa de cabelo branco

descia-lhe sobre a testa. Olhou à sua volta e esboçou um sorriso desdentado.

— Você outra vez. Continua nas ruas?

— Um jornal. — Nathaniel teve a impressão de que o garoto o olhava fixamente. Estendeu as moedas com impaciência. — Tudo bem... eu tenho o dinheiro.

— Eu não disse que não tinha, meu. O problema é que já vendi todos. — Indicou o interior vazio da sua padiola. — A tua sorte é o meu colega ainda ter alguns. O giro dele não é tão lucrativo quanto o meu.

— Não tem importância. — Nathaniel virou-se para ir embora.

— Oh, ele logo estará aqui. Não vai demorar. Encontro-me sempre com ele perto do Nag's Head, ao final do dia. Bem ali virando a esquina.

— Bem... — Nathaniel hesitou. Bartimaeus podia voltar a qualquer momento, e ele tinha mandado ficar lá dentro. *Mandado!* Afinal, quem é que mandava aqui? Era só virar a esquina; não haveria problema.

— Está bem — anuiu.

— Legal. Vamos lá, então. — O garoto partiu, a roda da padiola a chiar e trepidar nas pedras irregulares. Nathaniel seguiu ao lado dele.

A rua secundária era menos freqüentada do que a via principal e passaram por eles poucas pessoas antes de chegarem à esquina seguinte. A viela do outro lado era ainda mais sossegada. Lá mais adiante, havia um bar, um edifício baixo e feio de telhado plano e paredes cinzentas ásperas e irregulares. Havia um cavalo igualmente baixo e feio desenhado numa tabuleta mal pintada por cima da porta. Nathaniel ficou desconcertado ao reparar numa pequena esfera de vigilância pairando discretamente ao lado dela.

O jornaleiro pareceu perceber a hesitação de Nathaniel.

— Não se preocupe; não vamos nos aproximar do espião. Só vigia a porta. Mas veja, não adianta nada. Todo mundo que vai ao Nag's Head entra pelos fundos. Pronto, aqui está o velho Fred.

Um beco estreito partia da viela, em diagonal, entre duas casas, e à sua entrada estava estacionada outra padiola. Por trás dela, nas sombras do beco, um jovem alto, vestindo um blusão de couro preto, encontrava-se encostado à parede. Estava comendo uma maçã metodicamente e olhava-os por baixo das pálpebras semicerradas.

— Olá, Fred — saudou o jornaleiro calorosamente. — Trouxe um amigo para te ver.

Fred nada disse. Deu uma dentada gigante na maçã, mastigou-a devagar com a boca ligeiramente aberta, e engoliu. Mirou Nathaniel de alto a baixo.

— Ele anda à procura da edição da tarde — explicou o garoto.

— Ah, anda? — disse Fred.

— Sim, vendi tudo. E é aquele de quem te falei e tudo isso — apressou-se o jornaleiro a acrescentar. — Tem o dinheiro com ele.

Ante isto, Fred endireitou-se, espreguiçou-se, atirou o resto da maçã para o beco e virou-se de frente para eles. O seu blusão de couro chiou quando se moveu. Nathaniel dava-lhe apenas pelos ombros, além de que o outro era mais corpulento também; uma infinidade de sardas no queixo e nas faces não conseguia apagar o seu ar ligeiramente ameaçador. Nathaniel sentiu-se um pouco incomodado, mas endireitou-se e falou com toda a confiança brusca possível.

— Bem, tem um jornal? Não quero perder tempo.

Fred olhou para ele.

— Também me acabaram — disse.

— Não tem importância. Não precisava realmente dele. — Nathaniel estava excessivamente ansioso por ir embora dali.

— Espera aí — Fred estendeu uma mão grande e agarrou-o por uma manga. — Não precisa se mandar tão depressa. Ainda não está na hora do recolher obrigatório.

— Largue-me! Deixe-me ir! — Nathaniel tentou libertar-se. A sua voz soou tensa e estridente.

O jornaleiro deu-lhe uma palmada amigável nas costas.

— Não entre em pânico. Não queremos encrencas. Não temos ar de magos, não é? Muito bem. Só queremos fazer algumas perguntas. Não queremos, Fred?

— Isso mesmo. — Fred parecia não fazer qualquer esforço, mas Nathaniel sentiu-se levado pelo beco, deixando de ver o bar ao seguir pela rua. Esforçou-se por reprimir o seu receio crescente.

— O que você quer? — perguntou. — Não tenho dinheiro.

O jornaleiro riu-se.

— Não estamos tentando te assaltar, cara. Só algumas perguntas, como disse. Como se chama?

Nathaniel engoliu em seco.

— Hum... John Lutyens.

— Lutt-yens? Somos de boa família, hein? Mas, afinal, o que faz por estas bandas, John? Onde fica a tua casa?

— Aah, Highgate. — Assim que o disse, percebeu que fora um erro.

Fred assobiou. O tom de voz do jornaleiro era cortesmente cético.

— *Muito* chique. É nessa parte da cidade que moram os magos, John. É um mago?

— Não.

— Então e o teu amigo?

Nathaniel ficou momentaneamente atrapalhado.

— O meu... o meu amigo?

— O garoto moreno bem-apessoado, com quem estava esta manhã.

— Ele? Bem-apessoado? É apenas alguém que encontrei. Não sei onde foi.

— Onde arranjou essas roupas novas?

Aquilo foi demais para Nathaniel agüentar.

— Mas o que vem a *ser* isto? — perguntou bruscamente. — Não tenho que responder a este interrogatório! Deixem-me em paz! — A arrogância voltara, em parte, aos seus modos. Não fazia tenções de ser interrogado por dois comuns — toda a situação era absurda.

— Acalme-se — disse o jornaleiro. — Só estamos interessados em você... e naquilo que tem dentro do casaco.

Nathaniel pestanejou. Tudo o que tinha no bolso era a bola de cristal, e ninguém o vira usando-a, tinha certeza. Só a tirara uma vez na biblioteca.

— No meu casaco? Não tem nada lá dentro.

— Tem sim — disse Fred. — Stanley sabe; não sabe, Stanley?

O jornaleiro anuiu.

— Sei.

— Ele está mentindo, se diz que viu alguma coisa.

— Oh, eu não *vi* — disse o garoto.

Nathaniel carregou o cenho.

— Está dizendo tolices. Largue-me, por favor. — Isto era insuportável! Se ao menos Bartimaeus estivesse por perto, podia ensinar a estes comuns o significado de respeito.

Fred olhou de soslaio para o relógio, no escuro

do beco.

— Tenho que ir andando por causa do recolher obrigatório, Stanley. Quer que lhe tire?

O jornaleiro suspirou.

— Olha, John — disse pacientemente. — Só queremos ver o que roubou, é tudo. Não somos policiais nem magos, por isso não precisa ficar com rodeios. E, quem sabe?... Talvez possamos recompensá-lo. O que iria fazer com isso, afinal? Usá-lo? Portanto, mostre-nos o que tem no bolso da esquerda. Senão, terei que deixar o velho Fred atuar.

Nathaniel viu que não tinha escolha. Levou a mão ao bolso, retirou o disco e entregou-o, sem abrir a boca.

O jornaleiro examinou a bola de cristal à luz da sua lanterna, virando-a e revirando-a nas mãos.

— O que lhe parece, Stanley? — perguntou Fred.

— Moderno — respondeu por fim. — *Muito* tosco. Uma peça de fabricação caseira, eu diria. Nada de especial, mas vale a pena ter. — Estendeu-a a Fred, para que este a examinasse.

Uma suspeita tomou forma súbita na mente de Nathaniel. A recente onda de roubos de artefatos andava a preocupar muito os ministros. Devereux mencionara-o no seu discurso, enquanto que o seu mestre associara os crimes à misteriosa Resistência que atacara o Parlamento dois dias antes. Pensava-se que os comuns haviam efetuado os roubos, e que os objetos mágicos eram depois postos à disposição dos inimigos do Governo... Nathaniel lembrou-se do jovem de olhar cruel no terraço de Westminster Hall, da esfera de elementos a girar pelo ar. Talvez estivesse aqui a prova em primeira mão da Resistência em ação. Seu coração bateu acelerado. Tinha de ir com muita cautela.

— É... é valioso? — perguntou.

— Sim — respondeu Stanley. — E útil, nas mãos certas. Como é que o arranjou?

Nathaniel pensou rapidamente.

— Tem razão — disse ele. — Eu, aah... eu o roubei. Estive em Highgate (obviamente que não vivo lá) e passei por uma casa grande. Havia uma janela aberta, e vi algo brilhando na parede lá dentro. Então entrei rapidamente e trouxe-o. Ninguém me viu. Achei que talvez pudesse vendê-lo mais tarde, é tudo.

— Tudo é possível, John — respondeu o jornaleiro. — Tudo é possível. Sabe o que faz?

— Não.

— É um disco divinatório de mago, ou bola de cristal. Algo dessa natureza.

Nathaniel estava ganhando confiança. Ia ser bem fácil enganá-los. Sua boca abriu-se no que imaginou ser de espanto estupefato de um comum.

— O quê... pode ver-se o futuro nela?

— Talvez.

— Sabe trabalhar com ela?

Stanley cuspiu violentamente contra a parede.

— Seu sacana descarado! Devia meter-lhe um soco por isso.

Nathaniel recuou, confuso.

— Desculpe, não queria... Bem, hum, se é valiosa, conhece alguém que esteja interessado em comprá-la? É que preciso desesperadamente de dinheiro.

Stanley olhou para Fred, que anuiu lentamente.

— Está com sorte! — disse Stanley, em tom animado. — Fred está interessado, e eu alinho sempre aqui com o velho Fred. Conhecemos alguém que talvez possa pagar bem, e talvez ajudá-lo, se estiver numa maré de azar. Vem conosco e podemos combinar um encontro.

Isto era interessante, mas inconveniente. Não

podia ficar dando voltas por Londres para um encontro desconhecido — já estava longe da biblioteca há tempo demais. Era mais importante ir à conferência de Lovelace. Além disso, precisava de Bartimaeus consigo, se queria envolver-se com estes criminosos. Nathaniel abanou a cabeça.

— Agora não posso ir — disse. — Diga-me quem é, ou onde tenho que ir, e encontro-me lá mais tarde contigo.

Os dois jovens olharam para ele com ar inexpressivo.

— Lamento — respondeu Stanley. — Não é esse tipo de encontro... e também não é esse tipo de pessoa. O que pode ter de tão importante para fazer, hein?

— Tenho que ir... hum... encontrar com o meu amigo. — Praguejou em silêncio. Asneira.

Fred mudou de posição; o seu blusão chiou.

— Acabou de dizer que não sabia quem ele era.

— Aah, sim... preciso encontrá-lo.

Stanley olhou para o relógio.

— Lamento, John. É agora ou nunca. O teu amigo pode esperar. Achei que quisesse vender esta coisa.

— Quero, mas não esta noite. Estou realmente interessado no que sugeriu. Só que não posso fazer agora. Escuta, encontro-me contigo aqui, amanhã. Na mesma hora, no mesmo lugar. — Agora estava ficando desesperado, falando depressa demais. Sentia a crescente suspeita e incredulidade deles; tudo o que importava era afastar-se o mais rapidamente possível dali.

— Não dá. — O jornaleiro compôs decididamente o boné. — Não creio que vamos conseguir nada aqui, Fred. O que me diz de vazarmos?

Fred anuiu. Incrédulo, Nathaniel viu-o guardar a bola de cristal no bolso do blusão. Soltou um berro de

raiva.

— Hei! Isso é meu! Devolva-o!

— Perdeu sua oportunidade, John... *se é* que esse é o seu nome. Some daqui. — Stanley agarrou sua padiola. Fred deu um empurrão em Nathaniel que o atirou de costas contra as pedras da parede.

Com isso, Nathaniel sentiu a inibição dissolver-se: com um grito estrangulado, caiu sobre Fred, agredindo-o com os punhos e desferindo pontapés à torto e direito, em todas as direções.

— Devolve... o... meu... disco!

A biqueira de uma bota atingiu com força a canela de Fred, fazendo-o berrar de dor. O punho de Fred subiu no ar e apanhou o rosto de Nathaniel; a seguir, só deu consigo na sujeira do chão do beco, a cabeça girando, vendo Fred e Stanley desaparecerem apressadamente pelo beco, com as suas padiolas a pular e a ressaltar atrás deles.

A fúria sobrepôs-se às tonturas; assumiu o controle do seu sentido de cautela. Fez um esforço para se pôr de pé e partiu, vacilante, em perseguição.

Não conseguia ir depressa. A noite pairava, pesada, no beco; as suas paredes eram cortinas cinzentas pouco mais claras do que o nada negro, em frente. Nathaniel tateou cada passo febrilmente, uma mão roçando nos tijolos do lado direito, escutando com atenção cada chiada indiciadora e cada raspada das padiolas lá adiante. Parecia que Fred ou Stanley tinham sido obrigados a abrandar também — os sons do seu progresso nunca sumiam por completo; conseguia adivinhar o percurso deles em cada entroncamento.

Mais uma vez, a sua incapacidade enfureceu-o. Maldito *djinni!* Nunca estava quando era preciso! Se chegasse a apanhar os ladrões, sofreriam tamanho... Mas onde agora? Estacou ao lado de uma janela alta com

grades e coberta de fuligem. Ao longe, distinguiu o ruído das rodas da padiola a baterem com força na pedra. A bifurcação da esquerda. Seguiu por ela.

Um pouco depois, percebeu que o som lá na frente mudara. Vozes abafadas substituíam o ruído do movimento. Avançou então mais cautelosamente, comprimindo-se contra a parede, dando cada passo cuidadosamente para evitar chapinhar na água. A ruela terminava numa viela estreita e empedrada, orlada de pequenas oficinas interiores, todas abandonadas e cobertas com tábuas. As sombras enchiam as soleiras das portas como teias de aranha. Pairava no ar um leve cheiro de serragem.

Viu as padiolas paradas no meio da viela. O poste com a luz de Stanley fora retirado da sua padiola e podia ver-se agora a brilhar tenuemente numa entrada de porta abrigada. Na sua fraca auréola, três figuras conversavam baixinho — Fred, Stanley e mais alguém: uma figura franzina, vestida de preto. Nathaniel não conseguia distinguir o rosto.

Nathaniel mal respirava: esforçava-se por ouvir as palavras deles. Era inútil. Estava longe demais. Não poderia lutar com eles agora, mas qualquer pedacinho de informação poderia vir a ser útil no futuro. Valia a pena arriscar. Aproximou-se um pouco mais.

Continuava sem sorte. Apenas podia dizer que Fred e Stanley quase se mantinham silenciosos e que a outra figura é que falava. Tinha uma voz forte, jovem e aguda.

Um pouco mais perto...

No passo seguinte, a sua bota bateu numa garrafa de vinho vazia que fora colocada junto à parede. Balançou, tilintou ligeiramente nos tijolos, endireitou-se. Não caiu. Mas o tinido fora suficiente. A luz na entrada da porta mexeu-se; três rostos viraram-se para ele: o de

Stanley, o de Fred e...

No instante que foi concedido a Nathaniel, captou apenas um vislumbre, mas fixou-se de forma indelével na sua mente. Um rosto de garota, pálido e jovem, rodeado de cabelo escuro liso. Tinha uns olhos grandes, sobressaltados mas não amedrontados, ferozes também. Ouviu-a gritar uma ordem, viu Fred começar a correr, entreviu algo pálido e brilhante a vir do escuro na direção dele. Nathaniel baixou-se freneticamente e bateu de lado com a têmpora na alvenaria do edifício. A bílis subiu-lhe à garganta; viu luzes diante dos olhos. Caiu na poça junto à base da parede.

Nem totalmente inconsciente nem acordado, permaneceu imóvel, de olhos fechados, o corpo relaxado, mal se dando conta do que o rodeava. Passos rápidos aproximaram-se, um som de metal a raspar, couro a chiar. Sentiu uma presença próximo dele, algo leve a roçar-lhe o rosto.

— Não o acertou. Está desmaiado, mas vivo. — Uma voz feminina.

— Posso cortar-lhe a garganta, se quiser, Kitty. — Fred a falar. A pausa que se seguiu podia ter tido qualquer duração; Nathaniel não soube dizer.

— Não... Ele não passa de um garoto estúpido. Vamos embora.

O silêncio desceu sobre a viela às escuras. Muito depois de sua cabeça parar de rodar, muito depois da água ter ensopado o seu casaco até lhe enregelar a pele, Nathaniel permanecia imóvel. Não ousava mexer-se.

Bartimaeus
34

Eu já regressara há quase cinco horas quando se ouviu um barulho na tábua solta e o meu amo entrou aos tropeções na biblioteca, triste, esfarrapado e extremamente malcheiroso. Deixando atrás de si um rastro do que eu esperava que fosse lama, avançou coxeando como um gigantesco caracol terrestre pelas escadas até à sala do primeiro andar, onde se deixou escorregar imediatamente por uma parede abaixo. Movido por um espírito de curiosidade científica, acendi uma pequena chama e inspecionei-o de perto. Por sorte, eu tinha experiência em lidar com diabretezecos estígios parecidos, porque ele não era uma coisa bonita de se ver. Parecia ter sido possuído fisicamente e rolado por um atoleiro ou uma estrebaria particularmente fedorentos, antes de ser atirado de cabeça num recipiente com estrume e bocados de palha. Tinha o cabelo espetado como o traseiro de um porco-espinho. As calças jeans estavam rasgadas e ensangüentadas no joelho. Apresentava uma equimose enorme na face e um golpe feio por cima de uma orelha. O melhor de tudo, porém, eram os seus olhos *furiosos*.

— Teve uma boa noite, cavalheiro? — perguntei.

— Uma fogueira — disse com maus modos. — Acenda-me uma fogueira. Estou gelado.

Este modo de amo altivo afigurou-se algo despropositado vindo de uma coisa que um chacal teria rejeitado, mas não levantei objeções. Estava achando tudo aquilo imensamente divertido. Por isso, apanhei vários bocados de madeira, acendi uma fogueira forte, depois instalei-me (na forma de Ptolomeu) o mais perto

que o meu estômago conseguia suportar.

— Bem — comentei, todo animado —, isto constitui uma agradável mudança. Normalmente é o *djinni* que chega estourado e coberto de imundícies. Aprovo estas inovações. O que te fez abandonar a biblioteca? As forças de Lovelace te encontraram? Jabor entrou aqui?

Falou lentamente, entredentes.

— Fui buscar um jornal.

Isto estava ficando cada vez melhor! Abanei a cabeça, pesaroso.

— Devia deixar uma tarefa tão perigosa para pessoas mais bem qualificadas: da próxima vez peça a uma velhinha, ou a um bebê...

— Cale-se! — Os seus olhos chispavam. — Foi aquele jornaleiro! E o seu amigo Fred! Dois comuns! Roubaram o meu disco — aquele que eu fiz — e atraíram-me daqui. Segui-os e eles tentaram me matar; teriam feito também, se não fosse a garota...

— Uma garota? Quel garota?

— Mas mesmo assim bati a cabeça e caí numa poça, e depois, quando eles foram embora, não consegui dar com o caminho de volta e já passava da hora do recolher obrigatório e as esferas de busca andavam lá fora e tive de me manter escondido quando elas passavam. No fim, encontrei um riacho debaixo de uma ponte e fiquei ali na lama uma eternidade, enquanto as luzes patrulhavam, de um lado para o outro, a estrada por cima. E *depois,* quando elas se foram, eu *ainda* tinha de reencontrar o caminho de volta. Levei horas! *E* machuquei o joelho.

Bem, não era propriamente Shakespeare, mas era a melhor história para dormir que *ouvia* desde há muito tempo. Deixou-me bastante animado.

— Eles pertencem à Resistência — prosseguiu,

olhando para a fogueira. — Tenho certeza. Eles vão vender o meu disco, dá-lo às mesmas pessoas que atacaram o Parlamento! Ahh! — Crispou os punhos. — Por que não estava lá para me ajudar? Eu podia tê-los apanhado, obrigando-os a dizer-me quem era o cabeça deles.

— Se está lembrado — observei com frieza —, eu andava numa missão da qual me incumbiu. Quem era esta garota que menciou?

— Não sei. Apenas a vi por um segundo. Era quem mandava neles. Um dia, porém, hei de descobri-la e fazê-la pagar!

— Achei que tinha dito que ela evitou que te matassem?

— Mas não deixou de me roubar o disco! É uma ladra e uma traidora.

O que quer que a garota fosse, pareceu-me muito familiar. Ocorreu-me uma idéia.

— Como é que eles sabiam que você tinha o disco? Chegou a mostrar-lhes?

— Não. Acha que sou estúpido?

— A questão não é essa. Tem certeza de que não o tirou para fora, quando andava à procura de trocados?

— Não. O jornaleiro *sabia,* não sei como. Era como um *djinni* ou um diabrete.

— Interessante... — Parecia tratar-se exatamente do mesmo bando que me assaltara na noite em que eu tinha o Amuleto de Samarcanda. A minha garota e os seus amigos também não tinham precisado ver o Amuleto para *saberem* que eu o trazia comigo. E depois tinham-me descoberto escondido atrás da minha fórmula de Ocultação. Capacidades úteis... que eram, evidentemente, bem aproveitadas. Se eles faziam parte deste movimento da «Resistência», parecia que a oposição aos magos estava mais desenvolvida — e era potencialmen-

te mais formidável — do que eu julgara. Os tempos estavam evoluindo, em Londres...

Não partilhei estes pensamentos com o garoto. Afinal, ele era o inimigo, e a última coisa de que os magos precisam é de excelente perspicácia.

— Abstraindo-nos dos teus infortúnios por um momento — disse-lhe —, talvez queira ouvir o meu relato?

Resmungou.

— Descobriu Heddleham Hall?

— Descobri; e, se quiser, posso levá-lo até lá. Ao lado do Tamisa há uma linha férrea que vai para o sul, atravessa o rio e sai de Londres. Mas primeiro gostaria de te falar das defesas que Lovelace instalou em volta da casa da namorada. São impressionantes. *Foliots* deslocando-se pelo ar patrulham os terrenos circundantes, enquanto entidades superiores surgem arbitrariamente no solo. Existem pelo menos duas cúpulas protetoras por cima da propriedade propriamente dita, que mudam também de posição. Não consegui ir além dos limites na minha incursão, e será ainda mais difícil conseguir contigo, assim exausto, a reboque.

Não mordera a isca. Estava muito cansado.

— No entanto — prossegui —, sinto na minha essência que estão escondendo alguma coisa na Mansão. Estas defesas foram montadas dois dias antes do tempo, o que implica um gasto colossal de energia. O que quer dizer que há tramóia no meio.

— Quanto tempo será preciso para lá chegar?

— Podemos alcançar a extremidade da propriedade ao anoitecer... se apanharmos o primeiro trem da manhã. E depois é uma longa caminhada até à outra ponta. Mas agora temos de ir andando.

— Muito bem. — Começou a levantar-se, chiando e gotejando.

— Tem *certeza* em relação a este plano? — perguntei. — Eu poderia levá-lo às docas. Deve haver vagas para criados de bordo lá. É uma vida dura, mas boa. Pense em toda aquela maresia.

Não obtive resposta. Já ia saindo. Suspirei, apaguei a fogueira e o segui.

O percurso que escolhi era uma faixa de baldios que seguia para sudeste entre as fábricas e armazéns, acompanhando um afluente do Tamisa. Muito embora o próprio riacho fosse pequeno, serpenteava excessivamente pela miniplanície alagada, originando um labirinto de outeiros, pântanos e pequenos lagos que levamos o resto da noite a transpor. Os nossos sapatos afundavam-se na lama e na água, as canas afiadas picavam as nossas pernas e mãos, e os insetos zumbiam de vez em quando em volta de nossas cabeças. Em contraste, o garoto lastimava-se quase constantemente. Depois das suas aventuras com a Resistência, estava de muito mau humor.

— É pior para mim do que para você — repliquei, após um acesso particularmente petulante. — Eu podia ter feito isto voando em cinco minutos, mas não: tenho que te fazer companhia. Contorcer-se na lama e no lodo é privilégio teu, humano, não meu.

— Não consigo ver onde ponho os pés — disse ele. — Crie um pouco de luz, está bem?

— Sim, se quer despertar as atenções dos *djinn* que voam de noite. As ruas estão bem vigiadas — conforme já descobriu — e não se esqueça de que Lovelace pode andar ainda à nossa procura. Escolhi este caminho *pela única razão* de ser assim escuro e desagradável.

Não me pareceu muito consolado com isto; não obstante, os seus protestos cessaram[85].

[85] Um benefício colateral deste percurso era as suas dificuldades

acabarem por lhe desviar a mente da perda da sua preciosa bola de cristal. Sinceramente, pela forma como falava no que acontecera, dir-se-ia que aquele diabrete era seu irmão de sangue, e não uma imitação de bebê aprisionada contra a sua vontade. Parecia ter levado o seu infortúnio muito a sério. Mas depois da perda da sua querida Mrs. Underwood, acho que o disco era o seu único amigo no mundo, pobrezinho.

Enquanto seguíamos aos tropeções, ponderei a nossa situação com a minha habitual lógica implacável. Já se passavam seis dias desde que o moleque me chamara. Seis dias de desconforto a acumular-se dentro da minha essência. E sem um fim imediato à vista.

O garoto. Onde se situava ele, na minha lista de eternos seres humanos inferiores? Não era o pior amo que eu suportara[86], mas apresentava alguns problemas próprios curiosos. Todos os magos sensatos, bem versados na crueldade inteligente, sabem quando chegou o momento exato de lutar. Em comparação, são relativamente raros os riscos que correm (eles e os seus servos). Mas o garoto não fazia a mínima idéia. Abatera-se sobre ele uma catástrofe provocada pela sua própria interferência, e a reação dele fora atacar o inimigo como uma cobra ferida. Qualquer que fosse o seu ressentimento inicial contra Lovelace, a sua anterior discrição fora agora substituída por um desespero movido pela dor. As coisas simples, como a conservação da própria vida, eram ignoradas, no seu orgulho e na sua fúria. Ia enfrentar a morte. O que teria sido ótimo, se não me levasse junto.

[86] Um «bom amo» é uma contradição de termos, claro. Até Salomão tinha sido insuportável — era tão picuinha nos seus primeiros anos — mas felizmente conseguia comandar 20.000 espíritos com um movimento do seu anel mágico, por isso com ele eu tive muitos dias de folga.

Eu não tinha solução para isto. Estava preso ao meu amo. Tudo o que podia fazer era tentar mantê-lo vivo.

Ao raiar do dia, tínhamos seguido a faixa de baldios que vinha desde Londres até quase ao Tamisa. Aqui, o riacho alargava ligeiramente, antes de se escoar por uma série de represas para o rio principal. Chegara o momento de retomar as estradas. Subimos uma margem até uma vedação de arame (na qual abri um discreto buraco), atravessamos e fomos dar numa estrada empedrada. O coração político da cidade ficava à nossa direita, o bairro da Torre à nossa esquerda; o Tamisa estendia-se lá na frente. O recolher obrigatório já terminara, mas ainda não andava ninguém por ali.

— Ora bem — disse eu, parando. — A estação fica perto. Antes de irmos para lá, precisamos resolver um problema.

— Qual é?

— Evitar que pareça um guardador de porcos e cheire como eles — disse-lhe. Os vários fluídos do baldio tinham-se colado num complexo padrão de salpicos. Podiam emoldurá-lo e pendurá-lo numa parede chique.

Ele carregou o cenho.

— Sim. Limpe-me primeiro. Tem que haver uma maneira.

— Há.

Talvez não devesse ter agarrado nele e mergulhado o garoto no rio. O Tamisa não é muito mais limpo do que o atoleiro que havíamos atravessado. Mesmo assim, eliminou o pior da porcaria. Após um minuto de mergulho vigoroso, deixei-o vir à tona, a água escorrendo-lhe pelas narinas. Emitiu um som gorgolejante que foi difícil identificar. No entanto, levei uma descompostura.

— Outra vez? *É* mesmo muito minucioso.

Outra boa enxaguada deixou-o como novo. Depositei-o nas sombras de uma rampa de asfalto e sequei as suas roupas com o uso discreto de uma chama. Curiosamente, o seu mau humor não melhorara com o cheiro, mas não se pode ter tudo.

Resolvida esta questão, pusemo-nos a caminho e chegamos à estação da estrada-de-ferro a tempo de apanhar o primeiro trem da manhã para o sul. Roubei dois bilhetes do quiosque enquanto diversos funcionários estavam ocupados a indicar as plataformas a uma freira de rosto vermelho toda bem-falante e instalei-me no meu lugar no momento em que o trem se pôs em andamento. Nathaniel sentou-se numa parte diferente do vagão — intencionalmente, a meu ver. A sua mudança improvisada parecia deixá-lo ainda mais amargurado.

A primeira parte da viagem de saída da cidade foi, assim, a meia hora mais rápida e menos penosa de que desfrutei pela primeira vez desde que fora chamado. O trem seguiu a um ritmo artrítico através dos infindáveis arredores de Londres, uma imensidão desencorajante e confusa de tijolos. Passamos uma sucessão de fábricas abandonadas e blocos de concreto a degradar-se; para lá deles estendiam-se ruas estreitas em aterros, com a fumaça das chaminés a erguer-se aqui e ali. Uma vez, lá no alto, na nuvem brilhante e incolor que escondia o Sol, vi um batalhão de *djinn* a dirigir-se para oeste. Mesmo àquela distância, era possível detectar a luz que brilhava nas suas couraças.

Poucas pessoas entraram ou saíram do trem. Descontraí. Os *djinn* não sonham, mas eu fiz o equivalente, recuando nos séculos e recordando alguns dos meus momentos mais felizes — erros de magos, minha flor da nata de atos de vingança...

Este devaneio acabou por ser interrompido pelo

garoto, ao vir sentar-se no banco da frente.

— Acho que é melhor planejarmos algo — sugeriu com enfado. — Como podemos ultrapassar as defesas?

— Com cúpulas que mudam arbitrariamente *e* sentinelas postadas — disse eu — não existe uma maneira de entrarmos sem que nos detectem. Vamos precisar de uma espécie de Cavalo de Tróia. — Ele olhou-me inexpressivamente. — Sabe... algo que pareça inocente, que eles deixem transpor os portões. Dentro do qual estaremos escondidos. Sinceramente, o que é que eles ensinam aos magos, hoje em dia?[87]

[87] Obviamente que não é a história clássica. Esta ignorância teria aborrecido Faquarl, já que estava sempre se gabando de ter dado a Ulisses a idéia para o Cavalo de Madeira. Só podia estar mentindo, mas não tenho como prová-lo porque não estava em Tróia: na altura encontrava-me no Egito.

— Portanto, precisamos nos esconder dentro de alguma coisa — resmungou. — Alguma idéia?

— Ná.

De cenho carregado, pôs-se a matutar. Quase era possível ouvir o esforço dos seus neurônios.

— Os convidados vão chegar amanhã — divagou. — Eles têm de deixá-los entrar, por isso vai haver um fluxo contínuo de trânsito atravessando os portões. Talvez possamos pegar carona no carro de alguém.

— Talvez — retorqui. — Mas todos os magos estarão armados até os dentes de escudos protetores e diabretes de olhos salientes. Seria o cabo dos trabalhos aproximarmo-nos sorrateiramente deles sem sermos detectados.

— E se fosse como criados? — alvitrou. — Eles têm de entrar de alguma forma.

Façam-lhe justiça: ele tivera uma idéia.

— A maior parte deles já se encontrará lá — contrapus —, mas tem razão... alguns poderão chegar no próprio dia. Com certeza haverá também entregas de alimentos frescos; e talvez venham artistas, músicos ou malabaristas...

Ele olhou com desdém.

— *Malabaristas?*

— Quem tem mais experiência de magos: você ou eu? *Sempre* há malabaristas[88]. Mas o importante aqui é que haverá alguns estranhos não-magos entrando na mansão. Por isso, se nos pusermos a postos bem cedo, podemos perfeitamente ter oportunidade de conseguir uma carona de alguém. Vale a pena tentar. Agora... entretanto, acho que devia dormir. Temos uma longa caminhada pela frente, quando chegarmos à estação.

[88] Têm o pior gosto do mundo, os magos. Sempre tiveram. Oh, eles mostram-se todos corteses e discretos em público, mas dê-em-lhes uma chance de descontrair, e será que ouvem música de câmara? Não. Preferem sempre um anão ou uma dançarina do ventre barbuda. Um fato pouco conhecido sobre Salomão, o Sábio: entre os julgamentos, entretinha-se com uma trupe entusiástica de comediantes libaneses.

As pálpebras dele pareciam feitas de chumbo. Ao menos uma vez, não contestou.

Já vira geleiras avançarem mais depressa do que aquele trem, por isso ele acabou por tirar uma bela soneca. Mas chegamos finalmente à estação mais próxima de Heddleham Hall. Abanei o meu amo para acordá-lo e saímos desordenadamente do vagão para uma plataforma que estava a ser reclamada em ritmo acelerado pelas forças da natureza. Diversas variedades de erva cresciam através do cimento armado, enquanto uma trepadeira empreendedora colonizara as paredes e o telhado da decrépita sala de espera. As aves faziam ninhos

debaixo das luminárias enferrujadas. Não havia bilheteria nem sinal de vida humana.

O trem arrastou-se como se fosse morrer debaixo de uma sebe. Do outro lado da linha, um portão branco conduzia diretamente a uma estrada não empedrada. Estendiam-se campos de ambos os lados. Animei-me: fazia bem estar livre das garras malignas da cidade e rodeado dos contornos naturais das árvores e campos semeados[89].

[89] Apesar de terem sido alisados e moldados pela vontade humana, os campos não têm o fedor dos magos a rodeá-los. Ao longo da história, os magos foram, sem dúvida, criaturas urbanas: prosperam nas cidades, multiplicando-se como ratos pestilentos, seguindo pelas teias grossas dos mexericos e da intriga como aranhas gordas. Os grupos não urbanos que mais se aproximam dos magos — os xamãs da América do Norte e das estepes da Ásia — funcionam em moldes tão diferentes que quase não merecem sequer ser chamados de magos. Mas o tempo deles já passou.

— Seguimos a estrada — propus. — A mansão fica a pelo menos quinze quilômetros, por isso não temos de estar atentos, por enquanto. Eu... o que se passa, agora?

O garoto estava muito pálido e abalado.

— Não é nada. Só... não estou acostumado a tanto... *espaço*. Não vejo nenhuma casa.

— É bom não haver casas. Quer dizer que não há pessoas. Nem magos.

— Faz-me sentir estranho. É tão sossegado.

Fazia sentido. Ele nunca tinha saído da cidade. Muito provavelmente, nunca vira sequer um grande parque. O vazio aterrava-o.

Atravessei a linha e abri o portão.

— Há uma aldeia para lá daquelas árvores. Pode

arranjar comida ali e encostar algumas construções.

* * *

O meu amo levou algum tempo para perder seu grande nervosismo. Era quase como se esperasse que os campos vazios ou os arbustos de Inverno se erguessem como inimigos e caíssem sobre ele, e virava constantemente a cabeça, como se fosse esperasse um ataque-surpresa. Estremecia a cada som de ave.

Ao contrário, mantive-me descontraído durante esta parte da viagem, precisamente porque o campo parecia completamente deserto. Não havia atividade mágica de qualquer espécie, nem sequer nos céus distantes.

Quando chegamos à aldeia, assaltamos a mercearia solitária e apanhamos provisões para manterem o estômago do garoto satisfeito durante o resto do dia. Era um lugar um tanto pequeno: algumas cabanas reunidas em volta de uma igreja em ruínas, nem sequer suficientemente grande para ter o seu próprio mago residente. Os poucos humanos que vimos seguiam tranqüilamente sem andarem sequer com um diabrete a reboque. O meu amo criticou-os fortemente.

— Não percebem quão vulneráveis estão? — fungou, quando passamos pela última cabana. — Não têm defesas. Bastaria um ataque mágico para não poderem fazer nada.

— Talvez isso não conste em primeiro lugar na sua lista de prioridades — sugeri. — Há outras coisas que os preocupam: ganhar a vida, por exemplo. Não que lhe tenham ensinado algo a esse respeito[90].

[90] Era verdade. Os magos são basicamente parasitários. Nas sociedades onde predominam, vivem alienados do esforço dos outros. Nas épocas e locais nos quais perdem o poder e têm de ganhar o seu próprio pão, vêem-se geralmente reduzidos a um es-

tado deplorável, realizando pequenas invocações para clientes zombeteiros em bares, a troco de algumas moedas de bronze.

— Ah não? — disse ele. — Ser mago é a maior profissão. A nossa perícia e os nossos sacrifícios mantêm o país unido, e aqueles tolos deveriam estar gratos por existirmos.

— Você quer dizer gratos a pessoas como Lovelace?

Carregou o cenho ante aquelas palavras, mas não respondeu. Já estávamos no meio da tarde quando enfrentamos perigo. A primeira coisa que o meu amo percebeu foi eu me atirando para cima dele e rolarmos para uma vala pouco funda, ao lado da estrada. Pressionei-o contra a terra para se manter abaixado, com um pouco mais de força do que era necessário.

Tinha a boca cheia de lama.

— Q' 'tá fazendo?

— Abaixe a voz. Uma patrulha nos céus, lá adiante. Norte... sul.

Indiquei um intervalo na sebe. Podia ver-se um bando de estorninhos a pairar lá adiante, através das nuvens.

Ele esvaziou a boca.

— Não consigo distingui-los.

— A partir do quinto plano são *foliots*[91]. Confie em mim. A partir de agora, temos de ter muito cuidado.

[91] Uma variante com cinco olhos: dois na cabeça, um em cada flanco, e um... bem, digamos apenas que seria difícil atacá-lo sem ele perceber, enquanto estivesse tocando os dedos dos pés.

Os estorninhos desapareceram para o sul. Cautelosamente, pus-me de pé e perscrutei o horizonte. Um pouco mais à frente, um grupo de árvores afastado assinalava o começo de uma região arborizada.

— É melhor abandonarmos a estrada — propus-lhe. — Está muito exposta, aqui. Depois de anoitecer podemos aproximar-nos mais da casa. — Com infinita cautela, esgueiramo-nos por um intervalo na sebe e, depois de contornarmos o perímetro do campo, lá adiante, alcançamos a relativa segurança das árvores. Nada ameaçava em qualquer plano.

O bosque foi atravessado sem incidentes; pouco depois, estávamos acocorados nas suas orlas mais distantes, observando a terra lá à frente. Diante de nós, o solo descia ligeiramente, e tínhamos uma boa visão dos campos outonais, fortemente sulcados e castanho-púrpura.

A cerca de quilômetro e meio, os campos estendiam-se até um velho muro de tijolos delimitativo, muito deteriorado e desmoronado. Este, e um grupo de pinheiros baixos e escuros por trás dele, assinalavam o limite da propriedade de Heddleham. Via-se uma cúpula vermelha (no quinto plano) elevando-se dos pinheiros. Enquanto a observava, desapareceu; um momento depois, apareceu outra cúpula, azulada, no sexto plano, um pouco mais distante.

Escondidos entre as árvores, viam-se os indícios de um arco alto — talvez a entrada oficial para a propriedade. Para lá deste arco estendia-se uma estrada, reta como uma lança arremessada entre os campos, até chegar a uma encruzilhada junto a um aglomerado de carvalhos, a cerca de oitocentos metros do lugar onde nos encontrávamos. A estrada que tínhamos seguido recentemente terminava também nesta encruzilhada. Duas outras estradas seguiam noutras direções.

O Sol ainda não desaparecera completamente por trás das árvores e o garoto semicerrou os olhos por causa do brilho intenso.

— Aquilo é uma sentinela? — Apontou para um

cepo distante, no meio da encruzilhada. Algo pouco nítido estava assentado nele: talvez uma figura negra, imóvel.

— Sim — respondi. — Acabou de aparecer outra, no extremo daquele campo triangular.

— Oh! A primeira desapareceu.

— Eu te avisei... elas aparecem arbitrariamente. Não podemos prever onde irão aparecer. Vê aquela cúpula?

— Não.

— As tuas lentes são piores do que inúteis.

O garoto praguejou.

— O que esperava? Não tenho a tua visão, demônio. Onde está?

— Os impropérios não te levam a lugar nenhum. Não digo.

— Não seja absurdo! Preciso saber.

— Este demônio não vai dizer.

— *Onde é que está?*

— Cuidadinho, não se estique. Já pisou o risco.

— Diga-me já!

— Já tinha intenção de contar há algum tempo. Mas não gosto que me chamem de demônio. Entendeu?

Respirou fundo.

— Muito bem.

— Fica avisado.

— Está bem.

— Sou um *djinni.*

— Sim, *está bem.* Onde está a cúpula?

— Está no bosque. Agora está no sexto plano, mas não tardará a mudar de posição.

— Eles nos dificultaram a vida.

— Sim. Essa é a função das defesas.

O seu rosto estava macilento do cansaço, mas continuava tenso e determinado.

— Bem, o objetivo é evidente. O portão deve assinalar a entrada oficial para a propriedade: o único buraco nas cúpulas protetoras. É onde eles irão verificar as identidades das pessoas e os passe-livres. Se conseguirmos ultrapassá-lo, estaremos lá dentro.

— Prontos para sermos amarrados e mortos — disse eu. — Hurra.

— A questão — prosseguiu — é como vamos entrar...

Permaneceu sentado durante um longo tempo, protegendo os olhos com a mão, vendo o Sol descer por trás das árvores e os campos ficarem mergulhados numa sombra verde fria. A intervalos regulares, surgiam sentinelas que desapareciam sem vestígio (estávamos muito longe para sentir o cheiro de enxofre).

Um som distante despertou de novo a nossa atenção para a estrada. Juntamente com a que levava ao horizonte, algo que a quilômetro e meio de distância parecia uma caixa de fósforos preta aproximou-se a roncar: um carro de mago, passando acelerado entre as sebes, fazendo soar autoritariamente a buzina em cada curva. Aproximou-se da encruzilhada, abrandou até parar e — tendo verificado que não vinha nada — virou à direita na estrada para Heddleham. Enquanto avançava para o portão, duas das sentinelas correram para ele a grande velocidade pelos campos umbrosos, as túnicas agitando-se atrás delas como andrajos. Assim que alcançaram as sebes que delimitavam a estrada, não se acercaram mais, mas mantiveram o ritmo ao lado do carro, que naquele momento se aproximou do portão nas árvores. As sombras aqui eram muito densas e tornava-se difícil ver o que acontecia. O carro parou diante do portão. Algo se aproximou dele. As sentinelas ficaram para trás, à beira das árvores. Logo a seguir, o carro seguiu seu caminho, transpôs o arco e desapareceu de

vista. O seu ronco diminuiu no ar da noite. As sentinelas voltaram rapidamente para os campos.

O garoto recostou-se e estendeu os braços.

— Bem — disse —, já sabemos o que é preciso fazer.

35

A encruzilhada era o local para a emboscada. Quaisquer veículos que se aproximassem dela tinham de abrandar com receio de um acidente, e estava escondida do distante portão de Heddleham por um denso aglomerado de carvalhos e loureiros, o que prometia também uma boa cobertura para ficarmos à espreita.

Assim sendo, dirigimo-nos para lá naquela noite. O garoto deslocava-se lentamente, junto à base das sebes que ladeavam a estrada. Eu voava à frente dele, disfarçado de morcego.

Não apareceram quaisquer sentinelas ao nosso lado. Nem vigilantes voando lá por cima. O garoto chegou à encruzilhada e desapareceu na vegetação rasteira por baixo do carvalho maior. Eu estava pendurado num ramo, de tocaia.

O meu amo dormiu, ou pelo menos tentou. Observei os ritmos da noite: os movimentos suaves de corujas e roedores, as raspadinhas de ouriços-cacheiros a alimentar-se, as perambulações dos *djinn* impacientes. Nas horas que antecederam a alvorada, a camada de nuvens afastou-se e as estrelas brilharam. Perguntei-me se Lovelace se encontraria no telhado do edifício a interpretar o seu sentido e a ver o que lhe diziam. A noite arrefecera. A geada brilhava nos campos.

Subitamente, lembrei-me de que o meu amo poderia estar passando mal por causa do frio.

Decorreu uma hora agradável. Tive outro pensamento. Ele podia efetivamente morrer gelado no seu esconderijo. Era imperioso que isso não acontecesse: eu nunca escaparia à caixa. Relutantemente, desci em espiral até os arbustos e fui à procura dele.

Para meu alívio (contrafeito, bem entendido), ele

ainda estava vivo, apesar do rosto se apresentar um tanto azul. Estava encolhido dentro do casaco, debaixo de um monte de folhas que faziam barulho constantemente, com os seus tremores.

— Quer um pouco de calor? — perguntei.

A cabeça dele mexeu-se um pouco. Era difícil dizer se se tratava de um tremor ou de uma sacudida.

— Não?

— Não.

— Porquê?

O seu maxilar estava tão emperrado que mal conseguiu abri-lo.

— Pode atraí-los até nós.

— Tem certeza que não é orgulho? Não quer ajuda de um demônio maldoso? É melhor tomar cuidado com toda esta geada... podem cair pedaços de você. Já vi acontecer isso[92].

[92] Foi muito, muito desagradável. Lembrem-me de contar um dia.

— D-deixe-me.

— Como queira. — Voltei para a minha árvore. Passado um bocado, quando o céu começou a clarear a leste, ouvi-o espirrar, mas por outro lado manteve-se obstinadamente silencioso, encerrado no desconforto que ele próprio preferira.

Com a chegada da alvorada, estar pendurado como morcego tornou-se uma ocupação menos convincente. Enfiei-me debaixo dos arbustos e mudei para um rato do campo. O garoto estava onde eu o deixara, rígido como uma tábua e com bastante corrimento nasal. Empoleirei-me num ramo próximo.

— Que tal um lenço de assoar, ó meu amo? — perguntei.

Com alguma dificuldade, ele levantou um braço e

limpou o nariz na manga. Fungou.

— Alguma coisa?

— Ainda tem um bocado debaixo da narina esquerda. Tirando isso, tudo limpo.

— Referia-me à estrada.

— Não. Muito cedo. Se ainda te resta alguma comida, devia comê-la agora. Precisamos estar a postos quando o primeiro carro se aproximar.

Afinal, não precisávamos ter nos apressado. Todas as quatro estradas se mantiveram imóveis e silenciosas. O garoto comeu o resto da sua comida, depois acocorou-se na erva molhada debaixo de um arbusto, vigiando um dos caminhos. Parecia ter apanhado um ligeiro resfriado, e tremia incontrolavelmente dentro do casaco. Eu corria de um lado para o outro, mantendo-me atento, mas acabei voltando para junto dele.

— Lembre-se — disse-lhe —, o carro não pode ser visto parando mais do que alguns segundos, senão uma das sentinelas é capaz de suspeitar. Precisamos conseguir entrar assim que ele chegar à encruzilhada. Terá que ser rápido.

— Estarei preparado.

— Quer dizer, *realmente* rápido.

— Estarei *preparado* — disse ele.

— Pois sim. Já vi lesmas deslocarem-se mais rápido do que você. E ainda por cima adoeceu por ter recusado a minha ajuda, a noite passada.

— Não estou doente.

— Desculpe, não entendi o que disse. Seus dentes estavam fazendo muito barulho ao baterem.

— Ficarei bem. Agora deixe-me em paz.

— Esta tua constipação ainda pode nos trazer problemas, se entrarmos na casa. Lovelace é capaz de seguir o rastro de es... Está ouvindo?

— O quê?

— Um carro! Vem lá de trás. Perfeito. Irá diminuir aqui. Aguarde minha ordem.

Corri rapidamente pelas ervas altas até o outro lado da mata e fiquei à espera, atrás de uma pedra grande, no terreno sujo por cima da estrada. O barulho do veículo em aproximação aumentou. Inspecionei o céu — não se via nenhum vigilante, e as árvores escondiam a estrada na direção da casa. Preparei-me para saltar...

Depois acocorei-me atrás da pedra. Não servia. Uma limusine preta e brilhante: um carro de mago. Muito arriscado tentar. Passou reluzente num torvelinho de poeira e seixos; todo ele freios a guinchar e capô reluzente. Consegui vislumbrar o seu ocupante: um homem que não conhecia, de lábios grandes, pálido, com cabelo penteado para trás. Nem sinal de um diabrete ou outro guardião, mas isso não queria dizer nada. Era inútil fazer uma emboscada a um mago.

Voltei para junto do garoto, que continuava imóvel debaixo do arbusto.

— Não deu — disse-lhe. — Mago.

— Eu tenho olhos. — Fungou um pouco grosseiramente. — Além disso, conheço-o. Aquele era Lime, um dos amigões de Lovelace. Não sei porque está metido na trama: não é muito poderoso. Uma vez piquei-o com uns bichinhos. Inchou como um balão.

— Não me diga? — Confesso que fiquei impressionado. — O que aconteceu?

Ele encolheu os ombros.

— Deram-me uma surra. Vem vindo alguém aí?

Apareceu uma bicicleta na curva à nossa frente. Nela vinha um homem gordo e baixo, as suas pernas a rodarem como as pás de um helicóptero. Por cima da roda dianteira da bicicleta havia um cesto enorme, coberto com um pano branco pesado.

— Homem do açougue — disse-lhe.

O garoto encolheu os ombros.

— Talvez. Vamos apanhá-lo?

— Conseguiria vestir as roupas dele?

— Não.

— Então deixa passar. Deve haver outras opções.

De rosto afogueado e transpirando abundantemente, o ciclista chegou à encruzilhada, derrapou até parar, limpou a testa e prosseguiu em direção à Mansão. O vimos seguindo, o garoto de olhos cravados sobretudo no cesto.

— Devíamos tê-lo atacado — disse com vago desejo. — Estou esfomeado.

O tempo passou e o homem do açougue na bicicleta regressou. Assobiava enquanto pedalava, ignorando o esforço. O cesto estava vazio agora, sem dúvida a sua carteira ficara bem recheada. Para lá da sebe, uma das sentinelas seguia atrás dele dando grandes saltos, o seu corpo e vestes andrajosas quase translúcidos à luz do Sol.

O homem do açougue afastou-se, descendo a colina sem precisar pedalar. O garoto reprimiu um espirro. A sentinela afastou-se. Corri por um ramo de espinheiro que atravessava o arbusto e olhei para cima. O céu estava limpo; o sol de Inverno banhava os campos com um calor extemporâneo. As estradas estavam vazias.

Durante a hora seguinte, aproximaram-se veículos. Mais duas vezes. O primeiro era um carro de florista, conduzido por uma mulher de ar desmazelado a fumar um cigarro. Preparava-me para cair sobre ela quando, pelo canto do meu olho de rato, avistei um trio de melros-sentinelas a voando indolentemente pela mata a baixa altitude. Os seus olhos miudinhos andavam para cá e para lá. Não havia chance: teriam visto tudo. Escondi-me e deixei a mulher seguir o seu caminho.

Os melros passaram, mas o transeunte seguinte também não me serviu para nada: um carro de mago conversível, desta vez vindo da Mansão. O rosto do condutor estava coberto na sua maior parte por um boné e uns óculos escuros: apenas consegui ver rapidamente uma barba arruivada, curta e aparada, quando passou acelerado.

— Quem é aquele? — inquiri. — Outro cúmplice?

— Nunca o tinha visto. Talvez fosse ele quem passou ontem à noite.

— Não vai ficar por aqui, seja ele quem for.

A frustração do garoto estava a dar cabo dele. Deu um soco na erva.

— Se não entrarmos logo, todos os outros convidados começarão a chegar. Precisamos de tempo lá dentro, para descobrir o que se passa. Ahh! Se ao menos eu tivesse mais poder!

— O eterno grito de todos os magos — comentei com enfado. — Tenha paciência.

Ele olhou-me com fúria selvagem.

— É preciso *tempo* para ter paciência — respondeu com maus modos. — E nós não *temos* tempo.

Mas, na verdade, só passados vinte minutos é que chegou a nossa oportunidade.

Mais uma vez o som de um carro; mais uma vez atravessei para o outro lado da mata e dei uma olhada por cima do declive. Assim que o fiz, soube que chegara o momento. Era uma caminhonete de mercearia verde-escura, alta e quadrada, com elegantes para-lamas pretos e acabadinha de lavar. De lado, em imponentes letras pretas, estavam pintadas as palavras: SQUALLS E FILHO, MERCEEIROS DE CROYDON, COMESTÍVEIS SABOROSOS PARA FESTAS — e, para meu grande prazer, parecia que eram o próprio Squalls e o

Filho que vinham dentro da cabine. Ao volante estava um homem careca. A seu lado, via-se um jovem de ar bem-disposto com um boné verde. Ambos pareciam impacientes e todos arrumados para o grande dia; parecia que o velho dera um lustro na cabeça, até reluzir.

O rato do campo flexionou os músculos atrás da sua pedra de emboscada.

A caminhonete aproximou-se mais, o motor chacoalhando e resmungando debaixo do capô. Inspecionei o céu — nem melros nem outros perigos. Tudo desimpedido.

A caminhonete seguia ao lado da mata, sem se ver do portão de Heddleham, que ainda ficava longe.

Tanto Squalls como o Filho tinham baixado os vidros das janelas para deixarem entrar o ar agradável. O Filho cantarolava uma melodia alegre. Mais ou menos do meio da mata, o Filho captou um leve ruído que vinha do lado de fora da cabina. Olhou para a sua direita.

E viu um rato do campo vir cortando o ar numa posição de ataque do caratê, de garras de fora, patas traseiras à frente — direto para ele.

O rato entrou pela janela aberta. Nem Squalls nem o Filho tiveram tempo de reagir. Houve um turbilhão de movimentos inexplicáveis dentro da cabine; esta agitou-se violentamente para cá e para lá. A caminhonete guinou suavemente e bateu na beira da estrada, onde a roda resvalou e derrapou. O motor falhou e foi-se abaixo.

Um momento de silêncio. A porta do passageiro abriu-se. Saltou de lá um homem muito parecido com Squalls, enfiou-se lá dentro e retirou os corpos inconscientes de Squalls e Filho. O Filho perdera a maior parte das roupas.

Foi uma questão de momentos, arrastar o par

pela estrada, subir com eles e levá-los para as profundezas da mata. Escondi-os ali embaixo de um aglomerado de espinheiros e voltei para a caminhonete[93].

[93] Faquarl teria argumentado que seria mais conveniente simplesmente devorá-los, enquanto que Jabor não teria argumentado nada, fazendo-o de imediato. Mas eu acho que a carne humana provoca dores na minha essência. É como comer marisco de má qualidade: muito lodo acumulado por bocada.

Esta foi a pior parte, para mim. Os *djinn* e os veículos não se misturam, e pronto; é uma sensação estranha, estar aprisionado numa mortalha de metal, rodeado pelos cheiros de gasolina, óleo e couro artificial, pelo mau-cheiro das pessoas e suas criações. Lembramo-nos de quão fraca e inferior deve ser a sensação de um ser humano, precisando de instrumentos tão decrépitos para percorrer grandes distâncias.

Além disso, eu não sabia dirigir[94].

[94] Até à data, a única experiência que tivera de condução fora durante a Grande Guerra, quando o exército britânico estivera acampado a cinqüenta quilômetros de Praga. Um mago checo, que permanecerá inominado, encarregou-me de roubar certos documentos. Eles estavam bem guardados e fui obrigado a passar pelos *djinn* inimigos ao volante de uma ambulância de apoio até o acampamento britânico. A minha condução era péssima, mas pelo menos permitiu-me manter o meu disfarce (enchendo a ambulância com cada soldado que ia derrubando pelo caminho). Quando entrei no acampamento, os homens foram levados correndo para o hospital enquanto eu me esgueirava para roubar os planos da campanha.

Não obstante, pus o motor de novo a trabalhar e consegui vir de marcha a ré do declive até o meio da estrada. Depois avancei para a encruzilhada. Tudo isto não chegara a demorar um minuto, mas tenho de admitir que estava ansioso: uma sentinela de olhar penetrante

podia perfeitamente estranhar que a caminhonete levasse tanto tempo para sair das árvores. Abrandei na encruzilhada, olhei rapidamente à minha volta e inclinei-me para a janela do passageiro.

— Rápido! Entre!

Um arbusto próximo remexeu-se freneticamente, houve um puxão na porta da cabine e o garoto estava lá dentro, respirando como um elefante-macho. A porta bateu ao fechar; um instante depois, seguíamos o nosso caminho, virando à direita para a estrada de Heddleham.

— É você, não é? — perguntou, arfante, fitando-me.

— Claro. Agora troque-se, o mais rápido que puder. Não tarda, as sentinelas estão aí.

Ele agitava-se no banco, arrancando às pressas o casaco e pegando a camisa, o blusão verde e as calças que o Filho despira. Assim como aquela fatiota estivera elegante há cinco minutos; agora encontrava-se toda amarrotada.

— Depressa! Elas vêm aí.

— Os botões estão muito apertados! Não consigo desabotoar!

— Enfia pela cabeça!

A sentinela estava aproximando-se mais depressa. Conseguia ver-lhe os olhos: duas ovais negras com buraquinhos de luz no núcleo. Tentei acelerar mas carreguei no pedal errado; a caminhonete trepidou e quase parou. A cabeça do garoto ia a meio do colarinho da camisa, na altura. Foi bater no painel de instrumentos.

— Au! Você fez de propósito!

Carreguei no pedal correto. Aceleramos mais uma vez.

— Veste o blusão, senão estamos feitos. E põe o boné.

— E as calças?

— Esquece. Não dá tempo.

O garoto vestira o blusão e estava enfiando o boné na sua cabeça em desalinho quando as duas sentinelas se aproximaram. Mantiveram-se do outro lado das sebes, inspecionando-nos com os seus olhos brilhantes.

— Lembre-se: não é suposto vê-las — adverti-o. — Continue a olhar em frente.

— E estou. — Ocorreu-lhe algo. — Elas não vão perceber o que você é?

— Não são suficientemente poderosas. — Esperava sinceramente que isto fosse verdade. Calculava que fossem *ghuls*[95], mas nunca se pode ter certeza, hoje em dia[96].

[95] *Ghuls: djinn* inferiores de uma casta repugnante, muito interessados no sabor dos humanos. Daí serem sentinelas eficientes (apesar de frustradas). Só conseguem ver até cinco planos. Eu era Squalls em todos menos no sétimo.

[96] Tudo parece aspirar a ser algo melhor do que é. Os bichinhos aspiram a ser *moulers,* os *moulers* aspiram a ser *foliots,* os *foliots* aspiram a ser *djinn.* Alguns *djinn* aspiram a ser *afrits* ou mesmo *marids.* Seja como for, é inútil. É impossível alterar as limitações da própria essência. Mas isso não impede muitas entidades de andarem por aí disfarçadas de algo mais poderoso do que são. Claro que quando já somos extremamente perfeitos logo de início, não queremos mudar nada.

Durante algum tempo, seguimos pela estrada em direção ao maciço de árvores. Olhávamos ambos para frente. As sentinelas acompanhavam-nos ao lado da caminhonete.

Pouco depois, o garoto voltou a falar.

— O que é que eu vou fazer em relação às calças?

— Nada. Terá que se remediar com o que tem. Em breve chegaremos ao portão. Seja como for, a tua

metade superior está bastante elegante.

— Mas...

— Compõe o teu blusão, livre-se dos vincos visíveis. Terá de servir. Muito bem: eu sou Squalls e você é meu filho. Viemos entregar mercadorias a Heddleham Hall, fresquinhas para o dia da conferência. A propósito, é melhor verificarmos o que trazemos realmente. Consegue dar uma olhada?

— Mas...

— Não se preocupe, não tem nada de estranho olhar lá para trás. — Havia entre nós uma vigia de metal na superfície traseira da cabine. Indiquei-a. — Dá uma olhada rápida. Eu poderia fazer, mas estou dirigindo.

— Muito bem. — Ajoelhou-se no banco e, abrindo a vigia, enfiou a cabeça através dela.

— Está muito escuro... há montes de coisas aqui dentro...

— Não consegue distinguir nada? — Olhei para ele e quase perdi o controle da direção. A caminhonete guinou, desgovernada, em direção à sebe; endireitei-a bem a tempo.

— As suas calças! Sente-se! Onde estão as suas calças?

Ele sentou-se no banco. A visão à minha esquerda melhorou consideravelmente.

— Tirei as minhas, não foi? E você me disse para não vestir as novas.

— Não percebi que tinha tirado as suas. Vista-as.

— Mas a sentinela vai ver...

— A sentinela já viu, acredite em mim. Vista-se e pronto.

Enquanto ele desapertava os sapatos apoiando-os no painel de instrumentos, abanei a minha cabeça lustrosa.

— Vamos só esperar que os *ghuls* não sejam

muito inteligentes quando se trata da etiqueta de vestuário humano. Talvez considerem normal estar trocando de roupa neste momento. Mas os guardas no portão serão mais perspicazes, disso pode ter certeza.

Estávamos quase no limite da propriedade. As árvores estendiam-se, ocupando a vista do pára-brisas. A estrada, lá na frente, acompanhava suavemente a curva do arvoredo; quase de imediato, surgiu diante de nós o grande arco. Construído com blocos maciços de arenito amarelo, erguia-se dos arbustos junto à beira da estrada com a solidez portentosa de um cento de arcos semelhantes em todo o mundo[97]. Algum fidalgozinho peculiar, pagara para tê-lo, e duvidava que alguém soubesse por que o fizera. Os rostos nas cariátides que sustentavam o teto estavam desgastados, os pormenores nas instruções idem. Com o tempo, a hera que trepava por ele viria a destruir também a cantaria.

[97] Todos construídos para comemorar uma vitória insignificante de uma tribo sobre outra. De Roma a Pequim, de Timbuctu a Londres, os arcos do triunfo surgem sempre que há cidades, arcando com o peso da terra e da morte. Nunca vi nenhum que me agradasse.

Por cima e em volta do arco, a cúpula vermelha pairava no céu e estendia-se até o bosque. Só através do arco o caminho estava desimpedido.

As sentinelas que nos acompanhavam olhavam para a frente, na expectativa.

A alguns metros do arco abrandei a caminhonete até parar, mas mantive o motor ligado. Permanecemos sentados na cabina, à espera.

Abriu-se uma porta de madeira de um lado do arco e saiu de lá um homem. A meu lado, o garoto teve um ligeiro estremecimento. Olhei para ele. Já se encontrava pálido, mas empalidecera ainda mais. Os seus o-

lhos estavam redondos como pratos rasos.

— O que é? — perguntei entredentes.

— É *ele*... o que eu vi no disco, o que roubou o Amuleto.

Não havia tempo para responder, nem para agir. Avançando descontraidamente, sorrindo um pouco até, o assassino aproximava-se da caminhonete.

36

Ali estava ele então — o homem que roubara o Amuleto de Samarcanda e desaparecera sem deixar rastro, o homem que cortara a garganta ao seu fiel depositário e o deixara estendido, a esvair-se em sangue. O mercenário de Lovelace.

Para um humano, ele era bem grande, uma cabeça mais alta do que a maioria dos homens, e larga, a condizer. Vestia um casaco comprido, abotoado, de tecido escuro e calças largas ao estilo oriental que tinham sido enfiadas nas botas altas de couro. A sua barba era negra como o azeviche, o nariz largo, olhos de um azul penetrante por baixo de sobrancelhas carregadas. Para um homem grande, movia-se com graciosidade, uma mão oscilando livremente ao lado do corpo, a outra enfiada no cinto.

O mercenário contornou o capô em direção ao meu lado da janela, os olhos em nós o tempo todo. Quando se aproximou, desviou o olhar e acenou de forma desprendida; vi a nossa escolta de *ghuls* desaparecer em direção aos campos.

Enfiei a cabeça parcialmente de fora da janela.

— Bom-dia — cumprimentei animadamente, no que esperava ser uma pronúncia londrina adequada. — Ernest Squalls e Filho, com uma entrega de mantimentos para a Mansão.

O homem parou e observou-nos em silêncio por um momento.

— Squalls e Filho... — A voz era lenta, grave; os olhos azuis pareceram penetrar-me quando falou. Teve um efeito desconcertante: a meu lado, o garoto engoliu involuntariamente em seco; só esperava que ele não fosse entrar em pânico.

— Squalls e Filho... Sim, estão à sua espera.

— Sim, p'trão.

— O que trazem?

— Mercadorias, p'trão.

— Nomeadamente?

— Hum... — Não fazia a mínima idéia. — De todo o tipo, p'trão. Quer inspecioná-las?

— Uma lista seria suficiente.

C'os diabos.

— Muito bem, p'trão. Hum, temos caixas, temos latas, muitas latas, senhor, pacotes de coisas, garrafas...

Os olhos semicerraram-se.

— Não me parece muito específico.

Ouviu-se uma voz esganiçada junto ao meu cotovelo. Nathaniel encostou-se a mim.

— Ele não trouxe a lista, senhor. Fui eu. Temos caviar do Báltico, ovos de tarambola, aspargos frescos (finos), salame bolonhês curado, azeitonas da Síria, vagens de baunilha da América Central, *pasta* fresca, línguas de cotovia em geléia, caracoletas marinadas e com a concha, frascos de pimenta preta acabada de moer e sal-gema, ostras de Wirral, carne de avestruz...

O mercenário ergueu uma mão.

— Chega. *Agora,* queria inspecioná-las.

— Sim, p'trão. — Carrancudo, apeei da cabine e dirigi-me à traseira da caminhonete, desejando ardentemente que o garoto não tivesse dado largas à sua imaginação daquela maneira. Nem queria pensar no que aconteceria se surgissem mercearias completamente diferentes. Mas agora não havia nada a fazer. Com o mercenário postado impassivelmente a meu lado, abri a porta traseira.

Ele inspecionou o interior durante alguns momentos.

— Muito bem. Podem prosseguir até à casa.

Quase incrédulo, observei o conteúdo da caminhonete. Uma grade de frascos a um canto chamou-me a atenção: azeitonas da Síria. Meio escondida atrás dela, uma pequena caixa de línguas de cotovia, folhas de *pasta* fresca embrulhada... Fechei a porta e regressei à cabina.

— Algumas indicações para nós, p'trão?

O homem apoiou uma mão na borda da minha janela aberta; as costas da mão estavam cheias de finas cicatrizes brancas entrecruzadas.

— Sigam pelo acesso até ele se bifurcar, tomem a direção da direita até os fundos da casa. Alguém estará lá para recebê-los. Façam o que têm a fazer e regressem. Antes de irem, fica aqui um aviso: vão entrar na propriedade privada de um grande mago. Não se afastem nem vão onde não devem sem autorização, se prezam suas vidas. As sanções são severas e coalhariam o seu sangue.

— Sim, p'trão.

Com um aceno, afastou-se e fez-nos sinal para que avançássemos. Acelerei o motor e passamos devagar debaixo do arco. Pouco depois estávamos sob as cúpulas protetoras; ambas fizeram vibrar a minha essência. Depois de transpô-las, seguimos por um acesso de areia que serpenteava por entre as árvores.

Olhei para o garoto. O seu rosto estava impassível, mas um único fio de suor escorria-lhe pela têmpora.

— Como é que sabia todos aqueles artigos? — indaguei. — Só teve dois segundos para olhar lá atrás.

Ele pôs um sorriso afetado.

— Fui treinado. Leio depressa e recordo com rigor. Então, o que achou dele?

— O assassinozinho de Lovelace? Misterioso. Não *é* um *djinni,* e também não creio que seja um mago — não tem propriamente o seu cheiro de corrupção[98]. Mas sabemos que ele conseguiu agarrar o Amuleto, por

isso deve ter algum poder... E transpira enorme confiança. Reparou como os *ghuls* o obedeceram?

[98] Não estava sendo grosseiro, aqui. Bem, pronto, estava, todavia, a grosseria era verdadeira. Posso não ser um diabrete de esfera de busca (todo narinas, lembram-se?), mas tenho um olfato muito apurado, e quase sempre consigo identificar um mago, mesmo quando andam incógnitos. Todos estes anos enfiado em salas enfumaçadas a invocar entidades poderosas confere um odor característico à sua pele, em que o incenso e a pontada aguda do medo adquirem enorme realce. Se mesmo assim ainda não se tiver certeza, a solução é olhá-los nos olhos: normalmente, conseguem ver-se as lentes.

O garoto enrugou a testa.

— Se ele não é um mago nem um demônio, que tipo de domínio *pode* ter?

— Não se iluda — disse-lhe sombriamente; — *existem* outros tipos. — Estava pensando na garota da Resistência e seus companheiros.

Fui poupado de mais interrogatório quando o acesso se tornou subitamente reto e saímos da faixa de árvores. E lá na frente vimos Heddleham Hall.

O garoto ficou boquiaberto.

Não teve bem o mesmo efeito sobre mim. Quando ajudamos a construir vários dos edifícios mais majestosos do mundo, e em alguns casos demos dicas úteis aos arquitetos intervenientes[99], uma mansão vitoriana de segunda categoria em estilo gótico não nos enche propriamente as medidas. Conhecem o tipo de coisa: imensas partes retorcidas e torreões[100]. Estava rodeada por um extenso gramado, no qual estavam espalhados de forma decorativa[101] pavões e cangurus pequenos. Tinham sido montadas duas tendas listradas no gramado, para onde vários criados já estavam levando bandejas com garrafas e copos de vinho do terraço. Em

frente da casa havia um imponente teixo antigo; debaixo dos seus ramos estendidos, o acesso dividia-se.

[99] Não que o meu conselho fosse sempre seguido: vejam o caso da Torre Inclinada de Pisa.

[100] Não ficaram satisfeitos com a descrição? Bem, estava apenas tentando dar seguimento à história. Heddleham Hall era um enorme edifício retangular com alas norte/sul atarracadas, imensas janelas em arco, dois pisos, empenas muito inclinadas, um excesso de chaminés de tijolo, rendilhados elaborados que remontavam à época barroca, falsas ameias por cima da porta principal, tetos altos abobadados (cheios de arestas), gárgulas variadas (idem) e todo construído em pedra bege-acastanhada que poderia parecer muito atraente com moderação, mas em dose maciça fazia com que parecesse um grande bloco de bombom mole a derreter-se.

[101] Tão decorativa que me perguntei se os seus pés tinham sido colados naquela posição.

A bifurcação da esquerda descia elegantemente até à fachada do edifício; a bifurcação da direita seguia discretamente até os fundos. De acordo com as nossas ordens, tomamos o caminho dos fornecedores.

O meu amo ainda estava a absorver toda a vista com uma expressão concupiscente.

— Esqueça os teus devaneios patéticos — admoestei-o. — Se quer vir a conseguir uma casa destas, terá que sobreviver primeiro ao dia de hoje. Por isso, agora que estamos aqui dentro, precisamos elaborar o nosso plano. Qual vai ser, exatamente?

O garoto concentrou-se de novo num instante.

— Pelo que Lovelace nos disse — começou —, calculamos que vá atacar os ministros de alguma forma. Só não sabemos como. Irá acontecer assim que chegarem, quando estiverem mais descontraídos e despreve-

nidos. O Amuleto é vital para o seu esquema, seja ele qual for.

— Sim. Concordo. — Bati no volante. — Mas, e então *o nosso* plano?

— Temos dois objetivos: encontrar o Amuleto e descobrir que armadilha Lovelace está preparando. Provavelmente, Lovelace terá o Amuleto consigo. De qualquer forma, estará bem guardado. Seria útil localizá-lo, mas não queremos tirá-lo enquanto não chegarem todos. Temos de lhes mostrar que ele o tem: provar que ele é um traidor. E se pudermos mostrar-lhes também a armadilha, tanto melhor. Teremos todas as provas de que necessitamos.

— Faz com que pareça tão simples... — Pensei em Faquarl, Jabor e todos os outros escravos que Lovelace provavelmente teria a postos, e suspirei. — Bem, primeiro precisamos abandonar esta caminhonete e estes disfarces.

O acesso terminou subitamente numa zona circular de gravilha, nos fundos da casa. A caminhonete da florista encontrava-se ali estacionada. Um conjunto de portas duplas brancas estava aberto ali próximo, com um homem vestindo um uniforme escuro em pé, do lado de fora. Fez-nos sinal para que encostássemos.

— Está bem — disse o garoto. — Descarregamos a caminhonete e aproveitamos a primeira oportunidade que tivermos. Aguarde as minhas ordens.

— Ei, será que nunca faço outra coisa? — Consegui parar a caminhonete a alguns milímetros do arbusto ornamental e saí. O criado aproximou-se.

— Mr. Squalls?

— Sou eu, p'trão. Este aqui é... o meu filho.

— Estão atrasados. O cozinheiro está precisando dos seus artigos. Por favor, levem-nos imediatamente à cozinha.

— Sim, p'trão. — Uma sensação desagradável percorreu a minha essência e eriçou os cabelos da minha nuca. O cozinheiro... Não, não podia ser. Devia estar noutro lado, com certeza. Abri a porta da caminhonete. — Filho, mexa-se, ou vai sentir o peso da minha mão!

Senti um certo prazer malévolo em carregar o garoto com tantos frascos de azeitonas da Síria e caracoletas quanto foi possível, depois empurrei-o lá para dentro. Ele vacilou sob o peso, fazendo lembrar Simpkin na loja de Pinn[102]. Escolhi um pequeno barril com línguas de cotovia e segui-o pelas portas até um corredor fresco, caiado. Vários criados de todas as formas e sexos corriam por ali como lebres assustadas, ocupados com mil e uma tarefas; por todo o lado era enorme o ruído e o tumulto. Pairava no ar um cheiro de pão cozido e carnes assadas, provindo de um amplo arco que levava à cozinha.

[102] Não pensem que me esqueci de Simpkin. Muito pelo contrário. Tenho uma memória de elefante e uma imaginação fértil. Tinha planos para ele.

Espreitei através do arco. Dúzias de ajudantes de cozinha vestidos de branco talhavam, temperavam, lavavam, cortavam... Algo girava no espeto, sobre uma fogueira. Havia molhos de legumes empilhados em cima de mesas, ao lado de formas de massa folhada que estavam a ser enchidas com geléias de frutos. Era uma colméia de atividade. A dirigir tudo aquilo estava um cozinheiro-chefe, que naquele momento gritava com um rapazinho que vestia um uniforme azul.

As mangas do chefe estavam arregaçadas. Tinha uma ligadura branca grossa em volta de um braço.

Saltei para o sétimo plano.

E desapareci de vista. Conhecia aqueles tentáculos bem demais para haver qualquer dúvida.

O meu amo entrara na cozinha, colocara a sua carga em equilíbrio precário numa mesa e vinha saindo sem ter percebido nada. Quando contornou a porta, atirei-lhe as línguas de cotovia na mão.

— Leva-as também — disse-lhe entredentes. — Não posso entrar.

— Porquê?

— Faça o que digo.

Teve o bom senso de obedecer, e rapidamente, pois o criado de uniforme escuro reaparecera no corredor, e observava-nos com muita atenção. Voltamos ao exterior para o carregamento seguinte.

— O cozinheiro-chefe — murmurei, enquanto retirava do fundo da caminhonete uma caixa com patê de javali — é o *djinni* Faquarl. Não me pergunte por que gosta daquele disfarce, não faço a menor idéia. Mas não posso entrar. Ele me veria imediatamente.

O garoto semicerrou os olhos.

— Como sei que está dizendo a verdade?

— Terá que confiar em mim, desta vez. Olha, consegue levar outro saco de bifes de avestruz, não consegue? Uups. Talvez não. — Ajudei-o a levantar-se. — Vou descarregar a caminhonete; você leva as coisas para dentro. Pensamos ambos no que fazer.

No decurso das várias idas e vindas do garoto, delineamos um plano de campanha. Foi preciso burlá-lo um pouco até chegarmos a um acordo. Ele queria que nos esgueirássemos ambos pela cozinha para explorar a casa, mas eu estava extremamente relutante em me aproximar de Faquarl. *A minha* idéia era descarregar, abandonar a caminhonete em algum lugar entre as árvores e voltar sorrateiramente para começarmos as nossas investigações, mas o garoto não era a favor de nada

disso.

— Está muito bem para você — disse ele. — Você pode atravessar o gramado como uma rajada de vento venenoso ou alguma coisa assim; eu não — eles me apanharão antes de chegar no meio do caminho. Já que estou na casa, tenho que entrar.

— Mas você é o filho de um merceeiro. Como explicará, quando te virem?

Fez um sorriso desagradável.

— Não se preocupe. Não serei o filho de um merceeiro por muito tempo.

— Bem, é muito arriscado para mim atravessar a cozinha — contrapus. — Tive sorte, ainda há pouco. Faquarl consegue normalmente sentir-me a milhas. Não pode ser; terei de arranjar outra maneira de entrar.

— Não me agrada — retorquiu ele. — Como vamos nos encontrar?

— Eu te encontro. Só não se deixe apanhar.

Encolheu os ombros. Se estava completamente aterrorizado, conseguia disfarçar muito bem. Empilhei os últimos cestos de ovos de tarambola nas suas mãos e fiquei a vê-lo ir, bamboleando até dentro da casa. Depois fechei as portas da caminhonete, deixei as chaves no banco do motorista e ponderei a posição. Não tardei a abandonar a idéia de deixar a caminhonete no meio das árvores: era mais suscetível de despertar a atenção do que deixá-la apenas ali sossegadinha. Afinal, também não havia ninguém preocupado com a caminhonete da florista.

A casa tinha muitas janelas. Algo poderia estar observando de alguma delas. Encaminhei-me para a porta como se fosse entrar, verificando os planos nesse momento: lá ao longe, uma patrulha de sentinelas passou por cima das árvores, bem por dentro da cúpula interior; tudo bem: não tinham visto nada. Parecia que

tinha o caminho livre.

Quando me aproximei da porta, afastei-me para um lado, a fim de não me verem de dentro, e transformei-me. Mr. Squalls tornou-se um pequeno lagarto que caiu para o chão, correu para o bocado de parede mais próximo e subiu por ela, dirigindo-se para o primeiro piso. A minha pele bege-acastanhada era a camuflagem ideal para a pedra. As minúsculas cerdas nas minhas patas proporcionavam-me uma excelente aderência. Os meus olhos giratórios olharam para cima, em volta e para trás. Pensando bem, fora a escolha perfeita de forma. Corri parede acima, perguntando-me como meu amo estaria se saindo, com o seu disfarce mais incômodo.

Nathaniel
37

Assim que pousou o cesto de ovos na superfície mais próxima, Nathaniel relanceou a cozinha à procura da sua melhor vítima. Eram tantas as pessoas atarefadas por ali que, a princípio, não conseguiu ver qualquer sinal do rapazinho de uniforme azul-escuro, e receou que já tivesse ido embora. Entretanto, avistou-o na sombra de uma enorme chefe pasteleira. Estava a transferir uma montanha de pequenos canapés para uma bandeja de prata com dois andares.

Era evidente que o garoto tencionava levar esta bandeja para qualquer outro lugar da casa. Nathaniel pretendia estar lá quando isso acontecesse.

Andou pela cozinha, fingindo esvaziar os cestos e caixotes, demorando-se, e ficando cada vez mais impaciente enquanto o garoto colocava cuidadosamente cada folhado com queijo-creme e camarão na bandeja.

Algo duro e pesado lhe bateu no ombro. Virou-se.

O cozinheiro-chefe encontrava-se ali, todo corado e reluzente do calor do espeto de assar. Dois olhos negros brilhantes fitavam-no atentamente. O chefe segurava um cutelo de carne na sua mão sapuda; fora com o gume afiado deste que batera em Nathaniel.

— E o que — perguntou o chefe, com voz suave — está fazendo na minha cozinha?

Nada no homem, em qualquer dos planos que Nathaniel tinha acesso, sugeria remotamente que era inumano. Não obstante, com o aviso de Bartimaeus em mente, não quis correr riscos.

— Vim buscar uns cestos do meu pai — res-

pondeu cortesmente. — Não temos muitos, sabe. Lamento se estou estorvando.

O chefe apontou com o cutelo para a porta.

— Desaparece.

— Sim, senhor. Já vou. — Mas foi apenas até o corredor que ficava do lado de fora da porta, onde Nathaniel se encostou à parede e esperou. Sempre que alguém saía da cozinha, baixava-se como se estivesse apertando os sapatos. Era uma situação crítica e temia o aparecimento do chefe, mas, tirando isso, sentia uma estranha satisfação. Após o primeiro choque de ver o mercenário no portão, o seu medo desaparecera e fora substituído por uma emoção que raramente sentira: a emoção da ação. O que quer que acontecesse, não voltaria a ficar inativo enquanto os seus inimigos agiam com impunidade. Agora era *ele* que assumia o controle dos acontecimentos. Era *ele* que fazia a perseguição. Era *ele* que apertava o cerco.

Passos leves e rápidos. O moço de recados surgiu através do arco, equilibrando o prato de canapés na cabeça. Firmando-o com uma mão, virou à direita, dirigindo-se para o corredor. Nathaniel colocou-se ao lado dele.

— Ora *viva*. — Falou de um modo muito simpático; nesse entretanto, percorreu o garoto de alto a baixo. Perfeito. O tamanho certo.

O garoto não deixou de reparar neste interesse.

— Aaah, quer alguma coisa?

— Sim. Há algum banheiro aqui perto? Fiz uma longa viagem e... sabe como é.

Na base de uma escada ampla, o garoto parou. Apontou para um corredor lateral.

— É por ali.

— Pode mostrar-me? Receio enfiar-me pela porta errada.

— Já estou muito atrasado, cara.

— *Por favor.*

Com um gemido de relutância, o garoto virou-se e conduziu Nathaniel pelo corredor. Caminhava tão depressa que a bandeja na sua cabeça começou a oscilar perigosamente. Parou, endireitou-a e prosseguiu o seu caminho. Nathaniel foi atrás dele, parando apenas para retirar do cesto de cima o pesado rolo de massa que roubara da cozinha. Na quarta porta, o garoto parou.

— Ali.

— Tem certeza de que é mesmo esta? Não quero dar de cara com ninguém.

— Estou dizendo que é. Olhe. — O garoto deu um pontapé na porta. A porta escancarou-se. Nathaniel fez girar o rolo de massa. Rapaz e bandeja de prata avançaram banheiro adentro. Bateram nos ladrilhos com um som semelhante a um tiro de espingarda; uma tempestade de canapés de queijo-creme e camarão espalhou-se por todo lado. Nathaniel avançou rapidamente atrás deles, fechou e trancou a porta.

O garoto desmaiara, pelo que Nathaniel não encontrou resistência quando lhe despiu as roupas. Teve infinitamente maior dificuldade em reunir os canapés, que se tinham espalhado e esborrachado em cada fenda e cantos do banheiro. O queijo era mole e pôde voltar a ser enfiado no folhado, mas nem sempre foi possível ressuscitar os camarões.

Depois de compor as bandejas o melhor que podia, rasgou a camisa do merceeiro em tiras e amarrou e amordaçou o garoto. A seguir puxou-o até um dos cubículos, trancou a porta por dentro e escalou a parte de cima equilibrando-se na divisão.

Com a prova seguramente escondida, Nathaniel compôs o uniforme na frente do espelho, equilibrou a bandeja na cabeça e saiu do banheiro. Concluindo que

algo que valesse a pena descobrir só com muita sorte estaria nas instalações dos criados, voltou para trás e subiu as escadas.

Vários criados passaram apressados em ambas as direções, levando bandejas e caixotes de garrafas, mas nenhum se meteu com ele.

No alto das escadas, uma porta dava para uma entrada, iluminada por uma fila de janelas altas em arco. O chão era de mármore polido, coberto a intervalos por tapetes persas e orientais ricamente tecidos. Havia bustos de alabastro retratando grandes líderes de épocas passadas dentro de nichos especiais, ao longo das paredes caiadas. Todo o efeito, mesmo com o fraco sol de Inverno, era de um brilho ofuscante.

Nathaniel atravessou o salão, mantendo os olhos bem abertos.

Ouviu lá na frente vozes altas, às gargalhadas, levantadas em saudação. Achou por bem evitá-las. Uma porta lateral aberta mostrava uma série de livros. Entrou...

...numa bela biblioteca circular, que se elevava em dois pisos até uma cúpula de vidro no telhado. Uma escada de caracol subia até um passadiço de metal que circundava a parede lá no alto, por cima da sua cabeça. De um lado, grandes portas de vidro encimadas por janelas davam para os gramados e um lago ornamental distante. Cada palmo restante de parede estava coberto de livros: grandes, caros, antigos, trazidos de cidades de todo o mundo. O coração de Nathaniel falhou um batimento, maravilhado. Um dia ele também teria uma biblioteca como esta...

— O que pensa que está fazendo? — Um painel de livros girara para frente, revelando uma porta diante dele. Encontrava-se ali uma mulher jovem, de cabelo escuro e carrancuda. Por alguma razão, fez-lhe lembrar

Ms. Lutyens; ficou sem iniciativa, abriu e fechou a boca em vão.

A mulher avançou. Trazia um vestido elegante; brilhavam jóias no seu colo esbelto. Nathaniel concentrou-se.

— Aah... não gostaria de uma coisa de camarão?

— Quem é você? Nunca o vi antes. — A voz dela era cortante como o sílex.

Ele tentou pôr o cérebro a trabalhar.

— Sou John Squalls, minha senhora. Ajudei o meu pai a vir entregar alguns mantimentos esta manhã. Só que o moço de recados adoeceu, ainda há pouco, minha senhora, e eles pediram-me para dar uma ajudinha. Não quis que ficasse com falta de pessoal num dia importante como este. Parece que virei no lugar errado, não estando familiarizado...

— Já chega. — Continuava a mostrar-se hostil; seus olhos semicerrados inspecionavam a bandeja. — Olhe para o estado disto! Como se atreve a trazer semelhante...

— Amanda! — Um homem jovem seguira-a até à biblioteca. — *Até que enfim,* encontrei-a... e, graças a Deus, *comida!* Deixe-me atacar! — Passou rapidamente por ela e tirou três ou quatro dos canapés mais desolados da bandeja de prata de Nathaniel.

— Absolutamente providencial! Foi uma viagem *esfomeante,* desde Londres. Mm, este tem um camarão. — Mastigou com vontade. — Que sabor interessante. Muito fresco. Então diga-me, Amanda... é *verdade* o que contam sobre você e Lovelace? As pessoas não falam de outra coisa...

Amanda Cathcart soltou uma pequena gargalhada retinente, depois dispensou bruscamente Nathaniel.

— Você... vá embora e sirva isso no salão de entrada. E tome cuidado ao preparar os próximos.

— Sim, minha senhora. — Nathaniel esboçou uma curta vênia, como vira os criados do Parlamento fazer, e saiu da biblioteca.

Fora por uma unha negra e o seu coração batia acelerado, mas a mente estava calma. A culpa que o assaltara depois do incêndio transformara-se agora numa fria aceitação da sua situação. Mrs. Underwood morrera porque ele roubara o Amuleto. Ela morrera, Nathaniel sobrevivera. Assim fora. Agora era a sua vez de destruir Lovelace. Sabia que o mais provável era não sobreviver àquele dia. Isso não o preocupava. As probabilidades acumulavam-se a favor do inimigo, mas era assim que tinha de ser. Venceria ou morreria tentando.

Agradava-lhe uma certa dose de heroísmo nesta equação. Era evidente e simples; ajudava a afastar a confusão da sua consciência.

Seguiu o tumulto até o salão de entrada. Os convidados chegavam agora às pencas; as colunas de mármore ecoavam com o ruído da conversa deles. Ministros de Estado entravam pela porta aberta, descalçando luvas e desenrolando compridos cachecóis de seda, a sua respiração pairando no ar frio do salão. Os homens vestiam *smokings,* as mulheres vestidos elegantes. Os criados encontravam-se em volta, aceitando casacos e oferecendo champanhe. Nathaniel hesitou por um momento, depois, erguendo a bandeja bem alto, mergulhou na multidão.

— O senhor, a senhora, desejariam... ?

— Canapés de queijo e camarão, minha senhora...

— Estará interessado num...?

Circulou por ali, empurrado nesta ou naquela direção por uma quantidade de mãos estendidas que atacavam a sua bandeja como gaivotas descendo sobre a pescaria. Ninguém falou com ele nem pareceu sequer

reparar nele: diversas vezes a sua cabeça bateu num braço ou numa mão a estender-se às cegas para a bandeja, ou a levar um canapé à boca aberta. Em segundos, a bandeja superior ficou vazia, à exceção de algumas migalhas e só alguns pedaços avulsos restavam na de baixo. Nathaniel viu-se expulso do grupo, sem fôlego e com o colarinho torto.

Um criado alto de ar lúgubre estava de pé junto dele, enchendo copos de uma garrafa.

— Parecem animais, não parecem? — comentou baixinho. — Malditos magos.

— Sim. — Nathaniel mal o ouvia. Observava a multidão de ministros, as suas lentes permitindo-lhe ver toda a atividade no salão. Quase todos os homens presentes tinham um diabrete a pairar atrás de si, e enquanto os seus amos se entretinham em sorridente conversa social, falando atabalhoadamente uns sobre os outros e apontando as suas jóias, os criados conduziam um discurso próprio. Cada diabrete assumia determinada postura e inchava de forma ridícula, tentando com freqüência esvaziar os seus rivais espetando-os subrepticiamente em lugares delicados com uma cauda espinhosa. Alguns mudavam de cor, percorrendo o espectro do arco-íris antes de terminarem no escarlate ou no amarelo vivo de aviso. Outros contentavam-se em fazer caretas, imitando as expressões e gestos dos amos dos seus rivais. Se os magos percebiam, conseguiam disfarçar muito bem que o ignoravam, mas a combinação dos falsos sorrisos dos convidados e as palhaçadas dos seus diabretes deixaram a cabeça de Nathaniel girando.

— Está servindo os aperitivos, ou passeando com eles?

Uma mulher carrancuda, de ancas largas, com um diabrete ainda mais amplo a flutuar atrás dela. E ao lado dela... o coração de Nathaniel sobressaltou-se — reco-

nheceu os olhos aquosos, o rosto tipo peixe. Mr. Lime, companheiro de Lovelace, com o diabrete menor e mais desajeitado que era possível imaginar, escondido atrás da orelha. Nathaniel manteve-se impassível e baixou a cabeça, apresentando a bandeja.

— Peço desculpas, minha senhora.

Ela tirou dois folhados, Lime tirou um. Nathaniel olhava timidamente para o chão, mas sentiu o olhar do homem cravado nele.

— Eu já não te vi em algum lugar? — perguntou o homem pegajoso.

A mulher puxou a manga do companheiro.

— Venha, Rufus; para quê dirigir-se a um comum, quando há aqui tantas pessoas *importantes* com quem conversar? Olhe... está ali a Amanda!

O mago encolheu os ombros e deixou-se levar. Olhando para eles, Nathaniel sentiu-se constrangido ao ver que o diabrete de Rufus Lime continuava a olhar para ele, a sua cabeça virada num ângulo de noventa graus, até se perder na multidão.

O criado ao lado dele ignorava tudo aquilo; os diabretes eram invisíveis para ele.

— Já acabou essa dose — disse-lhe. — Circula com esta bandeja de bebidas. Estão sequiosos que nem camelos. E, na sua maioria, com modos piores do que os deles.

Alguns convidados estavam a afastar-se pelo salão em direção a uma galeria interior, e Nathaniel ficou satisfeito por ter um pretexto para se afastar com eles. Precisava se distanciar das multidões para explorar outras partes da casa. Até aqui, nem sinal de Lovelace, do Amuleto nem de qualquer possível armadilha. Mas não aconteceria nada enquanto o Primeiro-Ministro não chegasse.

No meio do salão, viu a mulher da biblioteca de

pé, rodeada de um pequeno grupo, numa conversa de circunstância. Nathaniel vagou por ali, deixando que os convidados trocassem os copos vazios pelos cheios na sua bandeja.

— ...Verão dentro de alguns minutos — disse e-la. — É a coisa mais maravilhosa que já vi. Simon disse que a trouxe da Pérsia especialmente para esta tarde.

— Ele anda a tratá-la muito bem — referiu um homem com secura, sorvendo a sua bebida.

Amanda Cathcart corou.

— Anda *mesmo* — admitiu. — Ele é muito bom para mim. Oh... mas é simplesmente a coisa mais inteligente! Estou certa de que irá fazer sucesso imediato. Atenção, não foi fácil de instalar! Os homens dele têm estado a trabalhar por toda a semana. Vi a sala pela primeira vez esta manhã. Simon disse que iria cortar-me a respiração e acertou.

— O PM chegou — anunciou alguém. Com gritinhos de excitação, os convidados precipitaram-se para as portas, Amanda Cathcart à frente. Nathaniel imitou os outros criados e colocou-se respeitosamente ao lado de uma coluna, pronto para ser chamado.

Rupert Devereux entrou, batendo com as luvas numa mão e pondo o seu meio sorriso. Destacava-se da turba em adoração, não apenas pela sua roupa elegante e graça pessoal (que eram igualmente notáveis, tanto quanto Nathaniel se recordava), mas devido aos seus companheiros: escoltavam-no quatro magos de ar carrancudo e ternos cinzentos e — mais surpreendente — uma *afrit* maljeitosa de dois metros de altura com pele luminosa negro-esverdeada. A *afrit* postara-se bem atrás do amo, lançando os seus olhos vermelhos sinistros ao grupo.

Todos os diabretes tremeram de medo. Os convidados baixaram as cabeças, respeitosamente.

Nathaniel percebeu que o Primeiro-Ministro estava fazendo uma notória exibição de poder a todos os seus ministros reunidos, alguns dos quais aspiravam à sua posição. Foi sem dúvida suficiente para impressionar Nathaniel. Como podia Lovelace esperar vencer algo tão forte como a *afrit?* Certamente a própria idéia era uma loucura.

Mas eis ali Lovelace, correndo pelo salão para cumprimentar o seu líder. O rosto de Nathaniel manteve-se impassível; todo o seu corpo ficou tenso do ódio.

— Bem-vindo, Rupert! — Muitos apertos de mão. Lovelace parecia ignorar a presença da *afrit* junto ao ombro dele. Virou-se para se dirigir à multidão. — Senhoras e senhores! Com o nosso caríssimo Primeiro-Ministro aqui, a conferência pode começar oficialmente. Em nome de Lady Amanda, quero dar-vos as boas-vindas a Heddleham Hall. Por favor, façam como se estivessem em sua casa! — Os olhos dele viraram-se na direção de Nathaniel. Este encolheu-se ainda mais na sombra da coluna. Os olhos de Lovelace deslocaram-se.

— Muito em breve iremos ouvir os primeiros discursos no Salão Nobre, que Lady Amanda restaurou especialmente para o dia de hoje. Entretanto, por favor, vamos passar à ala anexa, onde haverá comida e bebidas à vontade.

Fez sinal com a mão. Os convidados começaram a deslocar-se.

Lovelace inclinou-se para falar com Devereux. Por trás da coluna. Nathaniel apanhou as palavras:

— Tenho só de ir buscar uns adereços para o meu discurso inaugural, senhor. Dá-me licença? Voltarei dentro de alguns minutos.

— Claro, claro, Lovelace. Esteja à vontade.

O séquito de Devereux deixou o salão, a *afrit* carrancuda na retaguarda. Lovelace observou-os por um

momento, depois partiu sozinho na direção oposta. Nathaniel permaneceu onde estava, entretendo-se a recolher os copos vazios que tinham sido abandonados em cima da mobília antiga e dos pedestais de mármore que revestiam o salão. Então, depois do último criado ter partido, pousou a sua bandeja de mansinho numa mesa e, como um fantasma na noite, partiu no rastro de Lovelace.

38

Simon Lovelace seguiu sozinho pelos corredores e galerias da enorme casa. Ia de cabeça baixa enquanto caminhava, as mãos apertadas com força atrás das costas. Não prestou atenção às filas de quadros, esculturas, tapeçarias e outros artefatos por que passou; nunca olhou para trás.

Nathaniel correu de coluna em pedestal, de estante em escrivaninha, escondendo-se atrás de cada um até ter certeza de que o mago levava vantagem suficientemente para ele poder prosseguir. O seu coração batia com força; sentia um ruído a invadir-lhe os ouvidos — trouxe-lhe à lembrança uma ocasião em que estivera de cama, doente com febre. Não se sentia doente agora, mas muito vivo.

Aproximava-se a passos largos o momento em que Lovelace iria atacar. Sabia como se tivesse sido ele próprio quem planejara tudo. Só não sabia ainda a forma que o ataque iria revestir, mas podia ver a sua iminência nas linhas tensas dos ombros do mago, na forma rígida e distraída como caminhava.

Desejou que Bartimaeus conseguisse encontrá-lo. O *djinni* era a sua única arma.

Lovelace subiu uma escada estreita e desapareceu por um arco aberto. Nathaniel foi atrás dele, assentando os pés sem fazer barulho nos degraus de mármore escorregadios.

No arco, espreitou à sua volta. Era uma pequena biblioteca ou uma galeria qualquer, parcamente iluminada por janelas no telhado. Lovelace seguia por um corredor central entre várias filas de estantes protuberantes. Aqui e ali havia mesas de exposição, exibindo uma variedade de objetos de forma curiosa. Nathaniel

deu outra olhada, decidiu que a sua presa estava quase chegando à porta do outro lado, e entrou na ponta dos pés na sala.

Subitamente, Lovelace falou.

— Maurice!

Nathaniel enfiou-se rapidamente atrás da estante mais próxima. Comprimiu-se contra ela, fazendo um esforço para respirar silenciosamente. Ouviu a porta do fundo abrir-se. Furtivamente, tendo o cuidado de não fazer o menor ruído, virou a cabeça pouco e pouco, até conseguir olhar por cima dos livros mais próximos. Outras estantes o separavam do lado oposto da galeria, mas, enfiado num intervalo entre duas prateleiras, apenas conseguia ver o rosto vermelho e enrugado de Schyler, o velho mago. O próprio Lovelace estava fora de vista.

— Simon... o que se passa? Por que veio?

— Trouxe-lhe um presente. — A voz de Lovelace era descontraída, divertida. — O garoto.

Nathaniel quase desmaiou com o choque. Os seus músculos ficaram tensos, preparados para a fuga...

Lovelace apareceu na extremidade da estante.

— Não se preocupe. Estará morto antes de sair da sala.

Nathaniel ficou estático. Tremendo à beira do pânico, manteve-se muito quieto.

— Venha aqui até Maurice. — Lovelace fez uma aparatosa vênia. Nathaniel avançou, arrastando os pés. — Lindo menino. E pare de tremer como um inválido. Outra coisa que tem que aprender: um mago nunca mostra o seu medo.

Nathaniel entrou no corredor principal e estacou, de frente para o velho mago. O seu corpo tremia de raiva, não de medo. Olhou para a esquerda e para a direita, procurando vias de fuga, mas não viu nenhuma. A

mão de Lovelace bateu-lhe nas costas; ele recuou, com o contato.

— Lamento não ter tempo para conversas — disse Lovelace. — Vou deixar-te entregue aos cuidados de Maurice. Ele tem uma proposta a fazer-te. Perdão... isso foi um murmúrio?

— Como soube que eu estava aqui?

— Rufus Lime reconheceu-o. Duvidei que tentasse algo muito precipitado lá embaixo, dado que a polícia anda à tua procura por causa daquele... malogrado incêndio. Por isso achei melhor afastá-lo simplesmente das multidões, antes de causar confusão. Agora desculpe-me, tenho um compromisso urgente. Maurice... está na hora.

O rosto de Schyler enrugou-se de satisfação.

— Rupert chegou, não chegou?

— Chegou, sim, e os seus homens invocaram uma *afrit* descomunal. Acha que ele desconfia?

— Tch! Não. É a paranóia normal, aguçada por aquele maldito ataque ao Parlamento. A Resistência tem muito por que responder — não facilitaram nada a tarefa de hoje. Uma vez no poder, Simon, temos de exterminar estas estúpidas crianças, e pendurá-las, acorrentadas, em Tower Hill.

Lovelace resmungou.

— A *afrit* estará presente durante o discurso. Os homens de Rupert irão fazer questão.

— Terá que ficar perto dele, Simon. Ele deverá receber o primeiro ataque com toda a intensidade.

— Sim. Espero que o Amuleto...

— Tch! Não perca tempo! Já conversamos sobre isto. Sabe que irá agüentar. — Algo na voz do velho fez lembrar a Nathaniel a impaciência fria do seu próprio mestre. O rosto enrugado contorceu-se de modo desagradável. — Não está preocupado com a mulher, não é?

— Amanda? Claro que não! Ela não significa nada para mim. Portanto — Lovelace respirou fundo —, está tudo a postos?

— O pentagrama está pronto. Tenho uma boa panorâmica da sala. Rufus acaba de colocar o corno a postos, por conseguinte, *isso está* resolvido. Ficarei de vigia. Se algum deles oferecer resistência enquanto estiver acontecendo, faremos o que pudermos. Mas duvido que venha a ser necessário. — O velho soltou um risinho abafado. — Estou *tão* ansioso por isto!

— Até breve. — Lovelace virou-se e dirigiu-se para o arco. Parecia ter-se esquecido da existência de Nathaniel.

De repente, o velho falou quando ele já se ia embora.

— O Amuleto de Samarcanda. Já o colocou?

Lovelace não olhou para trás.

— Não. Está com Rufus. Aquela *afrit* iria cheirá-lo a milhas, se tivesse tempo. Ponho-o assim que entrar.

— Muito bem, então. Boa sorte, meu filho.

Nenhuma resposta. A seguir, Nathaniel ouviu passos descendo as escadas.

Depois Schyler sorriu; todas as rugas e vincos no seu rosto pareceram partir dos cantos dos olhos, mas os próprios olhos eram fendas vazias. O seu corpo estava tão curvado com a idade que era pouco mais alto do que Nathaniel; a pele das suas mãos parecia de cera, salpicada de manchas do fígado. No entanto, Nathaniel conseguia sentir o poder nele.

— John — disse Schyler. — É esse o teu nome, não é? John Mandrake. Ficamos muito surpreendidos por te encontrar na casa. Onde está o teu demônio? Perdeu-o? Isso é um grande descuido.

Nathaniel comprimiu os lábios. Olhou de lado

para a mesa de exposição mais próxima. Tinha alguns objetos estranhos lá em cima: taças de pedra, flautas de osso e um enorme toucado roído por traças, talvez usado em tempos por um xamã da América do Norte. Tudo inútil para ele.

— Eu era de opinião que devíamos matá-lo já — anunciou Schyler —, mas Simon tem mais visão do que eu. Sugeriu que te fizéssemos uma proposta.

— Qual *é?* — Nathaniel olhava para outra mesa de exposição — continha uns pequenos cubos baços de metal, embrulhados numas faixas de papel desbotadas.

O mago seguiu o olhar dele.

— Ah... está admirando a coleção de Miss Cathcart? Não encontrará nada de poder, aí. É moda entre os ricos e os comuns estúpidos possuir artigos mágicos em suas casas, apesar de primarem em absoluto por não saberem nada a respeito deles. Tch! Abençoada ignorância. Sholto Pinn está sempre sendo importunado pelos tolos da sociedade por causa de bugigangas como essas.

Nathaniel encolheu os ombros.

— Falou numa proposta.

— Sim. Dentro de minutos, cem dos ministros mais poderosos e eminentes do Governo estarão mortos, juntamente com o nosso virtuoso Primeiro-Ministro. Quando a nova administração de Simon assumir o controle, as ordens mágicas inferiores nos seguirão incondicionalmente, uma vez que seremos mais fortes do que elas. No entanto, não são muitos, e em breve haverá espaços, vagas a preencher nas esferas mais altas do Governo. Iremos precisar de novos magos talentosos para nos ajudarem a governar. Enorme riqueza e a tranqüilidade do poder esperam os nossos aliados. Bem, agora você é jovem, Mandrake, mas reconhecemos a tua capacidade. Possui os predicados de

um grande mago. Junte-se a nós, e lhe proporcionaremos o aprendizado por que sempre ansiou. Pense nisso — não mais experiências solitárias, não mais subjugação nem vênias a tolos que não são dignos de te lamber as botas! Iremos testá-lo e inspirá-lo, faremos vir à tona o teu talento e o deixaremos respirar. E um dia, talvez, quando Simon e eu desaparecermos, venha a ser o maior...

A voz calou-se, deixou a imagem em suspenso. Nathaniel manteve-se silencioso. Seis anos de ambição frustrada tinham ficado gravados na sua mente. Seis anos de desejo suprimido — ser reconhecido pelo que era, exercer o seu poder abertamente, ir ao Parlamento como um grande ministro de Estado. E agora os seus inimigos estavam a propor-lhe tudo isso. Suspirou com força.

— Está tentado, John, eu bem vejo. Então, o que me diz?

Olhou o velho mago diretamente nos olhos.

— Simon Lovelace pensa *realmente* que eu vou me unir a ele?

— Pensa.

— Depois de tudo o que aconteceu?

— Mesmo assim. Ele sabe como funciona a tua mente.

— Então Simon Lovelace é um tolo.

— John...

— Um tolo arrogante!

— Tem que...

— Depois do que ele me fez? Podia oferecer-me o mundo, que eu recusaria. Juntar-me a ele? Preferia morrer!

Schyler anuiu, como se satisfeito.

— Sim. Eu sei. Foi isso que eu lhe disse que você responderia. Como previ: não passa de um fedelho pa-

lerma e confuso. Tch! Não foi educado corretamente; a tua mente está desorientada. Não serve para nada.

Deu um passo em frente. Os seus sapatos chiaram no chão envernizado.

— Bem, não vai fugir, rapazinho? O teu *djinni* desapareceu. Não tem nenhum outro poder. Não gostaria de levar alguma vantagem?

Nathaniel não fugiu. Sabia que seria fatal. Deu uma olhada nas outras mesas, mas não conseguiu ver com clareza quais eram os objetos expostos; o inimigo bloqueava-lhe o acesso a elas.

— Sabe — continuou o velho —, fiquei impressionado da primeira vez que nos encontramos... tão jovem, tão cheio de conhecimentos. Achei que Simon foi muito duro contigo; até mesmo o caso dos bichinhos foi divertido e evidenciou uma índole empreendedora. Numa situação normal, o mataria lentamente — isso me divertiria muito mais. Mas tenho um assunto importante dentro de momentos e não posso perder tempo.

O mago ergueu uma mão e proferiu uma palavra. Apareceu um nimbo negro brilhante, tremeluzindo e flutuando em volta dos seus dedos.

Nathaniel atirou-se para o lado.

Bartimaeus
39

Esperava que o garoto conseguisse não se meter em confusão até eu ter tempo de alcançá-lo. Estava demorando mais do que eu pensava para entrar.

O lagarto correu para cima e para baixo pela parede; em volta das cornijas, por cima dos arcos, através das pilastras, o seu progresso cada vez mais acelerado e errático. Cada janela a que chegou — e elas abundavam na mansão — estava firmemente fechada, fazendo-o agitar a língua de frustração. Seria que Lovelace & Cia nunca tinham ouvido falar dos benefícios do ar puro?

Passaram-se muitos minutos. E nenhuma sorte ainda. A verdade era que eu tinha relutância em entrar, exceto em última instância. Era impossível dizer se as divisões do outro lado tinham vigilantes que pudessem reagir ao menor ruído inconveniente. Se ao menos eu conseguisse encontrar uma fenda, uma greta por onde me esgueirar... Mas o lugar estava muito bem vedado.

Era inútil: teria de experimentar uma chaminé.

Com esta idéia em mente, dirigi-me para o telhado, só que minha atenção foi despertada por um conjunto de janelas muito alto e ornamentado um pouco mais adiante, numa ala que se projetava da casa. Sugeriam uma sala bastante grande do outro lado. Não só isso, mas também uma poderosa rede de grades mágicas que se entrecruzavam sobre as janelas no sétimo plano. Nenhuma das outras janelas da Mansão possuía semelhantes defesas. A minha curiosidade foi aguçada.

O lagarto correu em diagonal para ir espreitar, as escamas a raspar nas pedras. Agarrou-se a uma coluna e esticou a cabeça na direção da janela, tendo o cuidado

de mantê-la bem afastada das grades brilhantes. O que viu lá dentro foi interessante, sim, senhor. As janelas davam para um amplo salão ou auditório circular, fortemente iluminado por uma dúzia de lustres suspensos no teto. No centro havia um pequeno pódio coberto de tecido vermelho, em volta do qual cem cadeiras tinham sido dispostas num semicírculo certinho. No pódio estava um palanque de orador, juntamente com um copo e um jarro com água. Evidentemente, era este o local da conferência.

Tudo na decoração do auditório — desde os lustres de cristal aos ricos enfeites de ouro nas paredes — se destinava a apelar ao sentido (comum) de riqueza e posição social dos magos. Mas realmente extraordinário na sala era o chão, que parecia feito inteiramente de vidro. Cintilava e reluzia de parede a parede, refletindo a luz dos lustres numa dúzia de tonalidades e matizes incomuns. Como se isto não fosse suficientemente incomum, por baixo do vidro estendia-se um carpete imenso e muito belo. Era de fabricação persa, mostrando — no meio de uma profusão de dragões, *quimeras*, manticores*** e aves — uma cena de caça magnificamente pormenorizada. Um príncipe em tamanho natural e a sua corte cavalgavam por uma floresta, rodeados de cães, leopardos, milhafres e outros animais adestrados; à frente deles, entre os arbustos, saltava um grande número de veados de patas ligeiras. Tocavam-se trompas, agitavam-se flâmulas. Era uma idealização de um conto de fadas oriental e teria ficado bastante impressionado, se não tivesse olhado para dois dos rostos dos cortesãos. Aquilo estragava por completo o efeito. Um deles ostentava a fuça horrenda de Lovelace; o outro parecia-se com Sholto Pinn. Noutro lugar, avistei a minha antiga captora, Jessica Whitwell, cavalgando uma égua branca. Só Lovelace para estragar uma excelente obra de

arte com semelhante fantasia insinuante[103]. O príncipe era, sem dúvida, Devereux, o Primeiro-Ministro e todo o mago importante se encontrava retratado entre a sua multidão aduladora.

* Monstro mitológico com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. *(NT)*

** Monstro fabuloso com corpo de leão, cabeça de homem, cerdas de porco-espinho e cauda ou ferrão de escorpião. *(NT)*

[103] Como os tecelões de Bassorá deviam ter abominado ser encarregados de criar tamanha monstruosidade! Já lá se vão os tempos em que, com complexas e cruéis fórmulas encantatórias, eles entrelaçavam os *djinn* no tecido dos seus tapetes, criando artefatos que transportavam os seus amos pelo Oriente Médio e eram, ao mesmo tempo, à prova de nódoas. Centenas de nós fomos aprisionados desta maneira. Mas agora, com o poder mágico de Bagdá há muito cessado, estes artífices conseguem evitar a indigência criando apenas peças turísticas sem grande qualidade para clientes estrangeiros ricos. Eis o progresso.

Este chão curioso não era a única coisa estranha no salão circular. Todas as outras janelas que davam para ele tinham defesas brilhantes idênticas àquela por onde eu espreitava. Fazia sentido: em breve, a maioria do Governo estaria lá dentro — a sala tinha de ser segura, se houvesse algum ataque. Mas havia coisas escondidas na cantoneira do encaixe da minha janela que se afiguravam varas de metal implantadas, e a sua finalidade não era nada transparente.

Estava eu a refletir nisso quando se abriu uma porta ao fundo do auditório e entrou rapidamente um mago. Era o homem com brilhantina que eu vira passar no carro: Lime, como lhe chamara o garoto, um dos confederados de Lovelace. Levava um objeto na mão, envolto num pano. Com passos apressados e olhos que

se agitavam de um lado para o outro, avançou até o pódio, subiu-o e aproximou-se do palanque do orador. Havia uma prateleira lá dentro, escondida da assembléia, embaixo, e o homem introduziu lá dentro o objeto.

Antes de fazê-lo, retirou o pano e um arrepio percorreu-me as escamas.

Era o corno de invocação que eu vira no gabinete de trabalho de Lovelace na noite em que roubara o Amuleto de Samarcanda. O marfim amarelecera com o tempo e fora reforçado com tiras finas de metal, mas as impressões digitais enegrecidas na parte lateral[104] estavam ainda bem visíveis.

[104] Os únicos restos da primeira pessoa a soprar o corno, sendo um requisito essencial em tais peças que o seu primeiro utilizador fique à mercê da entidade que chama. Com esta notável falha de concepção, os cornos de invocação são bastante raros, como podem imaginar.

Um corno de invocação...

Começava a fazer-se luz. As grades mágicas nas janelas, as varas de metal cravadas na cantoneira, prontas para se fechar subitamente... As defesas do auditório não eram para manter nada *de fora* — eram para manter todos *lá dentro*.

Estava efetivamente na hora de eu entrar.

Ignorando praticamente quaisquer sentinelas que sobrevoassem a zona, trepei pela parede e pelo telhado de telhas vermelhas da mansão até à chaminé mais próxima. Corri pela borda do cano da chaminé e preparava-me para me enfiar lá dentro, quando recuei, tremendo. Havia uma rede de fios cintilantes suspensa por baixo de mim, em todo o orifício. Bloqueado.

Corri para o seguinte. Na mesma.

Em considerável agitação, andei de um lado para o outro pelo telhado de Heddleham Hall, verificando

cada chaminé. Todas estavam vedadas. Mais de um mago se dera ao imenso trabalho de proteger o local de espiões.

Parei finalmente, perguntando-me o que fazer.

Nesta altura, na fachada da casa por baixo de mim, uma corrente contínua de carros com motorista[105] fora chegando, despejara os seus ocupantes e dirigira-se para um parque de estacionamento lateral. A maior parte dos convidados já encontrava-se aqui agora; a conferência estava prestes a começar.

[105] Num exemplo perfeito do estilo deplorável da maior parte dos magos, cada um dos veículos sem exceção era grande, preto e brilhante. Até o menor parecia querer ser um carro funerário quando crescesse.

Olhei para o gramado. Uns quantos retardatários corriam em direção à casa.

E não eram os únicos.

No meio do gramado havia um lago com uma fonte ornamental, retratando um deus grego apaixonado tentando beijar um golfinho[106] . Por trás do lago, o acesso curvava para as árvores em direção ao portão de entrada. E por ele vinham três figuras em grandes passadas, duas andando rapidamente, a terceira ainda mais acelerada. Para um homem que fora recentemente derrubado por um rato do campo, Mr. Squalls corria bem. O Filho conseguia suplantá-lo: possivelmente a falta de roupas encorajava-o a avançar (a esta distância parecia uma bolha enorme). Mas nenhum deles acompanhava o ritmo do mercenário barbudo, cuja capa se agitava atrás de si enquanto vinha pelo acesso direito ao relvado.

[106] Desaconselhável.

Ah, isto podia significar confusão.

Empoleirei-me na ponta do cano da chaminé, amaldiçoando o meu comedimento com Squalls e Filho[107] e perguntando-me se poderia ignorar o trio distante. Mas outra olhada decidiu-me: o homem barbudo caminhava mais depressa do que nunca. Estranho: os seus passos pareciam normais, mas cobriam o terreno a uma velocidade incrível.

[107] Julgara que os meus socos os manteriam sem sentidos pelo menos por dois dias. Mas enganara-me. É o que dá, fazer as coisas às pressas.

Percorrera já quase metade da distância até o lago. Mais um minuto e chegaria à casa, pronto para dar o alarme.

A entrada na casa teria de esperar. Não havia tempo para ser discreto. Transformei-me num melro e levantei vôo do telhado da mansão com um objetivo em mente.

O homem de negro aproximava-se cada vez mais. Notei um movimento no ar em volta das suas pernas, uma estranha discrepância, como se o seu movimento não estivesse devidamente contido dentro de qualquer dos planos. Então, compreendi: ele calçava botas de sete léguas[108]. Após mais alguns passos, a sua trajetória seria muito rápida para que a pudesse acompanhar — poderia percorrer quilômetro e meio em cada passo. Acelerei o meu vôo.

[108] Poderosos instrumentos mágicos inventados na Europa medieval. A uma ordem de quem as calça, as botas conseguem percorrer distâncias consideráveis no menor passo. As regras normais de tempo e espaço (da Terra) não se aplicam. Supostamente, cada bota contém um *djinni* capaz de se deslocar num hipotético *oitavo* plano (não que eu soubesse algo sobre isso). Era agora mais fácil compreender por que motivo o mercenário conseguira escapar à captura, quando roubara pela primeira vez o Amuleto

para Lovelace.

A margem do lago era um belo local (se não contássemos com a estátua do velho deus desavergonhado e do golfinho). Um jovem jardineiro arrancava ervas das margens do lago. Alguns patos inocentes dêslizavam sonhadoramente na superfície da água. Juncos agitavam-se com a brisa. Alguém plantara um pequeno maciço de madressilva junto ao lago: as suas folhas brilhavam com um agradável verde tranqüilo, ao sol da tarde.

Isto foi apenas para que conste. A minha primeira Detonação não acertou o mercenário (sendo difícil calcular a velocidade de alguém com as botas de sete léguas calçadas) mas atingiu o maciço, que se volatilizou imediatamente. O jardineiro gritou e saltou para dentro do lago, dispersando os patos num pequeno macaréu. Os juncos pegaram fogo. O mercenário ergueu o olhar. Não reparara antes em mim, estando, provavelmente, absorto na manutenção do controle das botas, por isso aquilo não tinha sido elegante da minha parte, mas, caramba — eu estava atrasado para a conferência! A minha segunda Detonação atingiu-o diretamente no peito. Desapareceu numa massa de chamas cor de esmeralda.

Por que é que não se podem resolver tão facilmente todos os problemas?

Dei uma volta rápida, olhando para o horizonte, mas não havia vigilantes nem nada perigoso à vista, a menos que se contasse com o traseiro rosado do filho de Squalls quando ele e o pai fugiram a sete pés na direção do portão do parque. Ótimo. Preparava-me para me dirigir de novo para a casa, quando a fumaça da minha Detonação se dissipou, revelando o mercenário sentado numa depressão enlameada com um metro de profundidade, todo emporcalhado, a piscar os olhos,

mas vivinho da silva.

Hmm. Eis algo com que *não tinha* contado.

Parei no meio do ar, metendo os freios a fundo, virei-me e descarreguei outra explosão mais concentrada. Foi uma daquelas que até teria deixado Jabor com os joelhos um pouco trêmulos; certamente teria transformado a maior parte dos humanos num tufo de fumaça levado pelo vento.

Mas não o Barbudo. Quando as chamas voltaram a apagar, ele estava precisamente a pôr-se de pé, e da forma mais imprevidente! Parecia que estivera tirando uma soneca. Efetivamente, grande parte da sua capa ardera, mas o corpo por baixo dela estava ainda forte e de boa saúde.

Não me dei ao incômodo de tentar novamente. Sou bastante perspicaz.

O homem pôs a mão dentro da capa e, de um bolso escondido, retirou um disco de prata. Com inesperada velocidade, levou a mão atrás e arremessou — falhou o meu bico pela largura de uma pena e voltou à mão dele num arco indolente.

Foi a gota d'água. Eu passara por muita coisa nos últimos dias. Todos os que encontrara queriam um pedaço de mim: *djinn,* magos, humanos... tanto fazia. Fora chamado, maltratado, alvejado, capturado, apertado, mandado a levar recados e, de um modo geral, tido como certo. E agora, para o cúmulo, este sujeito também entrara na festa, quando tudo o que eu fizera fora tentar matá-lo muito sossegadamente.

Descontrolei-me.

O melro mais furioso que alguma vez já se viu desceu a pique para a estátua no meio do lago. Pousou na base da cauda do golfinho, estendeu as asas em volta da pedra e, quando se elevou, assumiu mais uma vez a forma da gárgula. Golfinho e deus[109] foram arrancados

dos seus alicerces. Com um ligeiro estalido e ruído áspero de chumbo a dilacerar, a estátua soltou-se. Um jato de água brotou dos canos rotos lá dentro. A gárgula levantou a estátua acima da cabeça, deu um salto e aterrou na margem do lago, não muito longe de onde se encontrava o mercenário.

[109] Estavam interligados. Não interessa como.

Ele não me pareceu tão perturbado quanto seria do meu agrado. Atirou de novo o disco. Cravou-se no meu braço, envenenando-me com prata.

Ignorando a dor, arremessei a estátua como um tronco* das Terras Altas. Ela deu dois saltos estilosos e aterrou em cima do mercenário com uma pancada suave.

* Referência ao tronco de pinheiro usado na Escócia para ser lançado ao ar como esporte. *(NT)*

Pareceu sem fôlego, tenho que confessar. Mas, mesmo assim, não ficara nada espalmado como eu pretendera. Via-o a debater-se debaixo do deus emborcado, tentando agarrá-lo para empurrar. Isto estava ficando entediante. Bem, se eu não conseguia vencê-lo, podia sem dúvida empatá-lo. Enquanto ele continuava a debater-se, saltei sobre ele, desapertei as botas de sete léguas e arranquei-as dos pés. A seguir atirei-as com toda a força para o meio do lago, onde os patos estavam entretidos a reagrupar-se. As botas chapinharam lá no meio e desapareceram imediatamente de vista.

— Vai me pagar por isto — disse o homem. Continuava a debater-se com a estátua, afastando-a lentamente do peito.

— Não sabe quando é hora de desistir, não é? —

respondi-lhe, coçando um corno com irritação. Estava pensando no que mais podia fazer quando...

...senti as minhas entranhas serem sugadas através das costas. A minha essência enroscou-se e contorceu-se. Arfei. O mercenário viu a minha forma tornar-se vaporosa e fraca.

Deu um impulso e empurrou a estátua de cima dele. No meio da minha dor, vi-o pôr-se de pé.

— Pare, covarde! — exclamou. — Tem que me enfrentar e lutar!

Abanei-lhe uma garra a dissolver-se.

— Considere-se bafejado pela sorte — gemi. — Vou abandoná-lo. Tinha-o preso e não se esque...

A seguir desapareci, e comigo a minha reprimenda.

Nathaniel
40

O raio de plasma negro como o azeviche atingiu a mesa de exposição mais próxima. O toucado do xamã, os vasos e cachimbos, a própria mesa e uma parte do chão desapareceram todos com um ruído semelhante a algo a ser sugado bruscamente por um ralo. Elevou-se um vapor pestilento do buraco no chão.

A um metro ou menos de distância, Nathaniel rolou completamente e pôs-se de pé. Sentia a cabeça tonta de rolar, mas não hesitou. Correu para a mesa de exposição seguinte, a que tinha os cubos de metal. Quando o velho mago ergueu mais uma vez a mão, agarrou tantos cubos quanto pôde e desapareceu atrás de uma estante vizinha. O segundo raio de plasma caiu bem atrás dele.

Parou por um momento. Atrás das estantes, o velho mago deu um estalido com a língua.

— O que está fazendo? Tenciona arremessar-me mais bichinhos?

Nathaniel olhou para os objetos na sua mão. Bichinhos não, mas era pouco melhor. Cubos de Praga: truques menores de prestidigitador usados por magos da casta inferior. Cada cubo consistia apenas num bichinho engarrafado dentro de uma cápsula de metal com uma variedade de pós minerais. Quando libertados com uma ordem simples, bichinho e pós entravam em combustão de uma forma engraçada. Diversões bobas, nada mais. Certamente, não eram armas.

Cada cubo tinha um invólucro carimbado com o famoso logotipo do recipiente de destilação dos alquimistas da Rua do Ouro* Eram antigos, provavelmente

do século XIX. Se calhar nem sequer funcionavam.

* Também conhecida em Praga como Rua dos Alquimistas, constitui uma prova da «Cidade Mágica». Conta a lenda que foi nesta rua que os alquimistas de Rodolfo II deram continuidade aos mitos da Pedra Filosofal e da produção de ouro. *(NT)*

Nathaniel pegou num e arremessou-o, com invólucro e tudo, por cima das prateleiras.

Gritou o comando de libertação.

Com uma chuva brilhante de faíscas prateadas e uma pequena melodia, o diabrete dentro do cubo entrou em combustão. Uma fragrância tênue mas inconfundível, de lavanda, encheu a galeria.

Ouviu o velho mago irromper numa gargalhada sadia.

— Que encantador! Por favor... mais! Quero ficar todo cheiroso quando ocuparmos o país! Tem com aroma de sorveira? Esse seria o meu preferido!

Nathaniel escolheu outro cubo. Habilidades de festa ou não, eram as únicas coisas que tinha.

Ouviu o chiar dos sapatos do velho enquanto se arrastava pela galeria em direção ao fim do seu corredor. O que podia fazer? De cada lado, as estantes bloqueavam-lhe a saída.

Seria? Cada estante era aberta por trás: em cada fila, podia ver pela parte de cima dos livros o corredor seguinte. Se conseguisse chegar lá...

Arremessou o próximo cubo e correu para a estante.

Maurice Schyler contornou a esquina, a sua mão invisível dentro do globo vacilante de força.

Nathaniel chegou à segunda estante de livros como um saltador em altura a transpor uma barreira. Murmurou o comando de libertação.

O cubo explodiu na cara do velho. Uma explosão

de faíscas púrpura silvou e rodopiou até o teto; ouviu-se por breves instantes uma marcha checa do século XIX, acompanhando.

No corredor seguinte, cinqüenta livros caíram, como parede a desmoronar-se. Nathaniel deitou-se por cima deles.

Sentiu, mais do que viu, o terceiro raio de plasma destruir o corredor atrás dele.

A voz do mago evidenciava agora um ligeiro tom de irritação.

— Rapazinho... o tempo urge! Fique quieto, por favor.

Mas Nathaniel já se pusera de pé e corria para a estante seguinte. Movia-se depressa demais para pensar, sem se permitir um momento de pausa, senão o terror acabaria por esmagá-lo. O seu único objetivo era alcançar a porta ao fundo da galeria. O velho dissera que havia ali um pentagrama.

— John... escute! — Caiu de costas no corredor seguinte, no meio de uma chuva de livros. — Admiro a tua determinação. — Um dicionário com encadernação de couro atingiu-o de lado na cabeça, deixando-o a ver estrelas. Fez um esforço para se levantar. — Mas é uma tolice procurar vingança em nome do teu mestre. — Outra explosão de força mágica: outra seção de prateleiras desaparecida. A sala estava cheia de fumaça espessa e acre. — Uma tolice e uma aberração. Eu próprio *matei* o meu mestre, há muito tempo. Ora, se o teu Underwood fosse um homem de valor, eu ainda compreendia. — Nathaniel arremessou o terceiro cubo atrás dele; embateu inofensivamente numa mesa e não explodiu. Esquecera-se de dar a ordem. — Mas ele não era um homem de valor... não é, John? Ele era um idiota gagá. Agora vai perder a vida por ele. Não devia ter se metido.

Nathaniel chegara ao último corredor. Não estava longe da porta ao fundo da sala — bastavam alguns passos. Mas aqui, pela primeira vez, estacou. Uma enorme raiva brotara dentro de si e abafara o seu medo.

Os sapatos chiaram baixinho. O velho arrastava-se pela galeria, seguindo o rastro de livros espalhados, verificando cada corredor lateral enquanto avançava. Nenhum sinal do garoto. Aproximando-se da porta, virou-se para o último corredor, de mão erguida a postos...

E deu um estalido com a língua, de exasperação. O corredor estava vazio.

Nathaniel, que retrocedera sem fazer barulho ao longo das estantes até o corredor anterior e avançava agora sorrateiramente por trás dele, tinha, assim, a vantagem da surpresa.

Três cubos atingiram o mago ao mesmo tempo e explodiram juntos a um único comando. Eram uma Roda Catarina verde-lima, um Canhão Vienense de ricochete e uma Fogueira Ultramarina, e, apesar do efeito de cada um de *por si* ser modesto, todos juntos tornaram-se bastante potentes. Ouviu-se uma mistura de baladas populares baratas e o ar ficou imediatamente carregado dos aromas a sorveira-brava, alquemila e cânfora. A explosão combinada arrancou o velho do chão e arremessou-o contra a porta ao fundo da galeria. Bateu nela com força, de cabeça. A porta agüentou; ele escorregou por ela abaixo, o pescoço torcido de forma estranha. A energia negra que pulsava na sua mão extinguiu-se imediatamente.

Nathaniel encaminhou-se lentamente para ele através da fumaça, levando um derradeiro cubo solto na palma da mão.

O mago não se mexeu.

Talvez estivesse fingindo: não tardaria a pôr-se de

pé de um salto, pronto para lutar... Isto era possível. Tinha de estar preparado.

Mais perto... Ainda nenhum movimento. Agora estava bem ao lado dos sapatos de couro do velho, cada um para seu lado...

Outro meio passo... certamente iria levantar-se agora.

Maurice Schyler não se levantou. Tinha o pescoço quebrado. O seu rosto pendia, encostado a um painel da porta, os lábios entreabertos. Nathaniel estava suficientemente perto para contar todas as rugas e pregas na sua face; conseguia ver pequenas veias que se estendiam pelo nariz e debaixo do olho...

Um olho estava aberto, mas vítreo, sem ver. Parecia o olho de um peixe numa banca. Uma madeixa de cabelo branco sem vida caíra sobre ele.

Os ombros de Nathaniel começaram a tremer. Por um momento, pensou que fosse gritar.

Ao invés disso, fez um esforço para permanecer imóvel, à espera que sua respiração acalmasse, os tremores passassem. Quando conseguiu conter a sua emoção com segurança, passou por cima do corpo do velho.

— Enganou-se — disse baixinho. — Não é pelo meu *mestre* que estou fazendo isso.

A sala seguinte era pequena e não tinha janelas. Fora talvez uma despensa. Havia um pentagrama desenhado no centro do chão, com velas e potes de incenso cuidadosamente dispostos em volta. Duas das velas tinham sido derrubadas pelo impacto da queda da porta, e Nathaniel colocou-as de pé, na posição certa.

Numa das paredes havia uma moldura dourada, pendurada num prego com um cordel. Não havia nem quadro nem tela dentro da moldura; em vez disso, estava cheia com uma bela imagem de uma grande sala cir-

cular, na qual se moviam muitas figuras pequenas. Nathaniel soube de imediato o que era a moldura: uma bola de cristal muito mais nítida e poderosa do que o seu disco de bronze perdido. Aproximou-se mais para inspecioná-la. Mostrava um amplo auditório cheio de cadeiras, cujo chão coberto com um carpete brilhava de forma estranha. Os ministros estavam a entrar nela por um lado, rindo e conversando, segurando ainda os seus copos, recebendo elegantes canetas e pastas pretas de uma fila de criados junto à porta. O Primeiro-Ministro estava ali, no centro de uma multidão agitada, a *afrit* carrancuda seguindo-o sempre, atentamente. Lovelace ainda não chegara.

Mas a qualquer momento poderia entrar no salão e poria em ação o seu plano.

Nathaniel reparou numa caixa de fósforos no chão. Apressadamente, acendeu as velas, verificou o incenso e entrou no pentagrama — admirando, apesar da sua pressa, a elegância com que fora traçado. Depois fechou os olhos, acalmou-se, e procurou na sua memória a fórmula encantatória.

Passados alguns segundos, já a tinha a postos. A sua garganta estava um pouco inflamada por causa da fumaça; tossiu duas vezes e proferiu as palavras.

O efeito foi instantâneo. Há tanto tempo que Nathaniel não concluía um chamado que teve um ligeiro sobressalto quando o *djinni* apareceu. Vinha com a sua forma de gárgula e tinha uma expressão enfadada.

— Realmente, você tem um sentido de oportunidade perfeito, não tem? — disse ele. — Eu já tinha o assassino exatamente onde o queria e, de repente, lembra-se de me chamar!

— Está prestes a começar! — O esforço de chamar Bartimaeus deixara Nathaniel atarantado. Encostou-se à parede, para se firmar.

— Veja... ali na bola! Eles estão se reunindo. Lovelace está a caminho, e estará usando o Amuleto, por isso não sentirá os efeitos do que quer que aconteça. Eu acho que é uma invocação.

— Não me diga! Eu já tinha chegado a essa conclusão. Bem, vamos lá então... renda-se às minhas delicadas garras. — Flexionei-as para experimentar; soltaram um ligeiro estalido.

Nathaniel empalideceu. A gárgula revirou os olhos.

— Vou ter que te *carregar* — disse. — Teremos de nos apressar, se quisermos impedi-lo de entrar na sala. Uma vez lá dentro, o lugar ficará selado — pode ter certeza disso.

Hesitante, Nathaniel avançou. A gárgula bateu com uma pata, de impaciência.

— Não se preocupe por minha causa — disse bruscamente. — Não vou machucar as costas nem nada. Sinto-me furioso e a minha força voltou. — Dito isto, estendeu os braços e agarrou o garoto pela cintura e virou-se para ir embora, acabando por tropeçar no corpo estendido na ombreira da porta.

— Cuidado com o lugar onde deixa as tuas vítimas! Machuquei o dedo do pé nela. — Transpôs o estorvo com um pulo e saltou pela galeria, avançando com grandes batidas das suas asas de pedra.

O estômago de Nathaniel contraía-se horrivelmente a cada passo.

— Devagar! — arfou. — Está me deixando enjoado!

— Nesse caso não vai gostar disto. — Bartimaeus saltou pelo arco ao fundo da galeria, ignorando por completo o patamar e as escadas e desceu diretamente até o salão, dez metros abaixo. O lamento de Nathaniel fez ecoar as vigas.

Meio voando, meio pulando, a gárgula galgou o corredor seguinte.

— Muito bem — disse-lhe, bem-humorada —, executou tua primeira morte direta. Qual é a sensação? Muito mais viril, sem dúvida. Ajuda a apagar a morte da mulher de Underwood?

Nathaniel estava muito nauseado para ouvir, quanto mais para responder.

Um minuto depois, a viagem chegou ao fim tão abruptamente que os membros de Nathaniel balançavam como os de uma boneca de trapos. A gárgula parara na esquina de um corredor comprido; largara-o no chão e apontava silenciosamente lá para cima. Nathaniel sacudiu a cabeça para deixar de ver tudo a girar, e olhou.

No outro extremo do corredor estava a porta aberta para o auditório. Encontravam-se ali três pessoas: um criado altivo, que mantinha a porta aberta; o mago com cara de peixe, Rufus Lime; e Simon Lovelace, que abotoava o colarinho. Viu-se no seu pescoço um fugaz clarão dourado, depois o colarinho foi ajustado e a gravata colocada no lugar. Lovelace bateu no ombro do companheiro e transpôs a porta.

— Chegamos tarde demais! — sussurrou Nathaniel. — Não pode...? — Olhou para o lado, surpreendido: a gárgula desaparecera.

Uma voz fininha segredou-lhe ao ouvido.

— Arrume o seu cabelo e vá para a porta. Pode entrar como criado. Depressa!

Nathaniel ignorou o forte desejo de coçar o lóbulo; sentia algo pequeno e coceguento lá dentro. Endireitou as costas, puxou o cabelo para trás e seguiu corredor afora.

Lime fora para outro lugar. O criado ia fechar a porta.

— Espere! — Nathaniel desejou que a sua voz fosse mais grave e mais autoritária. Aproximou-se do criado a toda a velocidade. — Deixe-me entrar também! Eles vão precisar de mais alguém para servir as bebidas!

— Não te conheço — disse o homem, com ar carrancudo. — Onde está o jovem William?

— Aah, ele teve uma dor de cabeça. Chamaram-me. Na última hora.

Passos no corredor; uma voz de comando.

— Espere!

Nathaniel virou-se. Ouviu Bartimaeus praguejar na extremidade do lóbulo da sua orelha. O mercenário de barba preta aproximava-se rapidamente, descalço, de capa esfarrapada a agitar-se, os olhos azuis chispando.

— Rápido! — A voz do *djinni* era urgente. — A porta só está aberta por uma fresta... esgueire-se lá para dentro!

O mercenário estugou o passo.

— Detenham esse garoto!

Mas Nathaniel já cravara o calcanhar de uma bota com força no sapato do criado. O homem gritou de dor e a mão que o agarrava soltou-se. Contorcendo-se e esgueirando-se, Nathaniel escapou à pressão dele e, empurrando a porta, conseguiu enfiar-se lá dentro.

O inseto na orelha dele pulou de agitação.

— Não o deixe entrar!

Empurrou com toda a sua força, mas o criado aplicava agora o seu peso integral do outro lado. A porta começou a abrir-se.

Depois, ouviu-se do outro lado da porta a voz do mercenário, calma e sedosa.

— Não se preocupes — disse. — Deixe-o entrar. Ele merece o seu destino.

A força da porta diminuiu e Nathaniel conseguiu empurrá-la até se fechar. As fechaduras deram um esta-

lido, posicionando-se na madeira. As trancas foram corridas.

A vozinha falou junto ao seu ouvido.

— Caramba, *aquilo* foi sinistro — comentou.

Bartimaeus
41

A partir do momento em que entramos no salão fatídico e os seus limites foram selados, os acontecimentos sucederam-se com rapidez. O próprio garoto provavelmente não chegou a ter uma boa perspectiva do cenário antes dele mudar para sempre, mas os meus sentidos são mais avançados, claro. Absorvi tudo, cada pormenor, em brevíssimos instantes.

Primeiro, onde estávamos? Junto à porta trancada, bem na orla do chão circular de vidro. Este vidro apresentava uma superfície ligeiramente rugosa, pelo que os sapatos se agarravam, mas era ainda suficientemente transparente para se ver o carpete por baixo em todo o seu esplendor. O garoto encontrava-se bem por cima da borda do carpete — uma cercadura representando cepas interligadas. Ali próximo, e em intervalos a toda a volta do salão, estavam criados impassíveis, cada um ao lado de um carrinho cheio de bolos e bebidas. Dentro do aposento encontrava-se o semicírculo de cadeiras que eu vira da janela, agora gemendo sob os traseiros reunidos dos magos. Sorviam as suas bebidas e escutavam parcialmente a mulher, Amanda Cathcart, que estava de pé no pódio, no centro do salão, a dar as boas-vindas a todos os presentes. Junto a ela, de rosto inexpressivo, Simon Lovelace aguardava.

A mulher estava a enrolar o seu discurso.

— ...Por último, espero que não me levem a mal chamar a vossa atenção para o carpete que se vê por baixo. Foi encomendada na Pérsia e acredito ser a maior na Inglaterra. Creio que se verão todos incluídos nela, se olharem com atenção. — (Murmúrios de aprovação,

alguns vivas.) — O debate desta tarde durará até às seis. Faremos, então, um intervalo para o jantar nas tendas aquecidas lá fora, no gramado, onde poderão assistir a uma atuação de malabaristas com espadas, vindos da Letônia. — (Vivas entusiásticos.) — Obrigada. Passo agora a palavra ao vosso verdadeiro anfitrião, Mr. Simon Lovelace! — (Palmas forçadas e irregulares.)

Enquanto ela continuava a falar monotonamente, entretive-me a segredar ao ouvido do rapaz[110]. Nesta altura, eu era uma lêndea, que é o máximo que consigo encolher. Porquê? Porque não queria que a *afrit* desse por mim até ser mesmo inevitável. Ela era o único ser sobrenatural presentemente visível (por uma questão de cortesia, todos os diabretes dos magos tinham sido dispensados enquanto durasse a conferência), mas era possível que ela me visse como uma ameaça.

[110] Posso dizer-lhes que, na minha época, já estivera em alguns lugares pegajosos, mas em matéria de puro dissabor cerúleo, dificilmente haverá pior do que o ouvido interno dele.

— Esta é a nossa última oportunidade — disse eu. — O que quer que Lovelace vá fazer, acredito que o fará agora, antes que a *afrit* capte a aura do Amuleto. Ele tem o Amuleto ao pescoço: consegue colocar-se por trás dele e revelá-lo? Isso alertará os magos.

O garoto anuiu. Começou a deslocar-se em torno da multidão. No pódio, Lovelace iniciou uma comunicação obsequiosa:

— Senhor Primeiro-Ministro, senhoras e senhores, posso afirmar o quanto nos honra estarmos...

Encontrávamo-nos agora ao lado da assistência, com uma pista desimpedida junto às cadeiras dos magos e em direção ao pódio. O garoto começou a avançar rapidamente, comigo a instigá-lo como um jóquei faz a

um cavalo (estúpido) em andamento.

Mas quando ele passou o primeiro delegado, uma mão ossuda estendeu-se e agarrou-o pela nuca.

— E onde pensa que vai, criado?

Eu conhecia aquela voz. Trouxe-me lembranças desagradáveis do seu Globo Doloroso. Era Jessica Whitwell, toda ela faces cadavéricas e cabelo branco curto. Nathaniel debateu-se na mão dela. Não perdi tempo: acelerei por cima da orelha dele e desci pela pele branca e macia na parte de trás da mesma, dirigindo-me para a mão aprisionadora.

Nathaniel contorcia-se.

— Sol... te... -me!

— ...é um prazer e um privilégio... — Por enquanto, Lovelace não ouvira nada.

— Como se *atreve* a tentar perturbar esta reunião? — As unhas aguçadas dela cravaram-se cruelmente no pescoço do garoto. A lêndea aproximou-se do pulso pálido e fino dela.

— A senhora não... compreende... — Nathaniel sufocava. — Lovelace tem...

— Silêncio, fedelho!

— ...prazer em vê-lo aqui. Sholto Pinn envia as suas desculpas, está indisposto...

— Ponha-o num Aperto, Jessica. — Era a voz de um mago, na cadeira ao lado dela. — Trate dele depois.

Aproximei-me do pulso dela. A parte de baixo estava cheia de veias azuis.

As lêndeas não são suficientemente grandes para aquilo que eu tinha em mente. Tornei-me um escaravelho, com tenazes extra-afiadas. Mordi com prazer.

O grito da mulher fez tilintar os lustres. Soltou Nathaniel, que caiu para frente, quase me fazendo saltar da sua nuca. Lovelace foi interrompido — voltou-se, de olhos arregalados. Todas as cabeças se viraram.

Nathaniel ergueu a mão e apontou.

— Atenção! — Falou em tom rouco (a pressão no seu pescoço quase o estrangulava). — Lovelace tem o Am...

Uma teia de fios brancos ergueu-se à nossa volta e fechou-se sobre a cabeça de Nathaniel. A mulher baixou a mão e chupou o pulso que sangrava.

— ...uleto de Samarcanda! Ele vai matar a todos! Não sei como, mas vai ser horrível e...

Cansado, o escaravelho bateu no ombro de Nathaniel.

— Não se incomode — disse-lhe. — Ninguém consegue te ouvir. Ela isolou-nos[111]. — Ele ficou com ar apatetado. — Nunca esteve numa coisa destas? Os teus fazem-no constantemente uns aos outros.

[111] Os fios de um Aperto atuam como um Vedante. Não permitem que qualquer objeto (ou som) saia do seu casulo. É uma espécie de prisão temporária, mais comumente utilizada nos desgraçados humanos do que nos *djinn*.

Eu observava Lovelace. Os seus olhos estavam cravados em Nathaniel, e captei dúvida e raiva a brilhar neles antes de retomar lentamente o seu discurso. Tossiu, aguardando que a conversa dos magos cessasse. Entretanto, uma mão avançou para a prateleira oculta na estante de leitura.

O garoto estava em pânico agora; debatia-se debilmente contra as paredes semelhantes a borracha do Aperto.

— Mantenha a calma — aconselhei. — Deixe-me verificar: a maioria dos Apertos tem elos fracos. Se eu der com um, conseguirei libertar-nos. — Tornei-me mosca e, começando por cima, principiei a andar cuidadosamente em círculos através das membranas do Aperto, procurando uma falha.

— Mas nós não temos tempo...

Falei baixinho, para sossegá-lo.

— Limite-se a ver e ouvir.

Não demonstrei, mas agora era eu que estava preocupado. O garoto tinha razão: não dispúnhamos realmente de tempo.

Nathaniel

— Mas nós não temos tempo... — começou Nathaniel.

— Então cale-se e observe! — A mosca zumbia freneticamente em volta da prisão. Parecia manifestamente em pânico.

Nathaniel mal tinha espaço para mover as mãos, e quase nenhum para fazer fosse o que fosse com as pernas ou os pés. Era como estar preso dentro de uma urna de múmia ou uma armadura... Quando tal lhe ocorreu, o terror de todas as coisas limitadas dominou-o. Reprimiu uma necessidade crescente de gritar, respirou fundo e, para ajudá-lo a distrair-se, concentrou-se nos acontecimentos à sua volta.

Depois da malograda interrupção, os magos tinham convergido a sua atenção para o orador, que agia agora como se nada tivesse acontecido:

— Por sua vez, gostaria de agradecer a Lady Amanda o uso deste magnífico salão... A propósito, posso chamar a vossa atenção para o teto extraordinário, com a sua coleção de valiosíssimos lustres? Foram trazidos das ruínas de Versalhes, após as Guerras Francesas, e são feitos de cristal adamantino. O seu criador...

Lovelace tinha muito o que dizer sobre os lustres. Todos os delegados viraram os pescoços para cima, emitindo sons de aprovação. A opulência do teto do salão deixou-os bastante interessados.

Nathaniel dirigiu-se à mosca.

— Já encontrou um ponto fraco?

— Ainda não. Foi tudo muito bem ligado. — Zumbiu furiosamente. — *Por que* tinha que ser apanhado? Aqui dentro não podemos fazer nada.

Incapacitados, mais uma vez. Nathaniel mordeu

o lábio.

— Presumo que Lovelace vá invocar algo — disse.

— Claro. Ele trouxe um corno para esse efeito, para não ter de proferir a fórmula. Poupa-lhe tempo.

— O que irá ser?

— Quem sabe? Algo suficientemente grande para enfrentar aquela *afrit,* presumivelmente.

O pânico agitou-se novamente na garganta de Nathaniel, esforçando-se por se soltar num grito. Lá fora, Lovelace continuava a descrever as minudências do teto. Os olhos de Nathaniel agitaram-se para cá e para lá, tentando captar o olhar de um dos magos, mas eles continuavam absortos nos maravilhosos lustres. Deixou pender a cabeça, em desespero.

E reparou em algo estranho pelo canto do olho.

O chão... Era difícil ter certeza com as luzes a incidir no vidro, mas pareceu-lhe conseguir notar um movimento no chão, como uma onda branca a percorrê-lo rapidamente, desde a parede mais distante. Carregou o cenho; as membranas do Aperto obstruíam-lhe a visão: não podia ter certeza do que estava efetivamente a ver. Mas era quase como se algo cobrisse o carpete.

A mosca andava às voltas próximo da têmpora dele.

— Um pouco de tranqüilidade — disse. — Não pode ser algo muito poderoso, senão Lovelace teria de usar um pentagrama. O Amuleto está muito certo para proteção pessoal, mas as entidades *realmente* fortes precisam de ser controladas com cuidado. Não podemos permitir-nos deixá-las andar à solta, senão arriscamo-nos à devastação total. Vê o que aconteceu a Atlântida.

Nathaniel não fazia idéia do que acontecera a Atlântida. Continuava a observar o chão. Subitamente,

apercebera-se de que havia uma sensação de movimento em todo o salão: todo o chão parecia estar mudando, apesar do vidro propriamente dito se manter sólido e firme. Olhou por entre os pés e viu o rosto sorridente de uma jovem maga passar rapidamente por baixo do vidro, seguido de perto por uma cabeça de garanhão e as folhas de uma árvore decorativa...

Foi então que percebeu a verdade. O carpete não estava a ser coberto. Estava a ser *puxado para trás,* rápido e furtivamente. E mais ninguém reparara. Enquanto os magos olhavam boquiabertos para o teto, o chão por baixo deles mudara.

— Aah, Bartimaeus... — chamou.

— *O que é?* Estou tentando me concentrar.

— O chão...

— Oh. — A mosca pousou no ombro dele. — Isto está *mau.*

Enquanto Nathaniel observava, a cercadura de enfeites sinuosos passou por baixo dele e, a seguir, a própria extremidade do carpete, com as borlas. Desapareceu por completo, revelando uma superfície reluzente por baixo — talvez feita de estuque caiado —, na qual estavam inscritas grandes runas em tinta preta brilhante. Nathaniel soube imediatamente sobre o que se encontravam, e um olhar para a sala confirmou-o. Viu seções de círculos perfeitamente desenhados, duas linhas retas convergindo no vértice de uma estrela, as elegantes linhas curvas dos caracteres rúnicos, tanto vermelhos como pretos...

— Um pentagrama gigante — murmurou. — E estamos todos aqui dentro.

— Nathaniel — disse a mosca. — Eu sei que te disse para se manter calmo e que não se pusesses a acenar ou a gritar...

— Sim?

— Esqueça isso. Faça todos os movimentos que puder. Talvez consigamos despertar a atenção de um destes idiotas.

Nathaniel agitou-se, acenou com as mãos e inclinou a cabeça de um lado para o outro. Gritou até lhe doer a garganta. A mosca rodopiava em volta dele, o seu corpo brilhando com cem cores piscando em aviso. Mas os magos mais próximos não deram por nada. Até Jessica Whitwell, que estava mais perto, continuava a olhar para o teto com olhos brilhantes.

A terrível impotência que Nathaniel sentira na noite do incêndio voltou a invadi-lo. Sentia a sua energia e determinação a escoarem-se.

— Por que é que eles não *olham?* — lamentou-se.

— Pura ganância — disse a mosca. — Estão rendidos ao aparato da riqueza. Isto não é bom. Eu tentaria uma Detonação, mas mataria a esta distância.

— Pois então, não faça — retorquiu Nathaniel.

— Se *ao menos* me tivesse já libertado da fórmula da Prisão Perpétua — devaneou a mosca. — Nesse caso, podia tentar sair e enfrentar Lovelace. Você estaria morto, claro, mas eu salvaria todos os demais, e contar-lhes-ia o teu sacrifício. Seria... Olhe! Está acontecendo!

Os olhos de Nathaniel tinham sido atraídos para Lovelace, que fizera um movimento súbito. De apontarem para o teto, as suas mãos tinham descido até à parte de trás da estante de leitura com uma pressa febril. Retirou algo, arremessou para o chão o pano que o cobria e levou o objeto aos lábios: um corno, velho, manchado e fendido. O suor perolava-lhe a testa; reluziu à luz dos lustres.

Algo na multidão soltou um rugido inumano de raiva. Os magos baixaram as cabeças, em choque.

Lovelace soprou.

Bartimaeus

Quando o carpete recolheu por completo e o pentagrama gigante de chamado ficou à mostra, soube que estávamos metidos em maus lençóis. Lovelace tinha tudo preparado. Todos nós, inclusive ele, estávamos presos dentro do círculo com o que quer que ele fosse chamar do Outro Lugar. Existiam também barreiras nas janelas e sem dúvida igualmente nas paredes, pelo que não havia qualquer hipótese de nenhum de nós fugir. Lovelace tinha o Amuleto de Samarcanda — e com o seu poder, estava imune — mas o resto de nós ficaria à mercê do ser que ele chamara.

Eu não mentira ao garoto. Sem o pentagrama aprisionador, havia um limite para o que qualquer mago podia chamar voluntariamente. Os seres maiores eram selváticos, se se lhes desse alguma liberdade[112], e o desenho oculto de Lovelace significava que a única liberdade que este iria ter seria dentro da sala isolada.

[112] Um dos piores exemplos foi o posto avançado micénico de Atlântida, na ilha de Santorini, no Mediterrâneo. Foi há cerca de 3500 anos, se a memória não me falha. Eles queriam conquistar outra ilha (ou algum outro objetivo previsível, de natureza idêntica), pelo que os magos deles se reuniram e invocaram uma entidade agressiva. Não conseguiram controlá-la. Eu estava a apenas algumas centenas de quilômetros, no delta egípcio; ouvi a explosão e vi as ondas *tsunami* avançarem, atroadoras, e inundarem a costa africana. Semanas mais tarde, quando as coisas tinham acalmado, os barcos do faraó rumaram a Santorini. Toda a parte central da ilha, com a sua gente e a sua cidade brilhante, se afundara no mar. E tudo porque não se tinham dado ao trabalho de desenhar um pentagrama.

Mas era tudo o que o mago precisava. Quando o seu escravo partisse, dentre os grandes do Governo só

ele restaria vivo, a postos para assumir o controle.

Soprou o corno. Não se ouviu qualquer som em nenhum dos sete planos, mas no Outro Lugar teria soado alto.

E, como era de esperar, a *afrit* agiu muito rapidamente. Assim que o corno de invocação ficou visível, ela soltou um berro enorme, agarrou Rupert Devereux pelos ombros e avançou para o conjunto de janelas mais próximo, ganhando velocidade. Bateu no vidro: as barreiras mágicas do outro lado brilharam num tom azul elétrico e, com um impacto semelhante a um trovão, ela foi arremessada de novo para a sala, a rolar, com Devereux a girar, sem energia, nas suas mãos.

Lovelace afastou o corno dos lábios, sorrindo ligeiramente.

Os magos mais inteligentes tinham compreendido a situação no instante em que ele soprara o corno. Com um afluxo de clarões coloridos, os diabretes surgiram em diversos ombros. Outros chamaram auxílio ainda maior — a mulher ao nosso lado murmurava uma fórmula encantatória, chamando o seu *djinni*.

Lovelace desceu cuidadosamente do pódio, os seus olhos dirigidos para algum lugar lá no alto. A luz dançou na superfície dos seus óculos. O seu terno era elegante, impecável. Nem reparou na consternação à sua volta.

Eu vi um brilho no ar.

Desesperadamente, atirei-me para as bordas da teia que nos rodeava, procurando um ponto fraco e não encontrando nenhum.

Outro brilho. A minha essência estremeceu.

Nathaniel

Muitos dos magos estavam agora de pé, as suas vozes soando alarmadas, as cabeças agitando-se de um lado para o outro, desorientados, enquanto barras grossas de ferro e prata deslizaram sobre cada porta e janela. Há muito que Nathaniel cessara de tentar mover-se: era evidente que ninguém iria reparar nele. Pôde apenas observar quando um mago, um pouco mais à frente, arremessou a sua cadeira para o lado, ergueu uma mão e atirou uma bola de chamas amarelas em Lovelace de uma distância de apenas dois metros. Para surpresa do mago, as chamas alteraram o seu rumo ligeiramente no meio do ar e desapareceram no centro do peito de Lovelace. Este, que olhava atentamente na direção do teto, pareceu não ter dado por nada.

A mosca zumbia de um lado para o outro, batendo com a cabeça na superfície do Aperto.

— Aquilo é obra do Amuleto — disse. — Absorve o que quer que lhe arremessem.

Jessica Whitwell terminara a sua formula: um *djinni* baixo e atarracado pairava no ar ao lado dela: assumira a forma de um urso preto. Ela apontou, gritou uma ordem. O urso avançou pelo ar, agitando as patas como se nadasse.

Outros magos desferiram ataques na direção de Lovelace: durante talvez um minuto ele foi o centro de uma tempestade de relâmpagos de energia furiosa e estralejante. O Amuleto de Samarcanda absorveu-a toda. Lovelace não foi afetado. Compôs cuidadosamente o cabelo.

A *afrit* levantara-se do lugar onde caíra e, tendo deixado o Primeiro-Ministro aturdido recostado numa cadeira, saltou para a refrega. Voou a toda a velocidade

das suas asas brilhantes, mas Nathaniel reparou que se aproximara de Lovelace numa curiosa rota circular, evitando o ar diretamente por cima do pódio.

Vários magos tinham, entretanto alcançado a porta do salão, e acionavam em vão os puxadores.

A *afrit* enviou uma magia poderosa na direção de Lovelace. Ou foi depressa demais, ou estava basicamente num plano que ele não conseguiu ver, mas Nathaniel captou apenas o indício de um jato de fumaça que foi ao encontro do mago num instante. Não aconteceu nada. A *afrit* inclinou a cabeça para o lado, como se estupefata.

Do outro lado de Lovelace, o *djinni* que era um urso preto aproximava-se rapidamente. Em cada pata tinha duas garras desembainhadas, tipo cimitarra.

Os magos corriam precipitadamente, dirigindo-se para as janelas, a porta, fosse para onde fosse, acompanhados do seu exército de diabretes aos gritos.

Depois sucedeu algo à *afrit*. Pareceu a Nathaniel que estava a ver o reflexo da *afrit* num lago e que a superfície da água se agitava subitamente. A *afrit* dava a impressão de despedaçar-se, a sua forma dividindo-se em mil estilhaços trêmulos que eram sugados em direção a uma seção de ar por cima do pódio. Um instante depois tinham desaparecido.

O *djinni* urso preto parou de agitar os seus membros. As suas garras desapareceram de vista. Muito sutilmente, deu marcha a ré.

A mosca zumbiu sonoramente junto à orelha de Nathaniel, gritando em puro pânico.

— Está acontecendo! — exclamou. — Não vê?

Mas Nathaniel não via nada.

Uma mulher passou correndo, a boca aberta em pânico. O seu cabelo era de um tom azul pálido.

Bartimaeus

A primeira coisa em que a maior parte deles reparou foi na *afrit*. Aquilo é que fora espetacular, um verdadeiro prenúncio, mas, na verdade, muita coisa sucedera nos segundos que antecederam o espetáculo. A *afrit* tivera azar, era só isso; na sua pressa de destruir a ameaça ao seu amo, aproximara-se muito da abertura.

A fenda no ar tinha cerca de quatro metros de comprimento e era apenas visível no sétimo plano. Talvez alguns dos diabretes a vislumbrassem, mas nenhum dos humanos o teria conseguido[113]. Não era o tipo de abertura bem feita, vertical, mas antes diagonal, com extremidades denteadas, como se o ar tivesse sido rasgado como tecido grosso e fibroso. Da minha prisão, vira-a formar-se: a seguir ao primeiro movimento fremente por cima do pódio, o ar vibrara, violentamente distorcido, e por fim deslocara-se ao longo daquela linha[114].

[113] A menos que tivessem reparado numa mancha cinzenta ao longo da linha da abertura. Era por aqui que a luz se escoava, sendo sugada para o Outro Lugar.

[114] Era o velho princípio do chicle de bola em ação. Imaginem que puxam uma tira elástica mastigada entre os dedos: primeiro agüenta e estica, a seguir fica fina em algum lugar próximo do meio. Por último, forma-se um minúsculo buraco no ponto mais fino, que rapidamente se rompe e separa. Fora aqui que a invocação de Lovelace puxara. Com uma ajudinha da coisa do outro lado.

Assim que surgiu a abertura, tinham começado as mudanças.

A estante de leitura no pódio alterara-se: a sua

substância transformara-se de madeira em barro, depois num estranho metal cor de laranja, a seguir em algo com o aspecto suspeito de cera de vela. Decaíra um pouco, como se tivesse derretido de um lado.

Algumas folhas de grama brotaram da superfície do pódio.

Os pingentes de cristal do lustre mesmo por cima transformaram-se em gotículas de água, que se mantiveram suspensas durante um segundo, brilhando com muitas cores, e depois caíram como chuva.

Um mago corria para uma janela. Cada risca do seu casaco ondulava como uma cobra a andar de lado.

Ninguém reparou nestas primeiras pequenas mudanças nem numa dúzia de outras semelhantes. Seria preciso o destino da *afrit* para perceberem.

O pandemônio instalou-se na sala, com humanos e diabretes a guincharem e a falarem atabalhoadamente em todas as direções. Como se alheios a isto, Lovelace e eu observávamos a abertura. Esperávamos que algo entrasse por ali.

Bartimaeus
42

Depois aconteceu. Os planos perto da abertura ficaram dessincronizados, como se estivessem a ser puxados lateralmente a várias velocidades. Era como se a minha focalização houvesse ficado perturbada, como acontece quando se leva uma pancada na cabeça — de repente, via as janelas do outro lado sete vezes, todas em posições ligeiramente diferentes. Era extremamente desconcertante.

Se o que quer que Lovelace invocara era suficientemente forte para afetar os planos desta maneira, não pressagiava nada de bom para todos nós dentro do pentagrama. Devia estar muito próximo neste momento. Mantive-me atento à abertura no ar...

Amanda Cathcart passou por nós, gritando, o seu carrapicho num azul atraente. Notavam-se mais algumas mudanças em todos sem exceção: dois magos, que se tinham aproximado demais do pódio numa tentativa vã de atacar Lovelace, viram os seus corpos alongar-se desagradavelmente; o nariz de um homem atingira também um comprimento ridículo, enquanto o de outro desaparecera por completo.

— O que se passa? — murmurou o garoto.

Não respondi. O buraco estava a abrir-se.

Todos os sete planos se distorceram como xarope agitado. A abertura alargou-se e algo semelhante a um braço penetrou nele. Era bastante transparente, como se fosse feito do vidro mais perfeito; na verdade, teria sido completamente invisível se não fossem as convulsões em espiral e em remoinho dos planos à sua volta. O braço moveu-se para cá e para lá a título expe-

rimental: parecia estar a pôr à prova as estranhas sensações do mundo físico. Vislumbrei quatro protuberâncias finas ou dedos na extremidade do braço: tal como aquilo, não tinham substância própria e só ganhavam forma com as perturbações ondulantes no ar envolvente.

Lá embaixo, Lovelace recuara, os seus dedos procurando nervosamente, entre os botões da camisa, a sensação reconfortante do Amuleto.

Com a distorção dos planos, os outros magos começaram a ver o braço pela primeira vez[115]. Emitiram diversos gritos de aflição que, desde o homem maior e mais cabeludo à mulher menor e histérica, abrangiam uma extensão harmônica de várias oitavas. Diversos dos mais corajosos correram para o centro da sala e obrigaram os seus *djinn* servidores a enviar detonações e uma porção de outras magias na direção da abertura. Acabou por se revelar um erro. Nem um único raio ou explosão conseguiu atingir o braço; foram todos desviados diagonalmente, indo esmagar-se nas paredes, ou então escorreram para o chão como água de uma mangueira a pingar, a energia completamente retirada deles.

[115] Só conseguiam ver os três primeiros planos com clareza, como é lógico, mas isso era suficiente para distinguirem os contornos.

A boca do garoto pendia, tão frouxa que um roedor podia tê-la usado como balanço.

— Aquela c-coisa — balbuciou. — O que é?

Uma pergunta bastante pertinente. O que era esta coisa que distorcia os planos e despedaçava a magia mais poderosa, quando, na verdade, só aparecera um braço? Eu podia ter dito algo dramático e arrepiante como «A morte de todos nós!», mas não teríamos ido muito longe. Além disso, ele teria perguntado de novo.

— Não sei ao certo — respondi-lhe. — A avaliar pela sua cautela em aparecer, raramente foi invocada. Provavelmente estará surpreendida e furiosa, mas a sua força é bem evidente. Olhe à sua volta! Dentro do pentagrama, a magia sai errada, as coisas começam a mudar de forma... Todas as leis normais estão a ser deformadas, suspensas. Os maiores de nós sempre trouxeram consigo o caos do Outro Lugar. Não admira que Lovelace necessite do Amuleto de Samarcanda para se proteger[116].

[116] A entidade aprisionada dentro do Amuleto tinha de ser pelo menos tão poderosa quanto este recém-chegado, se Lovelace queria suportar a sua força. Apesar de eu ser um *djinni* muito sofredor, não deixava de sentir, apesar de contrafeito, uma certa admiração por este antigo povo asiático que a conseguira capturar e comprimir lá dentro.

Enquanto olhávamos, o braço gigante translúcido foi seguido de um ombro musculoso translúcido, com mais de um metro de comprimento. E então, algo como uma cabeça começou a emergir através da abertura. Mais uma vez, era apenas um contorno: vistas através dele, as janelas e as árvores distantes revelavam-se perfeitamente; à volta da sua extremidade, os planos estremeciam num novo frenesi.

— Lovelace não pode ter chamado isto sozinho — disse eu. — Ele *deve* ter tido ajuda. E não me refiro apenas àquele espantalho velho que você matou, ou ao pegajoso à porta. Alguém com verdadeiro poder deve ter dado uma mãozinha[117].

[117] Este ser era, de longe, muito maior do que todos os vários *marids, afrits* e *djinn* que os magos normalmente chamam. Um mago forte *é capaz* de invocar uma *afrit* sozinho; a maior parte dos *marids* requer dois. Pelos meus cálculos, teria de ser um mínimo de quatro, para este.

O ser enorme estava a enfiar-se pelo buraco. Aparecera agora outro braço e a sugestão de um torso. A maior parte dos magos aglomerava-se na periferia da sala, mas alguns próximos das janelas eram apanhados pela ondulação que atravessava os planos. Os seus rostos mudavam — o de um homem tornava-se de mulher; o de uma mulher, de criança. Enfurecido com a sua transformação, um mago correu às cegas para o pódio — num instante, o seu corpo pareceu tornar-se líquido: rodou num movimento de saca-rolhas até à abertura e desapareceu de vista. O meu amo arfou, horrorizado.

Emergiu então uma enorme perna translúcida, quase com o caráter e o porte de um felino. A situação estava realmente desesperada. Contudo, sou otimista por natureza. Reparara que as ondulações que emanavam do ser alteravam a natureza de cada fórmula que atingiam. E isso deu-me esperanças.

— Nathaniel — disse-lhe. — Escute o que te digo.

A princípio ele não respondeu. Estava transfixo ante a visão dos cavalheiros e damas do seu reino que corriam como galinhas loucas. Após todos os acontecimentos dos dias anteriores, quase me esquecera de quão jovem ele era. Precisamente naquele momento, não parecia nada um mago, apenas um rapazinho aterrorizado.

— *Nathaniel.*

Uma voz fraca.

— Sim?

— Ouça. Se conseguirmos sair deste Aperto, sabe o que temos que fazer?

— Mas como *poderemos* sair?

— Não se preocupes com isso. *Se* fugirmos, o que temos que fazer?

Encolheu os ombros.

— Eu te digo, então. Precisamos efetuar duas coisas. Primeiro: tirar o Amuleto de Lovelace. Isso é tarefa sua.

— Por quê?

— Porque eu não posso tocar no Amuleto, agora que ele está usando-o: absorve tudo o que for mágico que se aproxime dele — e não quero ser incluído inadvertidamente. Tem que ser você. Mas tentarei distraí-lo, enquanto você se aproxima.

— Quanta bondade.

— A segunda coisa — disse-lhe — é que temos de inverter a invocação para expulsar daqui o amigo grandalhão. Isso é tarefa sua.

— Tarefa minha *outra vez?*

— Sim... — eu ajudarei afanando o corno de invocação de Lovelace. Tem de ser partido se quisermos que isto funcione. Mas você terá que reunir alguns dos outros magos para proferirem a fórmula de expulsão. Alguns dos mais fortes devem saber o suficiente, desde que ainda estejam conscientes. Não se preocupe: não terá de fazê-lo sozinho.

O garoto carregou o cenho.

— *Lovelace* tenciona expulsá-lo sozinho. — Disse isto com um tudo-ou-nada do seu vigor normal.

— Sim. E ele é um grande mago, altamente cotado e poderoso. Pronto, está decidido. Vamos tentar pegar o Amuleto. Se conseguirmos, você vai procurar a ajuda dos outros, enquanto eu trato de Lovelace.

Nunca saberei qual teria sido a resposta do garoto porque, naquele momento, a grande entidade libertou-se da abertura e uma ondulação particularmente forte estendeu-se pelos planos. Percorreu as cadeiras abandonadas, transformando algumas em líquido, ateando fogo a outras, e chegando finalmente ao Aperto

branco e brilhante onde tínhamos estado presos todo este tempo. Quando lhe tocou, a membrana que nos envolvia explodiu com um estrondo cacofônico que me arremessou num sentido e ao garoto noutro. Aterrou pesadamente, fazendo um lanho no rosto.

Não muito longe, a grande cabeça translúcida virava-se lentamente.

— Nathaniel! — gritei. — Levante-se!

Nathaniel

A cabeça dele vibrava com a força da explosão e sentiu algo úmido na boca. Ali próximo, no meio do clamor estridente do salão, uma voz chamou o seu nome próprio. Pôs-se imediatamente de pé.

O ser estava agora presente na totalidade: Nathaniel sentiu a sua forma, elevando-se com o teto ao fundo. Para lá dela, ao longe, uma multidão de magos amontoada com os seus diabretes, sem poder fazer nada. E ali, diante dele, estava Simon Lovelace, a gritar ordens ao seu escravo. Comprimia uma mão sobre o peito; a outra estava estendida, segurando ainda o corno de invocação.

— Vê, Ramuthra?! — exclamou. — Detenho o Amuleto de Samarcanda e, por conseguinte, estou fora do teu poder. Todas as outras coisas vivas nesta sala, seja humano, seja espírito, são tuas! Ordeno-te que as destrua!

O ser enorme inclinou a cabeça em aceitação; virou-se para o grupo de magos mais próximos, enviando ondas de choque pela sala. Nathaniel começou a correr para Lovelace. Um pouco mais afastado, viu uma mosca feia a zumbir baixinho, junto ao solo.

Lovelace reparou na mosca; carregou o cenho e observou os seus movimentos elaborados e súbitos pelo ar — primeiro aproximou-se dele, depois voltou a afastar-se, a seguir tornou a aproximar-se — e, nesse momento, Nathaniel acercava-se sorrateiramente por trás.

Mais perto, mais perto ainda...

A mosca fez uma investida ao rosto de Lovelace, o mago estremeceu — naquele momento, Nathaniel atacou. Deu um salto e ficou de cavalinho no mago, os dedos puxando-lhe o colarinho. Nesse meio tempo, a

mosca tornou-se um sagüi que lhe arrebanhou o corno com dedos hábeis e gananciosos. Lovelace soltou um grito e deu uma sapatada no sagüi que o fez rodopiar, a cauda sobre o focinho; depois, curvando-se, atirou Nathaniel por cima da sua cabeça, para aterrar pesadamente no chão.

Nathaniel e o sagüi ficaram estatelados um ao lado do outro, com Lovelace erguendo-se diante deles. Os óculos do mago pendiam de lado numa orelha. As mãos de Nathaniel, ao afastarem-se, tinham-lhe arrancado metade do colarinho. A corrente de ouro do Amuleto de Samarcanda estava exposta em volta do pescoço dele.

— Portanto — afirmou Lovelace, compondo os óculos e dirigindo-se a Nathaniel —, recusou a minha proposta. Uma pena. Como conseguiu enganar o Maurice? Com a ajuda desta coisa? — Indicou o sagüi. — Presumo que seja Bartimaeus.

Nathaniel estava sem fôlego; doeu-lhe quando tentou se levantar.

O sagüi pusera-se em pé e crescia, alterando o contorno.

— Vá *lá* — disse a Nathaniel com voz sibilante. — Antes que ele tenha chance de...

Lovelace esboçou um gesto e proferiu uma sílaba. Apareceu no seu ombro uma forma mal jeitosa; tinha cabeça de chacal.

— Eu não queria chamá-lo — disse o mago. — Os bons escravos são tão difíceis de encontrar e, homem ou *djinni,* desconfio que seremos os únicos a sair vivos desta sala. Mas vendo que Bartimaeus está aqui, parece-me errado negar-te a oportunidade de acabar com ele. — Lovelace efetuou um gesto calmo na direção da gárgula que estava agora acocorada e a postos ao lado de Nathaniel. — Desta vez, Jabor — disse-lhe —,

não me deixe ficar mal.

O demônio com cabeça de chacal avançou. A gárgula soltou uma praga e saltou no ar. Duas asas de veios vermelhos brotaram das costas de Jabor; bateram uma vez, fazendo um estalido como ossos a partirem-se, e elevaram-no em perseguição.

Nathaniel e Lovelace ficaram a olhar um para o outro. A dor no diafragma de Nathaniel subsistia um pouco, mas conseguira levantar-se. Mantinha os olhos cravados no brilho de ouro na garganta do mago.

— Sabe, John — começou Lovelace, batendo casualmente com o corno na palma de uma mão —, se tivesse tido a sorte de ser ensinado por mim desde o princípio, poderíamos ter feito grandes coisas juntos. Reconheço algo em você; é como ver-me no espelho na minha juventude... partilhamos o mesmo desejo de poder. — Sorriu, mostrando os dentes alvos. — Mas você foi estragado pela brandura de Underwood, pela sua mediocridade.

Calou-se neste ponto, quando um mago a uivar surgiu cambaleante entre eles, a sua pele brilhando com minúsculas escamas azuis iridescentes. Chegavam de toda a sala sons confusos e perturbadores de magia a distorcer-se e a falhar, ao enfrentar as ondas de choque que emanavam de Ramuthra. A maior parte dos magos e respectivos diabretes estava empilhada junto à parede do fundo, quase uns por cima dos outros no seu esforço para fugir. O ser enorme avançava para eles com passos indolentes, deixando atrás de si um rasto de detritos alterados: cadeiras transformadas, malas e objetos pessoais espalhados — tudo espalmado, torcido, brilhando com tons e cores artificiais. Nathaniel tentou eliminar aquilo da sua mente; fitava a corrente do Amuleto, preparando-se para outra tentativa.

Lovelace sorriu.

— Nem mesmo assim desiste — disse. — E é exatamente disso que estou falando: dessa tua vontade férrea em ação. Isso é muito bom. Mas se tivesse sido meu aprendiz, teria lhe ensinado a mantê-la sob controle até ser capaz de conviver com ela. Se quer sobreviver, um verdadeiro mago tem de ser paciente.

— Sim — respondeu Nathaniel com voz rouca. — Já me tinham dito isso.

— Pois devia ter dado ouvidos. Bem, agora é tarde demais para te salvar; fez-me muito mal, e mesmo que estivesse disposto a isso, não há nada que pudesse fazer por você aqui dentro. O Amuleto não pode ser partilhado.

Contemplou Ramuthra por um momento: o demônio encurralara um grupo remoto de magos e estendia para eles os seus dedos ávidos. Um grito estridente foi subitamente interrompido.

Nathaniel esboçou um ínfimo movimento. De imediato, os olhos de Lovelace se voltaram para ele.

— *Ainda* a lutar? — observou. — Se não posso confiar que vai morrer com todos aqueles outros tolos e covardes, terei que me livrar de você primeiro. Considere-o como um elogio, John.

Levou o corno aos lábios e soprou de leve. A pele de Nathaniel arrepiou-se; sentiu uma mudança atrás de si.

Ramuthra estacara ao som do corno. A perturbação nos planos que marcara as suas extremidades intensificou-se, como se irradiasse uma forte emoção, quiçá raiva. Nathaniel viu-o voltar-se; parecia olhar Lovelace do fundo do salão.

— Não hesite escravo! — exclamou Lovelace. — Fará o que eu mandar! Este garoto tem de morrer primeiro.

Nathaniel sentiu um olhar portentoso cravado

nele. Com uma estranha clareza alheada, reparou numa bela tapeçaria dourada pendurada na parede por trás da cabeça do gigante; parecia maior do que deveria ser, extremamente nítida, como se a essência do demônio a aumentasse.

— Vá! — A voz de Lovelace dava a impressão de alterada e seca. Partiu uma onda grande do demônio, transformando um lustre próximo numa quantidade de minúsculas aves amarelas que se separaram e voaram pelas vigas do salão antes de se dissolverem. Virando pesadamente as costas aos magos restantes, partiu na direção de Nathaniel.

As entranhas de Nathaniel transformaram-se em água. Recuou.

Ouviu, atrás de si, Lovelace soltar uma risada.

Bartimaeus

Portanto, aqui estávamos de novo, Jabor e eu, como pares numa dança — eu a recuar, ele a perseguir, cada passo sincronizado. Voamos pelo salão caótico, evitando os humanos em fuga precipitada, as explosões de magia mal orientada, as ondas de choque que irradiavam do enorme ser em perseguição ali no meio. Jabor tinha um esgar que podia ser de contrariedade ou incerteza, dado que a sua extrema resistência seria posta à prova neste novo ambiente. Resolvi enfraquecer-lhe o moral.

— Qual a sensação de ser inferior a Faquarl? — gritei, enquanto passava por baixo de um dos lustres que restavam. — Não vejo Lovelace arriscar a vida *dele,* chamando-o aqui hoje.

Do outro lado do lustre, Jabor tentou atirar-me uma pestilência, mas uma onda de energia destruiu-a e esta tornou-se uma nuvem de belas flores que vieram a descer até ao chão.

— Encantador — comentei. — A seguir vai precisar aprender a fazer um arranjo como deve ser. Posso emprestar-lhe uma jarra, se quiser.

Não creio que a capacidade de compreensão dos insultos por parte de Jabor fosse suficientemente grande para enfiar a carapuça toda, mas captou o tom, e consegui mesmo motivá-lo para a resposta verbal.

— ELE ME CHAMOU PORQUE SOU MAIS FORTE! — berrou, arrancando o lustre do teto e arremessando-o. Esquivei-me com graciosidade e ele despedaçou-se contra a parede, para se precipitar em pedacinhos de cristal sobre as cabeças encolhidas dos magos.

Jabor não ficou impressionado com esta manobra graciosa.

— COVARDE! — exclamou. — É SEMPRE O MESMO: ESGUEIRA-SE E RASTEJA E CORRE A ESCONDER-SE.

— Isto se chama inteligência — retorqui, fazendo uma pirueta no ar, agarrando uma trave partida das vigas do teto e arremessando-a como um dardo. Ele nem se dignou a mexer-se, deixando que se partisse nos seus ombros e caísse. A seguir atacou. Apesar das minhas palavras elegantes, nem o meu esgueirar, rastejar e correr a esconder-me estava surtindo muito efeito no momento, e olhando para o salão lá embaixo, vi que a situação estava, de fato, a deteriorar-se rapidamente. Ramuthra[118] virara-se e atravessava o salão direto ao lugar onde o mago e o meu amo se encontravam. Não era difícil ver o que Lovelace pretendia: o garoto tornara-se muito irritante para deixá-lo viver um momento mais. Eu compreendia o ponto de vista dele.

[118] Nunca ouvira falar deste ser em particular. Também não surpreende, uma vez que sendo muitos os milhares de seres que os magos têm chamado cruelmente — e definido nestes termos — há inúmeros outros que se misturam no Outro Lugar sem qualquer necessidade de nomes. Talvez fosse esta a primeira vez que Ramuthra fosse chamado.

E Lovelace continuava a segurar o corno; continuava a usar o Amuleto. Até aqui não tínhamos conseguido nada. Era preciso distraí-lo de algum modo, antes que Ramuthra se aproximasse o suficiente para destruir o garoto. Ocorreu-me uma idéia espontânea. Interessante... Mas, primeiro, tinha de me livrar de Jabor por um bocado.

Era mais fácil de dizer do que de fazer, sendo Jabor um sujeitinho persistente.

Esquivando-me aos seus dedos estendidos, abaixei-me e voei baixo, na direção vaga do centro da sala.

Há muito que o pódio ficara reduzido a uma espécie de substância tipo manjar-branco, devido à proximidade da abertura. Havia sapatos abandonados, cadeiras derrubadas por todo o lado, mas não restava ninguém vivo nesta zona.

Desci rapidamente. Ouvi Jabor atrás de mim, precipitando-se pelo ar em acesa perseguição.

Quanto mais me aproximasse da abertura, maior a tensão na minha essência — sentia uma sucção começar a puxar-me para frente; o efeito era desagradavelmente semelhante a ser chamado. Quando chegara ao limite da minha resistência, parei no meio do ar, dei um salto mortal rápido e fiquei de frente para Jabor, que se aproximava. Ali estava ele, a uivar, de braços estendidos e furioso, não pensando uma única vez no perigo que espreitava para lá de mim. Ele só queria botar as garras na minha essência, destruir-me como uma das suas vítimas da velha Ombos[119] ou da Fenícia.

[119] *Ombos:* cidade no Egito dedicada a Seth, o antigo patrão de Jabor. Durante um século ou dois, Jabor ocultara-se num templo ali, alimentando-se das vítimas que lhe traziam, até um faraó do Baixo Egito aparecer e incendiar completamente o local.

Mas eu não era um mero humano, encolhido e amedrontado no templo escuro. Sou Bartimaeus, e ainda menos um covarde. Agüentei firme[120].

[120] Ou no ar, melhor dizendo. Estávamos a cerca de sete metros de altura.

Lá vinha Jabor a descer. Curvei-me numa posição de combate.

Ele abriu a boca para soltar o tal grito de chacal...

Bati as asas mais uma vez e elevei-me um nadinha. Quando ele passou disparado por baixo de mim,

virei-me e dei-lhe um pontapé no traseiro com toda a força. Ele ia depressa demais para parar rapidamente, em especial com a minha simpática ajuda. As suas asas comprimiram-se para frente num esforço para parar... Abrandou... começou a virar-se, mostrando os dentes...

A abertura exerceu a sua atração sobre ele. Estampou-se no rosto uma expressão de dúvida súbita. Tentou bater as asas, mas elas não se moveram devidamente. Era como se estivessem mergulhadas em melaço a escorrer rapidamente; vestígios de uma substância negra-acinzentada foram arrancados das pontas das suas asas e sugados. Aquilo era a sua essência começando a ir. Fez um esforço tremendo, e na verdade conseguiu avançar um pouco na minha direção. Fiz-lhe sinal com os polegares para cima.

— Muito bem — comentei. — Calculo que tenha avançado aí uns cinco centímetros. Não desista. — Ele fez outro esforço hercúleo. — Mais um centímetro! Boa tentativa! Em breve conseguirá me pegar. — Para encorajá-lo, estiquei um pé descaradamente e agitei-o diante da cara dele, mas fora do seu alcance. Ele mostrou os dentes e tentou bater nele, mas agora a sua essência estava a enrolar-se a partir da superfície dos seus membros e a ser puxada para a abertura; o seu tônus muscular estava visivelmente a mudar, ficando mais débil a cada instante. Enquanto a sua força diminuía, a atração da abertura tornou-se mais forte e ele começou a afastar-se, primeiro devagar, depois mais depressa.

Se Jabor tivesse nem que fosse meio cérebro, poderia ter mudado para um mosquito ou algo assim: talvez com menos volume lhe fosse possível libertar-se da gravitação da abertura. Um conselho amigo poderia tê-lo salvo, mas poupem-me, eu estava muito ocupado vendo-o desvencilhar-se e só me lembrei quando já era muito tarde. Agora os seus membros posteriores e asas

estavam se transformando em veios líquidos de uma substância negra-acinzentada que subia em espiral através da abertura e se afastava da Terra. Não deve ter sido nada agradável para ele, especialmente com a incumbência de Lovelace ainda a prendê-lo ali, mas o seu rosto não evidenciava dor, apenas ódio. E assim foi, até o fim. Nem quando a sua nuca perdeu a forma, os seus olhos vermelhos ardentes deixaram de estar cravados nos meus. Depois desapareceram pela abertura, e fiquei sozinho, acenando-lhe um adeus simples.

Não perdi muito tempo com despedidas. Tinha outros assuntos a resolver.

Nathaniel

— Uma coisa extraordinária, o Amuleto de Samarcanda. — Seria por medo, ou por um prazer cruel em reafirmar o seu controle, Lovelace insistiu em manter uma conversa unilateral com Nathaniel mesmo quando Ramuthra avançava desapiedadamente em direção a eles. Parecia incapaz de ficar calado. Nathaniel recuava lentamente, sem esperança, sabendo que não havia nada que pudesse fazer.

— Ramuthra destrói os elementos, percebe. — Lovelace prosseguiu. — Onde quer que pise, os elementos rebelam-se. E isso põe termo à ordem cuidada em que assenta toda a magia. Nada do que qualquer de vocês possa tentar consegue detê-lo: qualquer esforço mágico falhará — não podem me fazer mal, não podem fugir. Ramuthra apanhará a todos. Mas o Amuleto contém uma força igual e oposta à de Ramuthra; assim estou garantido. Ele poderia até levar-me à sua boca, para que o caos se virasse contra mim, que eu não sentiria nada.

O demônio reduzira à metade a distância que se encontrava de Nathaniel e retomara o ritmo. Um dos seus enormes braços transparentes estava esticado. Quiçá ansioso por saboreá-lo.

— O meu querido mestre sugeriu este plano — continuou Lovelace — e, como sempre, ele estava inspirado. Está nos vendo neste momento.

— Refere-se a Schyler? — Mesmo no limiar da morte, Nathaniel não conseguiu evitar uma satisfação selvagem. — Duvido. Jaz morto lá em cima.

O autodomínio de Lovelace vacilou pela primeira vez. O seu sorriso tremeu.

— Isso mesmo — disse Nathaniel. — Não me

limitei a fugir. Matei-o.

O mago soltou uma gargalhada.

— Não minta, filho...

Uma voz atrás de Lovelace: uma voz de mulher, baixa e lamentosa.

— Simon!

O mago olhou para trás; Amanda Cathcart encontrava-se ali, bem perto, o seu vestido rasgado e enlameado, o cabelo desgrenhado e agora ligeiramente encarniçado. Aproximou-se dele a coxear, de braços estendidos, a desorientação e o terror estampados no rosto. — Oh, Simon — disse. — O que fez?

Lovelace empalideceu; virou-se para a mulher.

— Não se aproxime! — exclamou. Havia um tom de pânico na voz dele. — Vá embora!

As lágrimas vieram aos olhos de Amanda Cathcart.

— Como pode fazer isto, Simon? Também vou morrer?

Avançou para ele. Desacorçoado, o mago levantou as mãos para afastá-la.

— Amanda... — eu... eu lamento. Teve... teve de ser.

— Não, Simon. Você me prometeu muito.

Pelo lado, Nathaniel foi-se aproximando.

A confusão de Lovelace transformou-se em raiva.

— Afaste-se de mim, mulher, senão chamo o demônio para dar cabo de ti! Olhe... ele está quase alcançando-a! — Amanda Cathcart não se mexeu. Parecia não se interessar.

— Como *pode* usar-me desta forma, Simon? Depois de tudo o que disse! Não tem honra.

Nathaniel deu outro passo arrastado. O contorno de Ramuthra erguia-se agora por cima dele.

— Amanda, estou te avisando...

Nathaniel saltou para frente e estendeu o braço. Os seus dedos arranharam a pele de Lovelace no pescoço, depois se fecharam em volta de algo frio, duro e flexível. A corrente do Amuleto. Puxou-a com toda a sua força. Por um instante, a cabeça do mago foi atirada na direção dele, depois um elo em algum lugar na corrente partiu-se e ela veio livre para a sua mão.

Lovelace soltou um grito enorme.

Nathaniel afastou-se e rolou pelo chão, os elos da corrente a colidirem com o seu rosto. Procurou-a com ambas as mãos, agarrando a pequena coisa fina e oval que pendia do meio da corrente partida. Quando o fez, teve consciência de um peso a ser-lhe retirado, como se um olhar sem piedade tivesse sido subitamente desviado para outro lado.

Lovelace cambaleara ao primeiro choque do ataque, depois fez menção de saltar sobre Nathaniel, mas dois braços magros puxaram-no para trás.

— Espere, Simon... você não faria mal a um pobre rapazinho amoroso, não é?

— Está louca, Amanda! Largue-me! O Amuleto... tenho que...

Por um instante, debateu-se para se libertar das mãos desesperadas da mulher, e depois a presença avassaladora por cima dele captou o seu olhar horrorizado. As suas pernas cederam. Ramuthra estava agora muito próximo dos três: na plena força da sua proximidade, o tecido das roupas deles agitou-se furiosamente, o cabelo bateu-lhes nos rostos. O ar à volta deles estremeceu, como se carregado de eletricidade.

Lovelace recuou. Quase caiu.

— Ramuthra! Ordeno-te — agarra o garoto! Ele *roubou* o Amuleto! Ele não está verdadeiramente protegido! — Não havia qualquer convicção na sua voz. Uma

mão translúcida enorme estendeu-se. Lovelace redobrou as suas súplicas.

— Nesse caso, esqueça o garoto: agarre a mulher! Agarre primeiro a mulher!

Por um momento, a mão estacou. Lovelace fez um enorme esforço e libertou-se das mãos da mulher.

— Sim! Vê? Ela está ali! Agarre-a primeiro!

De todo o lado e de nenhum chegou uma voz como uma grande multidão em uníssono.

— NÃO VEJO NENHUMA MULHER! APENAS UM *DJINNI* SORRIDENTE!

Lovelace ficou estarrecido; virou-se para Amanda Cathcart, que estivera a olhar para ele com uma expressão de súplica agonizada. Enquanto olhava, as feições dela alteraram-se. Um sorriso de maldade triunfante estampou-se no rosto, de orelha a orelha. Depois, num ápice, um dos braços dela serpenteou, arrancou o corno de invocação da mão frouxa de Lovelace e arrebatou-o. Com um salto, Amanda Cathcart desapareceu, e havia um sagüi pendurado pela cauda numa instalação elétrica a vários metros de distância. Agitava o corno, todo satisfeito, diante do mago horrorizado.

— Importa-se que fique com isto? — gritou. — Não precisará dele, no lugar para onde vai.

Toda a energia pareceu abandonar o mago; a sua pele pendia solta e flácida sobre os ossos. Tinha os ombros caídos; deu um passo na direção de Nathaniel, de uma forma semi-indiferente, tentando reclamar o Amuleto. Então, uma mão enorme desceu e envolveu-o e Lovelace viu-se levantado no ar. Foi subindo, subindo cada vez mais, o seu corpo mudando e alterando-se. A cabeça de Ramuthra curvou-se ao encontro dele. Algo que poderia ter sido uma boca começou a abrir-se.

Um instante depois, Simon Lovelace desapareceu.

O demônio parou para procurar o sagüi tagarela, mas de momento ele desaparecera. Ignorando Nathaniel, que estava ainda estendido no chão, virou-se pesadamente na direção dos outros magos ao fundo do salão.

Uma voz familiar soou ao lado de Nathaniel:

— Dois já foram, falta um.

Bartimaeus

Estava tão exultante com o êxito da minha excelente partida que arrisquei mudar para a forma de Ptolomeu assim que a atenção de Ramuthra convergiu para outro lado. Jabor e Lovelace tinham desaparecido e agora só faltava tratar da enorme entidade. Toquei no meu amo com uma bota. Ele estava estendido de costas, agarrando o Amuleto de Samarcanda com suas mãos sujas tal como uma mãe agarra o seu bebê. Coloquei o corno de invocação ao lado dele.

Ele fez um esforço para ficar sentado.

— Lovelace... viu?

— Vi, e não foi nada bonito.

Enquanto ele se levantava com dificuldade, os seus olhos adquiriram um brilho estranho — meio de horror, meio de exaltação.

— Eu o tenho — murmurou. — Eu tenho o Amuleto.

— Sim — apressei-me a responder. — Muito bem. Mas Ramuthra ainda está conosco e, se quisermos obter ajuda, estamos ficando sem tempo.

Olhei para o outro lado do auditório. O meu júbilo diminuiu. Os ministros de Estado ali reunidos eram agora um monte deplorável, ou encolhidos em muda estupefação, batendo nas portas, ou lutando perigosamente uns com os outros por uma posição o mais distante possível de Ramuthra, que se aproximava. Não era um espetáculo nada edificante, era como observar uma multidão de ratos pestilentos a subirem por um cano de esgoto. Era também altamente preocupante: visto que nem um só deles parecia estar em condições de proferir uma complexa fórmula de expulsão.

— Anda — disse-lhe. — Enquanto Ramuthra

apanha alguns, podemos fazer despertar os outros. Quem mais provavelmente se recordará da contra-invocação?

Os lábios dele fizeram um trejeito.

— Nenhum *deles,* pelo vistos.

— Mesmo assim, temos de tentar. — Puxei-lhe pela manga. — Vamos *lá.* Nenhum de nós conhece a fórmula encantatória[121].

[121] Eu não fazia a menor idéia. As palavras de Comando são assunto de magos. É nisso que eles são bons. Os *djinn* não as podem proferir. Mas os magos velhos, sabidos e mal-encarados conhecem uma fórmula encantatória para cada eventualidade.

— Fale por você — respondeu-me demoradamente. — *Eu* conheço.

— Você? — Fiquei um pouco surpreendido. — Tem certeza? — Deu-me um olhar carrancudo. Fisicamente, ele estava arrasado: de pele muito pálida, equimoseado e a sangrar, mal se agüentando nas canelas. Mas um fogo intenso de determinação ardia nos seus olhos.

— Não te ocorreu essa possibilidade, não é? — perguntou ele. — Sim... decorei-a.

Havia mais do que uma pontinha de dúvida na voz, e nos olhos também — vi-a lutar com a sua determinação. Procurei não me mostrar cético.

— É de nível elevado — comentei. — E complexa: e terá de partir o corno precisamente no momento certo. A ocasião não é para falso orgulho, garoto. Ainda podia...

— Pedir ajuda? Não creio. — Se por orgulho ou se por sentido prático, a razão assistia-lhe. Ramuthra estava agora quase alcançando os magos; não tínhamos qualquer chance de conseguir ajuda deles.

— Afaste-se — ordenou-me. — Preciso de es-

paço para pensar.

Hesitei por um instante. Por muito admirável que fosse a sua força de caráter, via perfeitamente onde ela levava. Com Amuleto ou sem Amuleto, as conseqüências de uma expulsão falha são sempre desastrosas e, desta vez, eu sofreria juntamente com ele. Mas não me ocorria outra alternativa.

Impotente, afastei-me. O meu amo pegou no corno de invocação e fechou os olhos.

Nathaniel

Fechou os olhos ao caos no salão e respirou o mais lenta e profundamente que conseguiu. Continuavam a chegar-lhe os sons de sofrimento e terror, mas ele afastou-os da mente com grande força de vontade.

Até ali, era relativamente fácil. Mas uma quantidade de vozes interiores falava com ele, e não conseguia impedir a entrada do clamor.

Este era o seu momento! Este era o momento em que mil insultos e privações seriam postos à parte e esquecidos! Sabia a fórmula — aprendera-a há muito tempo. Proferi-la-ia e todos veriam que ele não podia voltar a ser ignorado. Fora sempre, *sempre* subestimado! Underwood julgara-o um imbecil, um tolo que mal tinha força para desenhar um círculo. Recusara-se a acreditar que o seu aprendiz fosse capaz de chamar um *djinni* de qualquer tipo. Lovelace julgara-o fraco, uma criança de coração mole; no entanto, suscetível de se deixar tentar pela primeira proposta precipitada de poder e posição social. Recusara-se também a aceitar que Nathaniel matara Schyler: fora ao encontro da morte a negá-lo. E agora, até Bartimaeus, o seu próprio servo, duvidava de que ele conhecesse a fórmula da expulsão! Sempre, sempre subestimado.

Chegara o momento em que estava tudo em suas mãos. Anteriormente, fora-lhe retirado poder com muita freqüência: trancado no seu quarto, levado do incêndio, roubado pelos comuns, aprisionado no Aperto... As lembranças destas indignidades queimavam-no por dentro. Mas agora iria agir — iria mostrar-lhes!

O grito do seu orgulho ferido quase o esmagava. Martelava-lhe dentro do crânio. Mas, no mais fundo do seu ser, por baixo do seu desespero em triunfar por si

mesmo, outro tentava ganhar expressão. Ouviu ao longe um grito de medo de alguém e um estremecimento de pena percorreu-o. A menos que se conseguisse recordar da fórmula, os desafortunados magos iriam morrer. As suas vidas dependiam dele. E ele sabia como ajudar. A contra-invocação, a expulsão. Como é que desaparecera? Lera a fórmula encantatória, *sabia* que sim — memorizara-a meses antes. Mas não conseguia se concentrar neste momento, não conseguia se recordar dela.

Era inútil. Iam todos morrer, tal como Mrs. Underwood morrera, e mais uma vez ele preparava-se para falhar. E Nathaniel que queria tanto ajudá-los! Mas só o desejo não chegava. Mais do que qualquer outra coisa, quisera salvar Mrs. Underwood, tirá-la das chamas. Teria dado a própria vida por ela, se pudesse. Mas não conseguira salvá-la. Fora levado dali e ela desaparecera para sempre. O seu amor não servira de nada.

Durante um momento, a sua anterior perda e a urgência do seu presente desejo misturaram-se e brotaram nele. As lágrimas escorreram-lhe pelas faces.

Paciência, Nathaniel.

Paciência...

Inspirou lentamente. A sua tristeza recuou. E, do outro lado de um grande abismo, chegou a lembrança da paz do jardim do seu mestre — viu de novo os rododendros, as suas folhas a brilharem verde-escuras, ao sol. Viu as macieiras a soltar as suas flores brancas; um gato estendido num muro de tijolo vermelho. Tateou liquens com os dedos; viu o musgo na estátua; sentiu-se novamente protegido do mundo mais amplo. Imaginou Ms. Lutyens sentada, tranqüilamente, a desenhar a seu lado. Invadiu-o uma sensação de paz.

A sua mente desanuviou, a sua memória desabrochou.

As palavras necessárias chegaram até ele, tal como as aprendera sentado no banco de pedra, há um ano ou mais.

Abriu os olhos e proferiu-as, a sua voz sonora, cristalina e forte. No final da décima quinta sílaba, partiu o corno de invocação ao meio, em cima do joelho.

Quando o marfim estalou e as palavras soaram, Ramuthra imobilizou-se. As ondulações brilhantes no ar que definiam os seus contornos estremeceram, primeiro suavemente e depois com maior intensidade. A abertura no centro da sala alargou-se um pouco. Depois, com surpreendente subtaneidade, os contornos do demônio não resistiram e encolheram, foram atraídos para a abertura e desapareceram.

A abertura fechou-se: uma ferida a cicatrizar a uma velocidade vertiginosa.

Com o seu desaparecimento, o salão pareceu cavernoso e vazio. Um lustre e várias pequenas luminárias de parede voltaram a acender-se, lançando um esplendor fraco aqui e ali. Lá fora, o céu do final de tarde estava cinzento, a escurecer para azul. Podia ouvir-se o vento a sacudir as árvores no bosque.

Reinava o silêncio absoluto no salão. A multidão de magos e um ou dois diabretes equimoseados e derrubados permaneciam muito quietos. Apenas uma coisa se movia: um garoto que avançava a coxear pelo centro da sala, com o Amuleto de Samarcanda pendendo-lhe dos dedos. A pedra de jade no seu centro brilhava tenuemente à meia luz.

No silêncio profundo, Nathaniel aproximou-se do lugar onde Rupert Devereux estava estendido, meio enterrado debaixo do Ministro dos Negócios Estrangeiros, e colocou o Amuleto cuidadosamente nas mãos dele.

Bartimaeus
43

Típico do garoto, aquilo. Tendo levado a cabo o ato mais importante da sua vidinha miserável, seria de esperar que caísse por terra de exaustão e alívio. Mas fez isso? Não. Esta era a sua grande oportunidade e ele agarrou-a da forma mais teatral possível. Com todos os olhos nele, foi a coxear pelo auditório destruído como uma ave ferida, frágil até, direto ao centro do poder. O que ia ele fazer? Ninguém sabia; ninguém ousava adivinhar (vi o Primeiro-Ministro estremecer quando o garoto lhe estendeu a mão). E depois, no momento climático daquela pequena charada, tudo foi revelado: o lendário Amuleto de Samarcanda — ergueu-o bem alto para que todos o pudessem ver — devolvido ao seio do Governo. O garoto lembrou-se até de curvar a cabeça deferencialmente quando o fez.

Sensação no salão!

Que espetáculo, hein? Na verdade, quase mais do que a sua capacidade de ameaçar *djinn,* esta forma instintiva de agradar à multidão levou-me a pensar que o garoto provavelmente estaria destinado ao sucesso mundano[122]. Sem dúvida, os seus atos aqui surtiram o efeito pretendido: não tardou que ele fosse o centro de uma multidão admiradora.

[122] Se os magos dependem de efeitos teatrais para intimidar as pessoas, recorrem também abundantemente às mesmas técnicas para impressionar e tentar suplantar-se uns aos outros.

Despercebido em toda esta confusão, abandonei a forma de Ptolomeu e assumi o aspecto de um diabrete menor, que seguidamente (quando a aglomeração se

afastou) ficou a pairar ao lado do garoto com alguma humildade. Não desejava que as minhas verdadeiras capacidades fossem notadas. Alguém poderia ter estabelecido uma ligação com o *djinni* fanfarrão que escapara recentemente da prisão do Governo.

O ombro de Nathaniel era o miradouro ideal para eu observar o resultado da tentativa de golpe, uma vez que, pelo menos durante algumas horas, o garoto foi o centro das atenções. Onde quer que o Primeiro-Ministro e os seus colegas principais fossem, o meu amo ia também, respondendo a perguntas urgentes e atulhando as bochechas com os doces reanimadores que os subalternos lhe traziam.

Quando se efetuou uma contagem sistemática, percebeu-se que havia quatro ministros (felizmente todos de cargos relativamente menores) e um único subsecretário[123] na lista de desaparecidos. Além disso, vários magos tinham sofrido significativas distorções faciais e corporais, ou sido prejudicados de outro modo.

[123] Amanda Cathcart, Simon Lovelace e seis criados tinham também desaparecido pela abertura ou pela boca de Ramuthra, mas, dadas as circunstâncias, os magos não os consideraram perdas significativas.

O alívio geral transformou-se rapidamente em raiva. Com o desaparecimento de Ramuthra, os magos puderam mandar os seus servos atacar as barreiras mágicas nas portas e paredes e irromper rapidamente pela casa. Passou-se uma busca a pente fino em Heddleham Hall, mas, além de diversos criados, o cadáver do velho e um garoto furioso trancado no banheiro, não se descobriu ninguém. Como seria de esperar, o mago com cara de peixe, Rufus Lime, desapareceu; também não havia sinal do homem alto de barba preta que controlava o portão. Ambos pareciam ter-se eclipsado.

Nathaniel levou também os investigadores à cozinha, onde um grupo comprimido de ajudantes de cozinheiro foi encontrado a tremer numa despensa. Afirmaram que meia hora antes[124] , o chefe de cozinha soltara um grito enorme, irrompera em chamas azuis e crescera de uma forma imensa e aterradora antes de desaparecer numa baforada de enxofre. Depois da inspeção, foi encontrado um cutelo cravado fundo na cantoneira da lareira, uma última lembrança da servidão de Faquarl[125].

[124] Isto é, exatamente no momento em que Lovelace perecera.

[125] Por conseguinte, mais uma vez os nossos caminhos se haviam cruzado sem um confronto definitivo. Era realmente uma pena; eu estava ansioso por dar uma boa surra em Faquarl. Só que não tivera propriamente oportunidade para chegar a fazê-lo.

Com os principais conspiradores mortos ou desaparecidos, os magos começaram a interrogar os criados da Mansão. No entanto, eles revelaram-se desconhecedores da conspiração. Referiram que, durante as semanas anteriores, Simon Lovelace organizara a renovação completa do auditório, mantendo-o zona inacessível durante longos períodos. Operários invisíveis, acompanhados de muitas luzes coloridas e sons estranhos, tinham construído o chão de vidro e inserido o carpete novo[126], supervisionados por um certo cavalheiro bem vestido, de rosto redondo e barba arruivada.

[126] Assim como, sem dúvida, tinham criado o mecanismo secreto numa sala adjacente, que recolhia o carpete do chão e acionava as grades nas janelas. Certos tipos de *foliots* são muito dotados para trabalhos de construção; eu tinha um grupo deles sob a minha alçada, quando trabalhei nas muralhas de Praga. São bons operários, desde que não ouçam o som dos sinos da igreja, circunstância em que pousam as ferramentas e se desfazem em cinza. O que

constituía um estorvo nos dias festivos — tinha de contratar um grupo de diabretes com pás e vassouras para apanhar os restos.

Eis uma nova pista. O meu amo referiu logo ter visto semelhante pessoa a abandonar a Mansão naquela mesma manhã, e foram imediatamente enviados mensageiros com a descrição dele para alertar a polícia em Londres e nos condados da região.

Quando se fez tudo o que era possível fazer, Devereux e os seus ministros principais retemperaram-se com champanhe, carnes frias e geléias de frutos e escutaram com atenção a história do meu amo. E que história...! Que monte de mentiras ultrajantes ele contou! Até eu, com a minha longa experiência da duplicidade humana, fiquei perplexo com a quantidade de mentiras que o garoto inventou. Para ser sincero, ele tinha *realmente* muitas coisas a esconder: o seu próprio roubo do Amuleto, por exemplo, e o meu encontrozinho com Sholto Pinn. Mas uma quantidade de invenções era completamente desnecessária. Tive de permanecer sentado muito sossegadinho no ombro dele, a ouvi-lo referir-se a mim como um «diabrete menor» (cinco vezes), uma «espécie de *foliot*» (duas vezes), e até (uma vez) como «homúnculo»[127]. Digam-me: isto não é ultrajante?

[127] *Homúnculo:* um homenzinho pequenininho produzido por magos e aprisionado com freqüência numa garrafa, como curiosidade de um mago. Alguns têm poderes proféticos, muito embora seja importante fazer exatamente o contrário do que eles recomendam, uma vez que os homúnculos são sempre malévolos e tentam prejudicar os seus criadores.

Mas não ficou por ali. Referiu (com enormes olhos pesarosos) que o seu querido mestre, Arthur Underwood, há muito que desconfiava de Simon Lovelace,

mas nunca tivera provas de qualquer crime. Isto é, até o fatídico dia em que Underwood descobrira por acaso que o Amuleto de Samarcanda estava na posse de Lovelace. Antes de conseguir alertar as autoridades, Lovelace e os seus *djinn* tinham chegado em casa, decididos a assassiná-lo. Underwood, juntamente com John Mandrake, seu fiel aprendiz, tinham oferecido forte resistência, e até Mrs. Underwood interviera, tentando heroicamente suster Lovelace. Tudo em vão. Mr. e Mrs. Underwood tinham sido mortos e Nathaniel fugira para se salvar, apenas com um diabrete menor a ajudá-lo. Havia efetivamente lágrimas nos seus olhos quando narrou tudo isto; era quase como se acreditasse no absurdo que estava a relatar.

Esta foi a parte principal da sua mentira. Não tendo como provar a culpa de Lovelace, Nathaniel deslocara-se então até Heddleham Hall na esperança de impedir de alguma forma o seu terrível crime. Agora sentia-se muito feliz por ter conseguido salvar as vidas dos nobres governantes do seu país, etc, etc; sinceramente, aquilo até dava para fazer um diabrete chorar.

Mas eles engoliram tudo. Não duvidaram de uma única palavra. Comeu às pressas outro aperitivo, bebeu um gole de champanhe, e depois foi levado para Londres numa limusine ministerial, a fim de se apurarem melhor os fatos.

Eu também fui, claro. Não ia perdê-lo de vista por nada. Ele tinha uma promessa a cumprir.

44

Os passos do criado afastaram-se escada abaixo. O garoto e eu olhamos à nossa volta.

— Preferia o teu antigo quarto — comentei. — Este tem cheiro, e você ainda nem sequer se mudou.

— Não tem nenhum cheiro.

— Claro que tem: a tinta fresca e plástico e todas as coisas novas e fabricadas. Que, presumo, é perfeitamente adequado para você — não lhe parece, Mr. *Mandrake?*

Ele não respondeu. Correra para a janela, para ver a vista.

Estávamos no final do dia subseqüente à grande invocação em Heddleham Hall e, pela primeira vez, o meu amo ficara entregue a si mesmo. Passara grande parte das vinte e quatro horas anteriores em reuniões com ministros e a polícia, repetindo a sua história e acrescentando sem dúvida mentiras a cada nova versão. Entretanto, eu ficara na rua[128], tremendo de impaciência. A minha frustração aumentara ainda mais quando o garoto passara a primeira noite num dormitório preparado especialmente em Whitehall, um edifício fortemente guardado de várias maneiras. Enquanto ele ressonava lá dentro, eu vira-me obrigado a esconder-me no exterior, continuando a não conseguir ter com ele a conversa necessária.

[128] Os gabinetes governamentais costumam estar cheios de *afrits* e esferas de busca, e temia que pudessem levantar objeções à minha presença.

Mas agora passara outro dia e o seu futuro fora decidido. Um carro oficial levara-o a casa da sua nova

mestra — um moderno empreendimento ribeirinho, na margem sul do Tamisa. O jantar seria servido às oito e meia; a sua mestra aguardá-lo-ia na sala de jantar às oito e quinze. Isto significava que Nathaniel e eu tínhamos uma hora inteirinha só para nós. Eu tencionava tirar pleno proveito dela.

O quarto continha o habitual: cama, escrivaninha, armário (podia entrar-se neste — tão pretensioso), estante, mesa de cabeceira, cadeira. Uma porta de comunicação dava para o banheiro privativo. Havia uma potente luz elétrica no teto antigo e uma pequena janela numa parede. Lá fora, a lua brilhava nas águas do Tamisa. O garoto olhava para as Casas do Parlamento bem do outro lado, com uma expressão estranha no rosto.

— Estão muito mais próximas, agora — observei.

— Sim. Ela deve estar muito orgulhosa. — Ele virou-se, percebendo que eu adotara a forma de Ptolomeu e estava reclinado na cama dele. — Sai daí! Não quero os teus horríveis... Ei! — Reparou num livro enfiado numa prateleira ao lado da cama. — *O Compêndio de Fausto!* O meu exemplar. É espantoso! Underwood proibiu-me de tocá-lo.

— Lembre-se só que... não serviu de grande coisa a Fausto.

Ele folheava as páginas.

— Magnífico... E a minha mestra diz que posso fazer pequenas invocações no meu quarto.

— Ah, sim... a tua muito simpática, doce e nova mestra. — Sacudi a cabeça, pesaroso. — Está satisfeito com ela, não está?

Ele anuiu, ansiosamente.

— Ms. Whitwell é muito poderosa. Vai ensinar-me muitas coisas. E vai tratar-me com o devido respeito, também.

— Acha que sim? Uma maga ilustre, não é? — Fiz uma careta. A minha velha amiga Jessica Whitwell, a Ministra da Segurança, chefe da Torre de Londres, controladora dos Globos Dolorosos... Sim, era poderosa, sem dúvida. E era incontestavelmente um sinal da elevada conta em que as autoridades tinham Nathaniel, para ser entregue ao tratamento cuidadoso dela. Claro que seria uma mestra muito diferente de Arthur Underwood, e se encarregaria de que o talento dele não fosse desperdiçado... Já o que lhe iria fazer ao temperamento, isso era outra questão. Bem, ele estava sem dúvida tendo exatamente o que merecia.

— Ela disse que eu tinha uma grande carreira pela frente — prosseguiu —, se jogasse as cartas certas e trabalhasse com afinco. Disse que supervisionaria a minha formação, e que, se tudo corresse bem, eles acelerariam o processo e em breve eu estaria a trabalhar num departamento ministerial, para adquirir experiência. — Tinha outra vez o ar triunfante nos olhos, a tal ponto que tive ganas de agarrar nele e deitá-lo nos joelhos. Bocejei ostensivamente e ajeitei a almofada, mas ele prosseguiu. — Não existe restrição para a idade, disse ela, apenas o talento. Eu disse que queria trabalhar no Ministério da Administração Interna — são eles que perseguem a Resistência. Sabia que houve outro ataque enquanto estivemos fora de Londres? Um gabinete em Whitehall foi pelos ares. Ninguém conseguiu descobrir nada, por enquanto; mas aposto que seria capaz de descobrir o rastro deles. Primeiro quero apanhar Fred e Stanley... e aquela garota. Depois os obrigo a falar, eles hão de...

— Calminha — disse eu. — Já não fez o suficiente para uma vida inteira? Pense bem: dois magos obcecados pelo poder mortos, cem magos obcecados pelo poder salvos... É um herói.

O meu ligeiro sarcasmo foi inútil nele.

— Foi o que disse Mr. Devereux.

Sentei-me subitamente e inclinei o ouvido para a janela.

— Ouça aquilo! — exclamei.

— O quê?

— É o som de muitas pessoas caladas.

Carregou o cenho.

— O que significa isso?

— Significa que o Governo está abafando tudo. Onde estão os fotógrafos? Onde estão os jornalistas? Seria de esperar que o teu retrato viesse na primeira página do *The Times* desta manhã. Deveriam estar fazendo perguntas sobre a tua vida, condecorando-o em cerimônias públicas, a pondo seu retrato em elegantes selos de correio de edição limitada... Mas não estão, estão?

O garoto fungou.

— Têm que abafá-lo por razões de segurança. Foi o que me disseram.

— Não, o motivo é não quererem ficar mal vistos. «RAPAZ DE DOZE ANOS SALVA GOVERNO»? Seriam alvo de chacota. E isso é algo que nenhum mago quer, dê por onde der, vai por mim. Quando isso acontecer, é o princípio do fim.

O garoto pôs um sorriso afetado. Era muito jovem para compreender.

— Não são os comuns que temos de recear — disse ele. — São os conspiradores, aqueles que escaparam. Ms Whitwell diz que pelo menos quatro magos devem ter invocado o demônio, por isso, além de Lovelace, Schyler e Lime, deve haver pelo menos mais um. Lime desapareceu, e ninguém viu o mago de barba ruiva em qualquer dos portos ou aeroportos... é um verdadeiro mistério. Tenho certeza de que Sholto Pinn também está metido, mas não posso fazer referência a ele,

depois do que você aprontou na loja dele.

— Sim — anuí, colocando as mãos atrás da cabeça e falando de forma abstrata —, acho que tem *realmente* muito à esconder. *Eu,* o teu «diabrete menor», e todos os meus feitos. *Você,* que roubou o Amuleto e incriminou o teu mestre... — O garoto corou ante aquilo e procurou disfarçar indo investigar o armário espaçoso. Levantei-me e segui-o.

— A propósito — acrescentei —, reparei que deu a Mrs. Underwood o papel principal na tua versão dos acontecimentos. Ajuda a limpar a tua consciência, não é?

Ele virou-se de rompante, o seu rosto vermelho.

— Se quer insinuar alguma coisa — replicou —, deixe de rodeios.

Olhei-o então muito a sério.

— Disse que se vingaria de Lovelace — comecei —, e fez o que se propôs fazer. Talvez isso diminua um pouco a sua dor. Assim espero; pode ser. Mas prometeu *também* que, se eu te ajudasse contra Lovelace, me libertária. Bem, a ajuda foi obedientemente prestada. Acho que te salvei a vida por diversas vezes. Lovelace está morto e você está melhor — aos teus olhos — do que alguma vez já esteve. Por isso, chegou o momento de honrar a tua promessa, Nathaniel, e libertar-me.

Por um momento, ficou calado.

— Sim — acabou por dizer. — Você me ajudou... Salvou-me...

— Para minha eterna vergonha.

— E eu estou... — Calou-se.

— Envergonhado?

— Não.

— Encantado?

— *Não.*

— Um bocadinho grato?

Respirou fundo.

— Sim. Estou grato. Mas isso não altera o fato de saber o meu nome próprio.

Estava na hora de resolver isto de uma vez por todas. Estava cansado; a minha essência doía com o esforço de nove dias no mundo. Tinha que ir.

— É verdade — respondi. — Sei o teu nome e você sabe o meu. Pode chamar-me. Eu posso prejudicá-lo. Por isso, estamos quites. Mas enquanto eu estiver no Outro Lugar, a quem vou contar? A ninguém. Deveria *querer* que eu voltasse para lá. Se ambos tivermos sorte, não serei sequer chamado outra vez enquanto você for vivo. No entanto, se isso acontecer — fiz uma pausa, soltei um suspiro profundo —, prometo não revelar o teu nome.

Ele nada disse.

— Quer que o oficialize?! — exclamei. — E que tal assim? «Caso eu quebre este juramento, que seja espezinhado pelos camelos na areia do deserto e espalhado entre os excrementos dos campos.»[129] Acha possível eu ser ainda mais razoável, diga-me se acha?

[129] Um antigo juramento egípcio. Cuidado antes de usá-lo — costuma realizar-se.

Ele hesitou. Por um instante, pareceu concordar.

— Não sei — murmurou. — Você é um de... um *djinni*. Os juramentos não significam nada para você.

— Está me confundindo com um mago! Muito bem, então — estremeci de raiva —, e que tal isto? Se não me libertar imediatamente, vou já lá abaixo e conto à tua querida mestra exatamente tudo o que se passou. Ela vai adorar ver-me na minha verdadeira forma.

Ele mordeu o lábio, estendeu a mão para o livro.

— Eu poderia...

— Sim, poderia fazer muitas coisas — retorqui. — E esse o teu problema. É muito inteligente para o teu próprio bem. Aconteceram muitas coisas porque era muito inteligente para deixá-las estar como estavam. Quis vingança, invocou um *djinni* nobre, roubou o Amuleto, deixou que outros arcassem com as culpas. Fez o que queria, e eu ajudei porque fui obrigado. E sem dúvida, com a tua esperteza, conseguiria a seu tempo conceber uma nova forma de prisão para mim, mas não com rapidez suficiente para me impedir de ir contar imediatamente à tua mestra sobre você, o Amuleto, Underwood e eu.

— Imediatamente? — perguntou baixinho.

— Imediatamente.

— Acabaria dentro da caixa.

— Azar para ambos.

Durante alguns momentos, olhamo-nos fixamente, talvez pela primeira vez. Depois, com um suspiro, o garoto desviou o olhar.

— Liberte-me, John — pedi. — Já fiz o suficiente. Estou cansado. E você também.

Ele esboçou um breve sorriso ante aquelas palavras.

— *Eu não* estou cansado — disse. — Há muita coisa que quero fazer.

— Precisamente — referi. — A Resistência... os conspiradores... Vai querer pulso livre para tentar apanhá-los. Pensa em todos os outros *djinn* que precisará invocar quando iniciar a tua grande carreira. Eles não terão a minha categoria, mas não serão tão insolentes contigo.

Algo naquelas palavras pareceu mexer com ele.

— Está bem, Bartimaeus — disse por fim. — Concordo. Terá que esperar enquanto eu desenho o círculo.

— Isso não é problema! — Eu era a ansiedade em pessoa. — Na verdade, de bom grado te distrairei enquanto o faz! O que te agradaria? Podia cantar como um rouxinol, fazer aparecer música suave no ar, criar mil odores celestiais... Acho que era até capaz de fazer alguns malabarismos, se isso te aprouvesse.

— Obrigado. Nada disso será necessário.

O chão num canto do quarto fora propositadamente deixado sem carpete e estava ligeiramente elevado. Aqui, com grande precisão, e apenas com um ou dois olhares fugazes ao livro de fórmulas, o *garoto* desenhou um pentagrama simples e dois círculos com um pedaço de giz preto que encontrara na gaveta da sua escrivaninha. Mantive-me muito calado enquanto ele o desenhava. Não queria que cometesse erros.

Por fim, terminou, e ergueu-se, rígido, apoiando a mão nas costas.

— Pronto — anunciou, espreguiçando-se. — Entre.

Observei cuidadosamente as runas.

— Aquela anula o Pentagrama de Adelbrand, não é?

— Sim.

— E quebra a sujeição à Prisão Perpétua?

— Sim! Vê aquele hieróglifo ali? Parte o fio. Agora, quer ou não ser liberto?

— Estava só verificando. — Saltei para o círculo maior e virei-me de frente para ele. Ele preparou-se, ordenando as palavras na mente, depois olhou-me severamente.

— Tire esse sorriso estúpido do rosto — disse. — Está me distraindo.

— Desculpe. — Adotei uma expressão hedionda de padecimento e mágoa.

— Também não melhora muito.

— Desculpe, desculpe.

— Pronto, prepare-se. — Respirou fundo.

— Só uma coisa — disse-lhe. — Se for chamar alguém em breve, recomendo-lhe Faquarl. Ele é um bom trabalhador. Põe-no a executar algo construtivo, como despejar um lago com uma peneira, ou contar os grãos de areia numa praia. Ele fará um bom trabalho.

— Olha, *quer* ir ou não?

— Oh, sim. Quero. Muito, mesmo.

— Bem, então...

— Nathaniel... uma última coisa.

— *O que é?*

— Escuta: para um mago, você tem potencial. E não me refiro à maneira que pensa. Para começar, tem consideravelmente mais iniciativa do que a maioria deles, mas o aniquilarão se não tiver cuidado. E tem também consciência, outra coisa que é rara e se perde com facilidade. Conserve-a. É tudo. Oh, e se eu fosse você, teria cuidado com a tua nova mestra.

Olhou-me por um momento, como se fosse falar. Depois abanou a cabeça, com impaciência.

— Ficarei bem. Não precisa se preocupar comigo. Esta é a tua última oportunidade. Tenho que descer para jantar dentro de cinco minutos.

— Estou pronto.

Então o garoto proferiu a contra-invocação rapidamente e sem falhas. Senti o peso das palavras que me prendiam à Terra diminuir a cada sílaba. Quando ele se aproximou do fim, a minha forma estendeu-se, alargou, transbordou dos limites do círculo. Abriram-se múltiplas portas nos planos, acenando-me do outro lado. Transformei-me numa densa nuvem de fumaça que subiu e extravasou, enchendo um quarto que se tornava cada vez menos real para mim a cada instante que passava.

Ele terminou. A sua boca fechou-se. O elo derradeiro quebrou-se como uma corrente que se parte.

E lá fui eu, deixando atrás de mim um cheiro acre de enxofre. Apenas algo para se recordarem de mim.

VIA LÁCTEA

Sou Bartimaeus, o Poderoso! Reconstruí as muralhas de Karnak e Praga. Falei com Salomão. Corri juntamente com os búfalos ancestrais das planícies. Sou Bartimaeus, um *djinni* com mais de cinco mil anos. Não obedeço a qualquer amo! E fico muito, muito irritado quando sou invocado por um mago, principalmente por um miúdo insignificante e magricela!

Nathaniel é um jovem aprendiz de mago extremamente talentoso que, com apenas doze anos, consegue o feito prodigioso de invocar um dos *djinnis* mais temíveis. Mas chamar Bartimaeus e mantê-lo sob controlo são duas coisas completamente diferentes! Normalmente, quando um aprendiz invoca um *djinni* ordena-lhe que realize pequenos caprichos próprios da idade, mas Nathaniel está dominado pelo desejo de algo infinitamente mais perigoso — a vingança cega! A irritação de Bartimaeus, ao ver-se invocado por um miúdo escanzelado, dá lugar ao espanto e à incredulidade quando o ouve enunciar o seu comando: «Ordeno-te que vás buscar o Amuleto de Samarcanda a casa de Simon Lovelace e o tragas à minha presença amanhã ao raiar do dia.» Desafiar a ira de Lovelace, um mago ambicioso e sem escrúpulos, desencadeia um vórtice mágico de intriga, espionagem, rebelião e assassínio que talvez já não seja possível fazer parar... a menos que Nathaniel e o *djinni* esqueçam as suas divergências e se unam contra um mal que ameaça todos!

O Amuleto de Samarcanda, o primeiro volume d' *A Trilogia Bartimaeus* é um *thriller* engenhoso e hilariante, repleto de referências históricas e míticas, que tem como cenário uma Londres do século XXI que não é exactamente como nós a conhecemos. É uma cidade envolta em intriga e destruição, governada por magos poderosos que se servem de uma série de criaturas sobrenaturais para perpetuarem o seu poder. Escrita nos tons luminosos do humor e da sátira, esta obra, que foi já traduzida para mais de uma dezena de línguas e irá ser adaptada ao cinema, está destinada a conquistar a preferência de todos quantos se deixaram fascinar pela trilogia *Mundos Paralelos* de Philip Pullman e a tornar-se um clássico dentro do género.

ISBN 972-23-3173-6

9 789722 331739

EDITORIAL PRESENÇA